

ESCOLA DE NEGÓCIOS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ECONOMIA DO DESENVOLVIMENTO  
DOUTORADO EM ECONOMIA DO DESENVOLVIMENTO

PAULO RICARDO RICCO URANGA

**TRÊS ENSAIOS SOBRE A RELAÇÃO DOS VALORES HUMANOS COM O BEM-ESTAR  
SUBJETIVO**

Porto Alegre  
2023

PÓS-GRADUAÇÃO - *STRICTO SENSU*



Pontifícia Universidade Católica  
do Rio Grande do Sul



PAULO RICARDO RICCO URANGA

**TRÊS ENSAIOS SOBRE A RELAÇÃO DOS VALORES HUMANOS COM O BEM-  
ESTAR SUBJETIVO**

Tese apresentada como requisito para a obtenção do grau de Doutor em Economia do Desenvolvimento pelo Programa de Pós-Graduação Economia do Desenvolvimento da Escola de Negócios da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Izete Pengo Bagolin

Coorientador: Flavio Comim

Porto Alegre

2023

## Ficha Catalográfica

U72t Uranga, Paulo Ricardo Ricco

Três ensaios sobre a relação dos valores humanos com o bem-estar-subjetivo / Paulo Ricardo Ricco Uranga. – 2023.  
189 p.

Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Economia do Desenvolvimento, PUCRS.

Orientadora: Profa. Dra. Izete Pengo Bagolin.

Coorientador: Prof. Dr. Flavio Comim.

1. Valores humanos. 2. Preferências adaptativas. 3. Bem-estar subjetivo. 4. Satisfação com a vida. I. Bagolin, Izete Pengo. II. Comim, Flavio. III. , . IV. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da PUCRS  
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Bibliotecária responsável: Clarissa Jesinska Selbach CRB-10/2051

# Paulo Ricardo Ricco Uranga

“TRÊS ENSAIOS SOBRE A RELAÇÃO DOS VALORES HUMANOS COM O BEM-ESTAR SUBJETIVO”

Tese apresentada como requisito parcial para a obtenção do grau de Doutor em Economia, pelo Programa de Pós-Graduação em Economia da Escola de Negócios da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Aprovado em 31 de maio de 2023, pela Banca Examinadora.

## BANCA EXAMINADORA:



Documento assinado digitalmente  
IZETE PENGO BAGOLIN  
Data: 30/06/2023 15:04:55-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Izete Pengo Bagolin

Orientadora e Presidente da sessão

---

Prof. Dr. Flávio Vasconcellos Comim  
Coorientador

---

Prof. Dr. Adelar Fochezatto

---

Prof. Dr. Ricardo Bruno do Nascimento



Documento assinado digitalmente  
RODRIGO PERES DE AVILA  
Data: 03/06/2023 14:37:07-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

Prof. Dr. Rodrigo Peres de Ávila

## AGRADECIMENTOS

Durante toda minha trajetória acadêmica contei com a ajuda de muitas pessoas. Algumas foram muito importantes nos últimos anos, tanto para conclusão do doutorado quanto em outros aspectos da minha vida.

Primeiro gostaria de agradecer a minha orientadora Izete Bagolin por ter compartilhado todo seu conhecimento e experiência comigo mais uma vez. Também gostaria de agradecê-la pelas inúmeras vezes que me ajudou em momentos difíceis, pelos projetos que me convidou durante essa jornada e pela amizade que construímos. Espero que continuemos trabalhando juntos por muito tempo. Também sou grato a PUCRS por me dar a possibilidade de desenvolver este trabalho e concluir meu doutorado com a professora Izete e outros professores altamente qualificados. Assim como a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela bolsa de estudos que propiciou para que eu pudesse permanecer no doutorado.

Agradeço ao meu coorientador Flavio Comim, que sempre me ajudou desde a graduação. O tempo que passei em Barcelona foi extremamente importante para este trabalho, além de mudar minha perspectiva sobre a vida acadêmica. Sou imensamente grato pelos projetos que me envolveu e por todo carinho que foi dispensado a mim e a Natássia enquanto estivemos lá. Por isso também agradeço a Angels e a Marina por terem nos tratado tão bem e por todo apoio que nos deram. E a *Universidad Ramon Llull*, por ter aceitado me receber durante este período, em especial ao *IQS School of Management* e todos os profissionais que lá trabalham. Foi um período maravilhoso, de muito aprendizado e de convivência com pessoas muito queridas.

Ao professor Pedro Amaral da UFMG sou grato pelos conselhos sobre modelagem espacial, que foram importantes ao terceiro ensaio desta tese. Também agradeço aos membros da banca avaliadora Ricardo Bruno Nascimento (UFPA), Rodrigo Peres de Ávila (FURG) e Adelar Fochezzato (PUCRS), pelas importantes e fundamentais contribuições para o aprimoramento deste trabalho.

Por fim, gostaria de agradecer as pessoas que contribuíram para essa jornada fora da academia. A minha companheira Natássia Molina Bayer por embarcar nessa aventura comigo, me ajudando e sendo compreensiva em todos os momentos. Nada seria possível sem ela do meu lado. A minha família, Iara, Dalmir, Cecília, Carolina e Lorenzo, que me apoiaram em todos os momentos da minha vida e me deram forças para seguir em frente. A família Molina Bayer,

que me acolheu tão bem e eu espero um dia poder retribuir o carinho. E a Sandra Beatriz de Oliveira Mastroberti, por cuidar da minha vó com tanto carinho.

## RESUMO

O papel dos valores humanos é essencial para o desenvolvimento humano, influenciando as orientações e crenças das pessoas. A priorização de certos valores em detrimento de outros pode afetar o modo de vida e ter impacto no bem-estar subjetivo, tanto de forma positiva quanto negativa. O objetivo desta tese foi investigar como essa dinâmica pode ser prejudicial quando as pessoas enfrentam privações e compreender como essa relação se manifesta no contexto coletivo, considerando os valores e a satisfação regionais. O trabalho é composto por três ensaios que exploraram a relação entre os valores humanos e o bem-estar subjetivo. No primeiro ensaio, discutiu-se como a privação pode perpetuar valores que sustentam situações de injustiça, analisando fenômenos psicológicos e comportamentais que influenciam as preferências adaptativas, e propõe um esquema lógico para explicitar como as pessoas endossam valores prejudiciais a si. No segundo ensaio, examinou-se como a privação afeta a relação entre valores e satisfação com a vida, constatando que as pessoas em privação tendem a ficar mais satisfeitas ao priorizarem valores hedônicos e de conformidade, enquanto a valorização da segurança pode ser prejudicial ao bem-estar subjetivo nessa condição. No último ensaio, que aborda a relação entre valores e satisfação de uma perspectiva regional, foi verificado que os valores humanos têm efeitos diferentes na satisfação coletiva em comparação com a individual, destacando que valores de autotranscendência são benéficos para a satisfação regional, enquanto valores de autoaperfeiçoamento podem reduzir o bem-estar subjetivo médio.

**Palavras-chave:** Valores humanos; Preferências adaptativas; Bem-estar subjetivo; Satisfação com a vida.

## **ABSTRACT**

The role of human values is essential for human development, influencing people's orientations and beliefs. The prioritisation of certain values over others can affect the way of life and impact subjective well-being, both positively and negatively. The aim of this thesis was to investigate how this dynamic can be detrimental when people face deprivation and to understand how this relationship manifests in the collective context, considering values and satisfaction in aggregate. The paper is composed of three essays that explored the relationship between human values and subjective well-being. The first essay discussed how deprivation can perpetuate values that sustain situations of injustice, analysing psychological and behavioural phenomena that influence adaptive preferences, and proposing a logical scheme to explain how people endorse values that are detrimental to themselves. The second essay examined how deprivation affects the relationship between values and life satisfaction, finding that people in deprivation tend to be more satisfied by prioritising hedonic and conformity values, while valuing safety may be detrimental to subjective well-being in this condition. In the last essay, which addresses the relationship between values and satisfaction from a regional perspective, it was found that human values have different effects on collective compared to individual satisfaction, highlighting that values of self-transcendence are beneficial for regional satisfaction, while values of self-enhancement may reduce average subjective well-being.

**Keywords:** Human values, Adaptive preferences, Subjective well-being; Life satisfaction.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b> – <i>Continuum</i> das 10 orientações de valores humanos de Schwartz.....	49
<b>Figura 2</b> – <i>Continuum</i> dos 10 tipos de valores humanos de Schwartz.....	133
<b>Figura 3</b> – Bases motivacionais dos valores humanos de Schwartz e seus possíveis efeitos no bem-estar subjetivo.....	134
<b>Figura 4</b> – Mapa da satisfação com a vida das regiões NUTS da Europa para os anos de 2014, 2016 e 2018 .....	139
<b>Figura 5</b> – Média centradas das 4 dimensões de valor dos NUTS para 2014, 2016 e 2018 ..	140

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1</b> – Distorções da racionalidade substantiva dos desejos e das crenças, pelo redirecionamento do processo de formação e por falha cognitiva .....	27
<b>Quadro 2</b> – Definição das dez orientações de valor e questões do ESS que as compõem.....	49
<b>Quadro 3</b> – Efeitos esperados dos valores na satisfação com a vida.....	60
<b>Quadro 4</b> - Lista de variáveis .....	63
<b>Quadro 5</b> – Bases motivacionais dos valores humanos de Schwartz e seus possíveis efeitos no bem-estar subjetivo.....	73

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1</b> – Resultados dos valores humanos do modelo multinível final .....	67
<b>Tabela 2</b> – Resultados dos modelos multinível para a interação dos valores com fortemente privados, por tipo de privação .....	69
<b>Tabela 3</b> – Resultados dos modelos multinível para a interação dos valores com não privados, por tipo de privação .....	71
<b>Tabela 4</b> – Estatística descritivas e descrição das variáveis regionais .....	141
<b>Tabela 5</b> – Diagnóstico de dependência espacial do modelo de painel de efeitos aleatórios	143
<b>Tabela 6</b> – Resultado dos modelos de painel de erro autorregressivo espacial com efeitos fixos (SEM-FE) para os valores de 4 dimensões.....	145
<b>Tabela 7</b> – Resultado dos modelos de painel de erro autorregressivo espacial com efeitos fixos (SEM-FE) para os valores de 10 dimensões.....	146
<b>Tabela 8</b> – Resultado modelos de regressão aparentemente não relacionadas com erro espacial (SUR-SEM) .....	148

## SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS .....	6
Apresentação.....	16
Ensaio 1 – Preferências adaptativas: Por que nutrimos valores que nos fazem mal?... 19	
1.    Introdução .....	19
2. <i>Background</i> teórico.....	24
2.1    As preferências adaptativas são uma mudança endógena dos desejos.....	27
2.2    As preferências adaptativas são causadas por um processo de redução de dissonância cognitiva de maneira inconsciente.....	28
2.3    As preferências adaptativas ocorrem devido a um feasible set reduzido, após um comportamento de habituação/resignação.....	30
2.4    As preferências adaptativas acontecem de maneira retroativa (depois da escolha) .....	32
3.    Um esquema lógico para a adaptação de preferências .....	32
4.    Conclusão .....	40
Referências .....	41
Ensaio 2 – Diferentes privações, valores heterogêneos e seus efeitos no bem-estar subjetivo.....	46
1.    Introdução .....	46
2.    Fundamentação teórica e formulação de hipóteses .....	48
3.    Dados e metodologia .....	60
4.    Resultados.....	66
4.1    Modelo multinível dos valores humanos.....	66
4.2    Checagens e testes .....	66
4.3    Modelos de interação dos valores com os níveis de privação .....	68
5.    Discussão .....	72
6.    Conclusão .....	78

_____	Referências .....	80
_____	APÊNDICE A – Número de observações e níveis das regiões NUTS.....	85
_____	APÊNDICE B – Dez orientações de valor e itens do ESS que os compõem.....	94
_____	APÊNDICE C – Estatísticas descritivas.....	96
_____	APÊNDICE D – Resultados dos oito modelos multinível com inclusão de variáveis .	98
_____	APÊNDICE E – Variance Inflation Factor (VIF) das variáveis selecionadas.....	103
_____	APÊNDICE F – Resultados do modelo multinível sem o nível de país.....	105
_____	APÊNDICE G – Resultados dos modelos MQO e logit ordenado de efeitos fixos ...	109
_____	APÊNDICE H – Resultados dos modelos multinível com variáveis substituídas – resources e capabilities .....	113
_____	APÊNDICE I – Resultados dos modelos multinível com variáveis substituídas – contexto.....	117
_____	APÊNDICE J – Resultados dos modelos multinível para outras variáveis de bem-estar subjetivo.....	123
	Ensaio 3 – Uma análise espaço-temporal da relação dos valores, características populacionais e indicadores de desenvolvimento com bem-estar regional .....	128
1.	Introdução .....	128
2.	O tempo e a geografia no bem-estar subjetivo .....	129
3.	A teoria dos valores humanos de Schwartz e a satisfação com a vida .....	132
4.	Dados e metodologia .....	136
4.1	Satisfação com a vida no espaço e no tempo.....	137
4.2	Valores no espaço e no tempo .....	138
4.3	Estatísticas descritivas .....	140
4.4	Modelos de estimação da satisfação regional.....	142
5.	Resultados.....	145
6.	Discussão .....	147
7.	Conclusão .....	154
_____	Referências .....	156

APÊNDICE A – Resultado dos modelos de painel de erro autorregressivo espacial com efeitos fixos (SEM-FE) para a mediana da satisfação regional .....	162
APÊNDICE B – Resultado dos modelos de painel de erro autorregressivo espacial com efeitos fixos (SEM-FE) para regiões NUTS 2 .....	164
APÊNDICE C – Lista de regiões NUTS .....	166
APÊNDICE D – Dez orientações de valor e os respectivos itens do ESS que os compõem.....	170
APÊNDICE E – Mapa da abertura à mudança nas regiões NUTS da Europa para os anos de 2014, 2016 e 2018.....	172
APÊNDICE F – Mapa da autotranscendência nas regiões NUTS da Europa para os anos de 2014, 2016 e 2018.....	173
APÊNDICE G – Mapa da conservação nas regiões NUTS da Europa para os anos de 2014, 2016 e 2018.....	174
APÊNDICE H – Mapa do autoaperfeiçoamento nas regiões NUTS da Europa para os anos de 2014, 2016 e 2018 .....	175
APÊNDICE I – Resultado dos modelos de painel de erro autorregressivo espacial com efeitos fixos (SEM-FE) com a inclusão do GINI dos países .....	176
APÊNDICE J – <i>Variance Inflation Factor</i> (VIF) das variáveis selecionadas para os modelos de valores humanos de 4 e 10 dimensões.....	178
APÊNDICE K – Testes dos efeitos do painel .....	179
APÊNDICE L – Resultado dos modelos de painel de erro autorregressivo espacial com efeitos aleatórios (SEM-RE) para os valores de autoaperfeiçoamento e poder.....	180
APÊNDICE M – Correlação espacial (I de Moran) .....	181
APÊNDICE N – Resultado dos modelos de painel não espacial com efeitos fixos para os valores de abertura, autodireção e conformidade.....	182
APÊNDICE O – Testes de diferenças dos coeficientes dos modelos SUR-SEM.....	183
APÊNDICE P – Resultado dos modelos de painel de erro autorregressivo espacial com efeitos fixos (SEM-FE) com a inclusão da taxa de migração dos países .....	185
Considerações Finais .....	187

## **Apresentação**

O florescimento individual e coletivo depende, entre outras coisas, dos valores que são nutridos pelas pessoas. Os valores humanos são princípios que orientam as ações e escolhas das pessoas, refletindo suas crenças e prioridades. De maneira geral, quando vivemos em consonância com nossos valores, experimentamos um maior senso de propósito e realização, o que contribui para a nossa felicidade e satisfação. Nos sentimos mais verdadeiros e congruentes com quem realmente somos. Essa autenticidade de viver de acordo com nossos valores promove o nosso bem-estar subjetivo, pois estamos alinhados com nossas convicções se agimos de forma coerente com elas.

Os direcionamentos que os valores nos proporcionam podem promover sentimentos positivos em várias facetas de nossas vidas. Se priorizamos valores como empatia, respeito e solidariedade promovemos a construção de vínculos profundos e genuínos com outras pessoas. As relações interpessoais, quando positivas, são essenciais para proporcionar o nosso bem-estar subjetivo, pois nos proporcionam apoio emocional, conexão com outras pessoas e senso de pertencimento ao lugar em que vivemos. Quando temos valores direcionados à contribuição com os outros, excelência no que fazemos ou priorizamos o exercício da criatividade, estamos mais propensos a buscar atividades e carreiras que estejam alinhadas com esses princípios. Encontrar um propósito que esteja conectado com nossos valores nos permite vivenciar um maior sentido de significado das nossas vidas e de encontrar a realização pessoal, aumentando nossa satisfação e felicidade.

Dessa forma, o alinhamento do que acreditamos em relação ao que vivemos é o que nos permite experimentar a satisfação pessoal. Entretanto, os valores humanos também podem reduzir o bem-estar subjetivo por uma série de outros fatores. Valores que possuem orientações conflitantes, como liberdade e segurança, podem aumentar a ansiedade quando é necessário tomar decisões que equilibrem seus objetivos, gerando estresse e insatisfação. As pressões sociais, culturais e familiares também podem impor valores com os quais não acreditamos, gerando insatisfação com a própria vida. As mudanças sociais também podem impor mudanças nos valores aos quais não estamos alinhados. Podemos também priorizar um valor acima de todos os outros, deixando aspectos importantes de nossas vidas de lado. Por exemplo, uma pessoa pode valorizar muito mais seu trabalho que os cuidados com a sua saúde, reduzindo assim seu bem-estar subjetivo.

Por fim, cabe destacar que alguns valores podem ser distorcidos contra a nossa vontade, em especial quando temos poucas opções e alguns objetivos parecem muito distantes para perseguirmos. Assim, valorizamos metas mais modestas, nos conformando com o pouco que temos. Se por um lado valorizar menos do que poderíamos alcançar nos leva a uma vida em que podemos alcançar menos satisfação e felicidade, reduzir esses objetivos pode ser uma forma de amenizar o mal-estar psicológico de desejar uma vida que não condiz com a nossa realidade.

Essas particularidades da relação entre os valores humanos e o bem-estar subjetivo têm repercussões que impactam políticas públicas. Seja pela aceitação pública dos formuladores e implementadores das políticas, seja pela efetiva participação política da sociedade, ou ainda pelo objetivo de contribuir para a autonomia das pessoas de perseguir objetivos que elas devam valorizar. A priorização de valores como respeito a si e aos outros, preservação da sua dignidade e a segurança e o bem-estar próprios, por exemplo, são essenciais para a concepção de políticas públicas que promovam o desenvolvimento humano. Isso inclui políticas de proteção social, acesso à saúde, segurança alimentar e moradia adequada. Ao privilegiar valores como liberdade de expressão, igualdade de oportunidades e respeito pela democracia fomentamos a participação democrática. A responsabilidade ambiental, a preservação da natureza e desenvolvimento sustentável devem ser valorizados para a efetiva proteção do meio ambiente e enfrentamento dos desafios climáticos. Valores humanos relacionados à equidade, igualdade e solidariedade são essenciais para a criação de políticas públicas que visam reduzir as disparidades sociais e econômicas e evitar que as pessoas aceitem injustiças contra si e contra os outros.

O entendimento das situações em que determinados valores beneficiam ou prejudicam a satisfação das pessoas pode nos ajudar a entender como a subjetividade da avaliação pessoal pode distorcer a concepção e implementação de políticas. Em situações em que temos pouco, determinados valores podem parecer mais importantes que outros e nos prejudicar, e aceitamos isso com uma resiliência que ameniza nossa dor. Ou então, a cultura local pode promover a satisfação das pessoas com valores que prejudicam o desenvolvimento local. Essa tese apresenta três ensaios oriundos da preocupação dos resultados que a relação entre bem-estar subjetivo e valores humanos pode ter na vida das pessoas e na tomada de decisões em políticas públicas. Juntos, esses três ensaios buscam contribuir para o entendimento dos valores sobre o comportamento humano, pela adaptação de preferências malformadas, os diferentes impactos no bem-estar subjetivo quando as pessoas se encontram em diferentes situações em suas vidas e a relação dos valores mensurados coletivamente na satisfação regional.

O primeiro ensaio discute a formação de desejos não autônomos originados pela distorção de valores quando as pessoas têm seu conjunto de opções disponíveis reduzido. Essa distorção acontece pela adaptação das nossas preferências, com a finalidade de reduzir a dissonância cognitiva entre nossos valores e nossas possibilidades, evitando a frustração de manter um objetivo que não podemos atingir. São apresentados os demais mecanismos envolvidos por trás da formação das preferências adaptativas e, além disso, é proposto um esquema lógico que contribui para o entendimento de como essas preferências são endossadas por valores distorcidos que perpetuam injustiças contra nós mesmos.

O segundo ensaio utiliza a Teoria dos Valores Humanos de Schwartz e dados do *European Social Survey* para analisar como os valores individuais interferem na satisfação que as pessoas têm com suas vidas quando estão, ou não, em situações de privação. O ensaio objetiva, principalmente, verificar quais os valores humanos aumentam ou mitigam a satisfação quando as pessoas são mais privadas em renda, educação e saúde, utilizando um modelo multinível que incorpora os níveis regionais e nacionais de países da Europa.

O terceiro ensaio trata da relação dos valores humanos e bem-estar subjetivo de uma perspectiva regional, utilizando médias regionais de dados do *European Social Survey*. É utilizada a metodologia de painel espacial, para analisar se as hipóteses sobre a influência dos valores humanos de Schwartz no bem-estar subjetivo individual são verificadas quando tratamos os dados como médias regionais.

## **Ensaio 1 – Preferências adaptativas: Por que nutrimos valores que nos fazem mal?**

### **1. Introdução**

Não é muito raro nos depararmos em situações em que temos o real desejo por alguma coisa, mas não conseguimos enxergar as possibilidades para realizá-la. Nestas ocasiões é inerente o sentimento de frustração, de um mal-estar psicológico que não encontra solução por outro caminho que não seja a conformidade. Muitas vezes a razão nos possibilita o entendimento de não ter o nosso desejo realizado ou mesmo a compreensão quanto a nossa situação. Mas em outras ocasiões podemos substituir nosso desejo por outro de maneira inconsciente. A segunda situação nos traz a resolução do conflito psicológico de maneira mais rápida, nos fazendo retomar a sensação de bem-estar. Porém pode trazer consigo consequências negativas, em que podemos nos colocar em situações que aceitamos injustiças contra nós mesmos.

Podemos retirar exemplos dos relacionamentos que mantemos no nosso dia a dia, como os conjugais, em que as normas de convivência podem ser distorcidas como justificativa para manter a união. Uma parte aceita comportamentos autoritários e reprováveis da outra, aumentando o valor que dá a seu parceiro, reduzindo o de possíveis pretendentes ou diminuindo o seu.

Sobre isso, Nussbaum (2001, 2000) relata histórias de mulheres do estado indiano de Andhra Pradesh que viviam em relacionamentos abusivos, mas não compreendiam as diferentes estruturas discriminatórias em que estavam inseridas, como ter seu dinheiro tomado pelo marido ou até mesmo sofrer agressões em casa. Estas mulheres se ajustaram ao modo de vida que conheciam, entrando em conformidade com o que era esperado delas e apresentando ausência do autoconceito de que são pessoas com direitos violados. Mesmo que estejam estabelecidas as “bases sociais do autorrespeito” como traços presentes na sociedade, pode ser necessário mais para que as mulheres em situação similar as de Andhra Pradesh entendam o respeito que devem ter por si (SEN, 1988, p. 277).

Em situações menos drásticas também é possível que nossa percepção sobre os acontecimentos de nossas vidas seja distorcida, modificando nossos valores e nossos desejos. A pressão exercida pelos mercados de trabalho sobre a mão de obra pode levar os empregados a aceitarem como justificáveis condições desfavoráveis ao trabalhador, como jornadas

exaustivas, responsabilidade por atividades fora do escopo da função exercida e contratos que não contemplam direitos trabalhistas. Nesse cenário, o trabalhador pode atribuir a adequação a essas condições como parte de suas aptidões e pode almejar as características que o mantêm no trabalho: suportar longas jornadas de trabalho, multifuncionalidade e renunciar o direito as obrigações trabalhistas que lhe seriam devidas. Ou então pode compreender que existem outros motivos para se manter no trabalho, mesmo que não se realizem: flexibilidade para trabalhar em qualquer horário e de maneira remota, conseguir negociar um contrato melhor com o empregador e oportunidade de conseguir outros contratos em outras empresas.

Este ajuste nas preferências é acompanhado de uma redução do mal-estar psicológico que é ditado pela nossa escolha ou pelo estado das coisas que estamos vivenciando. Podemos preferir o curso de graduação que escolhemos aos outros que deixamos de lado mesmo que ele não corresponda as nossas expectativas, pois há um custo emocional em reconhecer que erramos na nossa escolha. Também podemos reduzir nossa vontade de consumir bens não estão a nossa disposição, como um computador de última geração, desejando um modelo mais modesto (ou mesmo nenhum computador) que se encaixe de maneira mais conciliada à nossa renda, para evitar a frustração de não conseguir obter o que poderia ser a nossa real aspiração. Tais eventos acontecem pois os seres humanos têm uma tendência a evitar os sentimentos subjetivos desagradáveis (FESTINGER, 1957).

Um fenômeno contemporâneo que está relacionado a aversão ao mal-estar psicológico foi relatado em um editorial do *The Washington Post* (RIPLEY, 2022), em que é chamada a atenção para os dados do *Reuters Institute*, que mostram que 4 a cada 10 estado-unidenses evitam entrar em contato com as notícias. Isso acontece, pois, as notícias em geral tratam de temas estressantes, como problemas políticos, catástrofes e guerras, tornando a tarefa de acompanhar a realidade do mundo psicologicamente difícil.

Logo, para a definição dos nossos desejos, os julgamentos que fazemos de nós mesmos, como o autoconceito e autorrespeito anteriormente citados, e do mundo ao nosso redor podem ser influenciados por como percebemos o contexto em que vivemos. Os relacionamentos abusivos, as pressões do mercado laboral e as nossas escolhas educacionais, de consumo e de informação podem ser relativizados para favorecer uma avaliação de bem-estar mais positiva do que a oferecida objetivamente pelo *status quo*, mesmo que signifique aceitar situações que nos sejam desfavoráveis. As situações de privação, como argumenta Sen (1987), podem levar a uma habituação com a própria condição, moldando seus desejos para evitar a insatisfação. As

pequenas misericórdias têm que contar muito, como um mecanismo de aliviar as decepções e as frustrações. Para isso acontecer, os desejos têm que se alinhar ao que é viável.

O caminho que a habituação leva à conformidade em contextos, principalmente, de privação nos leva a crer que tivemos autonomia para formar nossas aspirações e tomar nossas decisões, quando na verdade poderíamos tomar outro caminho se não fossem as restrições que nos foram impostas ou a barreira psicológica que nos impede de confrontar nossas dificuldades.

Essa sensação de que as escolhas foram feitas de maneira livre é reproduzida em temas caros ao desenvolvimento. Uma má experiência de vida, como um longo passado na pobreza de renda ou de instabilidades econômicas, pode levar a uma redução na aspiração por bens materiais ou a acomodações na satisfação com a situação financeira (AUSTIN, 2016; CRETZAZ; SUTER, 2013; HALLERÖD, 2006). Escolhas significativas para a vida também podem ser impactadas por uma cultura de baixas aspirações. A necessidade de criar identidade com o lugar que pertence, em que a vida é mais simples e com menos opções, pode levar o indivíduo a desejar um nível de educação inferior ao que poderia alcançar (BRIDGES, 2006). Por fim, cabe destacar que a falha na formação das preferências pode induzir que aceitemos *trade-offs* entre situações injustas. Os casos apresentados por Groves *et al.* (2020) na Gales do Sul mostram como a falta de recursos tende a fazer as pessoas se conformarem com a sua pobreza energética quando são obrigadas a priorizar outros aspectos de suas vidas.

Os exemplos apresentados até aqui mostram que a má formação de preferências é um entrave para a promoção de políticas de bem-estar social. Se as pessoas têm uma percepção errada sobre o conjunto possibilidades de suas vidas, tendem a desejar dentro de um conjunto mais restrito de opções sem mostrar insatisfação com sua situação. Dessa forma, analisar as sociedades pela lente do bem-estar subjetivo pode levar a decisões de políticas que não discriminam efetivamente quem mais precisa ou a aceitação de sistemas de governo perversos.

Nas sociedades totalitárias, por exemplo, mesmo que sejam evidentes os abusos das autoridades, existem casos em que pode ser difícil aceitar as controvérsias ou ações opressivas impostas pelo sistema como algo injusto. Por mais que devêssemos desejar uma vida melhor, a distância entre esse desejo e as possibilidades para realizá-la é muito grande. Assumir a vida com menos liberdade como algo aceitável é mais confortável e proporciona maior satisfação.

No livro *1984*, de George Orwell, o protagonista Winston passa a maior parte de sua vida em Oceania aceitando que o Partido (Ingsoc) determine o que é ideal assistir, ler e gostar.

O mecanismo pelo qual o Partido evitava o *pensamento-crime*<sup>1</sup> era a indução psicológica, através do *duplipensamento*<sup>2</sup>, da sociedade para aceitar as contradições entre os fatos, desenvolvendo crenças que faziam as pessoas compreenderem a repressão como algo bom e necessário para si.

O desprendimento de Winston das amarras psicológicas que o sistema do Ingsoc lhe impusera foi extremamente penoso. A reversão do *duplipensamento* encontrou barreiras para além do temor de ser descoberto pela Polícia do Pensamento. Para Winston, confrontar a verdade significou encarar uma vida de mentiras, em que foi obrigado a aceitar sua miséria e infelicidade como algo merecido. Não à toa Orwell dedica muitas páginas a liberação de Winston da doutrinação do Partido.

Assim como no livro de Orwell, nos regimes autoritários do passado não é infrequente que vejamos oprimidos aceitarem seus opressores. Ditaduras, como o nazismo alemão e o fascismo italiano, utilizavam a propaganda e outros mecanismos para desencadear estratégias de *coping*<sup>3</sup> que aquiesciam a população em favor do regime. Mailänder (2016) apresenta estudos de casos da Alemanha Nazista, em que os indivíduos procuraram viver suas vidas ressignificando o normal, buscando conforto, mitigando a imagem negativa do regime opressor e aceitando as restrições a que estavam submetidos. Por consequência, acabaram ignorando o racismo e a violência sofridos pelas populações que foram segregadas da sociedade, mesmo que antes (e depois) da ditadura se posicionassem de maneira contrária a essas pautas. Nos casos descritos pela autora, momentos de terror e prazer proporcionados pelo nazismo levaram a naturalização ou desinteresse pelos abusos das autoridades, contribuindo para o poder e estabilidade do regime. Estas são situações em que as pessoas aceitaram a perda da sua autonomia e mudaram suas convicções, preferindo se adequar ao novo sistema e relativizar as privações impostas.

Mesmo em outros contextos, como mostra Sen (1987), o bem-estar medido pela felicidade ou prazer pode levar a uma avaliação errada quanto aos reais níveis de desenvolvimento e de democracia. A ausência de autonomia na formação das preferências após a habituação ao contexto de privação pode levar a escolhas em que a racionalidade é maculada. Se por um lado os sistemas políticos beneficiam os mais pobres em sistemas democráticos (SEN, 1999), por outro a pobreza é uma das maiores dificuldades para que as pessoas

---

<sup>1</sup> Os pensamentos-crime (*thoughtcrime*) são aqueles que poderiam incitar os indivíduos a desafiar o Partido.

<sup>2</sup> O duplipensar (*doublethink*) é a aceitação de dois pensamentos contraditórios, fazendo com que o indivíduo acredite em duas verdades sobre o mesmo fato.

<sup>3</sup> Mecanismo de enfrentamento, em que as pessoas lidam com as adversidades e reduzindo o stress psicológico.

desenvolvam crenças e preferências livres (SUNSTEIN, 1991), levando a escolhas mais modestas do que potencialmente as pessoas poderiam optar por ser ou fazer. Ouvir os pobres (e a população em geral) é essencial à democracia e ao desenvolvimento. Mas também é necessário que se promova a formação de desejos e aspirações independentes.

Os nuances do regime democrático podem mostrar como a aquiescência que transforma as preferências pode aparecer em dinâmicas de poder menos perversas que as descritas anteriormente. Em uma reunião entre diferentes representantes da sociedade, como a de um Orçamento Participativo, quem detém mais poder tem a capacidade de impor sua agenda de maneira indireta, e os demais participantes podem consentir com as decisões tomadas. O Orçamento Participativo surgiu em 1989 no Brasil, na cidade de Porto Alegre, com o objetivo de aumentar a participação da sociedade nas decisões do governo municipal. Foram realizadas assembleias onde a população foi consultada sobre suas demandas, que são priorizadas no orçamento municipal. Em diversos modelos pelo mundo, as sessões são lideradas pelo próprio governo, o que lhe dá poder de controlar a narrativa do debate e impor um paternalismo *soft*, direcionando as conversas aos assuntos que mais lhe interessam (MOIR; LEYSHON, 2013). Quando as opções estão postas na assembleia, a autoridade governamental pode usar seu discurso para favorecer uma determinada pauta e incentivar as falas da comunidade que correspondem a sua vontade, levando os indivíduos a um contentamento com demandas que não eram suas *a priori*. Dessa forma, esse sistema incentiva o consenso da sociedade por realizações que tem um falso sentimento de que houve autonomia nas suas escolhas.

Como visto até aqui, apenas a informação subjetiva expressada pela satisfação ou pela felicidade, é um parâmetro insuficiente para se mensurar o bem-estar humano, pois está sujeito a fatores psicológicos que podem alterar as preferências ou os valores dependendo da situação em que são formadas: sem muita reflexão ou em situações de privação (GASPER, 2007). A avaliação do bem-estar deve considerar conjuntamente as informações subjetivas e objetivas (COMIM, 2005), identificando que algumas preferências são mais importantes para promover bem-estar do que outras (GINTIS; ROMER, 1998) e garantindo que temos autonomia para desejar sobre algo que todos deveriam valorizar, em especial a razão prática (*practical reason*) (NUSSBAUM, 2001, 2000).

Por outro lado, mesmo que preferências livres se mostrem como pré-condição para que as pessoas consigam planejar as suas vidas, a redução das aspirações pode ser um mecanismo que fornece estratégias que evitam que as pessoas formem desejos irrealistas ou que realmente sejam muito difíceis de alcançar, como alguém muito baixo que sonha em ser um jogador da

NBA (NUSSBAUM, 2000; TESCHL; COMIM, 2005). Situações desse tipo podem tornar a mitigação dos desejos uma forma positiva de aumentar o bem-estar, pois nos leva traçar outras metas mais pragmáticas.

Compreender o mecanismo de formação dos desejos não autônomos, suas causas e a repercussão de seus resultados têm grande apelo para diversos aspectos das nossas vidas, como as decisões governamentais, a formulação de políticas e as escolhas sociais. A distinção entre preferências conscientes das não intencionais contribui para o entendimento do que as pessoas podem ser ou fazer, assim como o produto da escolha dessas vontades pode nos dar pistas sobre o que as pessoas deveriam ter razões para valorizar.

Este trabalho procura identificar os mecanismos envolvidos na formação de preferências que se ajustam as possibilidades que as pessoas conseguem perceber. Mostramos como os valores distorcidos em condições de privação são endossados por mecanismos de indução psicológica, perpetuando preferências malformadas e a própria privação. Propomos a utilização de silogismos para identificar como as crenças sobre o próprio modo de vida apoiam a distorção de valores quando as opções são limitadas.

Para isso, além desta introdução, o trabalho dedica uma seção à discussão do *background* teórico do fenômeno das *Sour Grapes*, ampliando os detalhes da formulação de Elster (1983) com trabalhos posteriores. Na seção subsequente propomos e discutimos um esquema lógico a partir de três exemplos, que buscam mostrar como endossamos valores que podem perpetuar injustiças contra nós mesmos. Por fim, uma seção de conclusão, em que retomamos a discussão e incluímos algumas considerações adicionais.

## **2. *Background* teórico**

Nas avaliações de bem-estar frequentemente se utilizam as preferências como referência, e a ideia de que os desejos são ilimitados e que a escassez os torna mais intensos é comum na análise de diversas matérias, incluindo a economia. Em consonância com essa proposição, a conceituação mais conhecida e estabelecida é a da Teoria da Utilidade Marginal, a qual sugere que quanto menor a disponibilidade de um determinado bem, maior valor atribuímos a ele. No sentido contrário desta lógica, quanto mais disponível o bem se apresenta, menor valor daremos a ele. Quando nossas possibilidades aumentam, deveríamos procurar saciar nossos desejos por bem que valorizamos mais e assim aumentar nossa satisfação ou nossa felicidade.

Robbins (1935) critica essa visão, argumentando que não haveria como comprovar que alguém em uma posição melhor teria mais satisfação do que alguém em uma posição mais baixa, ou que os aumentos de renda para os que tem menos causam mais felicidade do que para os que tem mais. Tampouco que as transferências dos ricos para os pobres aumentam a satisfação geral. Os trabalhos empíricos de Easterlin (1974, 1995) também contrastam com a relação positiva que a teoria utilitarista apresenta entre satisfação e possibilidades. Procurando verificar a relação entre renda e felicidade, a evidência encontrada pelo autor é que o crescimento econômico não é capaz de aumentar o bem-estar da população, e conclui que isso acontece porque as aspirações, valores e julgamentos também se ampliam com a melhora da economia. Ou seja, quando as oportunidades de satisfazer nossas vontades imediatas aumentam, vislumbramos outras possibilidades mais ambiciosas. Almejamos metas maiores e não conseguimos a satisfação esperada por realizar os mesmos desejos de quando nossa perspectiva não era tão boa.

Se passamos a valorizar outros objetivos quando nossa vida melhora, o que acontece quando ela não muda? Ou quando piora? Esse é o caso em que pode acontecer uma reavaliação dos desejos, que pode vir da racionalização sobre seu *status quo* ou de um processo inconsciente de acomodação das preferências. O segundo pode ter implicações prejudiciais ao bem-estar individual pois, diferente do primeiro, não é fruto do planejamento individual. Ou seja, são preferências formadas de maneira não autônoma. Berlin (1969) atribui isso à doutrina das *Sour Grapes*, em que ensinamos a nós mesmos a restringir nossos desejos para nos sentirmos livres:

I am the possessor of reason and will; I conceive ends and I desire to pursue them; but if I am prevented from attaining them I no longer feel master of the situation. I may be prevented by the laws of nature, or by accidents, or the activities of men, or the effect, often undesigned, of human institutions. These forces may be too much for me. What am I to do to avoid being crushed by them? I must liberate myself from desires that I know I can not realize. I wish to be master of my kingdom, but my frontiers are long and insecure, therefore I contract them in order to reduce or eliminate the vulnerable area. I begin by desiring happiness, or power, or knowledge, or the attainment of some specific object. But I cannot command them. I choose to avoid defeat and waste, and therefore decide to strive for nothing that I cannot be sure to obtain. I determine myself not to desire what is unattainable (BERLIN, 1969, p. 135).

Quando não é possível enxergar muitos caminhos, a tendência humana à conformidade nos leva a desejar algo que não seria o nosso propósito “verdadeiro”. Em outras palavras, para nos sentirmos livres, inconscientemente renunciamos à autonomia da formação de nossas preferências e valorizamos fins mais modestos do que potencialmente podemos alcançar, abrindo mão da liberdade de desejar livremente.

Esse processo involuntário de formação ou reponderamento de preferências é caracterizado por um *trade-off* entre a autonomia do desejo e a felicidade com a nossa escolha. O dilema aqui exposto retorna sempre em perdas para o bem-estar humano. Primeiro porque podemos evitar a frustração de situações que nos são desfavoráveis, mas perdemos por não reconhecer algo que “verdadeiramente” valorizaríamos. Por outro lado, se aceitarmos o atual estado precário que nos encontramos, compreenderemos melhor o nosso mundo e podemos planejar melhor nosso futuro, mas teremos que encarar estado de infelicidade e inconformidade com nossas vidas. Sempre haverá uma perda, pois no primeiro caso deixamos de lado o acesso a dimensão objetiva do bem-estar, enquanto no segundo abandonamos seu caráter subjetivo.

Se na análise do bem-estar existe uma dualidade sobre o aspecto que será prejudicado, ao olhar para a agência, que é nossa capacidade de agir intencionalmente sobre o modo em que vivemos, a readequação das preferências sempre caracteriza uma perda na liberdade individual. Uma vez que os desejos não são formados de maneira livre, as escolhas também não serão, pois são dependentes das vontades individuais e não refletirão nossos valores, tornando as preferências ajustadas para satisfazer o bem-estar emocional e psicológico sempre perversas à liberdade de agência.

O fenômeno de acomodar as expectativas para evitar a frustração e sustentar algum bem-estar psicológico é descrito por Elster (1983) como preferências adaptativas (PA), um desejo que se molda ao que o modo de vida conhece. Para Elster, uma das principais características das PA é a subversão da autonomia de desejar, ocasionada por um *drive* (uma motivação inconsciente). Entretanto, alguns fenômenos similares podem ser confundidos com as PA, caracterizadas pela subversão da crença ou pela má formação em decorrência de uma falha cognitiva. Elster lista quatro distorções da racionalidade substantiva para as preferências e as crenças, apresentadas no Quadro 1, são elas: i) a formação de preferências adaptativas: um desejo adaptado ao que está disponível que tem um processo causal inconsciente, sustentado por um *drive* que reduz a frustração de desejos que não podem ser satisfeitos; ii) a mudança de preferência por enquadramento: quando a situação de escolha é reformulada, alterando a atratividade das opções, mas existe um processamento cognitivo consciente; iii) o *wishful thinking* (pensamento ilusório): que é a mudança das crenças em conformidade aos gostos, fazendo com que se pense que o mundo é o que gostaríamos que fosse; e iv) o erro inferencial: em que as falhas cognitivas nos fazem ter julgamentos infundados.

**Quadro 1** – Distorções da racionalidade substantiva dos desejos e das crenças, pelo redirecionamento do processo de formação e por falha cognitiva

<b>Distorção</b>	<b>Drive (motivação inconsciente)</b>	<b>Falha cognitiva</b>
<b>Subversão da racionalidade substantiva da autonomia dos desejos</b>	Preferências adaptativas	Mudança de preferência por enquadramento
<b>Subversão da racionalidade substantiva do julgamento das crenças</b>	<i>Wishful thinking</i>	Erro inferencial

Fonte: Elaboração própria a partir de Elster (1983).

Dentre as quatro distorções mencionadas, as preferências adaptativas têm um apelo especial para temas como desigualdade e liberdades individuais, pois podem levar a aceitação de situações de injustiça e a uma concepção insuficiente de bem-estar. Algumas circunstâncias, como as adversidades e as privações, tendem a levar as pessoas a entrar em conformidade com as pequenas oportunidades que aparecem em suas vidas (SEN, 1995), facilitando o processo de adaptação de preferências. Somos mais felizes quando temos mais oportunidades para realizar os nossos desejos. Porém, quando nos restam poucas possibilidades de realizar nossos sonhos, seremos mais felizes quando nossas vontades forem mais modestas.

Esta seção debate alguns aspectos que caracterizam o fenômeno das PA: (i) são uma mudança endógena dos desejos (ii) causada por um processo de redução de dissonância cognitiva de maneira inconsciente, (iii) devido a um *feasible set* reduzido, após um comportamento de habituação/resignação e (iv) retroativamente.

### **2.1 As preferências adaptativas são uma mudança endógena dos desejos**

Diferente do que é preconizado pela Teoria da Escolha Racional, as PA não são pré-determinadas, pertencem a um grupo de preferências que se formam ou se moldam endogenamente. As preferências são sujeitas a fenômenos psicológicos que utilizam um ponto de referência, como o *status quo*, os direitos (*entitlements*) e as expectativas, influenciando a avaliação que fazemos dos nossos valores e desejos (KAHNEMAN; KNETSCH; THALER, 1991).

A causalidade estritamente endógena da formação das PA é o que a faz ser diferente de preferências que surgem através da manipulação dos indivíduos. Este último tipo de preferência

está relacionada ao uso do poder para induzir estados mentais em outros, de maneira a obter benefício próprio. A manipulação é comum no discurso religioso que prega o conformismo e leva os fiéis a aceitarem as injustiças que vivem (ELSTER, 1983), e na prática do evergetismo, que consiste em serviços prestados pelo governante com o interesse de que sua população o valorize (VEYNE, 1990).

Nos casos de manipulação há consciência do indivíduo de que algo exógeno o leva a desejar A ao invés de B. Quando sujeito a adaptação, a motivação que direciona a preferência para determinado objeto é interna. A falta de percepção quanto a causa de sua PA que faz a reversão deste estado ser mais complexa do que quando se está sujeito a preferências manipuladas.

## **2.2 As preferências adaptativas são causadas por um processo de redução de dissonância cognitiva de maneira inconsciente**

No processo de escolha, as avaliações que fazemos podem ser orientadas por sensações de perdas e ganhos. Quando a relação entre esses sentimentos é assimétrica, temos maior aversão a perder do que atratividade a ganhar um determinado bem (KAHNEMAN; TVERSKY, 1984, 1979). Sendo assim, uma escolha que traz consigo uma sensação de perda é responsável por um mal-estar psicológico, que pode ser resolvido por um mecanismo de redução de dissonância cognitiva (FESTINGER, 1957), ou seja, substitui a crença de que sua escolha não foi ruim e que era o verdadeiro objeto de sua preferência. Este mecanismo também é estimulado pela necessidade de fazermos uma avaliação positiva de nossas vidas ou pela vontade de manter a preponderância de afetos positivos sobre negativos, nos levando a evitar a frustração ou estados de euforia e desespero (DIENER, 1984; DIENER *et al.*, 1999). As PA são um fenômeno de redução da dissonância cognitiva para evitar a frustração de ter desejos que parecem muito distantes de serem realizados. Essa é a estratégia mental que difere as PA do planejamento de caráter, em que a estratégia de liberação da tensão é consciente (ELSTER, 1983). Sendo assim, as PA seriam prejudiciais para a autonomia da formação de desejos das pessoas, pois seriam produto de um ajuste emocional inconsciente. Para garantir a autonomia das preferências, nesse caso, é necessário que aceitemos prejudicar o nosso bem-estar subjetivo (TESCHL; COMIM, 2005).

A estratégia psicológica de redução da dissonância cognitiva das PA nos coloca em um estado mental de menor incoerência com nossos desejos e crenças de maneira involuntária. O modo inconsciente que são formadas as PA é importante para diferenciá-las de outros mecanismos de mudança de preferência endógena, que também ocorrem por dissonância

cognitiva, como os vícios. Diferentemente das PA, os vícios têm um caráter de consciência da incoerência do comportamento. Por exemplo, um fumante sabe que o cigarro é nocivo a sua saúde, mas continua a fumar, encontrando estratégias que mudam suas crenças sobre os males que o cigarro faz a sua saúde.

Outra maneira de resolver a dissonância entre desejo e crença seria adaptarmos nossa percepção, e não nossa preferência, através de um *wishful thinking*. Enquanto as PA se caracterizam pela má formação dos desejos, mudando nossos valores, o *wishful thinking* alivia nossa tensão psicológica mudando o entendimento da situação que nos encontramos para algo que não corresponde à realidade. Podemos identificar essa diferença entre os dois mecanismos comparando o caso de um trabalhador que não consegue uma promoção, entende que não valia a pena e adapta sua preferência não desejando o novo cargo, com o caso de outro trabalhador que concorre ao mesmo posto, mas atribui seu insucesso ao medo dos superiores quanto a sua capacidade, mudando sua percepção sobre a situação que viveu sem alterar sua preferência (ELSTER, 1983). A diferença da causalidade entre os dois casos, é que na formação de PA, a redução de dissonância consiste na perda da autonomia do desejo, enquanto no *wishful thinking* preservamos essa autonomia às custas de uma crença equivocada sobre as causas da nossa frustração. Apesar da aceitação da nova situação (a perda da promoção) acontecer nos dois casos, as PA são mais perversas pois são mais difíceis de ser reveladas como uma abordagem equivocada de entender a resolução do problema, já que mudamos nossos objetivos e temos mais dificuldades de encarar o novo cargo como fruto de nossos desejos.

Se por um lado o indivíduo que não consegue sua promoção pode preservar seu bem-estar subjetivo mesmo que perca sua autonomia de desejar, um segundo indivíduo que descobriu que a promoção não está disponível pode querer preservar sua autonomia desejando o cargo que não pode ter, mesmo que isso lhe cause infelicidade e nunca tenha desejado até saber que não poderia disputar a posição. Esse seria o fenômeno oposto à formação de PAs, chamado de preferências contra-adaptativas (ELSTER, 2010, 1983). É um mecanismo contra-hedônico que pode acontecer quando sentimos nossa liberdade de escolha ameaçada pela restrição das nossas opções, e acabamos por desejar algo que não estava em nossos gostos originais.

Apesar da autonomia ser característica central para a análise de Elster (1983) sobre as PAs, existem questionamentos sobre a sua utilidade prática e conceituação. Bruckner (2009) considera que algumas PAs podem ser racionais, se forem embasadas em uma avaliação sobre a opção tomada após a formação da preferência. O que tornaria a PA racional é o endosso do

agente após uma reflexão sobre o que entraria em conflito a nova preferência formada. Nesse caso, as preferências não precisariam ser formadas com autonomia, mas sim retidas de forma autônoma.

Khader (2009) questiona a operacionalidade para as políticas públicas quando consideramos as PAs tomadas como não autônomas. A autora debate quatro exemplos concretos em que diferentes concepções de autonomia apresentam diversos problemas na identificação das PAs. Por exemplo, a autonomia entendida como racionalidade pode levar a conclusão de que todas as preferências sem interesse próprio são adaptativas, pois não são fruto da nossa vontade. Excluiríamos como casos de adaptação de preferências os que uma mulher em extrema pobreza escolhe dar mais da pouca comida que tem para o marido porque ele pode não suportar o dia de trabalho e nenhum dos dois teria mais comida. Ou então, a autonomia entendida como agência pode identificar que todas as pessoas com PA não têm autoestima, pois não teria capacidade de gerenciar a própria vida. Entretanto, uma pessoa com alta autoestima em um domínio, como a sexualidade, pode adaptar suas preferências em outro domínio, e recusar a educação formal.

Terlazzo (2016) argumenta que a autonomia pode responder a dois tipos mais amplos de conceituação, em relação ao proposto por Khader. Os que são neutros ou substantivos em relação ao conteúdo. O conceito neutro em relação ao conteúdo entende a preferência autônoma passando por algum procedimento, como o endosso e a reflexão. O conceito substantivo exige que a preferência autônoma atenda a um conjunto adicional de requisitos, como considerar a própria autonomia como um valor ou um conjunto maior de funcionamentos. O primeiro conceito nos traz os problemas elencados por Khader. O segundo pode nos levar a concluir que os gostos endossados pelas pessoas podem ser contra o seu próprio bem. Por exemplo, uma pessoa pode considerar (e endossar) a vida exclusivamente na cidade como algo valioso. Mesmo que entendamos que seja valioso conviver com a natureza, viver apenas em um lugar, como nesse exemplo, não representa um mal para si.

### **2.3 As preferências adaptativas ocorrem devido a um feasible set reduzido, após um comportamento de habituação/resignação**

É comum pensarmos que a ausência de determinado objeto de nossa preferência nos faça expandir a vontade de tê-lo. O caso anedótico da fábula da raposa, utilizado para identificar as PAs, exemplifica como rebaixamos as opções que não podemos ter. A raposa decide não querer as uvas que não pode ter, pois ela não é capaz de alcançá-las no alto da videira, e passa a acreditar que na verdade estão azedas. A analogia mostra que as PAs são causadas por uma

redução do *feasible set* (conjunto viável), de maneira que a opção escolhida seja a preferida mesmo dentro de um conjunto maior de opções concebíveis, rebaixando as que não forem concebidas ou não disponíveis. Ou seja, para o indivíduo adaptado, o que ele tem é melhor do as coisas que não pode alcançar.

Esse rebaixamento das opções não escolhidas encontra suporte em fenômenos conhecidos da economia comportamental. Kahneman, Knetsch e Thaler (1991) discutem três fenômenos com repercussões similares ao rebaixamento das opções de indivíduos com PAs: o efeito dotação, a aversão a perda e o viés de *status quo*. O efeito dotação é a inclinação das pessoas em valorizar mais um objeto ou recurso apenas por possuí-lo, em comparação com o mesmo objeto que não possuem. Isso resulta em uma exigência de uma compensação maior para renunciar ao objeto do que o valor que estariam dispostas a pagar para adquiri-lo.

A aversão à perda refere-se à tendência das pessoas em atribuir maior valor às perdas em comparação aos ganhos equivalentes. Em outras palavras, as pessoas experimentam mais sofrimento ou insatisfação ao perder algo do que satisfação ao obter a mesma coisa. Isso leva a uma relutância em assumir riscos que possam resultar em perdas, mesmo que os possíveis ganhos sejam maiores. O viés do *status quo* é a inclinação das pessoas em preferir a manutenção das coisas como estão em vez de fazer mudanças. As pessoas tendem a atribuir valor ao estado atual das coisas e resistem a qualquer alteração, mesmo quando essa mudança pode trazer benefícios.

Entretanto, o rebaixamento das opções não disponíveis não identifica sozinho uma PA. Elster (1983) apresenta duas outras situações em que reduzimos nosso *feasible set* desta maneira e que envolvem os fenômenos descritos acima. A primeira é uma redução deliberada do conjunto viável, por um pré-compromisso (*precommitment*). Algumas pessoas firmam compromissos (como o casamento, por exemplo) reduzindo suas opções, como uma maneira de evitar que um deixe o outro. Nesse caso, com o compromisso firmado as preferências acabam sendo moldadas pela restrição prévia do conjunto de pessoas com quem se podem relacionar, reforçando a preferência de um pelo outro ou rebaixando a preferência de possíveis pretendentes. Uma segunda trata das preferências estado-dependentes, em que a situação pode acabar moldando as preferências pelos gostos passados ou quando os custos de reversão da escolha são maiores. Dessa forma, a preferência por cônjuges pode ter sido moldada pelo atual ou pelos possíveis pretendentes que aceitariam a proposta do indivíduo, ou então pelo custo de separar, encontrar outra pessoa e se casar novamente.

As PAs, então, não são uma redução deliberada do *feasible set*, nem um rebaixamento ocasionado por algum cálculo mental sobre as dificuldades de trocar de opção ou uma preferência tomada pela falta de conhecimento do que está fora do meu conjunto de opções. O indivíduo adaptado está em conformidade com a situação em que vive. Por esse motivo as privações tendem a favorecer a formação de PAs. A vida em privações, como explica Sen (1987, 1985), leva à habituação com a própria condição, a aceitação da ordem que está estabelecida e reduz o desapontamento e a frustração:

Deprived groups may be habituated to inequality, may be unaware of possibilities of social change, may be hopeless about upliftment of objective circumstances of misery, may be resigned to fate, and may well be willing to accept the legitimacy of the established order. The tendency to take pleasure in small mercies would make good sense given these perceptions, and cutting desires to shape (in line with perceived feasibility) can help to save one from serious disappointment and frustration (SEN, 1987, p. 9).

O processo de habituação ou conformidade também pode ser confundido com o de aprendizagem. Sen (1975, p. 53–54) apresenta um exemplo em que um trabalhador do campo prefere o trabalho camponês a um assalariado na cidade, mesmo que seus rendimentos sejam menores, pois prefere ser próprio patrão. Essa preferência é diferente das estado-dependentes e das PAs porque é informada e fundamentada na experiência de um dos lados (o modo de vida do campo), mas sem uma redução do *feasible set* e rebaixamento de algo não disponível.

#### **2.4 As preferências adaptativas acontecem de maneira retroativa (depois da escolha)**

Por fim, Elster (1983) argumenta que as preferências adaptativas só ocorrem depois que a escolha é realizada ou aceita, onde os interesses que elas satisfazem tomam uma importância mais que proporcional, superior a todas as outras alternativas. Isso implica em uma mudança retroativa dos atributos das opções disponíveis. De maneira diferente, se poderia mudar o peso dos atributos à priori, assumindo estados mentais desagradáveis causado pelo antagonismo das opções. O indivíduo escolheria a opção que julga ter mais vantagem do que as outras. Se essa vantagem for muito grande, a pessoa atribui valor muito maior e evita que novas informações sobre as opções não escolhidas lhe causem arrependimento.

### **3. Um esquema lógico para a adaptação de preferências**

Como visto até aqui, a identificação do que é uma PA depende da avaliação de uma série de pressupostos. De maneira a entender e esquematizar o raciocínio por trás do fenômeno, consideramos apenas as PAs entendidas como paradigmáticas por Khader (2013), ou seja, as que perpetuam a injustiça contra o próprio indivíduo por uma visão normativa do mundo

distorcida. Essa visão de mundo também causa distorção nos valores. O que sugere que temos que considerar que alguns valores motivam a busca de bens necessários, que deveriam ser desejados de maneira autônoma.

A construção de Terlazzo (2016) para classificar as preferências não autônomas e adaptativas, ajuda a compreender porque este tipo de preferência perpetua as injustiças contra as próprias pessoas. Conforme a autora, essas preferências têm que ser adaptadas às circunstâncias e não por outro motivo, devem ser centrais ao desenvolvimento da pessoa e devem representar déficits de autonomia e falhas no exercício pleno da capacidade de refletir.

Argumentamos, então, que alguns fenômenos descritos na psicologia e na economia comportamental podem contribuir para a formação das preferências adaptativas e para sua manutenção, perpetuando as privações e as injustiças. As pessoas que vivem em situação de pobreza, por exemplo, tendem a ser mais avessas ao risco e mais propensas a descontar os ganhos futuros, assim como experimentar mais afetos negativos e estresse (HAUSHOFER; FEHR, 2014). Essas evidências sugerem que as pessoas em privação têm mais motivos para reduzir a sua dissonância cognitiva, tanto por já estarem em uma situação que proporciona níveis menores de bem-estar subjetivo, quanto por parecer evitar situações em que assumem mais riscos.

A teoria do prospecto (KAHNEMAN; TVERSKY, 1979), elenca uma série de fenômenos que podem reforçar os motivos que levam os mais privados a reduzirem a sua dissonância e adaptarem suas preferências. Por um lado, a aversão à perda indica a uma redução da satisfação maior quando se perde algo do que o benefício quando se ganha algo. Por outro, os pequenos ganhos trazem mais satisfação a quem tem menos do que para as pessoas que tem mais. Sendo assim, as pessoas mais privadas têm menos incentivos a procurar caminhos desconhecidos para melhorar sua situação e mais incentivos para entrar em conformidade. Além disso, damos maior peso as experiências negativas do que as positivas e tentamos sustentar nossa posição ruim esperando que ela melhore, o que ocasiona uma visão negativa e persistente de nossas vidas. Nesta situação, um alívio psicológico pode ser necessário.

Além disso, uma série de vieses cognitivos e erros de julgamento (TVERSKY; KAHNEMAN, 1974) podem fazer as condições que as privações nos parecerem razoáveis. A tendência de fazer julgamentos em relação ao que é semelhante, pode fazer com que as privações se tornem algo aceitável, pois os pares também estão na mesma situação. Nosso lugar no mundo e nosso estilo de vida podem enviesar nossa concepção do que é justo. Outro fenômeno, é a tendência em buscar as coisas que vem com mais facilidade a nossa mente.

Quando temos poucas oportunidades, as saídas que gerem menor custo emocional ou psicológico podem soar mais interessantes para mitigar nossa dor. Também tendemos a fazer nossas previsões com base em um valor inicial. Se temos muito pouco, nossas aspirações tenderão a não ir muito mais longe deste ponto. Todos esses fatores, podem contribuir para uma alteração na ponderação de valores. Quando temos muito mais a perder do que a ganhar, procuramos as opções que nos parecem mais seguras (KAHNEMAN; TVERSKY, 1984). Essa reponderação pode ser sustentada tanto pela aversão à perda, quanto pelo efeito dotação (tendência a valorizar mais o que possuímos) e pelo viés de *status quo* (tendência de manter a preferência pelo estado atual das coisas) (KAHNEMAN; KNETSCH; THALER, 1991).

Todos esses fenômenos dão razão ao argumento de Terlazzo (2016) de que as falhas na capacidade plena de refletir sobre seus próprios gostos levam às preferências adaptadas. Baseado em sua proposição para as PAs, propomos esquemas lógicos para dois processos mentais, influenciados pelos fenômenos descritos acima, que contribuem para a formação ou mantém as preferências adaptadas: i) rejeição ou rebaixamento do que parece não estar disponível; e ii) contentamento com o que se tem

Para averiguar estes processos mentais, utilizaremos exemplos de PAs na forma de sofismas. Rydgren (2004) usou um sistema similar para demonstrar a construção de estereótipos que explica logicamente a formação da xenofobia. Nos nossos exemplos, utilizamos para explicar as distorções de valores, conforme as estruturas abaixo:

A:

1. Se  $p$ , então sempre  $q$

2.  $q$

---

3.  $p$

ou então:

B:

1. Se  $p$ , então sempre  $q$

2. Não  $q$

---

3. Não  $p$

Os eventos  $p$  e  $q$ , para nossos exemplos, representam algo que se pode valorizar (ou julgamentos sobre essas coisas) que as pessoas podem ter. Essas estruturas representam

sofismas pois a ocorrência de  $q$  não implica exclusivamente na ocorrência de  $p$ . Assim como a não ocorrência de  $q$  não implica na ocorrência exclusivamente da não ocorrência de  $p$ . Existem outras razões para  $q$  existir além de  $p$ . Assim como existem outras razões para não  $q$  existir além de não  $p$ . Além disso, para as PAs a linha 2 das estruturas ( $q$  ou não  $q$ ) representam uma superestimação de sua importância em relação as opções não conhecidas, o que aumenta a similaridade que enxergamos entre  $p$  e  $q$  quando computamos mentalmente a probabilidade condicional  $\Pr(p/q)$ . Ou seja, os ajustes dos valores podem fazer com que entendamos que as coisas que valorizamos (ou julgamentos sobre elas)  $p$  e  $q$  são mais próximos do que realmente são. Isso ficará mais claro conforme avançarmos nos exemplos. Para isso utilizaremos três casos fictícios que representam domínios diferentes que as pessoas poderiam desejar. Apesar desses casos representarem evidências anedóticas, eles foram baseados em outros já discutidos na Seção 2, e servem para exemplificar como processos mentais formam e/ou sustentam as PAs. Além disso, também servem para mostrar como casos reais podem ser introduzidos na estrutura lógica apresentada acima, confirmando o endosso das escolhas disponíveis e rejeição das que não se pode ter.

**Caso 1:** *Ana é uma mulher da periferia de uma grande cidade, onde as oportunidades de emprego são extremamente escassas. Ela procurava progredir na sua carreira no escritório em que trabalha, em que a jornada de trabalho é exaustiva, o salário é extremamente baixo e não são oferecidos direitos como férias remuneradas ou licença saúde. Entretanto, foi oferecido aos funcionários uma promoção, em que a jornada de trabalho seria menor, o salário seria substancialmente maior, com direito a férias e licenças. Apesar de cumprir todos os requisitos, Ana teve a promoção para o novo cargo negada pelos seus superiores.*

Imagine que Ana passa a entender que o novo cargo na verdade demanda mais responsabilidades e que ela ainda não está preparada para uma posição tão estressante. Esse julgamento, sobre o estresse da nova posição, não está de acordo com a avaliação que fazia antes de ter a promoção negada e acaba por levar Ana a acreditar que o novo cargo na verdade não é algo bom:

C:

1. O novo cargo é bom ( $p$ ) e estressante ( $q$ )

2. Não desejo mais estresse (Não  $q$ )

---

3. O novo cargo não é bom (Não  $p$ )

As associações entre estresse e o novo cargo estão, aqui, sobrevalorizadas. Há muitos outros aspectos na atual posição de Ana no trabalho que podem causar tanto estresse quanto a nova posição que agora rejeita. Assim como existem outros benefícios no novo cargo que compensam o possível estresse adicional, mas que agora não fazem parte de suas ponderações. Ana falhou no exercício pleno da capacidade de refletir sobre as outras possibilidades de sua vida, por uma distorção da importância de valorizar o novo cargo já que superestimou o estresse adicional do qual não tem pleno conhecimento.

Uma vez negada a nova posição, ela poderia se enxergar no mesmo cargo em outro escritório. Mas as dificuldades do mercado de trabalho tornam essa uma possibilidade tão distante que ela vê como tão improvável quanto prosperar na própria empresa. O novo cargo tem qualidades que foram deixadas de lado porque Ana não se vê mais exercendo esta função. A experiência negativa de não alcançar sua aspiração inicial, suscitou a necessidade de uma resolução do mal-estar psicológico de não alcançar seus desejos. Isso se materializou na negação dessa aspiração inicial, pois a insatisfação com a negação do novo cargo tem mais peso que a possível felicidade em conseguir a posição no futuro. Dessa forma, a concepção de um bom trabalho para Ana é ser menos estressante, e isso se materializa na conformidade com o seu posto atual:

D:

1. Um bom trabalho ( $p$ ) é menos estressante ( $q$ )
  2. Meu trabalho atual é menos estressante ( $q$ )
- 
3. O trabalho atual é bom ( $p$ )

A satisfação com o trabalho atual é endossada por algo que Ana não tem certeza de ser verdade: que seu posto atual é menos estressante do que o da promoção. Esse é um raciocínio com menor custo psicológico do que enfrentar os prós e os contras que a nova posição pode oferecer. Além disso, expressa um contentamento com o que tem, que substitui o descontentamento de não ter alcançado seu desejo de um trabalho mais digno. O sentimento de pertencimento ao meio, ao olhar seus pares em situação semelhante, reafirma a impressão de Ana que sua situação é suportável, e que outra, que está muito longe do que pode alcançar, não é tão melhor assim. Isso não significa que ela não entenda a promoção como algo positivo, mas sim que não é algo digno de ser valorado. Que o esforço de ir atrás desta nova posição é muito pior do que a satisfação que ela já obtém no trabalho atual.

**Caso 2:** *Samuel é um jovem que vive em uma cidade muito pequena e pobre, onde o acesso as oportunidades educacionais são limitadas, tanto pela distância da escola quanto pela qualidade do ensino. Como sua família não tem muitos meios para manter sua sobrevivência, ele tem que ajudar os pais trabalhando no campo.*

Ele se sente em um *trade-off* forçado, tendo de escolher parar de estudar ou ajudar os pais. No entanto, essa pode não ser a verdade. É uma percepção de que o tempo de escola pode estar prejudicando a sua contribuição para os afazeres do campo. A dificuldade de Samuel entre atribuir o valor devido a escola e a família, pode levar à seguinte conclusão:

E:

1. Estudar é importante ( $p$ ), mas preciso trabalhar menos ( $q$ )
2. Não posso trabalhar menos (Não  $q$ )

---

3. Estudar não é importante (Não  $p$ )

Há uma redução das aspirações de Samuel forçadas pela desigualdade. Este pode ser um caso em que há uma estratégia familiar por conta das dificuldades que passam. Entretanto, consideramos que também há uma falha na capacidade reflexiva neste caso, a maneira de resolver o conflito entre estudo e ajudar a família é reduzir a importância de um dos valores. A escolha pelo trabalho no campo em detrimento da educação pode ser porque, na sua percepção, as perdas sentidas por Samuel ao deixar de trabalhar serão maiores que os potenciais ganhos que a educação formal pode dar. Sua resposta ao conflito psicológico pela falta de escolhas é recusar a educação como algo importante para sua vida.

Além disso, a escolha de Samuel é sustentada por uma cultura de baixas aspirações do lugar onde vive e da menor escolaridade das pessoas de sua comunidade. Sendo assim, há uma maior similaridade entre a necessidade de trabalhar menos e a importância da educação. O que torna para Samuel, e todas as pessoas que vivem ao seu redor, uma verdade absoluta sobre seu modo de vida: é mais importante trabalhar e ajudar a família do que se dedicar aos estudos. Essa relação pode ser vista da seguinte forma:

F:

1. Uma vida gratificante ( $p$ ) exige trabalho duro ( $q$ )
2. Minha vida no campo exige trabalho duro ( $q$ )

---

3. Minha vida é gratificante ( $p$ )

O trabalho passa a ser um valor que suprime todos os outros, e sustenta que o indivíduo renuncie a outros que entram em conflito, como a educação. Há uma habituação com o modo de vida que se vive, que não permite ver o potencial que valores dignos de serem desejados podem trazer a sua vida. É possível, então, que Samuel rejeite estudar mesmo que abra uma escola na sua comunidade ou que seus pais deixem de precisar de sua ajuda em algum momento. Ele agora acredita que seu lugar no mundo é este, e o que não estava a seu alcance não era para ele de qualquer maneira.

***Caso 3:*** Sarah vive em uma pequena região, extremamente pobre e de cultura muito tradicional e patriarcal, que entende o papel das mulheres como subordinado ao desejo dos homens. Desde pequena foi ensinada a cuidar da casa e do marido. Além disso, os escassos recursos tornam até mesmo o acesso a alimentação difícil. Por conta das difíceis condições, ela recebe uma ajuda financeira do governo para as despesas da sua família.

Na cultura da região de Sarah, o chefe da família costuma ser o homem, que provém os meios para que se compre a comida e o que mais precisar. O dinheiro que Sarah passou a receber permitiria que ela tivesse autonomia sobre os gastos do lar, mas ela sente que esse não pode ser o papel dela como mulher, pois estaria desrespeitando seu marido:

G:

1. Gostaria de assumir os gastos da casa ( $p$ ), mas eu desrespeitaria meu marido ( $q$ )
  2. Não posso desrespeitar meu marido (Não  $q$ )
- 
3. Não gostaria de assumir os gastos da casa (Não  $p$ )

Assumir o controle dos gastos da casa daria mais autonomia a Sarah, mas ela não seria bem-vista pelos seus amigos e sua família. A perda de *status* entre as pessoas que sente afeto supera os benefícios de ter a autonomia para gerir a vida da família. Sendo assim, há uma falha na capacidade plena de reflexão de Sarah, e ela rebaixa a importância de ter autonomia nos gastos da casa. Ao mesmo tempo, é reforçada a ideia de que seu papel como mulher é mais completo do jeito que está:

H:

1. Uma mulher de valor ( $p$ ) respeita seu marido ( $q$ )
  2. Eu respeito meu marido ( $q$ )
- 
3. Sou uma mulher de valor ( $p$ )

Essa inferência é falsa pois o respeito ao marido é o que subtrai de Sarah o valor como ser humano. Há uma redução da própria importância no seu papel na família, mas ela mantém o valor priorizado pelas pessoas que a cercam. Ela possui muitos incentivos para entrar em conformidade com a sua situação e aceitá-la e muito pouco para buscar a própria autonomia. Se entender como uma mulher de valor nesta situação também responde a uma acomodação psicológica do mal-estar de pensar que estaria melhor em uma outra. Isso é reforçado pelas comparações interpessoais que ela faz com as outras mulheres da sua comunidade.

Os três casos mostram que há uma racionalidade quando as preferências são adaptadas. Eles também se diferenciam do planejamento de caráter, pois não é uma estratégia deliberada. São as condições do modo de vida que impõe a lógica que predomina nas PAs, e elas são endossadas por falhas na capacidade plena de refletir. Não são as privações responsáveis por estas falhas, mas estas falhas que não permitem que outros caminhos possam ser vistos e desejados, contribuindo para a perpetuação das privações.

Outros casos podem ilustrar o papel central das privações e como sua ausência não caracteriza uma PA paradigmática:

I:

1. Gostaria de ter uma Ferrari ( $p$ ) mas elas custam muito dinheiro ( $q$ )
  2. Não tenho muito dinheiro (Não  $q$ )
- 
3. Não gostaria de ter uma Ferrari (Não  $p$ )

Por mais que muitas pessoas desejassem um carro de luxo, também existem motivos para um indivíduo que não tem muito dinheiro não gostar de uma Ferrari. Pode ser que não goste do modelo, ou mesmo de carros. Mas também estamos sujeitos a não desejar bens que são muito difíceis de alcançar. Uma aspiração mais modesta, como um carro popular, pode nos trazer mais satisfação do que uma meta que nos parece inalcançável. Entretanto, não desejar um carro de luxo não nos priva de algo que seja indispensável para que tenhamos uma vida verdadeiramente significativa, reduzir seu valor não causa nenhum dano.

Além disso, essa lógica pode até mesmo beneficiar o indivíduo, orientando para caminhos que melhores seu bem-estar objetivo. Imagine alguém que sonha em ser jogador de basquete pois é muito fã do esporte:

J:

1. Sinto prazer ao jogar basquete ( $p$ ) mas é para pessoas altas ( $q$ )
  2. Não sou alto (Não  $q$ )
- 
3. Não sinto prazer ao jogar basquete (Não  $p$ )

Por mais que existam jogadores de basquete que não sejam altos, eles são uma minoria considerável. Dificilmente alguém baixo teria sucesso como jogador profissional de basquete. Se a importância do basquete foi reduzida para redirecionar o indivíduo para uma outra carreira que dê valor e tenha mais chance de sucesso, a falha na capacidade reflexiva plena pode ter contribuído para melhorar o modo de vida desta pessoa.

#### 4. Conclusão

Neste trabalho, exploramos a razão por trás de nossas escolhas e como elas podem afetar nosso bem-estar psicológico quando nossas possibilidades são limitadas. Discutimos o fenômeno das PAs, uma mudança endógena dos desejos em decorrência da distorção dos nossos valores. Através de exemplos em esquemas lógicos, mostramos como os indivíduos endossam valores e preferências que os mantêm em situação de privação. As razões para isso podem estar relacionadas a fenômenos já discutidos na psicologia e economia comportamental, como redução da dissonância cognitiva, aversão à perda, viés de *status quo* e efeito dotação. Todos esses fenômenos contribuem para que o indivíduo não desenvolva com plenitude a capacidade de refletir sobre a sua situação.

Esses também podem ser casos em que não há perdas objetivas no que as pessoas podem ser ou fazer (TESCHL; COMIM, 2005), então devem ser considerados os casos em que são nutridos valores que perpetuam preferências danosas ao modo de vida das pessoas. Então é necessário reconhecer que todas as pessoas estão sujeitas ao comprometimento da capacidade de reflexão, que podemos endossar nossas preferências em alguma medida sem compreender que nossas opções são limitadas, mas apenas em alguns casos isso representa uma injustiça contra si mesmo. Além disso, uma escolha que nos parece ruim pode representar a melhor opção disponível para uma pessoa que não tem muitos caminhos para escolher.

Para a o desenvolvimento de políticas, se faz necessária uma visão normativa das liberdades e possibilidades do que as pessoas minimamente deveriam valorizar para desejar de maneira autônoma (NUSSBAUM, 2001). Além disso, quando a capacidade para refletir está presente (ou seja, não há nenhum defeito cognitivo que impeça de ponderar sobre a própria

vida), uma política coerciva que induza novos valores pode desencorajar o desenvolvimento da reflexão crítica (TERLAZZO, 2016). Sendo assim, é mais respeitoso ampliar as oportunidades dos indivíduos para favorecer o desenvolvimento da criticidade e outros valores substantivos, deixando espaço para que a formação das preferências seja mais autônoma.

O esquema lógico para o endosso dos valores distorcidos procurou mostrar que há uma racionalidade lógica quando as preferências são adaptadas. Entretanto, ela é submetida a falhas e vieses típicos do comportamento humano. Isso significa que a discussão sobre as PAs ainda pode ser ampliada considerando em quais outras situações específicas esses fenômenos podem contribuir para perpetuar ou ampliar as desigualdades.

### Referências

AUSTIN, A. Practical reason in hard times: The effects of economic crisis on the kinds of lives people in the UK have reason to value. **Journal of Human Development and Capabilities**, vol. 17, nº 2, p. 225–244, 2 abr. 2016. DOI 10.1080/19452829.2015.1076776. Disponível em: <http://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/19452829.2015.1076776>.

BERLIN, I. Two concepts of liberty. **Four essays on liberty**. New York: Oxford University Press, 1969.

BRIDGES, D. Adaptive preference, justice and identity in the context of widening participation in higher education. **Ethics and Education**, vol. 1, nº 1, p. 15–28, mar. 2006. DOI 10.1080/17449640600584946. Disponível em: <http://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/17449640600584946>.

BRUCKNER, D. W. In defense of adaptive preferences. **Philosophical Studies**, vol. 142, nº 3, p. 307–324, 24 fev. 2009. DOI 10.1007/s11098-007-9188-7. Disponível em: <http://link.springer.com/10.1007/s11098-007-9188-7>. Acessado em: 6 maio 2023.

COMIM, F. Capabilities and happiness: Potential synergies. **Review of Social Economy**, vol. 63, nº 2, p. 161–176, jun. 2005. DOI 10.1080/00346760500129871. Disponível em: <http://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/00346760500129871>.

CRETTAZ, E.; SUTER, C. The impact of adaptive preferences on subjective indicators: An analysis of poverty indicators. **Social Indicators Research**, vol. 114, nº 1, p. 139–152, 2 out. 2013. DOI 10.1007/s11205-013-0388-6. Disponível em: <http://link.springer.com/10.1007/s11205-013-0388-6>.

DIENER, E. Subjective well-being. **Psychological Bulletin**, vol. 95, nº 3, p. 542–575, 1984. <https://doi.org/10.1037/0033-2909.95.3.542>.

DIENER, E.; SUH, E. M.; LUCAS, R. E.; SMITH, H. L. Subjective well-being: Three decades of progress. **Psychological Bulletin**, vol. 125, nº 2, p. 276–302, 1999. <https://doi.org/10.1037/0033-2909.125.2.276>.

EASTERLIN, R. A. Does Economic Growth Improve the Human Lot? Some Empirical Evidence. **Nations and Households in Economic Growth**. New York: Academic Press, 1974. p. 89–125. DOI 10.1016/B978-0-12-205050-3.50008-7. Disponível em: <https://linkinghub.elsevier.com/retrieve/pii/B9780122050503500087>.

EASTERLIN, R. A. Will raising the incomes of all increase the happiness of all? **Journal of Economic Behavior & Organization**, vol. 27, nº 1, p. 35–47, jun. 1995. DOI 10.1016/0167-2681(95)00003-B. Disponível em: <https://linkinghub.elsevier.com/retrieve/pii/016726819500003B>.

ELSTER, J. Self-poisoning of the mind. **Philosophical Transactions of the Royal Society B: Biological Sciences**, vol. 365, nº 1538, p. 221–226, 27 jan. 2010. DOI 10.1098/rstb.2009.0176. Disponível em: <https://royalsocietypublishing.org/doi/10.1098/rstb.2009.0176>. Acessado em: 6 maio 2023.

ELSTER, J. **Sour grapes: Studies in the subversion of rationality**. Cambridge: Cambridge University Press, 1983. <https://doi.org/10.1017/CBO9781316494172>.

FESTINGER, L. **Teoria da dissonância cognitiva**. Rio de Janeiro: Zahar, 1957.

GASPER, D. What is the capability approach? Its core, rationale, partners and dangers. **The Journal of Socio-Economics**, vol. 36, nº 3, p. 335–359, jun. 2007. DOI 10.1016/j.socec.2006.12.001. Disponível em: <https://linkinghub.elsevier.com/retrieve/pii/S1053535706001090>.

GINTIS, H.; ROMER, P. **The human side of economic analysis: Economic environments and the evolution of norms and preferences**. 1998.

GROVES, C.; SHIRANI, F.; PIDGEON, N.; CHERRY, C.; THOMAS, G.; ROBERTS, E.; HENWOOD, K. ‘The bills are a brick wall’: Narratives of energy vulnerability, poverty and adaptation in South Wales. **Energy Research & Social Science**, vol. 70, p. 101777, 1 dez. 2020. DOI 10.1016/j.erss.2020.101777. Disponível em: <https://linkinghub.elsevier.com/retrieve/pii/S2214629620303522>.

HALLERÖD, B. Sour grapes: Relative deprivation, adaptive preferences and the measurement of poverty. **Journal of Social Policy**, vol. 35, n° 3, p. 371–390, jul. 2006. <https://doi.org/10.1017/S0047279406009834>.

HAUSHOFER, J.; FEHR, E. On the psychology of poverty. **Science**, vol. 344, n° 6186, p. 862–867, 23 maio 2014. DOI 10.1126/science.1232491. Disponível em: <https://www.science.org/doi/10.1126/science.1232491>.

KAHNEMAN, D.; KNETSCH, J. L.; THALER, R. H. Anomalies: The endowment effect, loss aversion, and status quo bias. **Journal of Economic Perspectives**, vol. 5, n° 1, p. 193–206, 1 fev. 1991. DOI 10.1257/jep.5.1.193. Disponível em: <https://pubs.aeaweb.org/doi/10.1257/jep.5.1.193>.

KAHNEMAN, D.; TVERSKY, A. Choices, values, and frames. **American Psychologist**, vol. 39, n° 4, p. 341–350, 1984. Disponível em: [www.worldscientific.com](http://www.worldscientific.com).

KAHNEMAN, D.; TVERSKY, A. **Prospect Theory: An analysis of decision under risk**, 1979. Disponível em: <https://about.jstor.org/terms>.

KHADER, S. J. Adaptive Preferences and Procedural Autonomy. **Journal of Human Development and Capabilities**, vol. 10, n° 2, p. 169–187, 1 jul. 2009. DOI 10.1080/19452820902940851. Disponível em: <http://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/19452820902940851>. Acessado em: 4 maio 2023.

KHADER, S. J. Identifying adaptive preferences in practice: lessons from postcolonial feminisms. **Journal of Global Ethics**, vol. 9, n° 3, p. 311–327, 1 dez. 2013. DOI 10.1080/17449626.2013.818379. Disponível em: <http://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/17449626.2013.818379>.

MAILÄNDER, E. Everyday conformity in Nazi Germany. **The Palgrave Handbook of Mass Dictatorship**. London: Palgrave Macmillan UK, 2016. p. 399–411. DOI 10.1057/978-1-137-43763-1\_32. Disponível em: [http://link.springer.com/10.1057/978-1-137-43763-1\\_32](http://link.springer.com/10.1057/978-1-137-43763-1_32).

MOIR, E.; LEYSHON, M. The design of decision-making: participatory budgeting and the production of localism. **Local Environment**, vol. 18, n° 9, p. 1002–1023, out. 2013. DOI 10.1080/13549839.2012.752798. Disponível em: <http://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/13549839.2012.752798>.

NUSSBAUM, M. C. Symposium on Amartya Sen's philosophy: 5 Adaptive preferences and women's options. **Economics and Philosophy**, vol. 17, n° 1, p. 67–88, 17 abr. 2001. DOI 10.1017/S0266267101000153. Disponível em:

[https://www.cambridge.org/core/product/identifier/S0266267101000153/type/journal\\_article](https://www.cambridge.org/core/product/identifier/S0266267101000153/type/journal_article).

NUSSBAUM, M. C. **Women and human development: The capabilities approach**. New York: Cambridge University Press, 2000.

RIPLEY, A. I stopped reading the news. Is the problem me - or the product?. **The Washington Post**, 2022. Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/opinions/2022/07/08/how-to-fix-news-media/>. Acessado em: 20 ago. 2022.

ROBBINS, L. **An Essay on the Significance of Economic Science**. Second. London: Macmillan, 1935.

RYDGREN, J. The Logic of Xenophobia. **Rationality and Society**, vol. 16, n° 2, p. 123–148, 15 maio 2004. DOI 10.1177/1043463104043712. Disponível em: <http://journals.sagepub.com/doi/10.1177/1043463104043712>.

SEN, A. Democracy as a universal value. **Journal of Democracy**, vol. 10, n° 3, p. 3–17, 1999. Disponível em: <https://www.journalofdemocracy.org/authors/amartya-kumar->.

SEN, A. **Employment, Technology and Development**. Oxford: Oxford University Press, 1975.

SEN, A. Freedom of choice: Concept and content. **European Economic Review**, vol. 32, n° 2–3, p. 269–294, mar. 1988. DOI 10.1016/0014-2921(88)90173-0. Disponível em: <https://linkinghub.elsevier.com/retrieve/pii/0014292188901730>.

SEN, A. **Gender and cooperative conflicts**, n. 18. Helsinki: 1987.

SEN, A. **Inequality Reexamined**. Cambridge: Harvard University Press, 1995(Russell Sage Foundation Bks). Disponível em: <https://books.google.es/books?id=HvMX68tJXqUC>.

SEN, A. Well-Being, Agency and Freedom: The Dewey Lectures 1984. **The Journal of Philosophy**, vol. 82, n° 4, p. 169, abr. 1985. DOI 10.2307/2026184. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/2026184?origin=crossref>. Acessado em: 7 maio 2023.

SUNSTEIN, C. R. Preferences and Politics. **Philosophy & Public Affairs**, vol. 20, n° 1, p. 3–34, 1991. Disponível em: <https://about.jstor.org/terms>.

TERLAZZO, R. Conceptualizing Adaptive Preferences Respectfully: An Indirectly Substantive Account. **Journal of Political Philosophy**, vol. 24, n° 2, p. 206–226, 1 jun. 2016.

DOI 10.1111/jopp.12062. Disponível em:

<https://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/jopp.12062>. Acessado em: 6 maio 2023.

TESCHL, M.; COMIM, F. Adaptive preferences and capabilities: Some preliminary conceptual explorations. **Review of Social Economy**, vol. 63, n° 2, p. 229–247, jun. 2005. DOI

10.1080/00346760500130374. Disponível em:

<http://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/00346760500130374>.

TVERSKY, A.; KAHNEMAN, D. Judgment under Uncertainty: Heuristics and Biases.

**Science**, vol. 185, n° 4157, p. 1124–1131, 27 set. 1974. DOI 10.1126/science.185.4157.1124.

Disponível em: <https://www.science.org/doi/10.1126/science.185.4157.1124>.

VEYNE, P. **Bread and circuses: Historical sociology and political pluralism**. London: Penguin Books, 1990.

## **Ensaio 2 – Diferentes privações, valores heterogêneos e seus efeitos no bem-estar subjetivo**

### **1. Introdução**

A maneira pela qual atribuímos importância as coisas que nos cercam e como projetamos nossas metas e desejos está intimamente ligada à nossa percepção sobre a felicidade e a satisfação com a vida. Entretanto, as circunstâncias em que vivemos também podem ser definidoras das nossas motivações, seja pela cultura quanto pelas oportunidades que podemos enxergar a nossa frente.

Os nossos valores são carregados das motivações que nos orientam. Em contextos de privação, estamos mais sujeitos a aceitar o que nos é apresentado (SEN, 1995), nos habituando as poucas perspectivas que aparecem. Esse tipo de comportamento leva a adequações no nosso nível de satisfação com a própria vida de modo a torná-la mais tolerável. Por isso é importante que sejam determinados quais são os domínios da vida que todos seres humanos deveriam valorizar e desejar (NUSSBAUM, 2000).

Apesar da necessidade de estabelecer os aspectos que são substancialmente importantes para nossas vidas, a priorização de valores dos indivíduos é ditada pela posição em que ocupa na sociedade, tanto pelas comparações interpessoais com seus pares quanto por aspectos objetivos de suas vidas, como os níveis de renda (SCHWARTZ, 2006), educação (STEINMETZ *et al.*, 2009) e saúde (AAVIK; DOBEWALL, 2017). Pessoas mais pobres desejam e priorizam fatores que interferem na sua vida diferentemente das pessoas mais ricas, e isso as fazem sentir mais ou menos satisfeitas. Sendo assim, a relação entre os valores e os níveis de bem-estar subjetivo (como felicidade e satisfação) é importante para políticas que queiram prover desenvolvimento, inclusão ou ascensão social, seja pela sua efetividade ou pela necessidade de enxergar além das demandas sociais.

Alguns trabalhos já investigaram e teorizaram sobre os efeitos dos valores humanos no bem-estar subjetivo (BRUNA, 2022; MORRISON; WECKROTH, 2018; SORTHEIX; LÖNNQVIST, 2014; SORTHEIX; SCHWARTZ, 2017). Entretanto, não existem trabalhos que verificam o efeito das privações no impacto da priorização de determinados valores no bem-estar subjetivo. Além das motivações sobre as diferenças contextuais já explicadas, as privações têm um apelo importante para a formação de motivações humanas, pois levam as pessoas a estarem mais sujeitas a mecanismos de recompensa psicológica para mitigar seu sofrimento, como

processos de redução da dissonância cognitiva (FESTINGER, 1957), em particular as preferências adaptativas (ELSTER, 1983).

Este trabalho utiliza a Teoria dos Valores Humanos de Schwartz (1992) para analisar se a predominância de valores individuais distintos impacta diferentemente o bem-estar percebido, especificamente a satisfação com a vida, de pessoas expostas a determinadas privações. Como estudos anteriores que utilizam este arcabouço teórico para avaliar os efeitos dos valores humanos no bem-estar subjetivo, utilizamos dados europeus do *European Social Survey*, porém com um número maior de observações pois incluímos mais de uma ronda (2012 a 2018). Também verificamos a alteração das relações dos valores com o bem-estar subjetivo na presença de controles discutidos em outras literaturas que avaliam impactos na satisfação com a vida, e testamos se as hipóteses e resultados discutidos nesse trabalho são generalizáveis para outras medidas de bem-estar subjetivo. Além disso, substituímos variáveis controle subjetivas relacionadas a saúde e a renda, que são comumente utilizadas em exercícios econométricos que avaliam efeitos no bem-estar subjetivo, por variáveis objetivas representativas dessas dimensões, e verificamos se existem alterações significativas nos impactos dos valores humanos na satisfação individual

Para cumprir com esses objetivos este trabalho apresenta na seção seguinte uma discussão teórica sobre os valores humanos e suas implicações teóricas para o bem-estar subjetivo. Além disso, conta com a formulação de hipóteses sobre as privações e sua ausência, que adicionam elementos de trabalhos empíricos sobre a relação entre os valores e o bem-estar subjetivo, a formação de preocupações associadas a determinados valores (SCHWARTZ; SAGIV; BOEHNKE, 2000) e a atuação de mecanismos de redução de dissonância e adaptação de preferências.

Na seção posterior, tratamos de apresentar os dados e a metodologia utilizada, explicando a categorização das variáveis de privação e da modelagem que abarca as variações geográficas da satisfação a nível regional e de país. Dessa seção, segue uma breve apresentação dos resultados, focando nos valores humanos e suas interações com as categorias de privação, assim como os testes realizados para identificar a influência dos controles, robustez dos resultados e a generalização para outras medidas de bem-estar. Os resultados são discutidos na seção subsequente, avaliando as hipóteses formuladas, utilizando elementos teóricos discutidos e evidências empíricas quando possível. Por fim, conclui-se o trabalho com a apresentação dos principais resultados e discussões, juntamente com as limitações e desdobramentos que podem instigar trabalhos futuros.

## 2. Fundamentação teórica e formulação de hipóteses

Os valores misturam crenças pessoais com desejos por modos de conduta ou de estados finais do indivíduo. Eles servem de referência para a escolha ou avaliação de comportamentos, de situações cotidianas, de pessoas e da sociedade (SCHWARTZ, 1994, 1992). As pessoas priorizam determinados valores em detrimento de outros, conforme suas necessidades básicas, suas oportunidades e barreiras que encontram e, também, suas concepções do que é permitido e proibido no ambiente em que vivem. Por ser uma estrutura cognitiva, os valores estimulam e são estimulados, podendo se tornar infundidos de sentimentos ou provocar outros sentimentos (SCHWARTZ, 2003). Podemos sentir excitação ao defender fervorosamente um valor que nos é caro, como a igualdade, ou se percebemos circunstâncias desiguais no ambiente em que vivemos, podemos nos sentir frustrados.

As implicações psicológicas e sociais dos valores são objeto de estudo de pesquisadores de diversas áreas. Schwartz (1992), por exemplo, ao propor 10 orientações de valores básicos, contribuiu para o debate e compreensão das prioridades de determinados valores em diferentes culturas. Estudos fundamentados em teorias de valor anteriores – *surveys* e discussões teóricas – validaram a proposta de Schwartz (1992) em mais de 60 países (SCHWARTZ, 2003). O Quadro 2 apresenta as 10 orientações de valor propostos por Schwartz e suas definições.

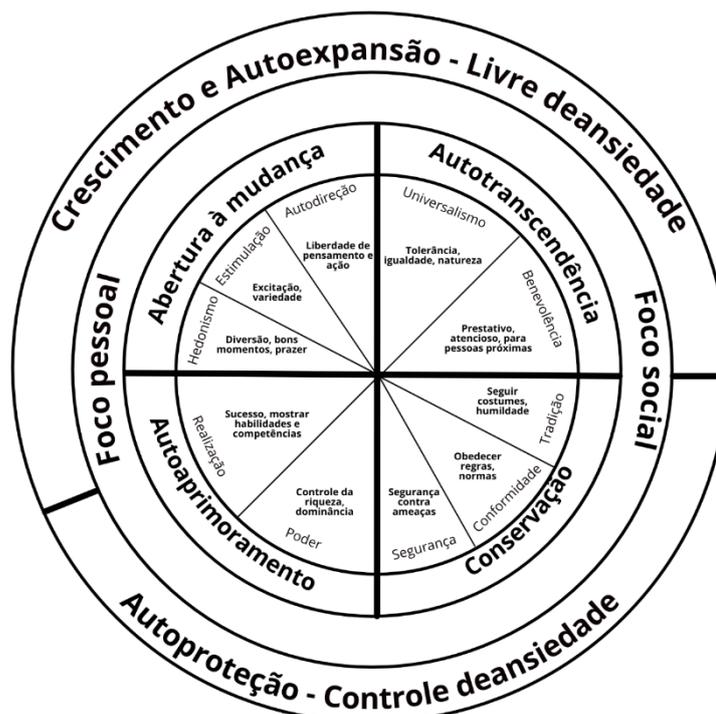
As 10 orientações de valores básicos podem ser agrupadas em quatro conjuntos que são visualizados em duas dimensões que se opõem: abertura à mudança (autodireção, estimulação e hedonismo) *versus* conservação (tradição, conformidade e segurança) e autoaperfeiçoamento (poder e realização) *versus* autotranscendência (universalismo e benevolência. O *continuum* da Figura 1 apresenta a disposição destas dimensões, em que os grupos que têm motivações divergentes encontram-se em regiões opostas. Os valores agrupados no conjunto abertura à mudança motivam as pessoas a seguir seus interesses, enquanto valores relacionados com conservação procuram preservar o *status quo* e a certeza das relações. Os valores considerados como autoaperfeiçoamento motivam as pessoas a melhorarem seus interesses pessoais, enquanto os valores vinculados à autotranscendência buscam a preocupação com os outros e a natureza.

**Quadro 2** – Definição das dez orientações de valor e questões do ESS que as compõem

<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Self-Direction:</b> Independent thought and action-choosing, creating, exploring (creativity, freedom, independent, curious, choosing own goals).</li> </ul>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Stimulation:</b> Excitement, novelty, and challenge in life (daring, a varied life, an exciting life).</li> </ul>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Hedonism:</b> Pleasure and sensuous gratification for oneself (pleasure, enjoying life, self-indulgence).</li> </ul>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Achievement:</b> Personal success through demonstrating competence according to social standards (successful, capable, ambitious, influential).</li> </ul>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Power:</b> Social status and prestige, control or dominance over people and resources (social power, authority, wealth, preserving my public image).</li> </ul>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Security:</b> Safety, harmony and stability of society, of relationships, and of self (family security, national security, social order, clean, reciprocation of favors)</li> </ul>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Conformity:</b> Restraint of actions, inclinations, and impulses likely to upset or harm others and violate social expectations or norms (politeness, obedient, self-discipline, honoring parents and elders).</li> </ul>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Tradition:</b> Respect, commitment and acceptance of the customs and ideas that traditional culture or religion provide the self (humble, accepting my portion in life, devout, respect for tradition, moderate).</li> </ul>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Benevolence:</b> Preservation and enhancement of the welfare of people with whom one is in frequent personal contact (helpful, honest, forgiving, loyal, responsible).</li> </ul>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Universalism:</b> Understanding, appreciation, tolerance and protection for the welfare of all people and for nature (broadminded, wisdom, social justice, equality, a world at peace, a world of beauty, unity with nature, protecting the environment).</li> </ul>

Fonte: Elaborado pelos autores, utilizando informações de Schwartz (2003).

**Figura 1** – *Continuum* das 10 orientações de valores humanos de Schwartz



Fonte: Elaborado pelos autores a partir de Sortheix e Schwartz (2017, p. 189).

Os valores são definidos pelas suas metas ou orientações e a sua organização dentro do *continuum* indica como eles se relacionam entre si. Quanto mais próximo um valor está de outro, mais similares são suas motivações. Ou seja, valores vizinhos possuem motivações similares. Quanto mais distantes, mais contrastantes serão as motivações destes valores. A persecução dos diversos tipos de valores leva as pessoas a lidarem com estas afinidades e divergências quando elencam suas prioridades de valor ou buscam outros valores, resultando em consequências práticas, sociais e psicológicas para si (SCHWARTZ, 2003, 1992). De maneira análoga, se um valor é importante para determinar um aspecto da vida humana, como a felicidade ou a satisfação com a vida, os valores adjacentes no *continuum* também devem ser. Já os valores mais afastados, que se encontram na outra extremidade do *continuum*, devem correr na direção oposta, no sentido de reduzir a satisfação.

Tendo em conta as diferentes influências que sofrem as motivações humanas e a satisfação com a vida, Sortheix e Schwartz (2017) propõem organizar o *continuum* para entender a relação das orientações de valor com o bem-estar subjetivo. Consideram os efeitos dos valores na ansiedade dos indivíduos e se estes têm foco mais voltado ao pessoal ou ao social. Estas duas estruturas também se organizam em círculo e seu resultado está apresentado nas duas camadas mais externas do *continuum* da Figura 1.

O conjunto de valores que forma o grupo autoproteção/controlar de ansiedade (valores de poder e conservação) sustentam a necessidade de evitar, ou ao menos controlar, a ansiedade, com vistas a superar a imprevisibilidade, insegurança e ameaça do ambiente. Os valores deste conjunto tendem a reduzir os níveis de bem-estar subjetivo. Por outro lado, os valores pertencentes ao grupo crescimento e autoexpansão/libre de ansiedade (valores de abertura à mudança e autotranscendência) oportunizam que se procure satisfazer a inerente necessidade de autonomia, prazer e relacionamento dos indivíduos, aumentando os níveis de bem-estar subjetivo. O valor de realização compartilha aspectos de crescimento e autoproteção.

A característica de foco pessoal de alguns valores (abertura à mudança e autoaperfeiçoamento) induz os indivíduos a se portar de maneira autônoma, expressar suas capacidades e interesses e buscar os próprios objetivos. Esta finalidade no eu incentiva o bem-estar-subjetivo. Já o foco social (autotranscendência e autoaperfeiçoamento) é característico de valores que têm como objeto as necessidades de outros, controlar as relações sociais e manter os relacionamentos benéficos. Diferentemente do primeiro, em que empenho individual pode ser o bastante para se alcançar os valores centrados no indivíduo, o foco social demanda

articulação constante com os outros, o que pode ser custoso ao bem-estar subjetivo (SORTHEIX; SCHWARTZ, 2017).

Levando em consideração a combinação destes dois aspectos, crescimento *versus* autoproteção e foco pessoal *versus* foco social, Sortheix e Schwartz (2017) levantam uma série de hipóteses sobre a relação dos valores com o bem-estar subjetivo. Segundo os autores, os valores com foco pessoal e orientação ao crescimento, ou seja, valores de abertura à mudança, deveriam contribuir positivamente para o bem-estar subjetivo. Os valores com foco social e orientação à autoproteção, ou seja, valores de conservação, deveriam mitigar o bem-estar subjetivo. As outras duas combinações, valores de autoaperfeiçoamento (autoproteção + foco pessoal) e autotranscendência (crescimento + foco social) podem ser dominados por qualquer um de seus aspectos ou não ter qualquer associação com o bem-estar subjetivo. As hipóteses foram testadas e confirmadas através de análise hierárquica para dados europeus de 32 países pesquisado pelo *European Social Survey* (ESS), tendo a satisfação com a vida como dependente, em modelos individuais para cada um dos 10 valores como variáveis explicativas. Também testaram a moderação cruzada pelo igualitarismo cultural, o que aumentou a intensidade da relação positiva dos valores de abertura à mudança e negativa dos valores de conservação, enquanto os valores de autoaperfeiçoamento se tornaram menos negativos e os valores de autotranscendência menos positivos.

Anteriormente, Sortheix e Lönnqvist (2014) investigaram as relações dos valores pessoais com a satisfação com a vida utilizando o IDH como moderador contextual. Os resultados para 25 países presentes no ESS mostraram que o IDH moderou 8 dos 10 valores. A benevolência e o hedonismo apresentaram relação positiva para todos os países, enquanto poder e segurança relação negativa. Para países com baixo IDH, a realização se relacionou positivamente enquanto no universalismo o efeito foi positivo.

Morrison e Weckroth (2018) avaliaram a associação dos valores nos baixos níveis de bem-estar subjetivo em regiões metropolitanas. Utilizando dados do ESS para a Finlândia, constataram que nas regiões metropolitanas os valores extrínsecos (crescimento) e com foco pessoal, como poder e realização, são mais suscetíveis de serem priorizados e estão associados à redução do bem-estar subjetivo.

Bruna (2022) analisou os efeitos conjuntos dos valores no bem-estar subjetivo a nível individual e contextual. Em modelos multinível, conclui que os fatores nacionais explicam mais a dispersão da satisfação com a vida individual do que os fatores regionais. De maneira geral, os resultados de seu estudo confirmam as hipóteses de Sortheix e Schwartz (2017), com apenas

um resultado destoante: a conformidade apresentou relação positiva com a satisfação com a vida.

Apesar dos resultados desses trabalhos apontarem relações dos valores com a satisfação com a vida sobre a influência de diferentes fatores conjunturais, não há investigação sobre como contextos de privação individual podem levar a alterações nas associações dos valores com a satisfação com a vida. Além disso, não há clareza sobre as causalidades que levem indivíduos em determinadas posições sociais a se sentirem mais satisfeitos ao priorizar determinados valores, e a análise de diferentes estratos pode inspirar novas direções para o esclarecimento da teoria.

Partindo das hipóteses mais gerais desses trabalhos e das evidências empíricas, formulamos suposições para a relação dos valores com o bem-estar subjetivo para pessoas em privação e para pessoas que conseguiram realizar seus funcionamentos. Neste trabalho, utilizamos a satisfação com a vida como medida do bem-estar subjetivo. Nossas hipóteses também foram formuladas considerando esse parâmetro de bem-estar subjetivo.

Como já comentado anteriormente, os valores de abertura à mudança (autodireção, estimulação e hedonismo) combinam a orientação ao crescimento com o foco pessoal. De maneira geral, destacam a autonomia, a agência e fomentam a novidade e o desafio. Por esse motivo devem aumentar a satisfação com a vida. Os valores que compõem a categoria autoaperfeiçoamento (realização e poder) combinam a orientação à autoproteção, em sua maior parte, com o foco pessoal. As motivações de seus valores se concentram na estima social, ou pela demonstração de competência ou pela preservação de seu *status* (SCHWARTZ, 1992).

A dimensão dos valores de conservação (segurança, conformidade e tradição) se caracteriza pela sujeição ao *status quo*, evitando os conflitos, as mudanças e as incertezas. Exatamente nestas situações esses valores tendem a aumentar sua importância. Combinam orientação à autoproteção com o foco social e, por isso, deveriam se relacionar negativamente com o bem-estar subjetivo. Os valores de autotranscendência (benevolência e universalismo) têm orientação ao crescimento e foco social. A meta desses valores é a promoção de bem-estar para fora de si, visando os outros e a natureza (SORTHEIX; SCHWARTZ, 2017).

De maneira a formular as hipóteses a serem analisadas, consideramos que os indivíduos possam se encontrar em duas categorias: i) fortemente privados, em que os funcionamentos realizados são poucos ou inexistentes; e ii) não privados, em que os funcionamentos estão plenamente realizados. Alguns valores podem acentuar mais seus efeitos na satisfação com a

vida em pessoas fortemente privadas do que em pessoas não privadas. Isso pode estar relacionado as motivações que encontram para amenizar ou se adequar ao contexto em que vivem.

Um importante aspecto a ser levado em consideração é que a hierarquia de valores impacta nas preocupações, aumentando a sensibilidade e a percepção de riscos que possam impedir a realização das metas valorizadas. As preocupações são uma resposta emocional negativa, assim como um aspecto do bem-estar subjetivo, sobre algum domínio da vida. Chamamos de micropreocupação quando a preocupação recai sobre o eu e suas conexões íntimas, como amigos próximos e familiares. Como, por exemplo, ficar sem dinheiro, não ter educação o suficiente para conseguir um emprego ou contrair uma doença. Já nas macropreocupações, o foco da preocupação está em entidades externas ao eu, como a sociedade ou o mundo em geral. Como, por exemplo, a pobreza no mundo, o baixo desempenho dos alunos no país ou o crescente número de morte devido à falta de acesso à saúde. Os valores de autoaperfeiçoamento são mais correlacionados as preocupações micro, enquanto os valores de autotranscendência são mais correlacionados aos valores macro. Além disso, as necessidades individuais específicas podem determinar valores ou preocupações (SCHWARTZ; SAGIV; BOEHNKE, 2000). Essas relações devem ser consideradas na formulação de hipóteses sobre como pessoas em privação desenvolvem seus valores e preocupações, e quais as possíveis repercussões para o bem-estar subjetivo. As privações colocam os indivíduos mais frequentemente em situações em que são defrontadas com fontes de micropreocupações.

Os valores humanos são resistentes a mudanças drásticas no modo de vida, como crises econômicas (REESKENS; VANDECASTEELE, 2017). São formados e fundamentados história de vida individual. As privações atuam ao restringir os recursos e o florescimento de habilidades e oportunidades, definido os objetivos e desejos que as pessoas consideram valorosos para suas vidas. Neste trabalho analisamos três domínios da vida humana para estabelecer suas privações: a renda, a educação e saúde.

Uma maior renda aumenta as oportunidades de escolher o próprio estilo de vida, mitigar as ameaças à segurança e reduzir a necessidade de controlar impulsos e manter redes de apoio sociais convencionais. Desta forma, ela deve impulsionar valores como hedonismo, autodireção, estimulação e realização. Por outro lado, deve desestimular a formação de valores de conservação (segurança, conformidade e tradição) (SCHWARTZ, 2006).

O acesso ao conhecimento promovido pela educação fomenta a autodireção, e sua característica de abertura a novas ideias contribui para a estimulação. Os valores de realização

tendem a ser mais importantes, graças as comparações de desempenho no período escolar. O universalismo aumenta de importância nos últimos anos do ensino médio, e são mais altos entre os que frequentam a universidade. O que pode ser um reflexo da expansão dos horizontes que a vida universitária permite. Por outro lado, reduz valores como conformidade e tradição, por incentivar o desafio ao *status quo*. Além disso, pode reduzir valores de segurança, por aumentar as capacidades de lidar com as adversidades. Pessoas com menor nível de educação tendem a priorizar valores de conservação (SCHWARTZ, 2003, 2006; STEINMETZ *et al.*, 2009).

Quanto a saúde, suas motivações se alinham de maneira diversa, a depender do componente em que gera a preocupação no indivíduo. Aavik e Dobewall (2017) mostram que os valores humanos de Schwartz se alinham de maneira diferente aos componentes da saúde: físico, mental, social e emocional. Em seu *survey online*, com 1.818 respondentes da Estônia, verificou que a benevolência está associada a saúde social, enquanto universalismo e segurança estão relacionados a saúde mental e física.

À exceção da saúde e suas particularidades, as privações parecem tender a reduzir valores de autoaperfeiçoamento e abertura à mudança, como hedonismo, autodireção, estimulação e realização, enquanto tende a aumentar valores de conservação, como conformidade, tradição e segurança. Os efeitos na satisfação com a vida, tanto das pessoas em privação como fora dela, devem levar em conta que a proximidade local também fomenta as motivações e metas humanas, e que indivíduos com valores dissonantes de seus pares devem ter seus níveis de bem-estar subjetivo reduzido (APPADURAI, 2004; MORRISON; WECKROTH, 2018). Sendo assim, indivíduos em privação devem ter seus efeitos na satisfação com a vida ampliados quando estão em consonância com seus pares, e reduzidos quando ocorre o oposto.

Além disso, os mais privados deveriam ter aumentada a importância de valores que correspondessem as suas micropreocupações. Aparentemente, isso não ocorre para valores que beneficiam o bem-estar subjetivo, como hedonismo, poder, realização e autodireção, mas acontece com segurança, que é prejudicial. Essas particularidades da privação podem reduzir os efeitos benéficos ou agravar os efeitos perniciosos desses valores na satisfação com a vida.

A priorização de alguns valores pode ter seus efeitos positivos na satisfação com a vida mitigados quando o indivíduo se encontra em privação. Os valores de autodireção, por exemplo, têm origem nas necessidades de controle e domínio do organismo e das exigências da autonomia, objetivando o pensamento livre e independente (SCHWARTZ, 1992) e a privação reduz a capacidade de agência, mitigando os efeitos benéficos da autodireção na satisfação com

a vida nos indivíduos privados que priorizam esse valor. Além disso, é provável que as pessoas em privação valorizem menos esse tipo de valor, pois são menos importantes para quem tem menor renda e nível educacional, e as micropreocupações tendem a reduzi-lo. Sendo assim, pelas comparações interpessoais, a autodireção pode exercer um efeito perverso à satisfação com a vida em pessoas em privação.

As motivações que compõem os valores de hedonismo são o prazer e a gratificação sensual para si próprio. Deriva das necessidades relacionadas ao organismo e do prazer ao satisfazê-las (SCHWARTZ, 1992). Os valores hedonistas objetivam, então, aumentar a satisfação própria, dessa maneira, indivíduos que priorizam esse valor tendem a ter mais satisfação com a vida. A lógica apresentada anteriormente leva a crer que o hedonismo favorece mais as pessoas não privadas que as em privação. Entretanto, à medida que as circunstâncias da vida melhoram, tendemos a reduzir os ganhos nos nossos níveis de bem-estar subjetivo. De maneira análoga, quando algo ruim acontece, tendemos a recuperar os níveis de bem-estar subjetivo (DIENER; LUCAS; SCOLLON, 2009). As pessoas têm uma tendência natural a se adaptarem a novas experiências e a considerá-las normais com o tempo. Quanto mais as pessoas experimentam o sucesso ou o prazer, mais elas esperam dessas experiências no futuro. Isso pode levar a um ciclo constante de busca por mais prazer ou sucesso, com um nível crescente de insatisfação a cada novo objetivo alcançado. Sendo assim, os valores hedônicos proporcionam mais satisfação com a vida nas pessoas que estão em um nível maior de privação quando comparadas aos demais.

Os valores de conformidade, quando priorizados, visam impedir tendências socialmente perturbadoras e se concentram nas interações com os outros, limitando ações, inclinações e impulsos que possam incomodar ou prejudicar os outros ou as normas e expectativas sociais (SCHWARTZ, 1992). O trabalho de Sortheix e Schwartz (2017) confirmou a hipótese de que os valores de conformidade se comportam como os demais valores de conservação, reduzindo o bem-estar subjetivo. Entretanto, trabalhos posteriores utilizando os dados do ESS mostraram que a conformidade pode aumentar o bem-estar subjetivo (BRUNA, 2022; MORRISON; WECKROTH, 2018). Algumas características desses valores podem indicar a razão desses resultados. Primeiro, em outros desenhos do *continuum* da Figura 1 (SCHWARTZ, 1994, 1992), tradição e conformidade ficam na mesma cunha, sendo que a última fica mais próxima ao centro. Isto significa que os valores de conformidade são menos opostos aos valores de abertura à mudança, que se relacionam positivamente com a satisfação, que os valores de tradição, que se relacionam negativamente.

Em segundo lugar, os valores são orientações que podem levar os indivíduos a agirem de determinada maneira. Sendo assim, os valores de conformidade podem incentivar o bem-estar subjetivo ao fazer os indivíduos aceitarem as normas socialmente estabelecidas (BRUNA, 2022, p. 72). Terceiro, os valores podem remediar o que o contexto do indivíduo não proporciona (SORTHEIX; SCHWARTZ, 2017, p. 191). Nesse caso, os valores de conformidade seriam uma resposta a dissonância cognitiva (FESTINGER, 1957), ou seja, aumentamos a prioridade desse valor para aceitar nosso *status quo* e reduzir o mal-estar psicológico causado por um contexto que não nos é favorável. Esse último parece ser o caso da formação de preferências adaptativas (ELSTER, 1983), uma adequação dos desejos às circunstâncias. Uma vez que os valores são definidos como metas e orientações pessoais, a conformidade representa a busca pela harmonia e a restrição de impulsos e ações que incomodem outros, a fim de evitar a frustração de enfrentar seu contexto desfavorável. Além disso, as preferências adaptativas se caracterizam pelo *trade-off* entre autonomia e bem-estar subjetivo. Esse é o caso dos valores de conformidade, que se opõem aos valores orientados ao crescimento e com foco pessoal (abertura à mudança), em especial aos valores de autodireção, que objetiva satisfazer a autonomia do indivíduo.

Supomos, então, que os valores de conformidade devem estimular a satisfação com a vida. Entretanto, os mais privados podem necessitar desse valor como uma forma de evitar o enfrentamento psicológico (SCHWARTZ; SAGIV; BOEHNKE, 2000). Além disso, os valores de conformidade em contextos de privação tendem a fazer as pessoas aceitarem as poucas oportunidades que lhe aparecem (SEN, 1995), adaptando suas preferências. Por isso acreditamos que a privação potencializa os efeitos positivos da conformidade à satisfação com a vida.

Os valores de benevolência derivam da necessidade de pertencimento do organismo e da interação social que possibilite o desenvolvimento de grupos. Seus objetivos focam a preservação e aprimoramento do bem-estar das pessoas próximas (SCHWARTZ, 1992). Sua característica de empenhar-se no prazer das relações sociais conduzem a comportamentos que promovem o bem-estar subjetivo, como ajudar os seus pares. Esses comportamentos podem mitigar ou neutralizar os efeitos negativos ao bem-estar subjetivo ocasionados pelo seu foco social, pois mesmo quando falha, pode realizar relações positivas com a família e os amigos (SORTHEIX; SCHWARTZ, 2017). Além disso, a vida livre de privações reduz a necessidade de manter esses laços sociais (SCHWARTZ, 2006), tornando a benevolência um valor menos importante para a maior parte dos indivíduos não privados. Podendo, então, ter sua satisfação

com a vida reduzida pelas interações sociais com seus pares, que são necessárias à realização das motivações da benevolência.

Para esses quatro valores levantamos o seguinte conjunto de hipóteses:

*Hipótese 1: Os valores de autodireção, hedonismo, conformidade e benevolência são positivamente correlacionados com a satisfação com a vida.*

*Hipótese 1.1: Os valores de autodireção têm efeito reduzido ou inexistente para os indivíduos fortemente privados e não tem efeito para os não privados.*

*Hipótese 1.2: Os valores de hedonismo têm efeito ampliado ou inexistente para os indivíduos fortemente privados e reduzido ou inexistente para os não privados.*

*Hipótese 1.3: Os valores de conformidade têm efeito ampliado para os indivíduos fortemente privados e reduzido ou inexistente para os não privados.*

*Hipótese 1.4: Os valores de benevolência não têm efeito para os indivíduos fortemente privados e têm efeito reduzido ou inexistente para os não privados.*

Outros valores não têm relação teórica e nem empírica com a satisfação com a vida. Os valores de estimulação se originam da necessidade do organismo por variedade e estímulos, objetivando a novidade, a excitação e o desafio na vida. Apesar da estimulação provavelmente estar relacionada às necessidades da autodireção (SCHWARTZ, 1992), Bruna (2022) não encontrou efeito da estimulação na satisfação com a vida para dados do ESS utilizando regressões multinível e testando juntamente com outros valores. O modelo de Sortheix e Schwartz (2017) testou apenas o efeito da estimulação isolada de outros valores e encontrou efeito positivo para a satisfação com a vida. Como neste trabalho testamos as variáveis conjuntamente e não há suposição teórica para indivíduos em diferentes níveis de privação quanto a relação estimulação e satisfação com a vida, hipotetizamos que não haverá efeito em nenhum caso.

Os valores de universalismo têm origem nas necessidades de sobrevivência do indivíduo e de grupos, que se tornam evidentes quando se aproximam de pessoas de fora de seu grupo ou compreendem a insuficiência de recursos na natureza. Suas metas são o entendimento, tolerância, apreciação e proteção do bem-estar de todas as pessoas e da natureza (SCHWARTZ, 1992). Diferentemente dos valores de benevolência, o universalismo tem objetivos extrínsecos que muito dificilmente podem ser realizados pelo indivíduo, pois trata de problemas da sociedade em geral e do meio-ambiente. A inépcia frente a esses problemas complexos pode

minar o bem-estar subjetivo (SORTHEIX; SCHWARTZ, 2017). Entretanto, o pertencimento a um meio em que se observam melhoras na sociedade e na natureza pode favorecer a experiência de autocrescimento do universalismo, favorecendo o bem-estar subjetivo. A priori, não há razões para entender que um motivo se sobressaia ao outro. As evidências empíricas de Sorthaix e Schwartz (2017) e Bruna (2022) não apresentam relação dos valores universalistas com a satisfação com a vida. Desta forma, pode ser que o universalismo mine a satisfação com a vida de indivíduos em privação e promova a satisfação de indivíduos não privados, pois os primeiros têm menor agência sobre as motivações do universalismo em relação aos últimos.

Para esses dois valores, formulamos as seguintes hipóteses:

*Hipótese 2: Os valores de estimulação e universalismo não tem relação com a satisfação com a vida.*

*Hipótese 2.1: Os valores de estimulação não têm efeito para os indivíduos fortemente privados e nem para os não privados.*

*Hipótese 2.2: Os valores de universalismo têm efeito negativo ou inexistente para os indivíduos fortemente privados e positivo ou inexistente para os não privados.*

Os valores de realização visam a demonstração de competência determinada pelos padrões sociais, o que é um requisito para a obtenção de recursos e para o sucesso das interações sociais (SCHWARTZ, 1992). Esses valores repartem componentes de autoproteção e de crescimento. Controlam a ansiedade, ao ter como meta cumprir os requisitos dos padrões sociais e a aprovação social, reduzindo o bem-estar subjetivo. Por outro lado, seu caráter de foco pessoal coloca como objetivo central a sua promoção, o que tem potencial de aumentar o bem-estar subjetivo (SORTHEIX; SCHWARTZ, 2017). Como sua característica de crescimento individual é dependente da aprovação externa, acreditamos que os valores de realização têm potencial maior para reduzir a satisfação com a vida do que o contrário. Além disso, Bruna (2022) encontrou uma relação negativa dos valores de realização com a satisfação com a vida em modelos que utilizam todos os valores básicos. Supomos, também, que os mais privados experimentam mais frustrações ao incorporar os valores de realização, pois têm maiores dificuldades de alinhar suas competências com os padrões sociais.

Quem prioriza os valores de poder procura *status*, prestígio, controle e dominância sobre recursos e outras pessoas. Esses valores têm origem na necessidade de se diferenciar e motivar a aceitação dos outros (SCHWARTZ, 1992). São valores orientados à autoproteção e foco pessoal. Por mais que motive a busca pelas aspirações e o autointeresse, esses efeitos benéficos

ao bem-estar subjetivo podem ser suplantados pela necessidade de superar a ansiedade pelo controle das ameaças ao seu *status*. A natureza das aspirações, domínio e riqueza, são extrínsecos e contribuem para o aumento da ansiedade (SORTHEIX; SCHWARTZ, 2017). Desta forma, espera-se que os valores de poder exerçam uma influência negativa à satisfação com a vida, e que seu efeito seja reduzido ou nulo para quem se encontra em privação, uma vez que estes possuem um *status* muito inferior e experienciam menos ameaças.

Os valores de segurança têm como meta a proteção, a estabilidade e a harmonia do eu, dos relacionamentos e da sociedade, servindo aos interesses individuais e coletivos (SCHWARTZ, 1992). As privações colocam os indivíduos em situações de insegurança com muito mais frequência, produzindo uma visão mais negativa quanto a estabilidade e harmonia da sociedade, proporcionando um número maior de frustrações quando a segurança é uma prioridade de valor. Além disso, como esses valores são fomentados pelas micropreocupações que a privação proporciona, seus efeitos negativos à satisfação com a vida aumentam pela consonância de valores entre os mais privados. Enquanto os não privados devem ter esses efeitos negativos mitigados, por consequência de experienciarem menos preocupações micro.

Os valores de tradição objetivam o respeito, comprometimento e aceitação dos costumes e das ideias religiosos e culturais. Assumem a forma de ritos, de crenças e normas comportamentais (SCHWARTZ, 1992). Apesar de compartilharem a mesma meta motivacional dos valores de conformidade (a subordinação de si em favor de expectativas socialmente aceitas), nos valores de tradição essa meta não responde às pessoas próximas. A subordinação se dá em favor de elementos mais abstratos, como os costumes e ideias que impusemos a nós mesmos através da cultura e da religião. A priorização dos valores de tradição pode mitigar os efeitos negativos à satisfação com a vida em um contexto de privação, pois os indivíduos privados podem encontrar algum alívio da sua situação nos ritos religiosos e na adequação a cultura local.

As seguintes hipóteses foram elaboradas acerca destes quatro valores:

*Hipótese 3: Os valores de realização, poder, segurança e tradição são positivamente correlacionados com a satisfação com a vida.*

*Hipótese 3.1: Os valores de realização têm efeito ampliado para os indivíduos fortemente privados e não tem efeito para os não privados.*

*Hipótese 3.2: Os valores de poder têm efeito reduzido ou inexistente para os indivíduos fortemente privados e não tem efeito para os não privados.*

*Hipótese 3.3: Os valores de segurança têm efeito ampliado para os indivíduos fortemente privados e reduzido para os não privados.*

*Hipótese 3.4: Os valores de tradição têm efeito reduzido ou inexistente para os indivíduos fortemente privados e não tem efeito para os não privados.*

O Quadro 3 apresenta o resumo dos efeitos esperados na satisfação com a vida para cada uma das hipóteses sobre os valores, incluindo o sinal esperado conforme a mudança em sua intensidade para indivíduos fortemente privados e não privados.

**Quadro 3** – Efeitos esperados dos valores na satisfação com a vida

Hipótese	Valores	Efeito Esperado	Intensidade				
			Fortemente Privado	Sinal	Não privado	Sinal	
1	1.1	Autodireção	Positivo	Reduz ou inexistente	(-) ou NS	Inexistente	NS
	1.2	Hedonismo	Positivo	Amplia ou inexistente	(+) ou NS	Reduz ou inexistente	(-) ou NS
	1.3	Conformidade	Positivo	Amplia	(+)	Reduz ou inexistente	(-) ou NS
	1.4	Benevolência	Positivo	Inexistente	NS	Reduz ou inexistente	(-) ou NS
2	2.1	Estimulação	NS	Inexistente	NS	Inexistente	NS
	2.2	Universalismo	NS	Negativo ou inexistente	(-) ou NS	Positivo ou inexistente	(+) ou NS
3	3.1	Realização	Negativo	Amplia	(-)	Inexistente	NS
	3.2	Poder	Negativo	Reduz ou inexistente	(+) ou NS	Inexistente	NS
	3.3	Segurança	Negativo	Amplia	(-)	Reduz	(+)
	3.4	Tradição	Negativo	Reduz ou inexistente	(+) ou NS	Inexistente	NS

Nota: NS = não significativo; (+) = positivo; (-) = negativo.

Fonte: Elaborado pelos autores.

### 3. Dados e metodologia

Utilizamos dados a nível individual do ESS para testar as hipóteses da seção anterior. O ESS coleta dados sobre atitudes e comportamentos de indivíduos em países europeus a cada dois anos. As amostras são desenhadas para serem representativas de toda população com 15 anos ou mais que moram em domicílios particulares. Todos os países têm uma amostragem mínima de 1500 observações (ou 800 se a população do país for inferior a 2 milhões de pessoas). Neste estudo, para compor uma amostra que abrangesse diferentes períodos, utilizamos as observações referentes as rondas 6, 7, 8 e 9 (anos de 2012, 2014, 2016 e 2018 respectivamente)<sup>4</sup>. Os dados são coletados por entrevistas pessoais presenciais assistidas por computador, tendo

<sup>4</sup> Não foi possível incluir os dados da ronda 10, pois para estes a amostragem não foi feita para ser representativa das regiões europeias.

como meta de taxa de resposta 70% de questionários completados e apenas 3% sem contato, em um trabalho que dura 6 semanas em cada um dos países, entre setembro, do ano da pesquisa, e janeiro do ano seguinte.

As amostras também são desenhadas para serem representativas de diferentes níveis de regiões NUTS (*Nomenclature of Territorial Units for Statistics*). A amostragem é realizada para contemplar três níveis distintos (NUTS 1, NUTS 2 e NUTS 3), dependendo do país. Ao todo foram considerados 34 países compostos por 429 regiões<sup>5</sup> (35 regiões NUTS 1, 165 regiões NUTS 2, 174 regiões NUTS 3 e 55 outras regiões<sup>6</sup>). A lista de regiões consideradas nesse trabalho encontra-se no Apêndice A.

Os diferentes níveis geográficos (NUTS e país) caracterizam uma estrutura hierárquica, o que permite que se utilize um modelo multinível para a análise da influência dos valores na satisfação com a vida. A medida de satisfação com a vida presente no ESS é a resposta para a questão “*All things considered, how satisfied are you with your life as a whole nowadays?*”, disponível em todas as rondas. Os respondentes escolheram um valor em uma escala *likert* de 0 até 10, em que o menor valor representa “*Extremely dissatisfied*” e o maior representa “*Extremely satisfied*”.

Para mensurar os valores individuais, o ESS conta com 21 itens destinado a mensurar 10 valores básicos individuais (DAVIDOV; SCHMIDT; SCHWARTZ, 2008) fundamentados na Teoria dos Valores Humanos Básicos de Schwartz (1992). Os itens abrangem 10 tipos motivacionais de valores. Em cada um dos itens, os participantes indicaram o quanto se identificavam com a pessoa descrita<sup>7</sup> entre “*Very much like me*” (1) e “*Not all like me*” (6). Os itens foram formulados para mensurar as 10 orientações básicas que são encontradas em diferentes culturas (SCHWARTZ, 2003). A relação de itens pertencentes a cada um dos valores pode ser encontrada no Apêndice B.

Testamos as hipóteses 1, 2 e 3 sobre a relação destes valores com a satisfação com a vida dos respondentes ( $LS_i$ ), formuladas na seção anterior, em modelos multinível com 3 níveis (individual, regional e nacional). Os modelos multinível permitem o tratamento adequado de

---

<sup>5</sup> Nem todos os países estão presentes em todas as rondas. Além disso, em alguns casos a amostragem das regiões estão disponíveis para diferentes níveis entre as rondas ou então mudaram sua configuração espacial, seja se dividindo, anexando novas regiões ou mudando seus limites.

<sup>6</sup> Albânia, Israel, Montenegro, Rússia, Ucrânia e Kosovo não tem nomenclatura NUTS, mas tem regiões presentes na *survey*.

<sup>7</sup> Os itens que compõem o questionário de valores eram precedidos da seguinte instrução: “*Now I will briefly describe some people. Please listen to each description and tell me how much each person is or is not like you*”.

dados a nível hierárquico (a nível individual e de grupos), como são desenhados os dados do ESS, controlando a dependência da correlação dentro dos grupos, assumindo que não há independência entre as observações. Esse tipo de controle é importante de ser incorporado em modelos com variáveis sujeitas a delimitações locais, como é o caso do bem-estar subjetivo e dos valores, que podem apresentar tendências específicas compartilhadas em regiões de determinadas culturas. O modelo deste trabalho foi desenhado com a seguinte especificação (Equação 1):

$$LS_i = \alpha(Value_i) + \beta_1(Round_i) + \beta_2(Socio - demographic_i) + \beta_3(Belief_i) + \beta_4(Resource_i) + \beta_5(Capability_i) + \beta_6(Regional\ context_i) + \beta_7(Country\ context_i) + \delta_R + \delta_C + \varepsilon_i \quad (1)$$

Conforme explicitado acima, o modelo multinível inclui a variância das regiões, permitindo que se controle os termos aleatórios a nível de região NUTS ( $\delta_R$ ) e de país ( $\delta_C$ ). As variáveis referentes as orientações de valor ( $Value_i$ ) foram estimadas conforme sugerido em Schwartz (2015), calculando a média das pontuações dos itens referentes a cada valor humano básico, mas sem centrar o na média de todos os valores do indivíduo, pois modelos multinível já são estimados centrados na média de um grupo (BRUNA, 2022).

As demais variáveis, utilizadas como controle, foram escolhidas com base em trabalhos que avaliam a influência dos 10 valores básicos na satisfação com a vida (BRUNA, 2022; MORRISON; WECKROTH, 2018; SORTHEIX; LÖNNQVIST, 2014; SORTHEIX; SCHWARTZ, 2017) e em outros que utilizam os dados do ESS para investigar outros fenômenos que impactam a satisfação com a vida, como determinantes regionais (ASLAM; CORRADO, 2012), crises econômicas (CLENCH-AAS; HOLTE, 2017) e trabalho autônomo (WOLFE; PATEL, 2018). Determinamos o modelo final adicionando essas variáveis por grupos, em 8 modelos diferentes.

No primeiro modelo não incluímos nenhuma variável. No segundo modelo incluímos apenas as variáveis correspondentes as 10 orientações de valores ( $Value_i$ ). No terceiro modelo adicionamos uma variável categórica que diferencia as rondas o ESS ( $Round_i$ ), uma vez que os dados são originados de quatro ondas diferentes e pode existir um efeito temporal na satisfação com a vida que também pode influenciar no resultado dos estimadores dos valores. No quarto modelo incluímos variáveis sociodemográficas ( $Socio - demographic_i$ ), no quinto variáveis relacionadas às crenças e identificação política ( $Belief$ ) e no sexto variáveis relacionadas a renda e capacitações do indivíduo ( $Resource_i$  e  $Capability_i$ ). Essas variáveis são importantes moderadoras da prioridade de valores, pois identificam as experiências que as

peças têm ao compartilhar experiências na estrutura social (SCHWARTZ, 2003, 1992). No sétimo modelo adicionamos variáveis que explicam o contexto regional à nível dos NUTS (*Regional context<sub>i</sub>*) e no oitavo variáveis que explicam o contexto à nível dos países (*Country context<sub>i</sub>*). Optamos por utilizar indicadores desagregados ao invés do IDH, diferentemente de outros trabalhos que verificaram a influência dos valores na satisfação (BRUNA, 2022; SORTHEIX; LÖNNQVIST, 2014; SORTHEIX; SCHWARTZ, 2017), pois as diferentes dimensões do desenvolvimento (*national income, health, education, unemployment, inequality* etc.) podem ter implicações diferentes no bem-estar subjetivo e nos valores. A descrição dessas variáveis é apresentada no Quadro 4 e suas estatísticas descritivas são apresentadas no Apêndice C<sup>8</sup>. Os coeficientes  $\beta$  são parâmetros estimados sobre os grupos de variáveis e os coeficientes  $\alpha$  são os parâmetros de interesse para avaliar os efeitos dos valores na satisfação com a vida.

**Quadro 4** - Lista de variáveis

Tipo	Variável	Descrição	Value	Fonte
<i>SWB</i>	Satisfação com a vida	Satisfaction with life in general scale of respondent	0 ( <i>Extremely dissatisfied</i> ) to 10 ( <i>Extremely satisfied</i> )	ESS
<i>Values</i>	Autodireção	Independent thought and action-choosing, creating, exploring	Continuous	ESS
	Estimulação	Excitement, novelty, and challenge in life	Continuous	ESS
	Hedonismo	Pleasure and sensuous gratification for oneself	Continuous	ESS
	Realização	Personal success through demonstrating competence according to social	Continuous	ESS
	Poder	Social status and prestige, control or dominance over people and resources	Continuous	ESS
	Segurança	Safety, harmony and stability of society, of relationships, and of self	Continuous	ESS
	Conformidade	Restraint of actions, inclinations, and impulses likely to upset or harm others and violate social expectations or norms	Continuous	ESS
	Tradição	Respect, commitment and acceptance of the customs and ideas that traditional culture or religion provide the self	Continuous	ESS
	Benevolência	Preservation and enhancement of the welfare of people with whom one is in frequent personal contact	Continuous	ESS

<sup>8</sup> Todas as estatísticas descritivas foram calculadas incorporando o *analysis weight*, recomendado por Kaminska (2020), de maneira que os dados regionalizados fossem representativos das regiões. O *analysis weight* está disponível apenas a partir da ronda 9. Para as demais rondas ele foi calculado pela multiplicação do *post-stratification weight* pelo *population weight*.

<b>Tipo</b>	<b>Variável</b>	<b>Descrição</b>	<b>Value</b>	<b>Fonte</b>
	Universalismo	Understanding, appreciation, tolerance and protection for the welfare of all people and for nature	Continuous	ESS
<b>ESS round</b>	Round	ESS round	Round 7 (ref), Round 8 or Round 9	ESS
<b>Socio-Demographic</b>	Gender	Gender of respondent	Male (ref) or Female	ESS
	Age	Age of respondent (in years)	Discrete	ESS
	Age square	Age x age	Discrete	ESS
	Marital status	Legal marital status	Legally married or registered civil union (ref), Legally separated or divorced/civil union dissolved, Widowed/civil partner died or Never married or in legally registered civil union	ESS
	Family size	Number of people living regularly as member of household	Discrete	ESS
	Citizen of country	Citizen of country	Yes or No (ref)	ESS
	Domicile	Domicile, respondent's description	A big city (ref), Suburbs or outskirts of big city, Town or small city, Country village or Farm or home in countryside	ESS
<b>Beliefs</b>	Political scale	Placement on left right scale	0 (Left) to 10 (Right)	ESS
	Religiosity	How religious are the respondent	0 (Not at all religious) to 10 (Very religious)	ESS
	Trust in people	Most people can be trusted or you can't be too careful?	0 (You can't be too careful) to 10 (Most people can be trusted)	ESS
	Trust in legal system	How much you trust in the legal system?	0 (No trust at all) to 10 (Complete trust)	ESS
<b>Resource</b>	Household income	Household's total net income, all sources	Deciles (ref = 1st) and miss	ESS
<b>Capability</b>	Main activity	Main activity, last 7 days	Paid work (ref), education, Unemployed looking for a job, Unemployed not looking for a job, Permanently sick or disabled, Retired, Community or military service, Housework or Other	ESS
	Education level	Highest level of education, ES - ISCED	Less than lower secondary (ref), Lower secondary, Lower tier upper secondary, Upper tier upper secondary, Advanced vocational, Lower tertiary education, Higher tertiary education or Other	ESS

Tipo	Variável	Descrição	Value	Fonte
	Hampered in daily activities	Hampered in daily activities by illness/disability/infirmity/mental problem	Yes a lot, Yes to some extent or No (ref)	ESS
	Social meetings	How often socially meet with friends relatives or colleagues	1 (Never) to 7 (Everyday)	ESS
	Victim of crime	Respondent or household member victim of burglary/assault last 5 years	Yes (ref) or No	ESS
<b>Regional context</b>	Unemployment rate	Unemployment rate by NUTS region	Continuous	Eurostat
	Share with tertiary education	Share of population with tertiary education by NUTS region	Continuous	Eurostat
	Physician density	Medical doctors per hundred thousand inhabitant by NUTS region	Continuous	Eurostat
<b>Country context</b>	Migration rate	Net migration rate (net number of migrants per 1,000 population) by Country	Continuous	UN
	Gini index	Income inequality (Gini index) by Country	Continuous	WID
	Ln national income	Natural logarithm adjusted net national income per capita (constant 2015 US\$)	Continuous	WB
Nota: ESS = European Social Survey; Eurostat = Statistical office of the European Union; UN = United Nations; WID = World Inequality Database; WB = World Bank; OECD = Organisation for Economic Co-operation and Development.				

Fonte: Elaborado pelos autores.

Por fim, testamos interações dos valores com as categorias mais altas e mais baixas de três *proxies* diferentes, de maneira a identificar os efeitos sobre as privações elencados nas hipóteses levantadas na Seção 2: i) Nível de renda doméstica (*Household income*), em que identificamos como fortemente privados nas condições de vida indivíduos na categoria “*1st decile*” e não privados na categoria “*10th decile*”, ii) Nível educacional (*Education level*) em que identificamos como fortemente privados na educação indivíduos na categoria “*Less than lower secondary*” e não privados na categoria “*Higher tertiary education*”, e iii) Nível de saúde (*Hampered in daily activities*), em que identificamos como fortemente privados na saúde indivíduos na categoria “*Yes a lot*” e não privados na categoria “*No*”. A especificação deste modelo é similar a anterior, apenas acrescentando a interação dessas categorias com os valores, como a Equação 2 que segue abaixo:

$$\begin{aligned}
 LS_i = & \alpha_1(Deprivation\ degree_i) + \alpha_2(Value_i) \\
 & + \alpha_3(Value_i) \times (Deprivation\ degree_i) + \beta_1(Round_i) \\
 & + \beta_2(Socio - demographic_i) + \beta_3(Belief_i) + \beta_4(Resource_i) \\
 & + \beta_5(Capability_i) + \beta_6(Regional\ context_i) + \beta_7(Country\ context_i) \\
 & + \delta_R + \delta_C + \varepsilon_i
 \end{aligned} \tag{2}$$

A variável *Deprivation degree* corresponde as categorias fortemente privados ou não privados mencionadas acima. O parâmetro  $\alpha_1$  é indicativo dos efeitos do grau de privação na

satisfação com a vida,  $\alpha_2$  é o parâmetro que verifica as hipóteses já testadas na literatura empírica sobre satisfação com a vida e os valores humanos discutidas na seção anterior e  $\alpha_3$  é o parâmetro de interesse que verifica as hipóteses sobre os efeitos da interação do grau de privação com os valores na satisfação com a vida, também apresentadas na seção anterior.

A proporção da amostra dividida em fortemente privados e não privados é bastante próxima para os domínios de renda (8,34% fortemente privados e 6,22% não privados) e de educação (9,37% fortemente privados e 12,61% não privados). Entretanto, no domínio da saúde o número de não privados é muito maior, e representa 73,73% da amostra. Enquanto os fortemente privados são 6,20% das observações.

## 4. Resultados

### 4.1 Modelo multinível dos valores humanos

Para validar as hipóteses iniciais, testamos 8 modelos incluindo grupos de variáveis para verificar a alteração no efeito dos valores na satisfação com a vida. Os resultados desses modelos com as variáveis controle incluídas são apresentados no Apêndice D. O modelo final, na Tabela 1, não apresentou multicolinearidade (ver o Apêndice E) e, apesar de não apresentar efeitos aleatórios estatisticamente significantes ao nível de país, foi mais bem ajustado que o modelo com as mesmas variáveis para apenas dois níveis (ver o Apêndice F).

A inclusão das variáveis a nível individual acarretou mudanças significativas em alguns estimadores de valores humanos. Os principais responsáveis pela mudança na intensidade que os valores humanos interferem na satisfação com a vida foram os grupos de variáveis relacionados às crenças e aos recursos e capacitações. O modelo final apresentou resultados que se alinham aos encontrados em Bruna (2022), que também utilizou os valores humanos conjuntamente em modelos multinível. A única exceção são os valores de segurança, que apresentaram efeito negativo na satisfação com a vida.

### 4.2 Checagens e testes

Avaliamos a robustez dos resultados através de uma série de checagens. Primeiro testamos se as hipóteses sobre os valores se sustentavam em modelos MQO (Mínimos Quadrados Ordinários) e *logit* ordenado com efeitos fixos, incluindo *dummies* dos países e das regiões NUTS (ver o Apêndice G). Os resultados foram robustos para todos os modelos e os valores humanos foram consistentes com o modelo multinível.

**Tabela 1** – Resultados dos valores humanos do modelo multinível final

Valores	Coefficiente	Efeitos aleatórios	
Autodireção	0.103*** (0.00635)	País	0.488 (0.224)
Estimulação	0.00533 (0.00529)	NUTS	0.0304*** (0.00387)
Hedonismo	0.144*** (0.00547)	Resíduo	3.068*** (0.0118)
Realização	-0.0354*** (0.00545)	<b>Correlação intraclasse (ICC)</b>	
Poder	-0.0914*** (0.00590)	País	0.136 (0.054)
Segurança	-0.0173** (0.00603)	NUTS   País	0.145 (0.053)
Conformidade	0.0440*** (0.00545)	Wald chi2	33360.80
Tradição	-0.0311*** (0.00610)	Prob > chi2	0.000
Benevolência	0.114*** (0.00802)	AIC	536543.45
Universalismo	-0.0118 (0.00827)	BIC	537210.91
Constante	-8.301*** (1.442)	Observações	135336

Nota: Erros padrão nos parênteses. \* p<0.05, \*\* p<0.01, \*\*\* p<0.001.

Fonte: Elaborado pelos autores.

Usualmente, os trabalhos que investigam o bem-estar subjetivo em dados do ESS, utilizam a variável “*feeling about household's income*” como *proxy* para a renda. Entretanto, optamos por utilizar os decis dos “*household income*”. Além disso, alguns utilizam os “*years of full-time education*” como *proxy* para o nível educacional, e a grande maioria o “*subjective general health*” como *proxy* para saúde. Checamos a robustez do modelo final substituindo as variáveis selecionadas por essas variáveis alternativas no Apêndice H. O valor de segurança perdeu significância no modelo com a renda subjetiva e o valor de universalismo foi estatisticamente significativo e negativo. Apesar de nenhum outro valor mudar de sinal ou não ficar estatisticamente significativo, todos tiveram seus impactos reduzidos na satisfação com a vida, à exceção da benevolência que manteve seu impacto. Ademais, por contar com muitos valores ausentes (*refusal, don't know e no answer*), criamos uma categoria a parte para os decis de “*household income*”. Também checamos o modelo final tratando essa categoria como *missing value* no Apêndice H, excluindo essas observações da análise. Os resultados foram similares aos encontrados em nosso modelo principal.

Também checamos a robustez modificando as variáveis de contexto (regional e de país) por outras similares presentes nas mesmas bases que as originais. Trocamos o “*Unemployment rate*” pelo “*Long-term unemployment rate*”, a variável “*Share with tertiary education*” pela “*Participation rate in education and training*”, a variável “*Physician density*” pela “*Hospital beds per hundred thousand of inhabitants*”, todas do Eurostat. Também substituímos o coeficiente de Gini pelas “*Income inequality*” dos *top 10%* e *bottom 50%*, ambas do *World Inequality Database*, a “*National income*” pelo “*GDP per capita*” do World Bank e a “*Migration rate*” pela “*Net migration crude rate*” do Eurostat. Em outra checagem incluímos a variável “*Air emissions of greenhouse*”, do Eurostat, que representa outro aspecto que poderia influenciar o bem-estar subjetivo dos indivíduos e não foi contemplado em nosso modelo. Todos estes casos estão apresentados no Apêndice I e não modificaram os achados da subseção anterior.

Por fim, testamos se as hipóteses dos efeitos dos valores humanos sobre o bem-estar subjetivo levantadas por Sortheix e Schwartz (2017) e Bruna (2022) se sustentavam para outras variáveis dependentes que representam outras dimensões do bem-estar subjetivo, presentes no ESS. Utilizamos “*Happiness*”, que abrange uma perspectiva mais hedônica do bem-estar subjetivo em relação à satisfação com a vida. Também testamos os efeitos em dimensões específicas do bem-estar subjetivo: “*Satisfaction with the state of economy*”, “*Satisfaction with the state of education*”, “*Satisfaction with the state of health system*”, “*Satisfaction with the state of the government*” e “*Satisfaction with the state of democracy*”. Assim como a satisfação com vida, todas estas variáveis foram respondidas em uma escala *likert* de 0 a 10, representando os menores e maiores de bem-estar subjetivo para cada dimensão. No Apêndice J é possível verificar que apenas os valores de hedonismo e conformidade foram consistentes em todas as dimensões testadas do bem-estar subjetivo com os achados para a satisfação com a vida. Os outros valores foram diferentes em uma ou mais dimensões testadas para o bem-estar subjetivo.

#### **4.3 Modelos de interação dos valores com os níveis de privação**

Na Tabela 2 apresentamos os resultados da interação dos valores humanos com as categorias fortemente privados, definidas na seção anterior. Na coluna (1) estão os resultados da interação com os fortemente privados em renda, na coluna (2) os resultados da interação com os fortemente privados em educação e na coluna (3) os resultados da interação com os fortemente privados em saúde.

**Tabela 2** – Resultados dos modelos multinível para a interação dos valores com fortemente privados, por tipo de privação

	<b>Variáveis</b>	(1)	(2)	(3)
<b>Valores</b>	Fortemente privado	-0.390** (0.140)	-0.341* (0.160)	-1.365*** (0.163)
	Autodireção	0.103*** (0.00665)	0.103*** (0.00672)	0.109*** (0.00660)
	<i>Autodireção*Fortemente privado</i>	-0.00439 (0.0216)	-0.0142 (0.0200)	-0.0833*** (0.0234)
	Estimulação	0.00291 (0.00550)	0.00664 (0.00554)	0.00173 (0.00547)
	<i>Estimulação*Fortemente privado</i>	0.0294 (0.0189)	-0.0117 (0.0181)	0.0518* (0.0205)
	Hedonismo	0.140*** (0.00570)	0.140*** (0.00575)	0.137*** (0.00566)
	<i>Hedonismo*Fortemente privado</i>	0.0359* (0.0182)	0.0382* (0.0170)	0.0873*** (0.0198)
	Realização	-0.0327*** (0.00568)	-0.0350*** (0.00573)	-0.0340*** (0.00564)
	<i>Realização*Fortemente privado</i>	-0.0357 (0.0184)	-0.0106 (0.0174)	-0.0268 (0.0204)
	Poder	-0.0938*** (0.00617)	-0.0898*** (0.00622)	-0.0945*** (0.00611)
	<i>Poder*Fortemente privado</i>	0.0270 (0.0202)	-0.0142 (0.0190)	0.0445* (0.0225)
	Segurança	-0.0121 (0.00627)	-0.00949 (0.00627)	-0.0124* (0.00621)
	<i>Segurança*Fortemente privado</i>	-0.0621** (0.0212)	-0.101*** (0.0219)	-0.0663** (0.0238)
	Conformidade	0.0402*** (0.00568)	0.0370*** (0.00569)	0.0417*** (0.00563)
	<i>Conformidade*Fortemente privado</i>	0.0496** (0.0191)	0.0792*** (0.0189)	0.0352 (0.0212)
	Tradição	-0.0329*** (0.00634)	-0.0321*** (0.00634)	-0.0352*** (0.00628)
	<i>Tradição*Fortemente privado</i>	0.0260 (0.0206)	0.0154 (0.0211)	0.0636** (0.0236)
	Benevolência	0.112*** (0.00840)	0.113*** (0.00843)	0.111*** (0.00830)
	<i>Benevolência*Fortemente privado</i>	0.0199 (0.0263)	0.0127 (0.0262)	0.0401 (0.0295)
	Universalismo	-0.00408 (0.00864)	-0.0164 (0.00867)	-0.00825 (0.00855)
	<i>Universalismo*Fortemente privado</i>	-0.0883** (0.0285)	0.0493 (0.0285)	-0.0519 (0.0325)
	Constante	-7.823*** (1.443)	-8.103*** (1.443)	-8.174*** (1.437)
<b>Efeitos aleatórios</b>	País	0.490 (0.225)	0.485 (0.222)	0.480 (0.220)
	NUTS	0.0304*** (0.00388)	0.0304*** (0.00388)	0.0305*** (0.00389)
	Resíduo	3.067***	3.067***	3.067***

Variáveis		(1)	(2)	(3)
		(0.0118)	(0.0118)	(0.0118)
<i>Correlação intraclasse (ICC)</i>	País	0.137 (0.0541)	0.135 (0.0537)	0.134 (0.0532)
	NUTS   País	0.145 (0.0536)	0.144 (0.0531)	0.143 (0.0526)
	Wald chi2	33409.72	33415.89	33453.90
	Prob > chi2	0.000	0.000	0.000
	AIC	536523.98	536519.05	536488.37
	BIC	537289.59	537284.66	537253.98
	Observações	135336	135336	135336

Nota: Erros padrão nos parênteses. \* p<0.05, \*\* p<0.01, \*\*\* p<0.001. Tipo de privação: (1) Renda; (2) Educação; (3) Saúde.

Fonte: Elaborado pelos autores.

As privações atuam negativamente na satisfação com a vida e seus efeitos são bastante similares para as interações dos valores com as privações de renda e educação. Para os indivíduos fortemente privados nessas duas categorias, não apresentaram efeitos as suas interações com autodireção, estimulação, realização, poder, tradição e benevolência, foram positivas para as interações com hedonismo e conformidade e negativas com segurança. No domínio saúde, alguns efeitos foram diferentes. A interação com conformidade não foi significativa. Com os valores de estimulação, poder e tradição as interações foram positivas e autodireção e segurança negativas. O valor de universalismo foi negativo apenas para os privados em renda e não significativo para os demais.

Os resultados da interação dos valores humanos com os não privados estão na Tabela 3, e as colunas representam os mesmos domínios da tabela anterior. Na coluna (1) estão os resultados da interação com os não privados em renda, na coluna (2) os resultados da interação com os não privados em educação e na coluna (3) os resultados da interação com os não privados em saúde.

Assim como as categorias de fortemente privados, os não privados tiveram resultados similares entre a ausência de privações nos domínios renda e educação. Não foram significativas as interações entre os não privados nesses domínios e os valores de autodireção, estimulação, hedonismo, realização, poder, conformidade e tradição. Para os valores de segurança a interação foi positiva e para a benevolência foi negativa. O domínio saúde se diferencia destes por ter efeitos negativos na interação com hedonismo e conformidade e não ser significativo para benevolência. O universalismo foi positivo apenas para os não privados em renda e não significativo para os demais.

**Tabela 3** – Resultados dos modelos multinível para a interação dos valores com não privados, por tipo de privação

	<b>Variáveis</b>	(1)	(2)	(3)	
<b>Valores</b>	Não privado	0.914*** (0.168)	-0.0121 (0.130)	0.550*** (0.0904)	
	Autodireção	0.104*** (0.00656)	0.105*** (0.00675)	0.0852*** (0.0116)	
	<i>Autodireção*Não privado</i>	-0.0300 (0.0249)	-0.0258 (0.0193)	0.0229 (0.0137)	
	Estimulação	0.00647 (0.00549)	0.00434 (0.00566)	0.0184 (0.00992)	
	<i>Estimulação*Não privado</i>	-0.0113 (0.0194)	0.0111 (0.0152)	-0.0177 (0.0116)	
	Hedonismo	0.144*** (0.00564)	0.146*** (0.00583)	0.177*** (0.00966)	
	<i>Hedonismo*Não privado</i>	-0.00690 (0.0204)	-0.0210 (0.0151)	-0.0472*** (0.0112)	
	Realização	-0.0372*** (0.00563)	-0.0383*** (0.00581)	-0.0508*** (0.00989)	
	<i>Realização*Não privado</i>	0.0238 (0.0204)	0.0198 (0.0157)	0.0205 (0.0116)	
	Poder	-0.0924*** (0.00609)	-0.0954*** (0.00625)	-0.0846*** (0.0110)	
	<i>Poder*Não privado</i>	0.0179 (0.0231)	0.0340 (0.0178)	-0.00897 (0.0128)	
	Segurança	-0.0216*** (0.00627)	-0.0277*** (0.00649)	-0.0591*** (0.0113)	
	<i>Segurança*Não privado</i>	0.0482* (0.0206)	0.0662*** (0.0161)	0.0571*** (0.0130)	
	Conformidade	0.0424*** (0.00566)	0.0474*** (0.00583)	0.0610*** (0.0102)	
	<i>Conformidade*Não privado</i>	0.0176 (0.0196)	-0.0267 (0.0153)	-0.0233* (0.0118)	
	Tradição	-0.0284*** (0.00633)	-0.0282*** (0.00652)	-0.0310** (0.0114)	
	<i>Tradição*Não privado</i>	-0.0294 (0.0213)	-0.0215 (0.0166)	0.000592 (0.0130)	
	Benevolência	0.124*** (0.00828)	0.120*** (0.00854)	0.126*** (0.0146)	
	<i>Benevolência*Não privado</i>	-0.134*** (0.0301)	-0.0485* (0.0230)	-0.0165 (0.0170)	
	Universalismo	-0.0201* (0.00857)	-0.0157 (0.00882)	-0.00132 (0.0155)	
	<i>Universalismo*Não privado</i>	0.120*** (0.0304)	0.0421 (0.0243)	-0.0137 (0.0180)	
		Constante	-8.477*** (1.451)	-8.331*** (1.444)	-8.774*** (1.444)
	<b>Efeitos aleatórios</b>	País	0.501 (0.230)	0.491 (0.225)	0.487 (0.223)
		NUTS	0.0303*** (0.00387)	0.0302*** (0.00386)	0.0304*** (0.00388)
		Resíduo	3.067***	3.067***	3.067***

Variáveis		(1)	(2)	(3)
		(0.0118)	(0.0118)	(0.0118)
<i>Correlação intraclasse (ICC)</i>	País	0.139 (0.0550)	0.137 (0.0542)	0.136 (0.0538)
	NUTS   País	0.148 (0.0544)	0.145 (0.0536)	0.144 (0.0532)
	Wald chi2	33415.21	33412.79	33432.04
	Prob > chi2	0.000	0.000	0.000
	AIC	536519.90	536522.38	536506.18
	BIC	537285.51	537287.99	537271.79
	Observações	135336	135336	135336

Nota: Erros padrão nos parênteses. \*  $p < 0.05$ , \*\*  $p < 0.01$ , \*\*\*  $p < 0.001$ . Tipo de privação: (1) Renda; (2) Educação; (3) Saúde.

Fonte: Elaborado pelos autores.

## 5. Discussão

Os valores humanos de Schwartz são um conjunto de traços motivacionais que representam o que é importante para as pessoas em suas vidas. Desta forma, carregam consigo crenças e desejos, fazendo com que as mudanças nesses valores possam ser influenciadas por uma variedade de fatores. Embora as mudanças na satisfação com a vida decorrente de fatores sociodemográficos possam carregar parte da explicação dos valores humanos, como fases do ciclo de vida, o tamanho da família e o estado civil, o papel das crenças e dos recursos e capacitações foram mais importante para controlar os efeitos dos valores humanos na satisfação. Tanto os valores humanos quanto o bem-estar subjetivo tendem a mudar no decorrer da vida (EASTERLIN, 2006; SCHWARTZ, 2003, 2006). Porém as crenças orientam os valores, e os recursos e as capacitações podem moldá-los tanto pelas circunstâncias quanto por representarem o objeto final da meta que estes valores representam. Por exemplo, a confiança nas instituições e nas pessoas deve orientar as motivações da tradição e da conformidade, que procuram adequação com as normas sociais e culturais. Assim como a frequência dos encontros sociais deve favorecer os objetivos da benevolência e de outros de foco social.

Os resultados do modelo final foram consistentes, de maneira geral, com as hipóteses levantadas por Sortheix e Schwartz (2017) para o bem-estar subjetivo, apresentadas no Quadro 5 abaixo. Entretanto encontramos relações diferentes com a satisfação com a vida para os valores de estimulação, realização e conformidade. Estimulação não apresentou significância, realização impactou negativamente a satisfação com a vida e conformidade apresentou relação positiva<sup>9</sup>. Por outro lado, essas diferenças se alinham aos resultados encontrados em Morrison

<sup>9</sup> Nas hipóteses de Sortheix e Schwartz (2017) a estimulação teria relação positiva, a conformidade negativa e a realização não estaria relacionada com a satisfação com a vida.

e Weckroth (2018) e Bruna (2022), que fundamentaram nossas hipóteses para esses valores. As discrepâncias nesses resultados podem ser decorrentes da utilização de diferentes rondas do ESS em cada um dos trabalhos, que também possuem amostras diversas de países em cada uma. Contornamos esse problema utilizando mais de uma ronda (quatro), deixando nossos resultados mais generalizáveis para a Europa.

Também nos diferenciamos dos resultados de Bruna (2022) por encontrar uma relação negativa da segurança com a satisfação com a vida. Atribuímos essa diferença a utilização de variáveis não subjetivas para representar a renda e a saúde, utilizado por Bruna e pela maior parte dos trabalhos que avaliam impactos no bem-estar subjetivo utilizando dados do ESS. Nosso teste utilizando essas variáveis mostrou redução no impacto da maior parte dos valores, além de retirar a significância da segurança no modelo com renda subjetiva, e fazer o universalismo apresentar caráter prejudicial a satisfação com a vida no modelo de educação subjetiva. Essas evidências mostram que a utilização de variáveis que carregam o sentimento sobre algum aspecto da vida, como renda e saúde, encobre ou distorce parte das associações dos valores humanos na satisfação. Provavelmente por conter no seu significado parte da ansiedade e preocupação que interfere na relação dos valores humanos com o bem-estar subjetivo, como a insegurança sobre a sua vida ou a ameaça física e psicológica (SCHWARTZ, 2015).

**Quadro 5** – Bases motivacionais dos valores humanos de Schwartz e seus possíveis efeitos no bem-estar subjetivo

	Orientação ao crescimento (+)	Orientação à autoproteção (-)
Foco pessoal (+)	Hedonismo, estimulação e autodireção (+ +)	Poder e realização (+ -)
Foco social (-)	Benevolência e universalismo (- +)	Segurança, conformidade e tradição (- -)

Nota: (+ +) indica associações positivas à satisfação, (- -) indica associações negativas à satisfação e (+ -) indica que a associação depende da força relativa (entre foco ou orientação) da base motivacional.

Fonte: Adaptado pelos autores de Sortheix e Schwartz (2017, p. 190)

A utilização de outras variáveis como representativas do bem-estar subjetivo também apresentou resultados que destoam das hipóteses gerais apresentadas no Quadro 5. A felicidade manteve resultados consistentes para os valores de abertura à mudança (autodireção, estimulação e hedonismo). Mas para os valores de conservação apresentou relação positiva ou não significativa, que não corresponde com a estrutura teórica levantada sobre valores com orientação à autoproteção e foco social. Além disso, as variáveis que tratam de domínios

específicos do bem-estar (satisfação com o estado da economia, educação, saúde, governo e democracia) apresentaram padrões diversos, que motivam estudos e análises que não estão no escopo deste trabalho. Porém, é importante observar que a autodireção apresentou relação negativa com estes domínios da satisfação, o que pode ser uma resposta psicológica a falta de controle e autonomia que os indivíduos têm sobre os temas que motivam essas facetas do bem-estar subjetivo. Adicionalmente, o hedonismo e a conformidade apresentaram resultados consistentes para todas as variáveis de bem-estar subjetivo testadas. A motivação do prazer para si, característicos dos valores hedonistas, e os mecanismos de redução de dissonância e de fuga do enfrentamento psicológico que acontecem quando há conformidade, parecem ter repercussões gerais ao bem-estar subjetivo.

Os resultados para as fortes privações em renda, educação e saúde condizem com o esperado para a satisfação com a vida em relação a esses domínios, sua escassez reduz os níveis de satisfação. Esses resultados também são condizentes com os encontrados por Bellani e D'Ambrosio (2011) para dados europeus, utilizando indicadores de privação multidimensional. A ausência de privação em saúde e renda foram positivas à satisfação, mas o mesmo não ocorreu com a ausência em educação. Levantamos duas possibilidades para este resultado em particular, a frustração com expectativas não realizadas com o alto nível educacional adquirido (FERRANTE, 2009) e a pouca diferenciação posicional em relação aos pares quando se adquire maior educação (SALINAS-JIMÉNEZ; ARTÉS; SALINAS-JIMÉNEZ, 2011). O mesmo não aconteceria com a renda, por diferenciar mais os indivíduos, nem com a saúde, pois os não privados representam uma parcela muito grande e bastante heterogênea comparados aos com alguma privação em saúde.

Além disso, os impactos dos valores na satisfação com a vida foram mais similares entre as categorias de privação de renda e de educação do que com a de saúde. Em primeiro lugar, deve se considerar que as privações mais severas de saúde comprometem aspectos diferentes da educação e renda, além de serem muito mais prejudiciais ao bem-estar subjetivo<sup>10</sup>. A privação de saúde pode ser algo psicologicamente pior que renda e educação, pois o indivíduo enxerga menos, ou não enxerga, alternativas para a sua situação. Essas diferenças podem colocar os indivíduos a avaliarem suas micropreocupações mais urgentes, levando a impactos mais severos no bem-estar subjetivo quando alguns valores são priorizados. Em segundo lugar, as motivações de valores são mais heterogêneas na saúde. As causas dos males que levam as

---

<sup>10</sup> A forte privação em saúde apresentou um resultado três vezes mais prejudicial à satisfação com a vida que as demais privações.

privações na saúde podem ser de ordem física, mental ou emocional. Uma pessoa em depressão pode priorizar e ter maior satisfação com a benevolência do que com o hedonismo, uma vez que pode amenizar sua tristeza na companhia de alguém, mas não encontra forças para animar a si próprio. Isso não necessariamente acontece com alguém que, por exemplo, perdeu sua capacidade de locomoção e busca em prazeres hedonistas uma forma de mitigar a sua dor. Já a educação e a renda pertencem a objetivos que, na maior parte das vezes se interseccionam, relacionados ao planejamento e estilo de vida.

Apesar disso, a maior parte de nossas hipóteses sobre a interação das categorias privação com os valores humanos se confirmaram. Apenas o efeito negativo da interação da realização com os fortemente privados não foi confirmada. Para os demais valores, confirmamos as hipóteses levantadas para as categorias de privação nos domínios da renda e educação. Na saúde encontramos resultados não previstos para as interações dos fortemente privados com estimulação e conformidade, e dos não privados com conformidade.

Nossas hipóteses sobre os valores de abertura à mudança para os indivíduos não privados foram satisfeitas. O maior número de funcionamentos não exerce, ou exerce muito pouca, interferência nos valores de autodireção, estimulação e hedonismo em sua relação com a satisfação. Esses valores respondem às exigências da autonomia, das novidades e do prazer próprio dos indivíduos, que tendem a se adaptar e estabilizar em determinados níveis de bem-estar subjetivo. Isso se deve, provavelmente, as maiores oportunidades de realizar os objetos dos desejos desses valores, que reduzem o bem-estar subjetivo aos níveis iniciais. No caso da não privação em saúde, o hedonismo teve efeito negativo em sua interação. Esse grupo, em particular, responde a maior parte da amostra (73,73%), o que significa que este resultado responde mais sobre a comparação entre a média amostral e os indivíduos com alguma privação do que o resultado de alguém que tem alguma vantagem em relação a maior parte da população, como as *proxies* de renda (maior decil de renda) e educação (pós-graduação).

Para as interações da autodireção com as categorias de indivíduos fortemente privados, não houve efeito na satisfação com a vida para as privações em renda e educação, e efeito negativo em saúde. O hedonismo ampliou a satisfação com a vida de todos os indivíduos nas privações selecionadas. Se por um lado a perda da autonomia decorrente das privações pode ocasionar frustração, as micropreocupações que surgem encontram resposta na busca por prazeres imediatos. Essas duas possibilidades levantadas sobre a autodireção e o hedonismo podem estar relacionadas ao efeito positivo da interação entre a estimulação e a forte privação

em saúde. A motivação da busca pela novidade e pelos novos desafios pode ser algo que supre a insatisfação pela falta de autonomia quando não se tem muito mais a perder.

Sobre a realização, acreditávamos que a falta de oportunidades dificultaria o alinhamento das competências individuais com os padrões sociais, deixando as pessoas em privação mais frustradas. Essa suposição não se confirmou em nenhum dos casos. Acreditamos que a ausência de impacto na satisfação em indivíduos fortemente privados que priorizam este valor é decorrente das comparações interpessoais que acontecem na localidade onde vivem. O distanciamento de pessoas com *outputs* diferentes em renda, educação e saúde fortalecem objetivos comuns (APPADURAI, 2004), estabelecendo padrões sociais onde as competências são similares. Possivelmente em uma amostra onde as desigualdades são maiores e ocorrem em um espaço geográfico maior, encontraríamos algum efeito da realização. Uma alternativa seria incluir uma medida posicional dos funcionamentos dos indivíduos em relação à média da região onde vivem. Mas este exercício não fez parte do escopo deste trabalho.

Nossas hipóteses sobre o valor de poder também se confirmaram, mostrando que as diferentes categorias de privação não interferem na sua relação com a satisfação com a vida. Apesar disso, para a saúde o poder teve efeito positivo. Esse resultado se alinha com a nossa suposição de que em privação, ao menos em privações mais severas, os efeitos nocivos do poder à satisfação são aliviados pela menor ameaça ao *status*, uma vez que estas pessoas se encontram nos menores níveis de seus funcionamentos e têm pouca dominância sobre os recursos e as pessoas a sua volta.

Os valores de segurança ampliaram seus efeitos perversos à satisfação nos mais privados e mitigaram seus efeitos em não privados. As suposições levantadas corroboram com esses resultados. Além disso, os efeitos diretos da segurança na satisfação perderam significância nos modelos de interação com privações fortes. Esse achado reforça a hipótese dos mais privados perceberem a sociedade de maneira mais negativa, por viverem em um mundo de maior insegurança, que gera um número maior de micropreocupações e frustrações.

Os resultados da conformidade para a renda e educação estão alinhados as nossas suspeitas de que a priorização de objetivos voltados a evitar comportamentos que prejudiquem ou incomodem outros ou as normas sociais, estão sujeitos a mecanismos de redução de dissonância cognitiva. Isso pode ser verificado na interação dos fortemente privados nestes domínios e a conformidade, ampliando seus efeitos na satisfação. A conformidade seria uma resposta a esses contextos desfavoráveis de forte privação, o que se alinha ao que sugerem os teóricos das preferências adaptativas (BERLIN, 1969; NUSSBAUM, 2001, 2000; SEN, 1987,

1995). Entretanto para as categorias de saúde não encontramos efeito da conformidade na satisfação dos fortemente privados e relação negativa com os não privados. Uma hipótese a ser investigada é que, em alguns casos, as privações em saúde não colocam o indivíduo que prioriza a conformidade em situações de acomodação psicológica. No caso da privação da saúde emocional, por exemplo, pode ser exatamente o caso de não aceitar a sua situação em que se encontra. Já os não privados em saúde representam uma quantidade substancial de observações, seu efeito negativo na interação com a conformidade parece corrigir o aumento do efeito isolado da conformidade na satisfação.

A tradição é um valor similar a conformidade, mas o que motiva a subordinação dos indivíduos são as normas culturais e religiosas. Teorizamos sobre a possibilidade de a priorização da tradição ter seus efeitos negativos à satisfação reduzidos para indivíduos fortemente privados, o que se confirmou para a categoria da saúde, mas não para renda e educação. Possivelmente existe uma necessidade maior de se alinhar as tradições, em especial a religião, quando a saúde está comprometida do que na escassez de renda ou educação. De fato, existem associações positivas na Europa entre uma maior participação religiosa e uma menor depressão (VANDERWEELE, 2017), por exemplo.

A melhor qualidade de vida propiciada pelas categorias mais altas de renda e educação, reduziu os efeitos positivos da benevolência na satisfação. Confirmando nossa hipótese de que a menor necessidade de manter os laços sociais desses indivíduos prejudica o bem-estar subjetivo de indivíduos que priorizam a benevolência, pela falta de oportunidades de realizar os objetos de sua motivação. Para a categoria de não privados em saúde não encontramos efeitos pois, possivelmente, não se encontram longe da média do nível geral de saúde.

Por fim, o universalismo apresentou efeitos somente na interação das categorias de privação de renda. O universalismo tem objetivos extrínsecos ao indivíduo, nutrindo preocupações com a sociedade e a natureza. Estas motivações se mostram problemáticas à satisfação com a vida para os indivíduos fortemente privados em renda, e favoráveis para os com maior renda. Os mais privados em renda, provavelmente, devem vislumbrar menos a possibilidade da resolução de suas macropreocupações. Por outro lado, os que estão no topo da renda conseguem ver suas macropreocupações resolvidas ou mitigadas em algum ponto.

A diversidade de resultados encontrados traz questionamentos para as abordagens que buscam formular políticas visando o bem-estar subjetivo individual. Em primeiro lugar, pela complexidade de se definir as facetas do bem-estar subjetivo e os diferentes resultados encontrados aos valores humanos para cada um deles. Em segundo lugar, ao se pensar em

políticas de grande transformação social ou ambiental, a análise pela satisfação com a vida pode não encontrar muito suporte pela falta de benefícios que enxergam os que nutrem valores universalistas. Isso se mostra pior quando consideramos pessoas em privação. Como o universalismo e suas macropreocupações são característicos de indivíduos das classes mais altas, os indivíduos mais privados têm poucos incentivos para manter suas lutas contra as desigualdades sociais.

Em terceiro lugar, os indivíduos fortemente privados tendem a valorizar e se beneficiar subjetivamente da conformidade e têm efeitos nos valores de hedonismo e até mesmo de autodireção, que podem os colocar em uma situação de aceitar a sua miséria. O aumento dos benefícios da conformidade à satisfação dos mais privados os fazem tender a aceitar mais as injustiças impostas pelas normas sociais. Ao passo que a redução da satisfação propiciada pela autodireção, faz a autonomia ser um aspecto menos importante na sua vida, enquanto a ampliação dos benefícios do hedonismo torna sua vida mais suportável por meio de pequenos prazeres.

## **6. Conclusão**

Neste trabalho, o principal objetivo foi verificar como as privações interferem nas relações entre os valores humanos e o bem-estar subjetivo. Especificamente, analisamos os efeitos dos valores humanos de Schwartz na satisfação com a vida em contextos de fortes privações, bem como na ausência de privações, de renda, educação e saúde. Para isso, utilizamos modelos multinível e testamos interações entre os valores e as categorias de privação, em um número mais amplo de observações que em estudos anteriores.

Nossos resultados sobre a associação dos valores com a satisfação com a vida foram condizentes com hipóteses e resultados de outros estudos. Também analisamos outras implicações a avaliação dos valores ao bem-estar subjetivo. Identificamos que a utilização de variáveis subjetivas para mensurar funcionamentos, como saúde e renda, distorcem a associação dos valores com a satisfação. Provavelmente por conter parte da explicação subjetiva, em termos ansiedades e preocupações, que fazem parte da formação das motivações humanas. Além disso, a utilização de variáveis dependentes que representam outras facetas do bem-estar subjetivo resultou em padrões diversos de sua associação com os valores humanos. Os únicos valores com associações coerentes em todas essas facetas foram o hedonismo e a conformidade, dando indícios de que a busca pelo prazer e os mecanismos de redução de dissonância cognitiva são comuns aos diferentes tipos de bem-estar subjetivo.

Encontramos, também, prejuízo a satisfação com a vida para indivíduos em privação e uma relação positiva para os não privados. As hipóteses formuladas para a interação dos valores com privações, ou ausência de privações, foram verificadas em quase sua totalidade para os domínios de renda e educação, com algumas exceções adicionais no domínio da saúde. Atribuímos essas diferenças na saúde à severidade de seu impacto na satisfação com a vida, às motivações diversas que pode ter, como saúde física, psicológica e emocional, que se relacionariam a diferentes motivações dos valores humanos e à diferença amostral dos não privados em saúde, que representam mais de 70% da amostra.

As evidências encontradas neste estudo mostram que as privações direcionam os indivíduos a uma série de particularidades em relação a avaliação do próprio bem-estar subjetivo conforme a priorização de valores. Identificamos uma tendência das pessoas em forte privação a se satisfazerem mais quando priorizam valores hedônicos e de conformidade, ao passo que reduzem seus níveis de satisfação ao priorizarem segurança. Esses achados reforçam a hipótese de que os mais privados têm maior sujeição aos mecanismos de redução de dissonância cognitiva, como a formação de preferências adaptativas. Além disso, o ambiente de maior insegurança em diferentes domínios gera maiores micropreocupações, que são danosas à satisfação com a vida. Por outro lado, os não privados têm maior satisfação ao valorizar a segurança, pois estão mais propensos a ter mais preocupações macro do que micro. A melhor qualidade de vida também reduz a necessidade de preservar os vínculos sociais, o que parece impactar os benefícios da benevolência na satisfação.

As macropreocupações parecerem intervir também nos resultados do universalismo nas categorias de privação de renda. Os indivíduos com maior renda têm mais possibilidade de resolver suas macropreocupações, então a priorização do universalismo é favorável a satisfação com a vida. Já os indivíduos privados que priorizam este valor, não conseguem ver solução de suas macropreocupações, reduzindo sua satisfação. Esperávamos encontrar uma relação negativa da interação dos valores de realização e privações com a satisfação, mas não encontramos efeitos. Argumentamos que possivelmente as interações sociais resultem em padrões locais, onde a comparação interpessoal gera metas comuns e mais alcançáveis.

Estes resultados trazem questionamentos sobre a priorização de valores em diferentes estratos sociais. A insatisfação pode deixar que os mais pobres deixem de nutrir e dar importância a valores como universalismo, e os mais ricos deixem a benevolência de lado. Além disso, os mais pobres parecem fomentar sua satisfação quando priorizam a conformidade e hedonismo e, em alguns casos, renunciam à autodireção. Esses são indicativos de que estes

indivíduos têm maior tendência a formar preferências adaptativas, renunciando à sua autonomia e buscando prazeres hedonistas, de forma a entrar em conformidade com as pessoas, as normas sociais e o mundo a sua volta. As implicações destes achados para as políticas sugerem que talvez seja necessária uma concepção normativa do que as pessoas devem desejar e valorar (KHADER, 2009; NUSSBAUM, 2000).

É importante destacar que estes resultados não são generalizáveis para além da Europa. Estudos posteriores podem investigar localidades com culturas distintas, em diferentes etapas de desenvolvimento, de desigualdade e de níveis de privação. Apesar de utilizarmos mais do que uma ronda do ESS, não foram feitas comparações das observações ao longo do tempo. Outras fontes de dados podem possibilitar que se retirem conclusões mais robustas. Também nos restringimos a classificar a privação em apenas três dimensões. Podem ser avaliados os efeitos no bem-estar subjetivo das privações juntamente dos valores sobre outros aspectos da vida humana, como a escassez de necessidades básicas ou a dificuldade de se estabelecer conexões sociais, bem como investigar as privações por meio de índices multidimensionais. Um último fator relevante que pode ser destacado é que este trabalho não investigou os efeitos das comparações interpessoais sobre funcionamentos e valores, o que pode refletir nos níveis de satisfação individual. Todos estes questionamentos são pontos importantes que podem motivar pesquisas futuras.

## Referências

- AAVIK, T.; DOBEWALL, H. Where is the Location of “Health” in the Human Values System? Evidence from Estonia. **Social Indicators Research**, vol. 131, nº 3, p. 1145–1162, 1 abr. 2017. DOI 10.1007/S11205-016-1287-4/FIGURES/3. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s11205-016-1287-4>. Acessado em: 29 abr. 2023.
- APPADURAI, A. The capacity to aspire. *In*: RAO, V.; WALTON, M. (orgs.). **Culture and public action**. 1º ed. Stanford: Stanford University Press, 2004. p. 59–84.
- ASLAM, A.; CORRADO, L. The geography of well-being. **Journal of Economic Geography**, vol. 12, nº 3, p. 627–649, 1 maio 2012. DOI 10.1093/jeg/lbr041. Disponível em: <https://academic.oup.com/joeg/article-lookup/doi/10.1093/jeg/lbr041>. Acessado em: 26 jan. 2023.
- BELLANI, L.; D’AMBROSIO, C. Deprivation, Social Exclusion and Subjective Well-Being. **Social Indicators Research**, vol. 104, nº 1, p. 67–86, 29 set. 2011. DOI 10.1007/S11205-010-

9718-0/TABLES/7. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s11205-010-9718-0>. Acessado em: 3 maio 2023.

BERLIN, I. Two concepts of liberty. **Four essays on liberty**. New York: Oxford University Press, 1969.

BRUNA, F. Happy Cultures? A Multilevel Model of Well-Being with Individual and Contextual Human Values. **Social Indicators Research**, vol. 164, p. 55–77, 2022. DOI 10.1007/s11205-021-02858-6. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s11205-021-02858-6>. Acessado em: 26 jan. 2023.

CLENCH-AAS, J.; HOLTE, A. The financial crisis in Europe: Impact on satisfaction with life. **Scandinavian Journal of Public Health**, vol. 45, n° 18\_suppl, p. 30–40, 29 ago. 2017. DOI 10.1177/1403494817718692. Disponível em: <http://journals.sagepub.com/doi/10.1177/1403494817718692>. Acessado em: 26 jan. 2023.

DAVIDOV, E.; SCHMIDT, P.; SCHWARTZ, S. H. Bringing values back in: The adequacy of the European Social Survey to measure values in 20 Countries. **Public Opinion Quarterly**, vol. 72, n° 3, p. 420–445, 28 ago. 2008. DOI 10.1093/poq/nfn035. Disponível em: <https://academic.oup.com/poq/article-lookup/doi/10.1093/poq/nfn035>.

DIENER, E.; LUCAS, R. E.; SCOLLON, C. N. Beyond the hedonic treadmill: Revising the adaptation theory of well-being. **The Science of Well-Being. Social Indicators Research Series**. 2009. vol. 37, p. 103–118. DOI 10.1007/978-90-481-2350-6\_5. Disponível em: [http://link.springer.com/10.1007/978-90-481-2350-6\\_5](http://link.springer.com/10.1007/978-90-481-2350-6_5).

EASTERLIN, R. A. Life cycle happiness and its sources. Intersections of psychology, economics, and demography. **Journal of Economic Psychology**, vol. 27, n° 4, p. 463–482, ago. 2006. <https://doi.org/10.1016/J.JOEP.2006.05.002>. Acessado em: 28 abr. 2023.

ELSTER, J. **Sour grapes: Studies in the subversion of rationality**. Cambridge: Cambridge University Press, 1983. <https://doi.org/10.1017/CBO9781316494172>.

FERRANTE, F. Education, Aspirations and Life Satisfaction. **Kyklos**, vol. 62, n° 4, p. 542–562, 1 nov. 2009. DOI 10.1111/J.1467-6435.2009.00450.X. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/full/10.1111/j.1467-6435.2009.00450.x>. Acessado em: 3 maio 2023.

FESTINGER, L. **Teoria da dissonância cognitiva**. Rio de Janeiro: Zahar, 1957.

KAMINSKA, O. **Guide to using weights and sample design indicators with ESS data contents.** 2020. Disponível em:

[https://www.europeansocialsurvey.org/docs/methodology/ESS\\_weighting\\_data\\_1\\_1.pdf](https://www.europeansocialsurvey.org/docs/methodology/ESS_weighting_data_1_1.pdf).

Acessado em: 11 out. 2022.

KHADER, S. J. Adaptive Preferences and Procedural Autonomy. **Journal of Human Development and Capabilities**, vol. 10, n° 2, p. 169–187, 1 jul. 2009. DOI 10.1080/19452820902940851. Disponível em:

<http://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/19452820902940851>. Acessado em: 4 maio 2023.

MORRISON, P. S.; WECKROTH, M. Human values, subjective well-being and the metropolitan region. **Regional Studies**, vol. 52, n° 3, p. 325–337, 4 mar. 2018. DOI 10.1080/00343404.2017.1331036. Disponível em:

<https://www.tandfonline.com/action/journalInformation?journalCode=cres20>. Acessado em: 26 jan. 2023.

NUSSBAUM, M. C. Symposium on Amartya Sen’s philosophy: 5 Adaptive preferences and women’s options. **Economics and Philosophy**, vol. 17, n° 1, p. 67–88, 17 abr. 2001. DOI 10.1017/S0266267101000153. Disponível em:

[https://www.cambridge.org/core/product/identifier/S0266267101000153/type/journal\\_article](https://www.cambridge.org/core/product/identifier/S0266267101000153/type/journal_article).

NUSSBAUM, M. C. **Women and human development: The capabilities approach.** New York: Cambridge University Press, 2000.

REESKENS, T.; VANDECASTEELE, L. Hard times and European youth. The effect of economic insecurity on human values, social attitudes and well-being. **International Journal of Psychology**, vol. 52, n° 1, p. 19–27, 2017. DOI 10.1002/ijop.12387. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1002/ijop.12387>. Acessado em: 29 abr. 2023.

SALINAS-JIMÉNEZ, M.; ARTÉS, J.; SALINAS-JIMÉNEZ, J. Education as a Positional Good: A Life Satisfaction Approach. **Social Indicators Research**, vol. 103, n° 3, p. 409–426, 15 set. 2011. DOI 10.1007/s11205-010-9709-1. Disponível em: <http://link.springer.com/10.1007/s11205-010-9709-1>. Acessado em: 3 maio 2023.

SCHWARTZ, S. H. A Proposal for Measuring Value Orientations across Nations. **Questionnaire Development Package of the European Social Survey.** 2003. p. 259–319. Disponível em:

[https://www.europeansocialsurvey.org/docs/methodology/core\\_ess\\_questionnaire/ESS\\_core\\_questionnaire\\_human\\_values.pdf](https://www.europeansocialsurvey.org/docs/methodology/core_ess_questionnaire/ESS_core_questionnaire_human_values.pdf). Acessado em: 28 jan. 2023.

SCHWARTZ, S. H. Are There Universal Aspects in the Structure and Contents of Human Values? **Journal of Social Issues**, vol. 50, n° 4, p. 19–45, jan. 1994. DOI 10.1111/j.1540-4560.1994.tb01196.x. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1540-4560.1994.tb01196.x>.

SCHWARTZ, S. H. Basic Human Values: Theory, Measurement, and Applications. **Revue française de sociologie**, vol. 47, n° 4, p. 929–968, 2006. DOI 10.3917/RFS.474.0929. Disponível em: <https://www.cairn-int.info/journal-revue-francaise-de-sociologie-1-2006-4-page-929.htm?contenu=article>. Acessado em: 28 abr. 2023.

SCHWARTZ, S. H. **Computing Scores for the 10 Human Values**. 2015. . Acessado em: 26 jan. 2023.

SCHWARTZ, S. H. Universals in the content and structure of values: Theoretical advances and empirical tests in 20 countries. **Advances in Experimental Social Psychology**. 1992. p. 1–65. DOI 10.1016/S0065-2601(08)60281-6. Disponível em: <https://linkinghub.elsevier.com/retrieve/pii/S0065260108602816>.

SCHWARTZ, S. H.; SAGIV, L.; BOEHNKE, K. Worries and Values. **Journal of Personality**, vol. 68, n° 2, p. 309–346, 2000. <https://doi.org/10.1111/1467-6494.00099>. Acessado em: 29 abr. 2023.

SEN, A. **Gender and cooperative conflicts**, n. 18. Helsinki: 1987.

SEN, A. **Inequality Reexamined**. Cambridge: Harvard University Press, 1995(Russell Sage Foundation Bks). Disponível em: <https://books.google.es/books?id=HvMX68tJXqUC>.

SORTHEIX, F. M.; LÖNNQVIST, J. E. Personal Value Priorities and Life Satisfaction in Europe: The Moderating Role of Socioeconomic Development. **Journal of Cross-Cultural Psychology**, vol. 45, n° 2, p. 282–299, fev. 2014. <https://doi.org/10.1177/0022022113504621/FORMAT/EPUB>. Acessado em: 26 jan. 2023.

SORTHEIX, F. M.; SCHWARTZ, S. H. Values that Underlie and Undermine Well-Being: Variability across Countries. **European Journal of Personality**, vol. 31, n° 2, p. 187–201, 1 mar. 2017. DOI 10.1002/per.2096. Disponível em: <http://journals.sagepub.com/doi/10.1002/per.2096>. Acessado em: 26 jan. 2023.

STEINMETZ, H.; SCHMIDT, P.; TINA-BOOH, A.; WIECZOREK, S.; SCHWARTZ, S. H. Testing measurement invariance using multigroup CFA: differences between educational groups in human values measurement. **Qual Quant**, vol. 43, p. 599–616, 2009. <https://doi.org/10.1007/s11135-007-9143-x>. Acessado em: 29 abr. 2023.

VANDERWEELE, T. J. Religion and health in Europe: cultures, countries, context. **European Journal of Epidemiology**, vol. 32, n° 10, p. 857–861, 1 out. 2017. DOI 10.1007/S10654-017-0310-7/METRICS. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s10654-017-0310-7>. Acessado em: 3 maio 2023.

WOLFE, M. T.; PATEL, P. C. Satisfaction guaranteed? Life satisfaction, institutional factors, and self-employment. **Journal of Business Venturing Insights**, vol. 9, p. 45–52, 1 jun. 2018. DOI 10.1016/j.jbvi.2018.02.002. Disponível em: <https://linkinghub.elsevier.com/retrieve/pii/S2352673417301087>. Acessado em: 26 jan. 2023.

## APÊNDICE A – Número de observações e níveis das regiões NUTS

Country	Region	ESS round				NUTS level
		6	7	8	9	
Albania	Berat	63				Other
	Durrës	113				Other
	Elbasan	128				Other
	Fier	121				Other
	Gjirokaštër	47				Other
	Korçë	117				Other
	Kukës	31				Other
	Lezhë	55				Other
	Dibër	46				Other
	Shkodër	90				Other
	Tiranë	286				Other
	Vlorë	104				Other
Austria	Burgenland		58	71	85	2
	Niederösterreich		324	386	458	2
	Wien		361	398	515	2
	Kärnten		113	132	164	2
	Steiermark		253	281	388	2
	Oberösterreich		331	348	410	2
	Salzburg		124	140	163	2
	Tirol		146	159	201	2
	Vorarlberg		85	95	115	2
Belgium	Région de Bruxelles-Capitale /Brussels Hoofdstedelijk Gewest	166	149	191	141	2
	Prov. Antwerpen	305	256	287	297	2
	Prov. Limburg	166	151	152	163	2
	Prov. Oost-Vlaanderen	224	212	260	219	2
	Prov. Vlaams-Brabant	186	159	164	162	2
	Prov. West-Vlaanderen	224	224	209	221	2
	Prov. Brabant Wallon	64	61	62	84	2
	Prov. Hainaut	188	237	169	211	2
	Prov. Liège	221	184	134	151	2
	Prov. Luxembourg	51	57	48	46	2
	Prov. Namur	74	79	90	72	2
Bulgaria	Vidin	45			44	3
	Montana	60			56	3
	Vratsa	67			47	3
	Pleven	75			89	3
	Lovech	53			51	3
	Veliko Tarnovo	81			53	3
	Gabrovo	34			36	3
	Ruse	71			91	3
	Razgrad	63			44	3
	Silistra	32			51	3
	Varna	120			122	3
	Dobrich	52			71	3
	Shumen	65			59	3
	Targovishte	38			40	3
	Burgas	116			128	3

Country	Region	ESS round				NUTS level
		6	7	8	9	
	Sliven	53			64	3
	Yambol	30			28	3
	Stara Zagora	128			87	3
	Sofia (capital)	287			280	3
	Sofia (region)	79			97	3
	Blagoevgrad	101			91	3
	Pernik	40			29	3
	Kyustendil	47			52	3
	Plovdiv	215			213	3
	Haskovo	80			85	3
	Pazardzhik	98			99	3
	Smolyan	48			44	3
	Kardzhali	82			47	3
Switzerland	Région lémanique	229	252	265	296	2
	Espace Mittelland	397	368	361	355	2
	Nordwestschweiz	204	200	211	202	2
	Zürich	234	237	236	251	2
	Ostschweiz	236	259	238	239	2
	Zentralschweiz	162	148	158	140	2
	Ticino	31	68	56	58	2
Cyprus	Cyprus	1116			781	1
Czechia	Hlavní mesto Praha	252	257	277	329	3
	Stredočeský kraj	211	251	265	285	3
	Jihočeský kraj	129	132	136	128	3
	Plzeňský kraj	114	128	136	127	3
	Karlovarský kraj	64	73	61	69	3
	Ústecký kraj	153	186	199	201	3
	Liberecký kraj	71	106	99	107	3
	Královéhradecký kraj	113	126	126	111	3
	Pardubický kraj	100	116	109	114	3
	Vysocina	102	98	104	109	3
	Jihomoravský kraj	216	193	245	278	3
	Olomoucký kraj	127	103	139	130	3
	Zlínský kraj	124	95	112	133	3
	Moravskoslezský kraj	233	284	261	277	3
Germany	Baden-Württemberg	311	327	298	277	1
	Bayern	397	410	371	402	1
	Berlin	119	160	125	91	1
	Brandenburg	176	185	167	66	1
	Bremen	15	25	24	8	1
	Hamburg	40	48	32	54	1
	Hessen	166	187	181	155	1
	Mecklenburg-Vorpommern	129	126	124	54	1
	Niedersachsen	272	254	228	276	1
	Nordrhein-Westfalen	473	497	498	488	1
	Rheinland-Pfalz	133	131	117	109	1
	Saarland	11	34	23	27	1
	Sachsen	305	269	277	138	1
	Sachsen-Anhalt	176	155	148	67	1
	Schleswig-Holstein	98	80	91	85	1

Country	Region	ESS round				NUTS level
		6	7	8	9	
	Thüringen	137	157	148	61	1
Denmark	Hovedstaden	455	400		181	2
	Sjælland	219	218		369	2
	Syddanmark	355	365		378	2
	Midjylland	431	370		436	2
	Nordjylland	190	149		208	2
Estonia	Põhja-Eesti	883	909	824	751	3
	Lääne-Eesti	273	189	236	235	3
	Kesk-Eesti	255	177	213	207	3
	Kirde-Eesti	319	364	209	201	3
	Lõuna-Eesti	650	412	537	510	3
Spain	Galicia	111	142	134	134	2
	Principado de Asturias	40	52	55	39	2
	Cantabria	26	31	24	24	2
	País Vasco	78	92	94	82	2
	Comunidad Foral de Navarra	22	26	28	21	2
	La Rioja	10	18	10	11	2
	Aragón	59	67	64	60	2
	Comunidad de Madrid	300	243	244	220	2
	Castilla y León	102	114	117	95	2
	Castilla-La Mancha	91	91	87	95	2
	Extremadura	44	56	51	48	2
	Cataluña	267	265	272	216	2
	Comunidad Valenciana	175	196	203	164	2
	Illes Balears	34	40	48	30	2
	Andalucía	405	351	384	314	2
	Región de Murcia	54	55	53	41	2
	Ciudad Autónoma de Ceuta	6	4	7	4	2
	Ciudad Autónoma de Melilla		5		3	2
	Canarias	65	77	83	67	2
Finland	Keski-Suomi	125	90	98	87	3
	Etelä-Pohjanmaa	71	93	80	62	3
	Pohjanmaa	68	71	71	64	3
	Satakunta	104	109	99	85	3
	Pirkanmaa	205	196	155	152	3
	Helsinki-Uusimaa	581	550	532	491	3
	Varsinais-Suomi	201	175	151	155	3
	Kanta-Häme	74	69	53	46	3
	Päijät-Häme	76	70	72	71	3
	Kymenlaakso	74	84	69	59	3
	Etelä-Karjala	58	47	47	48	3
	Etelä-Savo	64	54	57	54	3
	Pohjois-Savo	110	110	101	89	3
	Pohjois-Karjala	66	61	59	56	3
	Kainuu	34	37	30	29	3
	Keski-Pohjanmaa	26	30	26	19	3
	Pohjois-Pohjanmaa	165	149	137	122	3
	Lappi	81	78	74	60	3
	Åland	14	14	14	6	3
	France	Île de France	301	281	251	287

Country	Region	ESS round				NUTS level
		6	7	8	9	
	Champagne-Ardenne	44	17			2
	Picardie	64	84			2
	Haute-Normandie	63	53			2
	Centre	97	83			2
	Basse-Normandie	47	51			2
	Bourgogne	60	54			2
	Nord-Pas-de-Calais	116	91			2
	Lorraine	109	47			2
	Alsace	70	65			2
	Franche-Comté	33	22			2
	Pays de la Loire	100	112			2
	Bretagne	100	138			2
	Poitou-Charentes	66	42			2
	Aquitaine	97	121			2
	Midi-Pyrénées	109	139			2
	Limousin	25	49			2
	Rhône-Alpes	237	147			2
	Auvergne	41	45			2
	Languedoc-Roussillon	58	91			2
	Provence-Alpes-Côte d'Azur	131	185			2
	Centre-Val de Loire			82	81	2
	Bourgogne			62	59	2
	Franche-Comté			36	42	2
	Basse-Normandie			65	52	2
	Haute-Normandie			56	53	2
	Nord-Pas-de-Calais			131	127	2
	Picardie			61	73	2
	Alsace			68	63	2
	Champagne-Ardenne			54	36	2
	Lorraine			90	66	2
	Pays de la Loire			126	122	2
	Bretagne			118	127	2
	Aquitaine			113	120	2
	Limousin			26	25	2
	Poitou-Charentes			55	59	2
	Languedoc-Roussillon			99	82	2
	Midi-Pyrénées			115	97	2
	Auvergne			60	48	2
	Rhône-Alpes			249	221	2
	Provence-Alpes-Côte d'Azur			153	170	2
United Kingdom		2				2
			3			1
	North East (England)	117	115	71	115	1
	North West (England)	243	260	259	246	1
	Yorkshire and the Humber	192	176	165	207	1
	East Midlands (England)	173	178	161	166	1
	West Midlands (England)	208	186	176	149	1
	East of England	194	200	183	229	1
	London	232	213	173	213	1
	South East (England)	303	329	247	332	1

Country	Region	ESS round				NUTS level
		6	7	8	9	
	South West (England)	212	203	159	205	1
	Wales	115	130	125	95	1
	Scotland	215	209	170	178	1
	Northern Ireland	82	62	70	69	1
Croatia	Primorsko-goranska županija				128	3
	Ličko-senjska županija				31	3
	Zadarska županija				106	3
	Šibensko-kninska županija				50	3
	Splitsko-dalmatinska županija				212	3
	Istarska županija				104	3
	Dubrovačko-neretvanska županija				24	3
	Grad Zagreb				282	3
	Zagrebačka županija				99	3
	Krapinsko-zagorska županija				32	3
	Varaždinska županija				74	3
	Koprivničko-križevačka županija				35	3
	Međimurska županija				59	3
	Bjelovarsko-bilogorska županija				43	3
	Virovitičko-podravska županija				55	3
	Požeško-slavonska županija				39	3
	Brodsko-posavska županija				65	3
	Osječko-baranjska županija				130	3
	Vukovarsko-srijemska županija				61	3
	Karlovačka županija				113	3
	Sisačko-moslavačka županija				68	3
Hungary	Budapest	319	304	291	208	3
	Pest	247	226	153	228	3
	Fejer	72	70	67	76	3
	Komarom-Esztergom	64	39	42	45	3
	Veszprem	60	68	48	93	3
	Gyor-Moson-Sopron	81	62	62	32	3
	Vas	53	39	52	54	3
	Zala	62	50	46	71	3
	Baranya	73	61	78	45	3
	Somogy	91	52	56	34	3
	Tolna	44	43	16	26	3
	Borsod-Abauj-Zemplen	155	104	126	145	3
	Heves	76	66	34	36	3
	Nograd	26	43	15	38	3
	Hajdu-Bihar	115	96	72	111	3
	Jasz-Nagykun-Szolnok	87	80	93	102	3
	Szabolcs-Szatmár-Bereg	97	86	103	86	3
	Bács-Kiskun	137	83	120	104	3
	Békés	93	59	64	77	3
	Csongrád	62	67	76	50	3
Ireland	Border	371	340	406	203	3
	Midland	186	170	207	174	3
	West	354	285	358	308	3
	Dublin	610	525	640	507	3
	Mid-East	340	243	255	261	3

Country	Region	ESS round				NUTS level
		6	7	8	9	
	Mid-West	185	184	206	262	3
	South-East (IRL)	210	313	308	213	3
	South-West (IRL)	372	330	377	288	3
Israel	Israel	2508	2562	2557		Other
Iceland	Höfuðborgarsvæði (Great Reykavík Area)	469		522	684	3
	Landsbyggð (Rest of the country)	283		358	177	3
Italy	Nord-Ovest				727	1
	Piemonte	66		231		2
	Valle d'Aosta / Vallée d'Aoste			33		2
	Liguria	26		52		2
	Lombardia	85		367		2
	Sud				628	1
	Abruzzo	38		28		2
	Campania	81		221		2
	Puglia	24		241		2
	Basilicata	44		53		2
	Calabria	74		63		2
	Isole				274	1
	Sicilia	132		192		2
	Sardegna	35		66		2
	Nord-Est				593	1
	Provincia autonoma di Bolzano	17		19		2
	Provincia autonoma di Trento	14		14		2
	Veneto	68		231		2
	Friulia Venezia Giulia	5		82		2
	Emilia Romagna	64		276		2
	Centro (IT)				523	1
Toscana	72		123		2	
Umbria	14		45		2	
Marche	19		98		2	
Lazio	82		191		2	
Lithuania	Alytaus apskritis	102	105	106	107	3
	Kauno apskritis	431	487	461	348	3
	Klaipėdos apskritis	216	230	228	153	3
	Marijampolės apskritis	110	126	113	101	3
	Panevėžio apskritis	209	216	175	197	3
	Šiaulių apskritis	203	205	191	190	3
	Tauragės apskritis	84	106	87	105	3
	Telšiu apskritis	92	108	98	90	3
	Utenos apskritis	113	107	105	110	3
Vilniaus apskritis	549	560	558	434	3	
Latvia	Kurzeme				118	3
	Latgale				124	3
	Rīga				194	3
	Pierīga				169	3
	Vidzeme				162	3
	Zemgale				151	3
Montenegro	Црна Гора / Crna Gora				1200	Other
Netherlands	Groningen	65	50	49	62	2

Country	Region	ESS round				NUTS level
		6	7	8	9	
	Friesland (NL)	73	85	88	51	2
	Drenthe	64	70	53	70	2
	Overijssel	128	130	115	132	2
	Gelderland	230	241	230	221	2
	Flevoland	21	64	32	34	2
	Utrecht	158	133	114	132	2
	Noord-Holland	317	278	246	225	2
	Zuid-Holland	326	397	315	350	2
	Zeeland	52	48	46	37	2
	Noord-Brabant	292	273	266	244	2
	Limburg (NL)	119	150	127	115	2
Norway	Oslo og Akershus	345	355	352	349	2
	Hedmark og Oppland	117	100	115	88	2
	Sør-Østlandet	329	283	279	252	2
	Agder og Rogaland	259	180	220	200	2
	Vestlandet	282	248	267	259	2
	Trøndelag	146	140	158	116	2
	Nord-Norge	146	130	153	142	2
Poland	Lodzkie	130	130	129	118	2
	Mazowieckie	269	229	206	174	2
	Malopolskie	170	162	159	152	2
	Slaskie	238	176	194	221	2
	Lubelskie	103	97	103	84	2
	Podkarpackie	107	105	116	103	2
	Swietokrzyskie	72	62	61	48	2
	Podlaskie	56	57	61	46	2
	Wielkopolskie	156	140	147	107	2
	Zachodniopomorskie	90	66	68	54	2
	Lubuskie	53	45	46	36	2
	Dolnoslaskie	124	86	123	106	2
	Opolskie	51	33	36	34	2
	Kujawsko-pomorskie	110	96	74	77	2
	Warminsko-mazurskie	69	51	65	62	2
Pomorskie	100	80	106	78	2	
Portugal	Norte	713	470	468	352	2
	Algarve	70	69	44	54	2
	Centro	412	309	286	251	2
	Lisboa	870	303	351	287	2
	Alentejo	86	114	121	111	2
Serbia	Београдски регион / City of Belgrade				439	2
	Регион Војводине / Autonomous Province of Vojvodina				497	2
	Регион Шумадије и Западне Србије / Region Šumadije i Zapadne Srbije				609	2
	Регион Јужне и Источне Србије / Region Južne i Istočne Srbije				498	2
Russian Federation	Central FO	699		631		Other
	North Western FO	233		198		Other

Country	Region	ESS round				NUTS level
		6	7	8	9	
	Volga FO	527		554		Other
	South FO	253		253		Other
	North Caucasian FO	146		137		Other
	Ural FO	176		207		Other
	Siberian FO	349		331		Other
	Far East FO	101		119		Other
Sweden	Stockholm				336	2
	Stockholms län	432	424	280		3
	Östra Mellansverige				225	2
	Uppsala län	47	68	45		3
	Södermanlands län	46	43	54		3
	Östergötlands län	76	60	79		3
	Örebro län	57	45	57		3
	Västmanlands län	48	40	40		3
	Småland med öarna				133	2
	Jönköpings län	68	80	32		3
	Kronobergs län	33	39	10		3
	Kalmar län	59	41	22		3
	Gotlands län	11	14	214		3
	Sydsverige				218	2
	Blekinge län	36	35	45		3
	Skåne län	257	206	243		3
	Västsverige				304	2
	Hallands län	46	71	40		3
	Västra Götalands län	297	271	54		3
	Norra Mellansverige				142	2
	Värmlands län	44	56	36		3
	Dalarnas län	49	51	57		3
	Gävleborgs län	51	44	47		3
	Mellersta Norrland				66	2
	Västernorrlands län	62	54	55		3
	Jämtlands län	35	40	35		3
	Övre Norrland				115	2
	Västerbottens län	56	60	62		3
	Norrbottnens län	37	49	44		3
Slovenia	Pomurska	82	91	92	78	3
	Podravska	230	182	200	217	3
	Koroška	45	55	52	52	3
	Savinjska	159	167	185	165	3
	Zasavska	30	31	46	43	3
	Spodnje Posavska	54	54	62	48	3
	Jugovzhodna Slovenija	87	102	111	103	3
	Notranjsko-kraška	26	41	36	34	3
	Osrednjeslovenska	299	286	288	318	3
	Gorenjska	131	104	116	126	3
	Goriška	66	75	68	78	3
	Obalno-kraška	48	36	51	56	3
Slovakia	Bratislavský kraj	243			76	3
	Trnavský kraj	182			114	3
	Trenčiansky kraj	189			97	3

Country	Region	ESS round				NUTS level
		6	7	8	9	
	Nitriansky kraj	279			159	3
	Žilinský kraj	196			167	3
	Banskobystrický kraj	241			153	3
	Prešovský kraj	265			209	3
	Košický kraj	252			108	3
Ukraine	Crimea, Autonomy Republic	115				Other
	Vynnytska oblast	71				Other
	Volynska oblast	35				Other
	Dnipropetrovska oblast	138				Other
	Donetska oblast	183				Other
	Zhytomyrska oblast	56				Other
	Zakarpatska oblast	62				Other
	Zaporizska oblast	114				Other
	Ivano-Frankivska oblast	95				Other
	Kyivska oblast	100				Other
	Kirovogradska oblast	20				Other
	Luganska oblast	158				Other
	Lvivska oblast	112				Other
	Mykolaiivska oblast	55				Other
	Odesska oblast	74				Other
	Poltavska oblast	86				Other
	Rivenska oblast	65				Other
	Sumska oblast	42				Other
	Ternopil'ska oblast	40				Other
	Kharkivska oblast	153				Other
	Khersonska oblast	74				Other
	Khmelnitska oblast	66				Other
	Cherkasska oblast	81				Other
	Chernovytska oblast	34				Other
	Chernigivska oblast	43				Other
	Kyiv city	106				Other
Kosovo	Prishtina	221				Other
	Mitrovica	309				Other
	Prizren	153				Other
	Gjakova	145				Other
	Gjilan	164				Other
	Peja	134				Other
	Ferizaj	169				Other

Fonte: Elaborado pelos autores, utilizando os itens do *European Social Survey*.

## APÊNDICE B – Dez orientações de valor e itens do ESS que os compõem

<p><b>Autodireção:</b></p> <p>→ <i>Thinking up new ideas and being creative is important to him/her. He/She likes to do things in his/her own original way.</i></p> <p>→ <i>It is important to him/her to make his/her own decisions about what he/she does. He/She likes to be free and not depend on others.</i></p>
<p><b>Estimulação:</b></p> <p>→ <i>He/She likes surprises and is always looking for new things to do. He/She thinks it is important to do lots of different things in life.</i></p> <p>→ <i>He/She looks for adventures and likes to take risks. He/She wants to have an exciting life.</i></p>
<p><b>Hedonismo:</b></p> <p>→ <i>Having a good time is important to him/her. He/She likes to “spoil” himself/herself.</i></p> <p>→ <i>He/She seeks every chance he/she can to have fun. It is important to him/her to do things that give him/her pleasure.</i></p>
<p><b>Realização:</b></p> <p>→ <i>It's important to him/her to show his/her abilities. He/She wants people to admire what he/she does.</i></p> <p>→ <i>Being very successful is important to him/her. He/She hopes people will recognise his/her achievements.</i></p>
<p><b>Poder:</b></p> <p>→ <i>It is important to him/her to be rich. He/She wants to have a lot of money and expensive things.</i></p> <p>→ <i>It is important to him/her to get respect from others. He/She wants people to do what he/she says.</i></p>
<p><b>Segurança:</b></p> <p>→ <i>It is important to him/her to live in secure surroundings. He/She avoids anything that might endanger his/her safety.</i></p> <p>→ <i>It is important to him/her that the government ensures his/her safety against all threats. He/She wants the state to be strong so it can defend its citizens.</i></p>
<p><b>Conformidade:</b></p> <p>→ <i>He/She believes that people should do what they're told. He/She thinks people should follow rules at all times, even when no-one is watching.</i></p> <p>→ <i>It is important to him/she always to behave properly. He/She wants to avoid doing anything people would say is wrong.</i></p>
<p><b>Tradição:</b></p> <p>→ <i>It is important to him/her to be humble and modest. He/She tries not to draw attention to himself/herself.</i></p> <p>→ <i>Tradition is important to him/her. He/She tries to follow the customs handed down by his/her religion or his/her family.</i></p>
<p><b>Benevolência:</b></p> <p>→ <i>It's very important to him/her to help the people around him/her. He/She wants to care for their well-being.</i></p> <p>→ <i>It is important to him/her to be loyal to his/her friends. He/She wants to devote himself/herself to people close to him/her.</i></p>

**Universalismo:**

- *He/She thinks it is important that every person in the world should be treated equally. He/She believes everyone should have equal opportunities in life.*
- *It is important to him/her to listen to people who are different from him/her. Even when he/she disagrees with them, he/she still wants to understand them.*
- *He/She strongly believes that people should care for nature. Looking after the environment is important to him/her.*

Fonte: Elaborado pelos autores, utilizando os itens do *European Social Survey*.

## APÊNDICE C – Estatísticas descritivas

Type	Variables	Obs	Mean	Std. Dev.	Min	Max
<b>Life satisfaction</b>		187,863	6.903	2.264	0	10
<b>Values</b>	Self-direction	186,034	4.585	0.974	1	6
	Stimulation	185,866	3.534	1.214	1	6
	Hedonism	185,892	3.980	1.211	1	6
	Achievement	185,832	3.815	1.226	1	6
	Power	186,143	3.353	1.122	1	6
	Security	186,068	4.703	1.019	1	6
	Conformity	185,842	4.043	1.119	1	6
	Tradition	186,122	4.351	1.021	1	6
	Benevolence	186,010	4.965	0.836	1	6
	Universalism	186,272	4.824	0.794	1	6
<b>Round</b>	ref=Round 6: 2012					
	<i>Round 7: 2014</i>	188,764	0.188	0.391	0	1
	<i>Round 8: 2016</i>	188,764	0.280	0.449	0	1
	<i>Round 9: 2018</i>	188,764	0.228	0.419	0	1
<b>Socio-Demographic</b>	Gender (ref = Male)					
	<i>Female</i>	188,716	0.520	0.500	0	1
	Age	188,155	47.174	18.887	14	114
	Age square	188,155	2582.10	1870.04	196	12996
	Marital status (ref = Legally married or registered civil union)					
	<i>Legally separated or divorced/civil union dissolved</i>	185,932	0.087	0.282	0	1
	<i>Widowed/civil partner died</i>	185,932	0.075	0.264	0	1
	<i>Never married or in legally registered civil union</i>	185,932	0.318	0.466	0	1
	Family size	188,360	2.843	1.392	1	24
	Citizen of country (ref = Yes)					
	<i>Yes</i>	188,649	0.953	0.212	0	1
	Domicile (ref = A big city)					
	<i>Suburbs or outskirts of big city</i>	188,439	0.104	0.305	0	1
	<i>Town or small city</i>	188,439	0.338	0.473	0	1
	<i>Country village</i>	188,439	0.322	0.467	0	1
	<i>Farm or home in countryside</i>	188,439	0.036	0.185	0	1
<b>Beliefs</b>	Political scale	163,164	4.994	2.205	0	10
	Religiosity	186,988	4.544	3.093	0	10
	Trust in people	188,209	4.876	2.367	0	10
	Trust in legal system	184,629	4.986	2.701	0	10
<b>Resource</b>	Household income (ref = 1st decile)					
	<i>2nd decile</i>	188,764	0.084	0.277	0	1
	<i>3rd decile</i>	188,764	0.081	0.272	0	1
	<i>4th decile</i>	188,764	0.083	0.276	0	1
	<i>5th decile</i>	188,764	0.083	0.276	0	1
	<i>6th decile</i>	188,764	0.083	0.276	0	1
	<i>7th decile</i>	188,764	0.087	0.282	0	1

Type	Variables	Obs	Mean	Std. Dev.	Min	Max
	<i>8th decile</i>	188,764	0.082	0.274	0	1
	<i>9th decile</i>	188,764	0.066	0.249	0	1
	<i>10th decile</i>	188,764	0.071	0.256	0	1
	<i>Refusal, don't know or no answer</i>	188,764	0.208	0.406	0	1
<b>Capability</b>	Main activity (ref = Paid work)					
	<i>Education</i>	187,756	0.103	0.304	0	1
	<i>Unemployed - looking for job</i>	187,756	0.044	0.205	0	1
	<i>Unemployed - not looking for job</i>	187,756	0.018	0.133	0	1
	<i>Permanently sick or disabled</i>	187,756	0.021	0.144	0	1
	<i>Retired</i>	187,756	0.228	0.420	0	1
	<i>Community or military service</i>	187,756	0.001	0.037	0	1
	<i>Housework</i>	187,756	0.075	0.263	0	1
	<i>Other</i>	187,756	0.010	0.102	0	1
	Education level (ref = Less than lower secondary)					
	<i>Lower secondary</i>	188,209	0.202	0.402	0	1
	<i>Lower tier upper secondary</i>	188,209	0.158	0.364	0	1
	<i>Upper tier upper secondary</i>	188,209	0.213	0.409	0	1
	<i>Advanced vocational</i>	188,209	0.121	0.327	0	1
	<i>Lower tertiary education</i>	188,209	0.070	0.256	0	1
	<i>Higher tertiary education</i>	188,209	0.122	0.327	0	1
	<i>Other</i>	188,209	0.004	0.062	0	1
	Hampered in daily activities (ref = No)					
	<i>Yes a lot</i>	188,143	0.059	0.236	0	1
	<i>Yes to some extent</i>	188,143	0.193	0.395	0	1
	Social meetings	187,476	4.827	1.590	1	7
	Victim of crime (ref = Yes)					
	<i>No</i>	188,052	0.838	0.368	0	1
<b>Regional context</b>	Unemployment rate	170,389	8.697	5.908	1.30	37.00
	Share with tertiary education	170,389	31.488	9.356	11.90	58.40
	Physician density	164,464	357.598	84.216	121.47	831.58
<b>Country context</b>	Migration rate	188,759	2.402	2.653	-8.42	18.91
	Gini index	188,759	0.474	0.045	0.38	0.62
	Ln national income	187,464	9.967	0.700	7.64	11.11

Fonte: Elaborado pelos autores.

**APÊNDICE D – Resultados dos oito modelos multinível com inclusão de variáveis**

		(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(6)	(7)	(8)	
<i>Value</i>	Self-direction		0.121*** (0.00612)	0.121*** (0.00612)	0.150*** (0.00610)	0.139*** (0.00623)	0.107*** (0.00608)	0.103*** (0.00635)	0.103*** (0.00635)	
	Stimulation		0.00992 (0.00513)	0.0108* (0.00513)	0.00275 (0.00516)	0.00297 (0.00520)	-0.000512 (0.00504)	0.00549 (0.00529)	0.00533 (0.00529)	
	Hedonism		0.194*** (0.00526)	0.191*** (0.00526)	0.185*** (0.00527)	0.184*** (0.00536)	0.142*** (0.00523)	0.144*** (0.00547)	0.144*** (0.00547)	
	Achievement		0.0231*** (0.00535)	0.0259*** (0.00534)	0.00234 (0.00536)	-0.0193*** (0.00541)	-0.0283*** (0.00526)	-0.0353*** (0.00545)	-0.0354*** (0.00545)	
	Power		-0.0751*** (0.00568)	-0.0719*** (0.00568)	-0.0806*** (0.00566)	-0.0886*** (0.00577)	-0.0963*** (0.00561)	-0.0921*** (0.00591)	-0.0914*** (0.00590)	
	Security		-0.104*** (0.00591)	-0.101*** (0.00591)	-0.101*** (0.00589)	-0.0571*** (0.00596)	-0.0181** (0.00581)	-0.0170** (0.00603)	-0.0173** (0.00603)	
	Conformity		0.0605*** (0.00535)	0.0634*** (0.00535)	0.0648*** (0.00536)	0.0385*** (0.00541)	0.0406*** (0.00525)	0.0443*** (0.00546)	0.0440*** (0.00545)	
	Tradition		-0.0249*** (0.00577)	-0.0252*** (0.00576)	-0.0337*** (0.00578)	-0.0507*** (0.00602)	-0.0249*** (0.00585)	-0.0313*** (0.00611)	-0.0311*** (0.00610)	
	Benevolence		0.184*** (0.00767)	0.181*** (0.00766)	0.162*** (0.00766)	0.154*** (0.00781)	0.121*** (0.00760)	0.113*** (0.00802)	0.114*** (0.00802)	
	Universalism		-0.0130 (0.00794)	-0.00985 (0.00793)	0.00927 (0.00789)	-0.00999 (0.00810)	-0.00814 (0.00789)	-0.0121 (0.00828)	-0.0118 (0.00827)	
	<i>Round</i>	Round (ref = Round 6: 2012)								
		<i>Round 7: 2014</i>			-0.0428** (0.0141)	-0.0356* (0.0140)	-0.0367** (0.0140)	-0.0513*** (0.0136)	-0.0681*** (0.0146)	-0.115*** (0.0160)
<i>Round 8: 2016</i>				0.158*** (0.0139)	0.167*** (0.0138)	0.0755*** (0.0139)	0.0672*** (0.0135)	0.00236 (0.0165)	-0.0851*** (0.0189)	
<i>Round 9: 2018</i>				0.247***	0.266***	0.145***	0.113***	0.0109	-0.104***	
<i>Socio-Demographic</i>	Gender (ref = Male)									
	<i>Female</i>				0.0603*** (0.00976)	0.0537*** (0.00994)	0.0552*** (0.00985)	0.0536*** (0.0103)	0.0528*** (0.0103)	
	Age				-0.0693*** (0.00157)	-0.0577*** (0.00162)	-0.0535*** (0.00186)	-0.0530*** (0.00194)	-0.0529*** (0.00194)	
	Age square				0.000637***	0.000538***	0.000542***	0.000537***	0.000535***	

	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(6)	(7)	(8)
Marital status (ref = Legally married or registered civil union)								
<i>Legally separated or divorced/civil union dissolved</i>				-0.713***	-0.607***	-0.409***	-0.412***	-0.411***
				(0.0166)	(0.0168)	(0.0165)	(0.0173)	(0.0172)
<i>Widowed/civil partner died</i>				-0.642***	-0.592***	-0.433***	-0.439***	-0.438***
				(0.0194)	(0.0200)	(0.0197)	(0.0206)	(0.0206)
<i>Never married or in legally registered civil union</i>				-0.570***	-0.486***	-0.334***	-0.329***	-0.329***
				(0.0147)	(0.0149)	(0.0146)	(0.0152)	(0.0152)
Family size				0.0426***	0.0287***	-0.0106*	-0.0147**	-0.0147**
				(0.00413)	(0.00424)	(0.00426)	(0.00459)	(0.00459)
Citizen of country (ref = No)								
<i>Yes</i>				0.224***	0.235***	0.112***	0.107***	0.107***
				(0.0236)	(0.0250)	(0.0243)	(0.0243)	(0.0243)
Domicile (ref = A big city)								
<i>Suburbs or outskirts of big city</i>				-0.0164	0.0106	0.0157	0.0220	0.0211
				(0.0185)	(0.0183)	(0.0177)	(0.0185)	(0.0184)
<i>Town or small city</i>				-0.0386**	-0.00555	0.0185	0.0269	0.0277
				(0.0145)	(0.0147)	(0.0143)	(0.0153)	(0.0153)
<i>Country village</i>				0.0208	0.0631***	0.102***	0.117***	0.116***
				(0.0149)	(0.0151)	(0.0147)	(0.0158)	(0.0157)
<i>Farm or home in countryside</i>				0.118***	0.155***	0.195***	0.207***	0.207***
				(0.0244)	(0.0243)	(0.0235)	(0.0238)	(0.0238)
<b>Beliefs</b>								
Political scale					0.0953***	0.0805***	0.0762***	0.0761***
					(0.00219)	(0.00213)	(0.00228)	(0.00228)
Religiosity					0.0265***	0.0322***	0.0302***	0.0301***
					(0.00177)	(0.00172)	(0.00180)	(0.00180)
Trust in people					0.132***	0.103***	0.104***	0.104***
					(0.00225)	(0.00221)	(0.00234)	(0.00234)
Trust in legal system					0.133***	0.112***	0.112***	0.111***
					(0.00208)	(0.00203)	(0.00217)	(0.00217)
<b>Resource</b>								
Household income (ref = 1st decile)								
<i>2nd decile</i>						0.219***	0.195***	0.195***
						(0.0229)	(0.0240)	(0.0240)
<i>3rd decile</i>						0.375***	0.344***	0.345***
						(0.0230)	(0.0242)	(0.0242)
<i>4th decile</i>						0.444***	0.425***	0.426***
						(0.0230)	(0.0242)	(0.0242)



	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(6)	(7)	(8)
<i>Upper tier upper secondary</i>						0.0220 (0.0212)	0.00530 (0.0218)	0.00993 (0.0218)
<i>Advanced vocational</i>						0.0405 (0.0224)	0.0291 (0.0231)	0.0317 (0.0231)
<i>Lower tertiary education</i>						0.0808*** (0.0237)	0.0545* (0.0244)	0.0573* (0.0244)
<i>Higher tertiary education</i>						0.0952*** (0.0234)	0.0732** (0.0241)	0.0770** (0.0241)
<i>Other</i>						0.193* (0.0890)	0.160 (0.0919)	0.159 (0.0919)
Hampered in daily activities (ref = No)								
<i>Yes a lot</i>						-1.152*** (0.0216)	-1.144*** (0.0224)	-1.145*** (0.0224)
<i>Yes to some extent</i>						-0.485*** (0.0123)	-0.478*** (0.0128)	-0.479*** (0.0128)
Social meetings						0.142*** (0.00334)	0.144*** (0.00352)	0.144*** (0.00352)
Victim of crime (ref = Yes)								
<i>No</i>						0.136*** (0.0128)	0.118*** (0.0132)	0.118*** (0.0132)
<b>Regional context</b>								
Unemployment rate							-0.0310*** (0.00293)	-0.0146*** (0.00342)
Share with tertiary education							-0.00963*** (0.00235)	-0.00879*** (0.00233)
Physician density							0.000824*** (0.000207)	0.000839*** (0.000204)
<b>Country context</b>								
Migration rate								-0.0000561 (0.00317)
Gini index								0.158 (0.584)
Ln national income								1.285*** (0.141)
Constant	6.869*** (0.157)	5.184*** (0.145)	5.036*** (0.145)	6.693*** (0.153)	4.792*** (0.123)	4.119*** (0.124)	4.672*** (0.149)	-8.301*** (1.442)
Random effects								
<i>Country</i>	0.821 (0.202)	0.652 (0.161)	0.647 (0.160)	0.632 (0.156)	0.331*** (0.0822)	0.306*** (0.0758)	0.280*** (0.0756)	0.488 (0.224)

	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(6)	(7)	(8)
<i>NUTS</i>	0.0757*** (0.00723)	0.0682*** (0.00674)	0.0674*** (0.00671)	0.0619*** (0.00626)	0.0456*** (0.00515)	0.0377*** (0.00449)	0.0330*** (0.00419)	0.0304*** (0.00387)
<i>Residual</i>	4.257*** (0.0139)	4.096*** (0.0135)	4.085*** (0.0135)	3.942*** (0.0131)	3.449*** (0.0124)	3.183*** (0.0116)	3.070*** (0.0118)	3.068*** (0.0118)
Intraclass correlation (ICC)								
<i>Country</i>	0.159 (0.033)	0.135 (0.029)	0.135 (0.029)	0.136 (0.029)	0.087 (0.02)	0.087 (0.02)	0.083 (0.02)	0.136 (0.054)
<i>NUTS / Country</i>	0.174 (0.032)	0.150 (0.028)	0.149 (0.028)	0.150 (0.029)	0.098 (0.019)	0.097 (0.019)	0.093 (0.02)	0.145 (0.053)
Wald chi2	.	5122.08	5628.18	11266.57	22524.48	36349.10	33235.25	33360.80
Prob > chi2	.	0.000	0.000	0.000	0.000	0.000	0.000	0.000
AIC	806197.48	782072.44	781586.81	759909.55	630905.47	609840.29	536637.40	536543.45
BIC	806238.05	782214.15	781758.89	760202.52	631233.77	610456.22	537275.40	537210.91
Observations	187863	183887	183887	180293	154590	152409	135336	135336

Nota: Erros padrão nos parênteses. \* p<0.05, \*\* p<0.01, \*\*\* p<0.001.

Fonte: Elaborado pelos autores.

## APÊNDICE E – Variance Inflation Factor (VIF) das variáveis selecionadas

Type	Variables	VIF	1/VIF
<b>Values</b>	Self-direction	1.50	0.67
	Stimulation	1.71	0.59
	Hedonism	1.61	0.62
	Achievement	1.79	0.56
	Power	1.63	0.62
	Security	1.60	0.63
	Conformity	1.48	0.67
	Tradition	1.60	0.62
	Benevolence	1.71	0.58
	Universalism	1.71	0.58
<b>Round</b>	ref=Round 6: 2012		
	<i>Round 7: 2014</i>	1.49	0.67
	<i>Round 8: 2016</i>	1.54	0.65
	<i>Round 9: 2018</i>	1.68	0.60
<b>Socio-Demographic</b>	Gender (ref = Male)		
	<i>Female</i>	1.15	0.87
	Age	55.06	0.02
	Age square	54.49	0.02
	Marital status (ref = Legally married or registered civil union)		
	<i>Legally separated or divorced/civil union dissolved</i>	1.22	0.82
	<i>Widowed/civil partner died</i>	1.42	0.70
	<i>Never married or in legally registered civil union</i>	2.10	0.48
	Family size	1.62	0.62
	Citizen of country (ref = Yes)		
	<i>Yes</i>	1.05	0.95
	Domicile (ref = A big city)		
	<i>Suburbs or outskirts of big city</i>	1.50	0.67
<i>Town or small city</i>	1.96	0.51	
<i>Country village</i>	2.03	0.49	
<i>Farm or home in countryside</i>	1.39	0.72	
<b>Beliefs</b>	Political scale	1.09	0.92
	Religiosity	1.22	0.82
	Trust in people	1.27	0.79
	Trust in legal system	1.34	0.75
<b>Resource</b>	Household income (ref = 1st decile)		
	<i>2nd decile</i>	2.01	0.50
	<i>3rd decile</i>	2.08	0.48
	<i>4th decile</i>	2.17	0.46
	<i>5th decile</i>	2.22	0.45
	<i>6th decile</i>	2.25	0.44
	<i>7th decile</i>	2.33	0.43
	<i>8th decile</i>	2.34	0.43
	<i>9th decile</i>	2.21	0.45
	<i>10th decile</i>	2.31	0.43
	<i>Refusal, don't know or no answer</i>	2.90	0.34
<b>Capability</b>	Main activity (ref = Paid work)		
	<i>Education</i>	1.77	0.57
	<i>Unemployed - looking for job</i>	1.11	0.90
	<i>Unemployed - not looking for job</i>	1.04	0.96
	<i>Permanently sick or disabled</i>	1.20	0.83
	<i>Retired</i>	2.78	0.36
	<i>Community or military service</i>	1.01	0.99
<i>Housework</i>	1.18	0.85	

	<i>Other</i>	1.03	0.97
Education level (ref = Less than lower secondary)			
	<i>Lower secondary</i>	2.58	0.39
	<i>Lower tier upper secondary</i>	2.88	0.35
	<i>Upper tier upper secondary</i>	3.11	0.32
	<i>Advanced vocational</i>	2.58	0.39
	<i>Lower tertiary education</i>	2.51	0.40
	<i>Higher tertiary education</i>	2.80	0.36
	<i>Other</i>	1.04	0.96
Hampered in daily activities (ref = No)			
	<i>Yes a lot</i>	1.20	0.83
	<i>Yes to some extent</i>	1.13	0.88
Social meetings		1.19	0.84
Victim of crime (ref = Yes)			
	<i>No</i>	1.04	0.96
<b><i>Regional context</i></b>			
	Unemployment rate	1.56	0.64
	Share with tertiary education	1.55	0.64
	Physician density	1.17	0.85
<b><i>Country context</i></b>			
	Migration rate	2.37	0.42
	Gini index	1.34	0.75
	Ln national income	2.82	0.35

Fonte: Elaborado pelos autores.

## APÊNDICE F – Resultados do modelo multinível sem o nível de país

		(1)
<i>Value</i>	Self-direction	0.104*** (0.00635)
	Stimulation	0.00601 (0.00529)
	Hedonism	0.142*** (0.00547)
	Achievement	-0.0357*** (0.00545)
	Power	-0.0902*** (0.00591)
	Security	-0.0164** (0.00604)
	Conformity	0.0454*** (0.00546)
	Tradition	-0.0314*** (0.00611)
	Benevolence	0.112*** (0.00802)
	Universalism	-0.0111 (0.00828)
<i>Round</i>	Round (ref = Round 6: 2012)	
		<i>Round 7: 2014</i> -0.0930*** (0.0155)
		<i>Round 8: 2016</i> -0.0444* (0.018)
		<i>Round 9: 2018</i> -0.0443* (0.0223)
<i>Socio-Demographic</i>	Gender (ref = Male)	<i>Female</i> 0.0526*** (0.0103)
	Age	-0.0529*** (0.00194)
	Age square	0.000535*** (0.000019)
	Marital status (ref = Legally married or registered civil union)	
		<i>Legally separated or divorced/civil union dissolved</i> -0.411*** (0.0173)
		<i>Widowed/civil partner died</i> -0.439*** (0.0206)
		<i>Never married or in legally registered civil union</i> -0.328*** (0.0152)
	Family size	-0.0139** (0.00459)
	Citizen of country (ref = No)	

		(1)
		<i>Yes</i> 0.107*** (0.0243)
	Domicile (ref = A big city)	
	<i>Suburbs or outskirts of big city</i>	0.0225 (0.0185)
	<i>Town or small city</i>	0.0298 (0.0155)
	<i>Country village</i>	0.117*** (0.0159)
	<i>Farm or home in countryside</i>	0.206*** (0.0239)
<b>Beliefs</b>	Political scale	0.0761*** (0.00228)
	Religiosity	0.0304*** (0.0018)
	Trust in people	0.104*** (0.00234)
	Trust in legal system	0.111*** (0.00217)
<b>Resource</b>	Household income (ref = 1st decile)	
	<i>2nd decile</i>	0.197*** (0.024)
	<i>3rd decile</i>	0.348*** (0.0242)
	<i>4th decile</i>	0.430*** (0.0244)
	<i>5th decile</i>	0.523*** (0.0248)
	<i>6th decile</i>	0.601*** (0.0253)
	<i>7th decile</i>	0.674*** (0.0257)
	<i>8th decile</i>	0.725*** (0.0263)
	<i>9th decile</i>	0.800*** (0.0276)
	<i>10th decile</i>	0.925*** (0.0282)
	<i>Refusal, don't know or no answer</i>	0.525*** (0.0229)
<b>Capability</b>	Main activity (ref = Paid work)	
	<i>Education</i>	-0.0392 (0.0243)
	<i>Unemployed - looking for job</i>	-0.900*** (0.0264)
	<i>Unemployed - not looking for job</i>	-0.620*** (0.0402)

		(1)
	<i>Permanently sick or disabled</i>	-0.422*** (0.0337)
	<i>Retired</i>	0.0747*** (0.0183)
	<i>Community or military service</i>	-0.207 (0.149)
	<i>Housework</i>	0.0374 (0.0212)
	<i>Other</i>	-0.0511 (0.0478)
Education level (ref = Less than lower secondary)		
	<i>Lower secondary</i>	-0.0248 (0.0214)
	<i>Lower tier upper secondary</i>	0.00722 (0.0227)
	<i>Upper tier upper secondary</i>	0.00795 (0.0218)
	<i>Advanced vocational</i>	0.0322 (0.0231)
	<i>Lower tertiary education</i>	0.0582* (0.0244)
	<i>Higher tertiary education</i>	0.0774** (0.0241)
	<i>Other</i>	0.161 (0.0919)
Hampered in daily activities (ref = No)		
	<i>Yes a lot</i>	-1.144*** (0.0224)
	<i>Yes to some extent</i>	-0.477*** (0.0128)
Social meetings		
		0.144*** (0.00352)
Victim of crime (ref = Yes)		
	<i>No</i>	0.118*** (0.0132)
<hr/>		
<b>Regional context</b>	Unemployment rate	-0.0200*** (0.00366)
	Share with tertiary education	-0.00571* (0.0026)
	Physician density	0.000436 (0.000256)
<hr/>		
<b>Country context</b>	Migration rate	0.00637* (0.00298)
	Gini index	-0.0326 (0.457)
	Ln national income	0.651*** (0.0479)

	(1)
Constant	-2.009*** (0.555)
Random effects	
	<i>NUTS</i> 0.245*** (0.0208)
	<i>Residual</i> 3.068*** (0.0118)
Intraclass correlation (ICC)	
	<i>NUTS</i> 0.0739 (0.0058)
Wald chi2	33914.89
Prob > chi2	0.000
AIC	537021.17
BIC	537678.81
Observations	135336

Nota: Erros padrão nos parênteses. \*  $p < 0.05$ , \*\*  $p < 0.01$ , \*\*\*  $p < 0.001$ .

Fonte: Elaborado pelos autores.

**APÊNDICE G – Resultados dos modelos MQO e logit ordenado de efeitos fixos**

		(1)	(2)	(3)	(4)	
<b>Value</b>	Self-direction	0.105*** (0.00636)	0.102*** (0.00636)	0.125*** (0.00651)	0.123*** (0.00653)	
	Stimulation	0.00428 (0.00529)	0.00553 (0.00529)	0.00772 (0.00542)	0.00964 (0.00544)	
	Hedonism	0.145*** (0.00547)	0.144*** (0.00548)	0.157*** (0.00562)	0.157*** (0.00566)	
	Achievement	-0.0375*** (0.00545)	-0.0358*** (0.00545)	-0.0493*** (0.00561)	-0.0475*** (0.00563)	
	Power	-0.0900*** (0.00589)	-0.0908*** (0.00592)	-0.111*** (0.00607)	-0.113*** (0.00612)	
	Security	-0.0174** (0.00602)	-0.0176** (0.00604)	-0.00935 (0.00612)	-0.00904 (0.00616)	
	Conformity	0.0422*** (0.00545)	0.0443*** (0.00546)	0.0456*** (0.00558)	0.0489*** (0.00561)	
	Tradition	-0.0296*** (0.00611)	-0.0317*** (0.00611)	-0.0344*** (0.00623)	-0.0366*** (0.00626)	
	Benevolence	0.118*** (0.00802)	0.113*** (0.00803)	0.142*** (0.00817)	0.138*** (0.00821)	
	Universalism	-0.0111 (0.00827)	-0.0115 (0.00829)	0.00411 (0.00843)	0.00275 (0.00848)	
	<b>Round</b>	Round (ref = Round 6: 2012)				
		<i>Round 7: 2014</i>	-0.139*** (0.0161)	-0.152*** (0.0181)	-0.154*** (0.0163)	-0.170*** (0.0183)
		<i>Round 8: 2016</i>	-0.140*** (0.0202)	-0.165*** (0.0252)	-0.140*** (0.0203)	-0.167*** (0.0254)
<i>Round 9: 2018</i>		-0.198*** (0.0256)	-0.224*** (0.0345)	-0.179*** (0.0257)	-0.208*** (0.0347)	
<b>Socio-Demographic</b>		Gender (ref = Male)				
	<i>Female</i>	0.0513*** (0.0103)	0.0522*** (0.0103)	0.0484*** (0.0104)	0.0507*** (0.0104)	
	Age	-0.0528*** (0.00195)	-0.0529*** (0.00194)	-0.0554*** (0.00200)	-0.0558*** (0.00200)	
	Age square	0.000534*** (0.0000190)	0.000536*** (0.0000190)	0.000564*** (0.0000196)	0.000569*** (0.0000197)	
	Marital status (ref = Legally married or registered civil union)					
	<i>Legally separated or divorced/civil union dissolved</i>	-0.413*** (0.0173)	-0.409*** (0.0173)	-0.397*** (0.0175)	-0.395*** (0.0176)	
	<i>Widowed/civil partner died</i>	-0.439*** (0.0206)	-0.437*** (0.0206)	-0.452*** (0.0211)	-0.452*** (0.0212)	
	<i>Never married or in legally registered civil union</i>	-0.332*** (0.0152)	-0.328*** (0.0152)	-0.373*** (0.0153)	-0.372*** (0.0154)	

		(1)	(2)	(3)	(4)
	Family size	-0.0158*** (0.00459)	-0.0147** (0.00460)	-0.0112* (0.00468)	-0.0108* (0.00470)
	Citizen of country (ref = No)				
	<i>Yes</i>	0.115*** (0.0240)	0.103*** (0.0243)	0.0981*** (0.0247)	0.0878*** (0.0251)
	Domicile (ref = A big city)				
	<i>Suburbs or outskirts of big city</i>	0.00662 (0.0181)	0.0216 (0.0185)	0.00246 (0.0181)	0.0219 (0.0187)
	<i>Town or small city</i>	0.0267 (0.0146)	0.0303 (0.0155)	0.0287* (0.0147)	0.0358* (0.0157)
	<i>Country village</i>	0.120*** (0.0151)	0.116*** (0.0160)	0.127*** (0.0152)	0.127*** (0.0161)
	<i>Farm or home in countryside</i>	0.230*** (0.0231)	0.207*** (0.0240)	0.269*** (0.0234)	0.247*** (0.0243)
<b>Beliefs</b>	Political scale	0.0761*** (0.00227)	0.0758*** (0.00228)	0.0818*** (0.00237)	0.0819*** (0.00239)
	Religiosity	0.0303*** (0.00179)	0.0300*** (0.00181)	0.0325*** (0.00183)	0.0320*** (0.00186)
	Trust in people	0.105*** (0.00234)	0.103*** (0.00235)	0.107*** (0.00246)	0.107*** (0.00248)
	Trust in legal system	0.112*** (0.00216)	0.111*** (0.00217)	0.110*** (0.00228)	0.110*** (0.00230)
<b>Resource</b>	Household income (ref = 1st decile)				
	<i>2nd decile</i>	0.196*** (0.0241)	0.196*** (0.0241)	0.140*** (0.0250)	0.142*** (0.0251)
	<i>3rd decile</i>	0.345*** (0.0243)	0.346*** (0.0242)	0.270*** (0.0251)	0.274*** (0.0252)
	<i>4th decile</i>	0.424*** (0.0245)	0.427*** (0.0245)	0.342*** (0.0253)	0.351*** (0.0253)
	<i>5th decile</i>	0.521*** (0.0248)	0.522*** (0.0248)	0.433*** (0.0256)	0.439*** (0.0256)
	<i>6th decile</i>	0.595*** (0.0253)	0.600*** (0.0253)	0.512*** (0.0259)	0.523*** (0.0260)
	<i>7th decile</i>	0.673*** (0.0257)	0.674*** (0.0257)	0.587*** (0.0263)	0.594*** (0.0264)
	<i>8th decile</i>	0.725*** (0.0263)	0.726*** (0.0263)	0.647*** (0.0268)	0.654*** (0.0269)
	<i>9th decile</i>	0.803*** (0.0276)	0.800*** (0.0276)	0.750*** (0.0281)	0.754*** (0.0282)
	<i>10th decile</i>	0.926*** (0.0281)	0.927*** (0.0282)	0.894*** (0.0287)	0.902*** (0.0289)
	<i>Refusal, don't know or no answer</i>	0.529*** (0.0229)	0.524*** (0.0230)	0.470*** (0.0237)	0.471*** (0.0239)
<b>Capability</b>	Main activity (ref = Paid work)				
	<i>Education</i>	-0.0365 (0.0244)	-0.0383 (0.0243)	-0.0442 (0.0245)	-0.0488* (0.0246)

	(1)	(2)	(3)	(4)
<i>Unemployed - looking for job</i>	-0.897*** (0.0265)	-0.899*** (0.0264)	-0.825*** (0.0273)	-0.836*** (0.0274)
<i>Unemployed - not looking for job</i>	-0.626*** (0.0403)	-0.623*** (0.0402)	-0.548*** (0.0415)	-0.547*** (0.0417)
<i>Permanently sick or disabled</i>	-0.419*** (0.0338)	-0.419*** (0.0337)	-0.340*** (0.0351)	-0.341*** (0.0352)
<i>Retired</i>	0.0789*** (0.0184)	0.0760*** (0.0183)	0.107*** (0.0187)	0.106*** (0.0187)
<i>Community or military service</i>	-0.161 (0.149)	-0.177 (0.149)	-0.142 (0.151)	-0.155 (0.151)
<i>Housework</i>	0.0338 (0.0212)	0.0394 (0.0212)	0.0928*** (0.0217)	0.0962*** (0.0218)
<i>Other</i>	-0.0607 (0.0478)	-0.0498 (0.0478)	-0.00903 (0.0490)	0.00134 (0.0491)
Education level (ref = Less than lower secondary)				
<i>Lower secondary</i>	-0.0296 (0.0214)	-0.0287 (0.0215)	-0.0495* (0.0223)	-0.0483* (0.0224)
<i>Lower tier upper secondary</i>	0.00682 (0.0227)	0.00730 (0.0227)	-0.0238 (0.0235)	-0.0238 (0.0236)
<i>Upper tier upper secondary</i>	0.0153 (0.0218)	0.00810 (0.0219)	-0.0332 (0.0226)	-0.0410 (0.0227)
<i>Advanced vocational</i>	0.0331 (0.0231)	0.0308 (0.0231)	-0.00791 (0.0238)	-0.0104 (0.0239)
<i>Lower tertiary education</i>	0.0614* (0.0244)	0.0565* (0.0244)	-0.0113 (0.0249)	-0.0174 (0.0250)
<i>Higher tertiary education</i>	0.0747** (0.0241)	0.0772** (0.0242)	0.0181 (0.0247)	0.0208 (0.0248)
<i>Other</i>	0.159 (0.0921)	0.157 (0.0919)	0.139 (0.0943)	0.142 (0.0944)
Hampered in daily activities (ref = No)				
<i>Yes a lot</i>	-1.144*** (0.0224)	-1.146*** (0.0224)	-1.087*** (0.0236)	-1.094*** (0.0237)
<i>Yes to some extent</i>	-0.481*** (0.0128)	-0.480*** (0.0128)	-0.501*** (0.0130)	-0.502*** (0.0131)
Social meetings	0.143*** (0.00351)	0.145*** (0.00352)	0.144*** (0.00363)	0.147*** (0.00365)
Victim of crime (ref = Yes)				
<i>No</i>	0.125*** (0.0132)	0.116*** (0.0132)	0.114*** (0.0133)	0.105*** (0.0133)
<b>Regional context</b>				
Unemployment rate	-0.0108*** (0.00210)	-0.00932 (0.00507)	-0.0105*** (0.00214)	-0.00522 (0.00515)
Share with tertiary education	-0.00769*** (0.00131)	-0.0103** (0.00387)	-0.00985*** (0.00132)	-0.0102** (0.00390)
Physician density	0.000740*** (0.000111)	0.00194*** (0.000399)	0.000818*** (0.000112)	0.00197*** (0.000407)

	(1)	(2)	(3)	(4)
<i>Country context</i>				
Migration rate	-0.00962** (0.00330)	-0.00731* (0.00349)	-0.00630 (0.00332)	-0.00394 (0.00352)
Gini index	-0.610 (0.586)	-0.153 (0.610)	-0.271 (0.588)	0.153 (0.614)
Ln national income	2.171*** (0.189)	2.185*** (0.219)	1.847*** (0.190)	1.951*** (0.222)
Constant	-17.68*** (1.947)	-18.21*** (2.321)		
Fixed effects	Country	NUTS	Country	NUTS
R-squared	0.303	0.309		
Adj R-squared	0.302	0.307		
F	637.52	140.05		
Prob > F	0.000	0.000		
Pseudo R2			0.087	0.089
LR chi2			47342.60	48589.42
Prob > chi2			0.000	0.000
AIC	536808.84	536195.07	499195.61	498626.79
BIC	537721.69	540435.37	500196.79	502955.43
Observations	135336	135336	135336	135336

Nota: Erros padrão nos parênteses. \* p<0.05, \*\* p<0.01, \*\*\* p<0.001. (1) MQO efeitos fixos - país, (2) MQO efeitos fixos - NUTS, (3) Ologit efeitos fixos - país, (4) Ologit efeitos fixos - NUTS

Fonte: Elaborado pelos autores.

**APÊNDICE H – Resultados dos modelos multinível com variáveis substituídas –  
resources e capabilities**

Type	Variables	(1)	(2)	(3)	(4)	
<i>Values</i>	Self-direction	0.0821*** (0.00620)	0.104*** (0.00636)	0.0871*** (0.00625)	0.0923*** (0.00681)	
	Stimulation	0.0101 (0.00516)	0.00481 (0.00529)	-0.00596 (0.00521)	0.00308 (0.00568)	
	Hedonism	0.125*** (0.00534)	0.143*** (0.00547)	0.130*** (0.00539)	0.145*** (0.00588)	
	Achievement	- 0.0313*** (0.00532)	- 0.0350*** (0.00545)	- 0.0328*** (0.00536)	- 0.0383*** (0.00583)	
	Power	- 0.0779*** (0.00575)	- 0.0896*** (0.00591)	- 0.0861*** (0.00581)	- 0.0949*** (0.00639)	
	Security	-0.00788 (0.00589)	-0.0195** (0.00604)	-0.0133* (0.00594)	- 0.0235*** (0.00646)	
	Conformity	0.0315*** (0.00532)	0.0444*** (0.00546)	0.0392*** (0.00537)	0.0485*** (0.00586)	
	Tradition	- 0.0246*** (0.00596)	- 0.0321*** (0.00611)	- 0.0254*** (0.00601)	- 0.0346*** (0.00656)	
	Benevolence	0.114*** (0.00783)	0.114*** (0.00803)	0.114*** (0.00790)	0.110*** (0.00864)	
	Universalism	-0.00269 (0.00808)	-0.0103 (0.00828)	-0.0223** (0.00815)	-0.0141 (0.00892)	
	<i>Round</i>	Round 7: 2014	-0.130*** (0.0153)	-0.114*** (0.0160)	-0.110*** (0.0156)	-0.112*** (0.0170)
		Round 8: 2016	- 0.0951*** (0.0172)	- 0.0857*** (0.0190)	- 0.0673*** (0.0182)	- 0.0890*** (0.0194)
		Round 9: 2018	-0.0647** (0.0205)	-0.104*** (0.0235)	- 0.0842*** (0.0222)	- 0.0847*** (0.0237)
<i>Socio-Demographic</i>	Gender (ref = Male)					
	<i>Female</i>	0.0551*** (0.0100)	0.0554*** (0.0103)	0.0614*** (0.0101)	0.0619*** (0.0111)	
	Age	- 0.0378*** (0.00190)	- 0.0531*** (0.00194)	- 0.0454*** (0.00192)	- 0.0558*** (0.00211)	
	Age square	0.000368* ** (0.000018 6)	0.000539* ** (0.000018 9)	0.000489* ** (0.000018 7)	0.000562* ** (0.000020 6)	
	Marital status (ref = Legally married or registered civil union)					
	<i>Legally separated or divorced/civil union dissolved</i>	-0.342*** (0.0167)	-0.410*** (0.0173)	-0.413*** (0.0170)	-0.386*** (0.0183)	
	<i>Widowed/civil partner died</i>	-0.394*** (0.0199)	-0.438*** (0.0206)	-0.413*** (0.0203)	-0.404*** (0.0222)	

Type	Variables	(1)	(2)	(3)	(4)
	<i>Never married or in legally registered civil union</i>	-0.318*** (0.0147)	-0.330*** (0.0152)	-0.328*** (0.0150)	-0.326*** (0.0163)
	Family size	0.0249*** (0.00435)	- 0.0152*** (0.00459)	- 0.0173*** (0.00452)	- 0.0219*** (0.00504)
	Citizen of country (ref = Yes)				
	<i>Yes</i>	0.0416 (0.0237)	0.0986*** (0.0243)	0.0889*** (0.0239)	0.101*** (0.0264)
	Domicile (ref = A big city)				
	<i>Suburbs or outskirts of big city</i>	0.0156 (0.0180)	0.0188 (0.0185)	0.0184 (0.0182)	0.0115 (0.0197)
	<i>Town or small city</i>	0.0172 (0.0149)	0.0243 (0.0153)	0.0228 (0.0151)	0.0220 (0.0165)
	<i>Country village</i>	0.0985*** (0.0154)	0.112*** (0.0157)	0.108*** (0.0155)	0.111*** (0.0170)
	<i>Farm or home in countryside</i>	0.170*** (0.0232)	0.199*** (0.0238)	0.187*** (0.0234)	0.195*** (0.0254)
<b>Beliefs</b>	Political scale	0.0701*** (0.00222)	0.0759*** (0.00228)	0.0702*** (0.00224)	0.0718*** (0.00246)
	Religiosity	0.0318*** (0.00176)	0.0305*** (0.00180)	0.0300*** (0.00177)	0.0305*** (0.00194)
	Trust in people	0.0924*** (0.00229)	0.104*** (0.00234)	0.0951*** (0.00231)	0.103*** (0.00255)
	Trust in legal system	0.0989*** (0.00212)	0.112*** (0.00217)	0.107*** (0.00214)	0.110*** (0.00235)
<b>Resource</b>	Household income (ref = 1st decile)				
	<i>2nd decile</i>		0.194*** (0.0241)	0.179*** (0.0237)	0.203*** (0.0239)
	<i>3rd decile</i>		0.345*** (0.0242)	0.310*** (0.0238)	0.366*** (0.0241)
	<i>4th decile</i>		0.425*** (0.0244)	0.385*** (0.0241)	0.457*** (0.0245)
	<i>5th decile</i>		0.519*** (0.0248)	0.469*** (0.0244)	0.559*** (0.0249)
	<i>6th decile</i>		0.599*** (0.0252)	0.546*** (0.0249)	0.643*** (0.0254)
	<i>7th decile</i>		0.677*** (0.0256)	0.615*** (0.0253)	0.725*** (0.0259)
	<i>8th decile</i>		0.728*** (0.0262)	0.666*** (0.0258)	0.784*** (0.0266)
	<i>9th decile</i>		0.805*** (0.0275)	0.737*** (0.0272)	0.868*** (0.028)
	<i>10th decile</i>		0.933*** (0.0280)	0.852*** (0.0278)	1.004*** (0.0287)
	<i>Refusal, don't know or no answer</i>		0.526*** (0.0229)	0.479*** (0.0225)	
	Subjective income (ref = Living comfortably on present income)				
	<i>Coping on present income</i>		-0.491***		

Type	Variables	(1)	(2)	(3)	(4)
		(0.0115)			
	<i>Finding it difficult on present income</i>	-1.253***			
		(0.0165)			
	<i>Finding it very difficult on present income</i>	-2.063***			
		(0.0255)			
<b>Capability</b>	Main activity (ref = Paid work)				
	<i>Education</i>	-0.0678**	-0.0562*	-0.0288	-0.0278
		(0.0237)	(0.0241)	(0.0240)	(0.0275)
	<i>Unemployed - looking for job</i>	-0.596***	-0.900***	-0.872***	-0.846***
		(0.0260)	(0.0265)	(0.0260)	(0.0288)
	<i>Unemployed - not looking for job</i>	-0.396***	-0.638***	-0.580***	-0.585***
		(0.0393)	(0.0402)	(0.0395)	(0.0436)
	<i>Permanently sick or disabled</i>	-0.271***	-0.422***	-0.274***	-0.402***
		(0.0328)	(0.0337)	(0.0328)	(0.0355)
	<i>Retired</i>	0.0933***	0.0762***	0.119***	0.0934***
		(0.0178)	(0.0184)	(0.0181)	(0.0197)
	<i>Community or military service</i>	-0.118	-0.196	-0.141	-0.115
		(0.145)	(0.149)	(0.146)	(0.161)
	<i>Housework</i>	0.0771***	0.0317	0.0503*	0.0432
		(0.0206)	(0.0212)	(0.0208)	(0.0228)
	<i>Other</i>	-0.00429	-0.0534	-0.0466	-0.0205
		(0.0468)	(0.0479)	(0.0470)	(0.0535)
	Education level (ref = Less than lower secondary)				
	<i>Lower secondary</i>	-0.0491*		-0.0525*	-0.0409
		(0.0209)		(0.0211)	(0.0235)
	<i>Lower tier upper secondary</i>	-0.0456*		-0.0267	-0.00989
		(0.0221)		(0.0223)	(0.0246)
	<i>Upper tier upper secondary</i>	-0.0663**		-0.0445*	-0.0125
		(0.0213)		(0.0215)	(0.0239)
	<i>Advanced vocational</i>	-0.0303		-0.0259	0.0105
		(0.0224)		(0.0227)	(0.0250)
	<i>Lower tertiary education</i>	-0.0471*		-0.0184	0.00522
		(0.0237)		(0.0240)	(0.0263)
	<i>Higher tertiary education</i>	-0.0414		-0.00668	0.0263
		(0.0234)		(0.0238)	(0.0262)
	<i>Other</i>	0.0775		0.0390	0.167
		(0.0897)		(0.0905)	(0.103)
	Years of full-time education		0.00530**		
			*		
			(0.00141)		
	Hampered in daily activities (ref = No)				
	<i>Yes a lot</i>	-0.996***	-1.141***		-1.135***
		(0.0219)	(0.0225)		(0.0239)
	<i>Yes to some extent</i>	-0.410***	-0.481***		-0.467***
		(0.0125)	(0.0128)		(0.0136)
	Subjective health (ref = Very good)				

Type	Variables	(1)	(2)	(3)	(4)
				-0.375*** (0.0125)	
				-0.915*** (0.0152)	
				-1.694*** (0.0239)	
				-2.510*** (0.0468)	
	Social meetings	0.128*** (0.00344)	0.144*** (0.00352)	0.128*** (0.00347)	0.141*** (0.00380)
	Victim of crime (ref = Yes)				
		No 0.0857*** (0.0129)	0.119*** (0.0132)	0.0963*** (0.0130)	0.118*** (0.0140)
<b>Regional context</b>	Unemployment rate	-0.00783* (0.00324)	- (0.00346)	- (0.00333)	- (0.00365)
	Share with tertiary education	- 0.00595** (0.00221)	- 0.00869** (0.00236)	- 0.00870** (0.00228)	- 0.00966** (0.00243)
	Physician density	0.000707* ** (0.000195)	0.000813* ** (0.000207)	0.000731* ** (0.000200)	0.000830* ** (0.000216)
<b>Country context</b>	Migration rate	0.00637* (0.00297)	-0.000239 (0.00319)	0.00246 (0.00308)	0.00147 (0.00338)
	Gini index	0.494 (0.553)	-0.0224 (0.586)	0.387 (0.571)	0.357 (0.627)
	Ln national income	0.615*** (0.102)	1.313*** (0.144)	1.037*** (0.128)	1.152*** (0.137)
	Constant	-0.884 (1.067)	-8.528*** (1.464)	-5.310*** (1.315)	-6.783*** (1.410)
<b>Random effects</b>	Country	0.166*** (0.0616)	0.515 (0.238)	0.345* (0.159)	0.374* (0.174)
	NUTS	0.0275*** (0.00366)	0.0319*** (0.00407)	0.0289*** (0.00372)	0.0320*** (0.00431)
	Residual	2.908*** (0.0112)	3.062*** (0.0118)	2.975*** (0.0115)	3.011*** (0.0126)
<b>Intraclass correlation (ICC)</b>	Country	0.053 (0.0188)	0.136 (0.0537)	0.045 (0.0154)	0.109 (0.0453)
	NUTS   Country	0.062 (0.0186)	0.144 (0.0531)	0.054 (0.0153)	0.119 (0.0448)
	Wald chi2	42415.99	33192.54	38704.93	29010.28
	Prob > chi2	0.000	0.000	0.000	0.000
	AIC	526299.97	533784.16	532748.60	451605.79
	BIC	526898.37	534392.43	533435.73	452252.19
	Observations	134582	134711	135431	114432

Note: Standard errors in parentheses. \* p<0.05, \*\* p<0.01, \*\*\* p<0.001. Variables tested: (1) Subjective income; (2) Years of full-time education; (3) Subjective health ; (4) Household income without miss values.

Fonte: Elaborado pelos autores.

**APÊNDICE I – Resultados dos modelos multinível com variáveis substituídas – contexto**

Type	Variables	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(6)	(7)	
<i>Values</i>	Self-direction	0.102*** (0.00639)	0.103*** (0.00635)	0.106*** (0.00634)	0.0987*** (0.00645)	0.103*** (0.00635)	0.103*** (0.00635)	0.0996*** (0.00637)	
	Stimulation	0.00598 (0.00533)	0.00536 (0.00529)	0.00502 (0.00529)	0.00573 (0.00539)	0.00533 (0.00529)	0.00550 (0.00529)	0.00589 (0.0053)	
	Hedonism	0.143*** (0.00551)	0.144*** (0.00547)	0.147*** (0.00546)	0.142*** (0.00557)	0.144*** (0.00547)	0.144*** (0.00547)	0.144*** (0.0055)	
	Achievement	-0.0343*** (0.00549)	-0.0354*** (0.00545)	-0.0351*** (0.00544)	-0.0382*** (0.00554)	-0.0354*** (0.00545)	-0.0353*** (0.00545)	-0.0381*** (0.00546)	
	Power	-0.0914*** (0.00594)	-0.0915*** (0.00590)	-0.0932*** (0.00588)	-0.0924*** (0.00603)	-0.0914*** (0.00590)	-0.0917*** (0.00591)	-0.0938*** (0.00593)	
	Security	-0.0190** (0.00607)	-0.0171** (0.00603)	-0.0161** (0.00603)	-0.0146* (0.00611)	-0.0173** (0.00603)	-0.0171** (0.00603)	-0.0180** (0.00604)	
	Conformity	0.0452*** (0.00549)	0.0440*** (0.00545)	0.0446*** (0.00547)	0.0415*** (0.00556)	0.0441*** (0.00545)	0.0440*** (0.00546)	0.0467*** (0.00547)	
	Tradition	-0.0319*** (0.00615)	-0.0311*** (0.00610)	-0.0261*** (0.00610)	-0.0320*** (0.00619)	-0.0311*** (0.00610)	-0.0314*** (0.00611)	-0.0319*** (0.00612)	
	Benevolence	0.113*** (0.00807)	0.114*** (0.00802)	0.113*** (0.00798)	0.117*** (0.00817)	0.114*** (0.00802)	0.114*** (0.00802)	0.115*** (0.00804)	
	Universalism	-0.0136 (0.00833)	-0.0119 (0.00827)	-0.00888 (0.00825)	-0.00877 (0.00842)	-0.0118 (0.00828)	-0.0122 (0.00828)	-0.00942 (0.0083)	
	<i>Round</i>	Round 7: 2014	-0.0963*** (0.0161)	-0.136*** (0.0160)	-0.0839*** (0.0158)	-0.111*** (0.0165)	-0.115*** (0.0162)	-0.0768*** (0.0154)	-0.117*** (0.0161)
		Round 8: 2016	-0.0383* (0.0190)	-0.116*** (0.0189)	-0.0387* (0.0185)	-0.0812*** (0.0187)	-0.0833*** (0.0188)	-0.00922 (0.0168)	-0.0918*** (0.0192)
		Round 9: 2018	-0.0607** (0.0221)	-0.145*** (0.0235)	-0.0262 (0.0234)	-0.0985*** (0.0226)	-0.100*** (0.0234)	0.00554 (0.0198)	-0.114*** (0.0241)
<i>Socio-Demographic</i>	Gender (ref = Male)								
			<i>Female</i>	0.0541*** (0.0103)	0.0524*** (0.0103)	0.0450*** (0.0102)	0.0512*** (0.0105)	0.0528*** (0.0103)	0.0535*** (0.0103)
	Age	-0.0528***	-0.0529***	-0.0525***	-0.0510***	-0.0529***	-0.0529***	-0.0524***	

Type	Variables	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(6)	(7)
		(0.00196)	(0.00194)	(0.00194)	(0.00198)	(0.00194)	(0.00194)	(0.00195)
	Age square	0.00053*** (0.0000191)	0.00054*** (0.0000190)	0.00053*** (0.0000190)	0.00052*** (0.0000194)	0.00054*** (0.0000190)	0.00054*** (0.0000190)	0.00053*** (0.000019)
	Marital status (ref = Legally married or registered civil union)							
	<i>Legally separated or divorced/civil     union dissolved</i>	-0.414*** (0.0174)	-0.411*** (0.0172)	-0.415*** (0.0171)	-0.407*** (0.0175)	-0.411*** (0.0172)	-0.412*** (0.0173)	-0.410*** (0.0173)
	<i>Widowed/civil partner died</i>	-0.441*** (0.0207)	-0.438*** (0.0206)	-0.430*** (0.0204)	-0.440*** (0.0211)	-0.438*** (0.0206)	-0.440*** (0.0206)	-0.443*** (0.0207)
	<i>Never married or in legally registered     civil union</i>	-0.334*** (0.0153)	-0.329*** (0.0152)	-0.332*** (0.0152)	-0.324*** (0.0155)	-0.329*** (0.0152)	-0.330*** (0.0152)	-0.328*** (0.0152)
	Family size	-0.0155*** (0.00462)	-0.0145** (0.00459)	-0.0145** (0.00459)	-0.0137** (0.00470)	-0.0147** (0.00459)	-0.0148** (0.00459)	-0.0160*** (0.00462)
	Citizen of country (ref = Yes)							
	Yes	0.107*** (0.0245)	0.107*** (0.0243)	0.106*** (0.0246)	0.108*** (0.0244)	0.107*** (0.0243)	0.107*** (0.0243)	0.106*** (0.0242)
	Domicile (ref = A big city)							
	<i>Suburbs or outskirts of big city</i>	0.0217 (0.0185)	0.0214 (0.0184)	0.0298 (0.0186)	0.0289 (0.0188)	0.0212 (0.0184)	0.0218 (0.0185)	0.024 (0.0186)
	<i>Town or small city</i>	0.0295 (0.0154)	0.0312* (0.0153)	0.0294 (0.0152)	0.0299 (0.0157)	0.0278 (0.0153)	0.0268 (0.0153)	0.0279 (0.0154)
	<i>Country village</i>	0.114*** (0.0158)	0.120*** (0.0157)	0.112*** (0.0156)	0.126*** (0.0162)	0.117*** (0.0157)	0.116*** (0.0158)	0.118*** (0.0158)
	<i>Farm or home in countryside</i>	0.207*** (0.0239)	0.211*** (0.0238)	0.206*** (0.0239)	0.213*** (0.0241)	0.207*** (0.0238)	0.206*** (0.0238)	0.208*** (0.0238)
<b>Beliefs</b>	Political scale	0.0763*** (0.00229)	0.0760*** (0.00228)	0.0762*** (0.00226)	0.0791*** (0.00235)	0.0761*** (0.00228)	0.0763*** (0.00228)	0.0777*** (0.00229)
	Religiosity	0.0300*** (0.00181)	0.0301*** (0.00180)	0.0299*** (0.00180)	0.0281*** (0.00184)	0.0301*** (0.00180)	0.0302*** (0.00180)	0.0299*** (0.00181)
	Trust in people	0.103*** (0.00236)	0.104*** (0.00234)	0.104*** (0.00232)	0.106*** (0.00241)	0.104*** (0.00234)	0.103*** (0.00234)	0.105*** (0.00236)

Type	Variables	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(6)	(7)
	Trust in legal system	0.112*** (0.00218)	0.111*** (0.00217)	0.112*** (0.00215)	0.112*** (0.00223)	0.111*** (0.00217)	0.112*** (0.00217)	0.110*** (0.00218)
<b>Resource</b>	Household income (ref = 1st decile)							
	2nd decile	0.194*** (0.0242)	0.195*** (0.0240)	0.197*** (0.0240)	0.191*** (0.0245)	0.196*** (0.0240)	0.195*** (0.0241)	0.184*** (0.0241)
	3rd decile	0.345*** (0.0244)	0.345*** (0.0242)	0.344*** (0.0242)	0.340*** (0.0248)	0.346*** (0.0242)	0.343*** (0.0242)	0.333*** (0.0243)
	4th decile	0.425*** (0.0246)	0.426*** (0.0244)	0.425*** (0.0244)	0.424*** (0.0250)	0.426*** (0.0245)	0.424*** (0.0244)	0.417*** (0.0245)
	5th decile	0.524*** (0.0250)	0.520*** (0.0248)	0.519*** (0.0247)	0.513*** (0.0253)	0.520*** (0.0248)	0.517*** (0.0248)	0.505*** (0.0249)
	6th decile	0.600*** (0.0254)	0.597*** (0.0252)	0.593*** (0.0252)	0.582*** (0.0258)	0.598*** (0.0253)	0.594*** (0.0253)	0.585*** (0.0253)
	7th decile	0.671*** (0.0258)	0.671*** (0.0257)	0.666*** (0.0256)	0.664*** (0.0261)	0.672*** (0.0257)	0.667*** (0.0257)	0.660*** (0.0257)
	8th decile	0.723*** (0.0264)	0.722*** (0.0262)	0.718*** (0.0262)	0.707*** (0.0267)	0.723*** (0.0262)	0.719*** (0.0262)	0.709*** (0.0263)
	9th decile	0.800*** (0.0277)	0.797*** (0.0276)	0.791*** (0.0276)	0.778*** (0.0281)	0.799*** (0.0276)	0.794*** (0.0276)	0.784*** (0.0276)
	10th decile	0.927*** (0.0283)	0.922*** (0.0282)	0.928*** (0.0283)	0.906*** (0.0287)	0.925*** (0.0282)	0.918*** (0.0282)	0.911*** (0.0282)
	Refusal, don't know or no answer	0.528*** (0.0230)	0.523*** (0.0229)	0.532*** (0.0228)	0.514*** (0.0234)	0.522*** (0.0229)	0.517*** (0.0229)	0.511*** (0.023)
<b>Capability</b>	Main activity (ref = Paid work)							
	Education	-0.0360 (0.0245)	-0.0394 (0.0243)	-0.0420 (0.0243)	-0.0287 (0.0248)	-0.0391 (0.0243)	-0.0408 (0.0243)	-0.0369 (0.0243)
	Unemployed - looking for job	-0.902*** (0.0265)	-0.900*** (0.0264)	-0.898*** (0.0263)	-0.902*** (0.0271)	-0.900*** (0.0264)	-0.900*** (0.0264)	-0.902*** (0.0267)
	Unemployed - not looking for job	-0.621*** (0.0404)	-0.622*** (0.0402)	-0.618*** (0.0401)	-0.649*** (0.0415)	-0.622*** (0.0402)	-0.622*** (0.0402)	-0.649*** (0.0409)
	Permanently sick or disabled	-0.421*** (0.0338)	-0.418*** (0.0337)	-0.388*** (0.0338)	-0.435*** (0.0340)	-0.419*** (0.0337)	-0.420*** (0.0337)	-0.428*** (0.0336)
	Retired	0.0754***	0.0760***	0.0863***	0.0848***	0.0758***	0.0741***	0.0725***

Type	Variables	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(6)	(7)
		(0.0185)	(0.0183)	(0.0183)	(0.0187)	(0.0183)	(0.0183)	(0.0184)
	<i>Community or military service</i>	-0.170	-0.183	-0.181	-0.139	-0.190	-0.215	-0.188
		(0.149)	(0.149)	(0.150)	(0.150)	(0.149)	(0.149)	(0.148)
	<i>Housework</i>	0.0334	0.0351	0.0443*	0.0374	0.0354	0.0344	0.0264
		(0.0213)	(0.0212)	(0.0213)	(0.0217)	(0.0212)	(0.0212)	(0.0212)
	<i>Other</i>	-0.0490	-0.0505	-0.0541	-0.0370	-0.0513	-0.0534	-0.0249
		(0.0480)	(0.0477)	(0.0481)	(0.0490)	(0.0477)	(0.0478)	(0.0487)
	Education level (ref = Less than lower secondary)							
	<i>Lower secondary</i>	-0.0318	-0.0302	-0.0387	-0.0109	-0.0298	-0.0318	-0.0284
		(0.0215)	(0.0214)	(0.0216)	(0.0217)	(0.0214)	(0.0214)	(0.0214)
	<i>Lower tier upper secondary</i>	0.00648	0.00640	0.000896	0.0259	0.00645	0.00414	0.00861
		(0.0228)	(0.0227)	(0.0228)	(0.0230)	(0.0227)	(0.0227)	(0.0227)
	<i>Upper tier upper secondary</i>	0.00936	0.00954	0.00996	0.0276	0.00987	0.00646	0.0143
		(0.0219)	(0.0218)	(0.0219)	(0.0223)	(0.0218)	(0.0218)	(0.0219)
	<i>Advanced vocational</i>	0.0274	0.0311	0.0301	0.0528*	0.0317	0.0294	0.0334
		(0.0232)	(0.0231)	(0.0233)	(0.0234)	(0.0231)	(0.0231)	(0.0231)
	<i>Lower tertiary education</i>	0.0573*	0.0564*	0.0629*	0.0718**	0.0573*	0.0546*	0.0556*
		(0.0245)	(0.0244)	(0.0246)	(0.0248)	(0.0244)	(0.0244)	(0.0244)
	<i>Higher tertiary education</i>	0.0742**	0.0763**	0.0817***	0.0954***	0.0770**	0.0737**	0.0786**
		(0.0242)	(0.0241)	(0.0243)	(0.0244)	(0.0241)	(0.0241)	(0.0241)
	<i>Other</i>	0.156	0.157	0.0920	0.162	0.159	0.157	0.161
		(0.0920)	(0.0919)	(0.0973)	(0.0921)	(0.0919)	(0.0919)	(0.0926)
	Hampered in daily activities (ref = No)							
	<i>Yes a lot</i>	-1.144***	-1.145***	-1.147***	-1.143***	-1.145***	-1.145***	-1.141***
		(0.0225)	(0.0224)	(0.0224)	(0.0230)	(0.0224)	(0.0224)	(0.0224)
	<i>Yes to some extent</i>	-0.477***	-0.479***	-0.480***	-0.472***	-0.479***	-0.479***	-0.479***
		(0.0129)	(0.0128)	(0.0127)	(0.0130)	(0.0128)	(0.0128)	(0.0128)
	Social meetings	0.144***	0.144***	0.144***	0.144***	0.144***	0.144***	0.143***
		(0.00354)	(0.00352)	(0.00350)	(0.00359)	(0.00352)	(0.00352)	(0.00353)
	Victim of crime (ref = Yes)							
	<i>No</i>	0.119***	0.119***	0.116***	0.112***	0.118***	0.118***	0.116***
		(0.0132)	(0.0132)	(0.0132)	(0.0134)	(0.0132)	(0.0132)	(0.0132)

Type	Variables	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(6)	(7)	
<i>Regional context</i>	Unemployment rate		-0.0113*** (0.00340)	-0.0111** (0.00341)	-0.0141*** (0.00343)	-0.0148*** (0.00343)	-0.0230*** (0.00332)	-0.0144*** (0.00342)	
	Long-term unemployment rate		-0.00742*** (0.00127)						
	Share with tertiary education		-0.00777*** (0.00231)	-0.00477* (0.00190)	-0.00903*** (0.00237)	-0.00883*** (0.00233)	-0.00912*** (0.00233)	-0.00874*** (0.00235)	
	Participation rate in education and training			0.00635* (0.00256)					
	Physician density		0.000871*** (0.000207)	0.000360* (0.000169)		0.000885*** (0.000211)	0.000839*** (0.000204)	0.000836*** (0.000205)	0.000839*** (0.000205)
	Hospital beds per hundred thousand of inhabitants				0.000618*** (0.000109)				
<i>Country context</i>	Migration rate		-0.000538 (0.00320)	-0.000780 (0.00322)	0.00381 (0.00307)		0.000451 (0.00323)	0.0121*** (0.00287)	-0.00107 (0.00319)
	Net migration crude rate				0.00112 (0.00192)				
	Gini index		1.619** (0.595)	0.395 (0.596)	-0.322 (0.590)	0.205 (0.595)		0.220 (0.579)	0.0439 (0.581)
	Income inequality								
		<i>top 10%</i>					-0.843 (1.871)		
		<i>bottom 50%</i>					-0.302 (0.799)		
	Ln national income		1.058*** (0.131)	1.452*** (0.154)	1.028*** (0.121)	1.202*** (0.128)	1.259*** (0.140)		1.372*** (0.15)
	GDP per capita							0.122* (0.0588)	
Air emissions of greenhouse								0.00513 (0.00903)	
Constant		-6.576*** (1.311)	-10.25*** (1.556)	-5.799*** (1.253)	-7.683*** (1.319)	-7.688*** (1.565)	3.114*** (0.737)	-9.258*** (1.516)	

Type	Variables	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(6)	(7)
<i>Random effects</i>	Country	0.344* (0.146)	0.705 (0.320)	0.292** (0.113)	0.360* (0.162)	0.462 (0.226)	0.300*** (0.0919)	0.415* (0.178)
	NUTS	0.0315*** (0.00400)	0.0313*** (0.00393)	0.0309*** (0.00394)	0.0328*** (0.00418)	0.0303*** (0.00387)	0.0317*** (0.00402)	0.0308*** (0.00392)
	Residual	3.076*** (0.0119)	3.068*** (0.0118)	3.073*** (0.0118)	3.024*** (0.0120)	3.068*** (0.0118)	3.070*** (0.0118)	3.036*** (0.0118)
<i>Intraclass correlation (ICC)</i>	Country	0.100 (0.0381)	0.185 (0.0686)	0.086 (0.0303)	0.105 (0.0425)	0.130 (0.0553)	0.088 (0.0246)	0.119 (0.045)
	NUTS   Country	0.109 (0.0377)	0.193 (0.0679)	0.095 (0.03)	0.115 (0.042)	0.138 (0.0548)	0.097 (0.0244)	0.128 (0.0446)
	Wald chi2	32993.70	33348.60	33773.96	31869.48	33361.24	33270.36	33082.58
	Prob > chi2	0.000	0.000	0.000	0.000	0.000	0.000	0.000
	AIC	530812.53	536551.46	541955.07	506135.64	536545.35	536617.34	527448.97
	BIC	531479.22	537218.91	542623.18	506799.38	537222.62	537284.80	528125.24
	Observations	133811	135336	136653	128126	135336	135336	133402

Note: Standard errors in parentheses. \* p<0.05, \*\* p<0.01, \*\*\* p<0.001. Variables tested: (1) Long-term unemployment rate; (2) Share with tertiary education; (3) Hospital beds per hundred thousand of inhabitants; (4) Net migration crude rate; (5) Income inequality - top 10% and bottom 50%; (6) GDP per capita; (7) Air emissions of greenhouse.

Fonte: Elaborado pelos autores.

**APÊNDICE J – Resultados dos modelos multinível para outras variáveis de bem-estar subjetivo**

Type	Variables	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(6)		
<i>Values</i>	Self-direction	0.110*** (0.00568)	-0.0180** (0.00671)	-0.0744*** (0.00701)	-0.0368*** (0.00730)	-0.0586*** (0.00737)	-0.0445*** (0.00704)		
	Stimulation	0.0186*** (0.00473)	0.00866 (0.00559)	-0.00509 (0.00582)	0.00452 (0.00608)	0.0291*** (0.00614)	-0.0396*** (0.00585)		
	Hedonism	0.150*** (0.00489)	0.0555*** (0.00578)	0.0284*** (0.00604)	0.0232*** (0.00629)	0.0285*** (0.00635)	0.0428*** (0.00606)		
	Achievement	-0.0270*** (0.00487)	0.0209*** (0.00576)	0.0227*** (0.00600)	0.00691 (0.00627)	0.0344*** (0.00633)	-0.00136 (0.00603)		
	Power	-0.111*** (0.00528)	0.0174** (0.00624)	0.0109 (0.00652)	0.0231*** (0.00680)	0.0318*** (0.00686)	0.0275*** (0.00654)		
	Security	0.00344 (0.00540)	-0.0357*** (0.00637)	0.0505*** (0.00664)	-0.00600 (0.00694)	0.0114 (0.00700)	0.0306*** (0.00667)		
	Conformity	0.0290*** (0.00488)	0.0629*** (0.00576)	0.0689*** (0.00600)	0.0648*** (0.00628)	0.0856*** (0.00633)	0.0710*** (0.00604)		
	Tradition	-0.00994 (0.00546)	-0.00434 (0.00645)	0.0128 (0.00672)	-0.00579 (0.00702)	0.0192** (0.00709)	-0.0318*** (0.00675)		
	Benevolence	0.131*** (0.00718)	-0.0681*** (0.00848)	-0.00318 (0.00885)	-0.0281** (0.00924)	-0.101*** (0.00931)	-0.0444*** (0.00888)		
	Universalism	0.0160* (0.00740)	-0.0537*** (0.00874)	-0.0489*** (0.00912)	-0.0181 (0.00952)	-0.0515*** (0.00960)	0.0552*** (0.00916)		
	<i>Round</i>	Round 7: 2014	-0.0483*** (0.0143)	0.0522** (0.0174)	-0.171*** (0.0178)	-0.145*** (0.0188)	-0.211*** (0.0188)	-0.407*** (0.0173)	
		Round 8: 2016	-0.00481 (0.0169)	0.236*** (0.0219)	-0.0186 (0.0214)	-0.107*** (0.0233)	-0.110*** (0.0228)	-0.353*** (0.0196)	
Round 9: 2018		-0.0197 (0.0210)	0.536*** (0.0283)	-0.0362 (0.0270)	-0.0971** (0.0298)	-0.157*** (0.0290)	-0.336*** (0.0236)		
<i>Socio-Demographic</i>	Gender (ref = Male)		<i>Female</i>	0.0867*** (0.00919)	-0.124*** (0.0108)	-0.0449*** (0.0113)	-0.257*** (0.0118)	0.0360** (0.0119)	-0.0672*** (0.0114)
	Age	-0.0419***	-0.0291***	-0.0249***	-0.0493***	-0.0306***	-0.0200***		

Type	Variables	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(6)
		(0.00174)	(0.00206)	(0.00215)	(0.00223)	(0.00226)	(0.00216)
	Age square	0.000416*** (0.0000170)	0.000300*** (0.0000201)	0.000212*** (0.0000211)	0.000517*** (0.0000218)	0.000355*** (0.0000221)	0.000225*** (0.0000211)
	Marital status (ref = Legally married or registered civil union)						
	<i>Legally separated or divorced/civil union dissolved</i>	-0.481*** (0.0154)	-0.119*** (0.0182)	-0.0244 (0.0190)	-0.0126 (0.0198)	-0.0898*** (0.0200)	-0.103*** (0.0191)
	<i>Widowed/civil partner died</i>	-0.657*** (0.0184)	-0.0658** (0.0218)	-0.0290 (0.0230)	-0.102*** (0.0236)	-0.0645** (0.0239)	-0.0418 (0.0228)
	<i>Never married or in legally registered civil union</i>	-0.417*** (0.0136)	-0.0925*** (0.0160)	-0.0527** (0.0167)	-0.00773 (0.0175)	-0.0299 (0.0176)	-0.0231 (0.0168)
	Family size	0.0348*** (0.00411)	-0.0228*** (0.00485)	0.0128* (0.00503)	0.0196*** (0.00528)	-0.00159 (0.00533)	-0.0115* (0.00508)
	Citizen of country (ref = Yes)						
	<i>Yes</i>	0.000101 (0.0217)	-0.409*** (0.0257)	-0.367*** (0.0270)	-0.468*** (0.0280)	-0.496*** (0.0285)	-0.384*** (0.0270)
	Domicile (ref = A big city)						
	<i>Suburbs or outskirts of big city</i>	0.0111 (0.0165)	0.0140 (0.0195)	0.0323 (0.0203)	-0.0649** (0.0213)	0.0204 (0.0214)	0.0194 (0.0204)
	<i>Town or small city</i>	0.0296* (0.0137)	-0.00150 (0.0162)	0.0256 (0.0169)	-0.0467** (0.0177)	0.00533 (0.0179)	-0.0271 (0.0170)
	<i>Country village</i>	0.0838*** (0.0141)	0.0236 (0.0167)	0.0663*** (0.0174)	-0.0692*** (0.0182)	0.0278 (0.0184)	-0.0507** (0.0175)
	<i>Farm or home in countryside</i>	0.172*** (0.0213)	-0.00102 (0.0252)	0.0720** (0.0262)	-0.0942*** (0.0275)	-0.0179 (0.0277)	-0.0740** (0.0264)
<b>Beliefs</b>	Political scale	0.0399*** (0.00204)	0.0957*** (0.00241)	0.0425*** (0.00251)	0.0556*** (0.00262)	0.119*** (0.00264)	0.0882*** (0.00252)
	Religiosity	0.0314*** (0.00161)	0.0286*** (0.00190)	0.0305*** (0.00198)	0.0301*** (0.00207)	0.0520*** (0.00209)	0.0374*** (0.00199)
	Trust in people	0.0819*** (0.00210)	0.131*** (0.00248)	0.0831*** (0.00259)	0.105*** (0.00270)	0.109*** (0.00272)	0.119*** (0.00260)

Type	Variables	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(6)
	Trust in legal system	0.0764*** (0.00194)	0.250*** (0.00229)	0.244*** (0.00240)	0.242*** (0.00250)	0.333*** (0.00252)	0.383*** (0.00240)
<b>Resource</b>	Household income (ref = 1st decile)						
	2nd decile	0.147*** (0.0215)	0.0578* (0.0255)	0.0344 (0.0267)	-0.0329 (0.0277)	0.0273 (0.0279)	0.0349 (0.0267)
	3rd decile	0.262*** (0.0217)	0.140*** (0.0256)	0.00172 (0.0269)	-0.0344 (0.0278)	0.0825** (0.0281)	0.105*** (0.0269)
	4th decile	0.308*** (0.0219)	0.175*** (0.0258)	0.00360 (0.0271)	-0.0320 (0.0281)	0.0766** (0.0284)	0.138*** (0.0271)
	5th decile	0.422*** (0.0222)	0.217*** (0.0262)	-0.0245 (0.0275)	-0.0310 (0.0285)	0.104*** (0.0288)	0.169*** (0.0275)
	6th decile	0.452*** (0.0226)	0.263*** (0.0267)	0.0221 (0.0279)	0.000306 (0.0290)	0.0975*** (0.0293)	0.182*** (0.0280)
	7th decile	0.505*** (0.0229)	0.293*** (0.0271)	-0.0294 (0.0283)	-0.00620 (0.0295)	0.120*** (0.0298)	0.206*** (0.0284)
	8th decile	0.524*** (0.0235)	0.339*** (0.0277)	-0.0354 (0.0290)	-0.00784 (0.0302)	0.138*** (0.0304)	0.221*** (0.0291)
	9th decile	0.566*** (0.0247)	0.411*** (0.0291)	-0.0526 (0.0304)	-0.0464 (0.0317)	0.209*** (0.0320)	0.269*** (0.0305)
	10th decile	0.649*** (0.0252)	0.498*** (0.0298)	-0.0565 (0.0310)	-0.0228 (0.0324)	0.235*** (0.0327)	0.309*** (0.0312)
	Refusal, don't know or no answer	0.367*** (0.0205)	0.244*** (0.0243)	-0.0445 (0.0255)	0.0304 (0.0264)	0.126*** (0.0266)	0.169*** (0.0255)
<b>Capability</b>	Main activity (ref = Paid work)						
	Education	-0.0958*** (0.0218)	0.126*** (0.0257)	-0.0433 (0.0266)	0.170*** (0.0280)	0.194*** (0.0283)	0.312*** (0.0269)
	Unemployed - looking for job	-0.524*** (0.0236)	-0.387*** (0.0279)	0.0123 (0.0290)	0.0749* (0.0304)	-0.211*** (0.0307)	-0.151*** (0.0292)
	Unemployed - not looking for job	-0.464*** (0.0360)	-0.244*** (0.0425)	-0.0161 (0.0446)	0.131** (0.0463)	-0.170*** (0.0467)	-0.114* (0.0446)
	Permanently sick or disabled	-0.289*** (0.0301)	-0.175*** (0.0356)	0.0137 (0.0373)	0.101** (0.0387)	-0.0795* (0.0390)	-0.0533 (0.0373)
	Retired	0.0239	0.0255	0.00814	0.0871***	0.0179	0.00122

Type	Variables	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(6)
		(0.0164)	(0.0194)	(0.0203)	(0.0211)	(0.0213)	(0.0203)
	<i>Community or military service</i>	-0.0273	-0.0447	-0.115	0.0812	-0.491**	0.197
		(0.133)	(0.157)	(0.164)	(0.173)	(0.174)	(0.165)
	<i>Housework</i>	0.0262	-0.0193	0.0511*	0.125***	-0.0124	0.0116
		(0.0189)	(0.0223)	(0.0233)	(0.0243)	(0.0246)	(0.0234)
	<i>Other</i>	-0.0544	-0.0990	-0.124*	0.111*	-0.0326	0.0443
		(0.0427)	(0.0506)	(0.0526)	(0.0551)	(0.0557)	(0.0529)
	Education level (ref = Less than lower secondary)						
	<i>Lower secondary</i>	-0.0875***	-0.123***	-0.0472*	-0.0328	-0.0261	0.0211
		(0.0192)	(0.0227)	(0.0238)	(0.0247)	(0.0249)	(0.0239)
	<i>Lower tier upper secondary</i>	-0.0274	-0.123***	-0.139***	-0.123***	-0.0571*	-0.00434
		(0.0203)	(0.0240)	(0.0251)	(0.0261)	(0.0263)	(0.0252)
	<i>Upper tier upper secondary</i>	-0.0540**	-0.0918***	-0.252***	-0.154***	-0.0675**	0.0429
		(0.0195)	(0.0231)	(0.0242)	(0.0251)	(0.0253)	(0.0243)
	<i>Advanced vocational</i>	-0.00726	-0.0591*	-0.301***	-0.162***	-0.0842**	0.0453
		(0.0206)	(0.0244)	(0.0255)	(0.0265)	(0.0268)	(0.0256)
	<i>Lower tertiary education</i>	-0.00325	-0.00687	-0.338***	-0.150***	-0.0320	0.137***
		(0.0218)	(0.0257)	(0.0269)	(0.0280)	(0.0283)	(0.0270)
	<i>Higher tertiary education</i>	-0.0222	-0.00754	-0.378***	-0.0600*	-0.0741**	0.129***
		(0.0216)	(0.0255)	(0.0266)	(0.0278)	(0.0280)	(0.0268)
	<i>Other</i>	0.147	-0.00525	-0.157	0.0549	0.0214	0.0730
		(0.0821)	(0.0974)	(0.101)	(0.106)	(0.106)	(0.102)
	Hampered in daily activities (ref = No)						
	<i>Yes a lot</i>	-0.948***	-0.394***	-0.231***	-0.280***	-0.334***	-0.322***
		(0.0200)	(0.0237)	(0.0250)	(0.0257)	(0.0260)	(0.0249)
	<i>Yes to some extent</i>	-0.411***	-0.179***	-0.125***	-0.148***	-0.146***	-0.151***
		(0.0114)	(0.0135)	(0.0141)	(0.0147)	(0.0148)	(0.0141)
	Social meetings	0.155***	0.0265***	0.0322***	0.0359***	0.00628	0.0264***
		(0.00315)	(0.00372)	(0.00389)	(0.00405)	(0.00408)	(0.00390)
	Victim of crime (ref = Yes)						
	<i>No</i>	0.0862***	0.154***	0.111***	0.123***	0.126***	0.116***
		(0.0118)	(0.0139)	(0.0144)	(0.0151)	(0.0153)	(0.0146)

Type	Variables	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(6)
<i>Regional context</i>	Unemployment rate	-0.0166*** (0.00318)	-0.0464*** (0.00398)	-0.0366*** (0.00416)	-0.0330*** (0.00460)	-0.0488*** (0.00447)	-0.0133*** (0.00400)
	Share with tertiary education	-0.00571** (0.00219)	-0.00917*** (0.00272)	-0.0143*** (0.00290)	-0.0119*** (0.00326)	-0.00939** (0.00315)	-0.00887** (0.00282)
	Physician density	0.000827*** (0.000194)	0.00102*** (0.000241)	0.00110*** (0.000261)	0.00194*** (0.000297)	0.00191*** (0.000283)	0.00201*** (0.000256)
<i>Country context</i>	Migration rate	-0.00890** (0.00284)	0.0254*** (0.00353)	0.00487 (0.00354)	-0.0138*** (0.00376)	0.0165*** (0.00376)	0.0100** (0.00338)
	Gini index	-0.475 (0.523)	6.790*** (0.631)	-0.757 (0.652)	2.818*** (0.683)	4.536*** (0.685)	-1.779** (0.620)
	Ln national income	1.003*** (0.124)	2.758*** (0.193)	-0.368* (0.163)	-0.138 (0.184)	1.194*** (0.175)	0.477*** (0.0992)
	Constant	-5.010*** (1.267)	-27.36*** (1.957)	8.852*** (1.660)	4.745* (1.877)	-11.74*** (1.786)	-1.854 (1.067)
<i>Random effects</i>	Country	0.350 (0.201)	2.337** (0.753)	0.661 (0.237)	1.025 (0.361)	0.798 (0.371)	0.129*** (0.0372)
	NUTS	0.0316*** (0.00387)	0.0528*** (0.00585)	0.0687*** (0.00709)	0.110*** (0.0108)	0.0884*** (0.0101)	0.0711*** (0.00745)
	Residual	2.452*** (0.00945)	3.395*** (0.0131)	3.622*** (0.0141)	4.045*** (0.0156)	4.079*** (0.0158)	3.713*** (0.0144)
<i>Intraclass correlation (ICC)</i>	Country	0.124 (0.0622)	0.404 (0.0776)	0.152 (0.0461)	0.198 (0.056)	0.161 (0.0627)	0.033 (0.0092)
	NUTS   Country	0.135 (0.0613)	0.413 (0.0763)	0.168 (0.0453)	0.219 (0.0545)	0.179 (0.0612)	0.051 (0.0092)
	Wald chi2	31417.91	40842.94	18994.03	20820.53	35998.79	45335.02
	Prob > chi2	0.000	0.000	0.000	0.000	0.000	0.000
	AIC	505697.11	546423.14	544708.72	572801.51	568450.98	556609.14
	BIC	506364.49	547090.11	545374.40	573468.80	569117.63	557275.88
	Observations	135186	134363	131837	135002	133728	133923

Note: Standard errors in parentheses. \* p<0.05, \*\* p<0.01, \*\*\* p<0.001. Dependent variables: (1) Happiness; (2) Satisfaction with the state of economy; (3) Satisfaction with the state of education; (4) Satisfaction with the state of health system; (5) Satisfaction with the state of the government; (6) Satisfaction with the state of democracy.

Fonte: Elaborado pelos autores.

## **Ensaio 3 – Uma análise espaço-temporal da relação dos valores, características populacionais e indicadores de desenvolvimento com o bem-estar regional**

### **1. Introdução**

O julgamento sobre o bem-estar das pessoas deveria fazer parte da análise dos *policy makers* para implementar, monitorar e avaliar políticas dos mais diversos tipos. Comumente, aspectos do bem-estar subjetivo, como a felicidade e a satisfação com a vida, são utilizados como medidas de bem-estar geral. Particularmente a satisfação com a vida, que é “um julgamento global que as pessoas fazem quando consideram sua vida como um todo” (DIENER, 2009, p. 28, tradução nossa), é uma faceta importante do bem-estar subjetivo muito utilizada para avaliar a vida das pessoas. Essa, diferentemente da felicidade, tem um aspecto cognitivo mais concreto e é relacionada a elementos mais específicos da vida (GUNDELACH; KREINER, 2004).

A satisfação contempla características importantes da vida das pessoas, como a sua saúde física e mental, seus relacionamentos e suas realizações pessoais e profissionais. Os estudos da satisfação com a vida buscam encontrar caminhos para políticas e práticas que contribuam para que as pessoas se tornem mais realizadas com suas vidas. As ações dos tomadores de decisão podem incluir, por exemplo, políticas diferenciadas para as áreas urbana e rural, programas de saúde mental e práticas organizacionais de trabalho saudável.

Muitas são as características que podem contribuir para o aumento da satisfação com a vida, como a qualidade do ambiente em que se vive ou as influências culturais e sociais da região. Também é importante ressaltar as diferenças entre grupos, que podem ser determinantes para a satisfação, como o gênero, as faixas etárias e os níveis socioeconômicos. Essas e outras particularidades têm sido o foco de trabalhos que procuram identificar determinantes do bem-estar em diferentes regiões do mundo (BLANCHFLOWER; GRAHAM, 2021; JAGODZINSKI, 2010; KACAPYR, 2008; MIKUCKA; SARRACINO; DUBROW, 2017; OSWALD, 1997; OSWALD; WU, 2010; PITTAU; ZELLI; GELMAN, 2010; VEENHOVEN, 1989; WULFGRAMM, 2014). Entretanto, a maior parte desses trabalhos avalia os efeitos na satisfação individual. Quando tratam da satisfação das regiões se preocupam principalmente com sua relação com indicadores de crescimento econômico nacional. Poucos são os trabalhos que tratam da satisfação média das regiões considerando a dependência espacial que variáveis

regionalizadas podem apresentar (LIN; LAHIRI; HSU, 2014; PUNTSCHER *et al.*, 2015; STANCA, 2010).

O presente estudo contribuí para o preenchimento dessa lacuna na literatura. Considera os efeitos espaciais sobre o bem-estar subjetivo e explora a relação espacial da satisfação média das regiões (que também pode ser entendida como satisfação regional). Com isso, avança em relação a Puntscher *et al* (2015) em duas linhas distintas:

A primeira é a inclusão da perspectiva de valores humanos de Schwartz (1992, 1994) como médias regionais na análise. Esses valores correspondem as normas sociais e as orientações aos princípios sobre o que é importante na vida, assim como contribuem para a formação de uma visão de mundo e de si mesmo. Os valores variam entre as regiões, conforme a cultura local, e a perspectiva regional permite verificar se as diferenças na predominância de determinados valores locais correspondem as hipóteses para os valores individuais levantadas por Sortheix e Schwartz (2017) para a satisfação com a vida.

Na segunda contribuição, a regionalização permite que sejam utilizadas metodologias, como regressão de dados em painel, para avaliação de dados longitudinais. A utilização de dados do *European Social Survey* (ESS) permite que as médias regionais sejam representativas das suas localidades. Desta forma, a análise proposta incorpora a dinâmica de mudanças das variáveis no tempo e permite uma melhor mensurabilidade dos efeitos em relação aos dados de cortes transversais. Dessa forma, minimiza o viés de seleção e possibilita o controle de variáveis não observadas. O objetivo da utilização de dados longitudinais neste estudo é verificar se os efeitos dos valores humanos regionais são constantes ou variam no tempo.

O artigo está organizado da seguinte forma. A seção seguinte conta com uma breve revisão de literatura que considera o papel do tempo e destaca o papel das regiões no bem-estar subjetivo. Na seção 3 são apresentados os principais trabalhos empíricos que analisam a relação dos valores humanos básicos e a satisfação com a vida. A seção 4 trata dos dados e da metodologia utilizados estimação do modelo espacial. As seções 5 e 6 apresentam os resultados e a sua discussão visando as contribuições propostas pelo ensaio e analisando os valores dentro de uma perspectiva regional. A seção 7 conclui o trabalho, com as principais implicações de seus resultados, as limitações e possíveis pesquisas futuras.

## **2. O tempo e a geografia no bem-estar subjetivo**

Um dos primeiros estudos empíricos da economia relacionados ao bem-estar subjetivo é o de Easterlin (1974), que investigou a relação da renda com a felicidade em pesquisas de

dezenove países entre 1946 e 1970. As principais conclusões do trabalho centram na incerteza sobre a relação entre renda e felicidade. Enquanto dentro dos países se verificou uma relação positiva entre as variáveis, o mesmo resultado não foi verificado para os dados entre países ricos e pobres. Também não encontrou uma relação sistemática entre as altas rendas e felicidade para os Estados Unidos em dados longitudinais. O que se consolidou em estudos posteriores é que o tempo levou a não aumentar a felicidade em países que obtiveram renda per capita real mais alta, muito provavelmente pelo aumento do nível das aspirações. Enquanto nos países mais pobres o aumento da renda é acompanhado por um aumento da satisfação, embora seja em níveis muito pequenos (FREY; STUTZER, 2002). Diferentemente do que acontece para os indivíduos mais ricos, o aumento da renda de todas as pessoas não é capaz de elevar a felicidade geral (EASTERLIN, 1995). Apesar disso, outros trabalhos mostraram resultados que divergem ou desafiam a lógica descrita acima, mostrando que o aumento da renda dos países pode ser um fator importante para a felicidade em alguns casos (HAGERTY, 2000; OSWALD, 1997; VEENHOVEN, 1989; VEENHOVEN; HAGERTY, 2006).

Essas diferenças nos resultados acima podem ser produto de circunstâncias específicas dos países. Neste trabalho analisamos as regiões europeias, onde mudanças contextuais de diferentes períodos do tempo podem direcionar como a economia influencia os níveis de satisfação e felicidade. Na Europa Ocidental pós-guerra, por exemplo, a recuperação econômica foi acompanhada por um aumento na felicidade, mas alcançou estabilidade, com algumas flutuações, nos anos 1980 (VEENHOVEN, 1989). Crises financeiras, como a crise de 2008, reduziram a satisfação com a vida das pessoas na Europa (CLENCH-AAS; HOLTE, 2017). Recentemente, as transformações econômicas levaram indivíduos de determinadas regiões a se frustrarem com as suas condições socioeconômicas, o que se traduziu em votos que desafiam o *status quo*, como aconteceu com a saída do Reino Unido da União Europeia em 2020 (LENZI; PERUCCA, 2021).

Esses eventos e outros agravaram as desigualdades das regiões europeias, impactando na satisfação ou infelicidade das pessoas e configurando uma geografia própria de bem-estar subjetivo. Dentro da Europa os países pertencentes ao antigo bloco socialista europeu tendem a ter níveis mais baixos de satisfação com a vida, enquanto as regiões escandinavas possuem nível de satisfação mais elevado (KACAPYR, 2008; PUNTSCHER *et al.*, 2015). Os fatores que podem determinar essas diferenças regionais podem estar sedimentados na cultura local, nas características do ambiente ou nos meios que são disponibilizados para as pessoas.

Por considerar essas diferenças geográficas, grande parte dos estudos europeus que trata dos efeitos das diferenças regionais na satisfação individual utiliza modelos multinível, que incorporam os efeitos dos países e das regiões europeias classificadas por NUTS (*Nomenclature of Territorial Units for Statistics*). Pittau, Zelli e Gelman (2010) usam dados do *Eurobarometer surveys* de 1992 a 2002 e identificam uma maior importância da renda pessoal para os níveis de bem-estar subjetivo em regiões pobres. Wulfgramm (2014) observa que os efeitos negativos do desemprego sobre a satisfação com a vida diferem entre os países europeus, graças a políticas ativas de mercado de trabalho ou transferências monetárias realizadas por alguns países que amenizam os efeitos do desemprego. Steckermeier (2021) verifica que seis funcionamentos básicos para as vidas das pessoas (segurança, amizade, saúde, segurança financeira, lazer e respeito), além da autonomia, das escolhas e das oportunidades são importantes para fomentar a satisfação com a vida. O trabalho de Lenzi e Perucca (2021) mostra que as desigualdades intrarregionais, bem como as desigualdades socioeconômicas individuais, contribuem para o aumento da insatisfação.

Alguns desses estudos sobre satisfação individual investiga a influência do capital social no bem-estar subjetivo. Nesse sentido, utilizando dados da *Life in Transition Survey* de 2016, Crowley e Walsh (2021) identificam a tolerância associada a maiores níveis de satisfação com a vida, assim como para os laços informais e confiança. A nível de país, Mikucka, Sarracino e Dubrow (2017), usam dados de 46 países presentes no *World Values Survey* de 1981 a 2012, e verificam que a confiança é importante para a satisfação com a vida, ajudando a moderar o crescimento econômico. Além disso, a desigualdade também contribui para moderar o crescimento econômico em países que não estão mais em transição.

Aslam e Corrado (2012) também utilizam modelos multinível e variáveis representativas do capital social, mas se preocupam principalmente com os níveis de agregação (individual, regional ou nacional) que são relevantes para identificação dos determinantes da satisfação com a vida, utilizando dados europeus do ESS de 2006. Seus resultados tratam da posição do indivíduo em relação a região em termos da variável dependente, ou seja, a posição do indivíduo em relação a região em que vive. A renda se mostrou um fator importante, mas variáveis não econômicas também tiveram efeitos, como confiança nos outros e no sistema legal, religiosidade e saúde, estatisticamente significantes tanto a nível individual como regional. Concluem, também que a agregação a nível regional é mais importante para explicar a satisfação individual do que a nível nacional.

Apesar dos evidentes padrões regionais, poucos trabalhos utilizam a agregação do bem-estar subjetivo em modelos econométricos como forma de investigar os efeitos macro no bem-estar subjetivo. Dois trabalhos se destacam por usarem dados transnacionais. Stanca (2010) utiliza modelos espaciais (de defasagem e de erro) para satisfação com a vida média a nível de país para 94 países do mundo. Conclui de seus modelos que a sensibilidade da satisfação à renda é explicada em parte pelas condições sociais e culturais dos vizinhos, mas o mesmo não acontece com o desemprego. Já Lin, Lahiri e Hsu (2014) utilizam um modelo de defasagem espacial em dados de 119 países, encontrando efeitos *spillover* de felicidade em países que formam diferentes grupos conforme sua história política, desenvolvimento e desigualdade de renda.

Em níveis menores de agregação, Oswald e Wu (2010) encontraram diferenças regionais a nível subnacional para a satisfação com a vida dos estados dos Estados Unidos, comparáveis aos efeitos desemprego ou da separação conjugal. Utilizando as regiões NUTS como unidade de análise e modelos de erros espaciais, Puntischer *et al.* (2015) verificam o efeito do capital social e outras variáveis regionalizadas na felicidade e satisfação com a vida médios. Para as duas medidas regionais de bem-estar subjetivo, a renda média não foi importante para a explicação do modelo, mas a taxa de desemprego, religiosidade, nível de saúde subjetiva e as confianças social e institucional se apresentaram como fatores importantes para determinar os níveis regionais de satisfação.

Dado o que foi descrito nesta seção, é importante ampliar o escopo da análise sobre o bem-estar subjetivo médio nas regiões europeias. Deve se considerar as influências temporais e espaciais, bem como determinantes importantes descritos na literatura. Além disso, as diferenças socioeconômicas e culturais sugerem que se pode investigar variáveis de maneira regionalizada que são impactadas por essas desigualdades, como os valores humanos.

### **3. A teoria dos valores humanos de Schwartz e a satisfação com a vida**

Assim como a satisfação e as condições mudam de região para região, o mesmo pode acontecer com os costumes e as orientações individuais. No mesmo sentido, os valores representam crenças sobre estados finais e comportamentos desejáveis (SCHWARTZ, 1992, 1994), e por isso a predominância de determinados valores é reflexo da cultura local e têm características específicas que variam entre e dentro dos países. Fatores como o desenvolvimento e o contexto cultural podem apoiar ou mitigar a importância que os valores têm na satisfação com a vida (BRUNA, 2022; SORTHEIX; LÖNNQVIST, 2014; SORTHEIX;

SCHWARTZ, 2017). Em suma, o conceito do que é bom ou não muda de acordo com as circunstâncias.

Entretanto, a identificação de quais valores são importantes para cada pessoa ou grupo de pessoas representa um desafio. A pluralidade de valores pode ser enorme, os seus significados podem ser diversos e representar orientações diferentes dependendo da localidade. A teoria dos valores humanos básicos de Schwartz (1992, 1994) busca resolver esse problema categorizando essa diversidade em dez tipos de valores (autodireção, estimulação, hedonismo, realização, poder, segurança, conformidade, tradição, benevolência e universalismo) que foram verificados e validados em mais de 60 países. Estes valores podem ser agrupados em um *continuum* (ver a Figura 2), onde os valores adjacentes têm motivações similares e os valores que estão mais distantes possuem motivações antagônicas. Também podem ser agrupados em quatro outros tipos de dimensões mais abrangentes: i) a abertura à mudança reúne os valores com motivações de interesses próprios em direções incertas (autodireção, estimulação e hedonismo); ii) a conservação reúne os valores que visam preservar o *status quo* e a certeza sobre as coisas em relação as pessoas próximas, as instituições e tradições (segurança, conformidade e tradição); iii) autoaperfeiçoamento reúne os valores com motivações de melhorar seus próprios interesses, mesmo que às custas dos outros (realização e poder); e iv) autotranscendência reúne os valores que visam transcender as preocupações egoístas e promover o bem-estar de outros e da natureza (benevolência e universalismo).

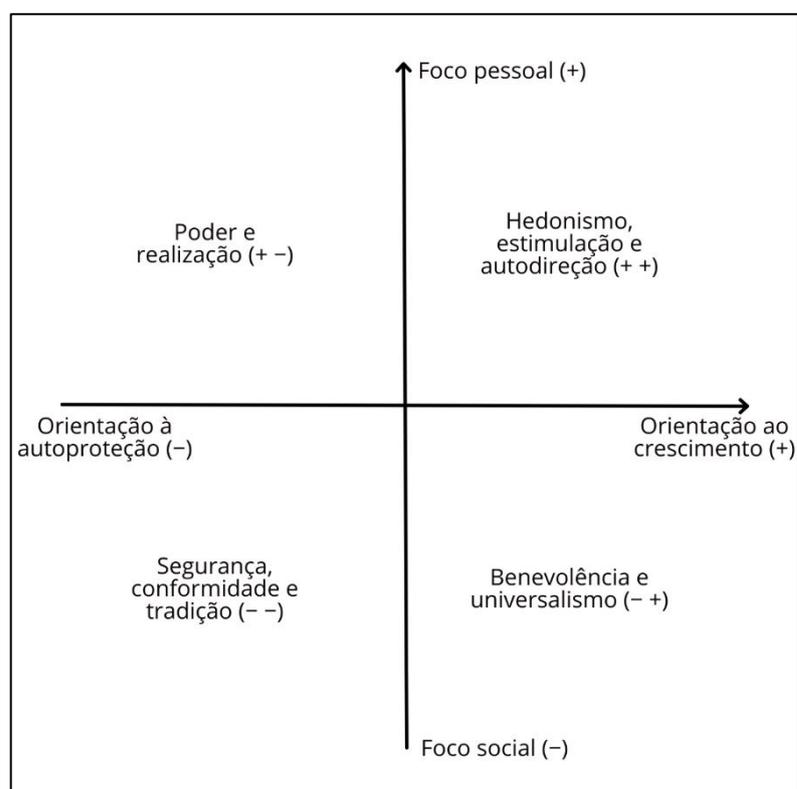
**Figura 2** – *Continuum* dos 10 tipos de valores humanos de Schwartz



Fonte: Elaborado pelos autores a partir de Sortheix e Schwartz (2017, p. 189).

Esses valores foram analisados em Sortheix e Schwartz (2017) conforme sua base motivacional, representada pela combinação do foco pessoal ou social com a orientação para o crescimento ou para a autoproteção, e seus efeitos na satisfação com a vida. Os autores testaram e confirmaram hipóteses para a combinações de foco e orientação, em que as características de foco pessoal e a orientação ao crescimento aumentam os níveis de satisfação com a vida e o foco social e a orientação à autoproteção reduzem os níveis de satisfação. As hipóteses mais gerais sobre as naturezas dos valores e os efeitos, representados pelos sinais de positivo e negativo, estão apresentados na Figura 3.

**Figura 3** – Bases motivacionais dos valores humanos de Schwartz e seus possíveis efeitos no bem-estar subjetivo



Nota: (+ +) indica associações positivas à satisfação, (- -) indica associações negativas à satisfação e (+ -) indica que a associação depende da força relativa (entre foco ou orientação) da base motivacional.

Fonte: Adaptado pelos autores a partir de Sortheix e Schwartz (2017, p. 190)

Sendo assim, os indivíduos que priorizam valores de abertura à mudança aumentam sua satisfação, enquanto os que priorizam os valores de conservação têm sua satisfação com a vida reduzida. Quanto aos valores de autoaperfeiçoamento e autotranscendência, as bases motivacionais têm sinais contrários. Entretanto, os autores atribuem um efeito positivo da benevolência na satisfação, pois ajudar o próximo tende a ter consequências positivas que podem neutralizar os efeitos negativos do foco social. Por outro lado, os esforços para solucionar os problemas sociais, no caso dos valores universalistas, geram experiências que

frequentemente não são bem-sucedidas, então não se espera relação com a satisfação com a vida. Para os valores de realização, Sortheix e Schwartz (2017) não encontram fundamentos para determinar qual base motivacional pode predominar e influenciar mais fortemente a satisfação. Por fim, os valores de poder, que também possuem uma orientação à autoproteção, geram ansiedade e necessidade de controle, anulando os efeitos do foco pessoal, além de ter objetivos extrínsecos ao indivíduo e suscitar reações negativas dos outros, o que aumenta os efeitos da ansiedade e depressão, contribuindo para reduzir o nível de satisfação com a vida.

A satisfação e os valores individuais também são influenciados pelo contexto, e sua relação pode mudar conforme as particularidades do local onde o indivíduo está inserido. O trabalho de Sortheix e Lönnqvist (2014) mostrou como o desenvolvimento do país pode moderar os efeitos dos valores básicos na satisfação com a vida. O Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) interagiu positivamente com segurança, conformidade, tradição e universalismo, enquanto teve resultados negativos para autodireção, estimulação, realização e poder. Também verificaram resultados diferentes para países com níveis altos e baixos de desenvolvimento humano. Sortheix e Schwartz (2017) incluem o igualitarismo para compreender a influência do contexto cultural na dinâmica entre valores e satisfação com a vida. Os valores com foco pessoal interagiram negativamente com o igualitarismo cultural. Por outro lado, os valores de foco social interagiram positivamente com o igualitarismo, ajudando a fomentar a satisfação com a vida. Morrison e Weckroth (2018) encontram particularidades para as regiões metropolitanas, onde valores de abertura à mudança tendem a ser priorizados e impactam negativamente na satisfação com a vida.

O efeito de valores a nível regional na satisfação individual foi testado por Bruna (2022). Testando conjuntamente as 4 dimensões de valores, verificou que a agregação dos valores a nível de país foi mais relevante que a nível de NUTS para explicar a satisfação individual, e apenas a autotranscendência nacional foi significativa e teve impacto positivo na satisfação com a vida. Para o modelo conjunto dos 10 valores básicos, seu principal resultado foi verificar que apenas a conformidade e a benevolência nacionais são passíveis de ampliar a satisfação, enquanto os outros valores regionais não tiveram importância para os indivíduos.

Os resultados destes trabalhos lançam luz sobre as conexões entre o espaço, os contextos regionais, os valores e a satisfação com a vida. Alguns contextos beneficiam a associação de certos valores com a satisfação, enquanto outros minam essa relação. Além disso, ao que parece, os efeitos dos valores regionais na satisfação individual têm repercussões que podem diferir do esperado para os valores individuais. Sobre este último aspecto, cabe destacar que apesar do

confronto de valores individuais com os predominantes em um país (ou região) poder trazer repercussões diferentes para a satisfação, as culturas, instituições e psicologias locais produzem uma racionalidade espacialmente delimitada (HUGGINS; THOMPSON, 2019), incitando motivações e orientações muito mais similares do que destoantes.

Além do espaço geográfico, a temporalidade é outro fator que pode trazer mudanças ao contexto e influenciar os valores básicos. Os tempos podem ser melhores ou piores e mudar as circunstâncias e, com isso, as prioridades de valor. Davidov (2008) identificou invariância entre os valores ao longo do tempo, ainda que seja para um conjunto menor de valores (rondas 1 e 2 do ESS). Entretanto, Austin (2016) mostra que, no Reino Unido, nos anos que sucederam a crise de 2008 (2008-2010) os indivíduos foram mais propensos a priorizar valores de subsistência (segurança, conformidade e tradição), bem como valores pró-sociais (benevolência, universalismo e autodireção), enquanto rebaixaram valores *carpe diem* (estimulação, hedonismo, poder e realização). Também conclui que as gerações formadas em tempos mais difíceis priorizam mais os valores de subsistência que aquelas formadas em tempos de abundância.

#### **4. Dados e metodologia**

Para analisar os determinantes da satisfação regional com a vida, utilizamos dados da pesquisa transnacional *European Social Survey* (ESS), das rondas 7 a 9, referentes aos anos de 2014, 2016 e 2018 (última ronda disponível)<sup>11</sup>. A cada dois anos, o ESS realiza um estudo abrangendo países europeus, coletando informações sobre atitudes e comportamentos individuais. As amostras são planejadas para representar toda a população com 15 anos ou mais que vive em residências particulares. Em todos os países, é garantida uma amostra mínima de 1500 observações (ou 800, se a população do país for inferior a 2 milhões de pessoas). Utilizando entrevistas pessoais presenciais, com auxílio de computadores, os dados são coletados visando uma taxa de resposta de 70% nos questionários completos, e minimizando o não contato para apenas 3%. O processo de coleta ocorre ao longo de 6 semanas em cada país, compreendendo o período de setembro do ano da pesquisa até janeiro do ano seguinte. A escolha destes três períodos (2014, 2016 e 2018) abrange o conjunto mais recente que permite o maior número de países pesquisados em todos os períodos.

---

<sup>11</sup> Apesar de existir uma edição da pesquisa disponível, a metodologia de amostragem para o ano de 2020 não permite a aglutinação dos dados em NUTS.

Neste estudo avaliamos variáveis regionalizadas a nível dos NUTS, que são o resultado dos aspectos geográficos e culturais dos agrupamentos das populações europeias ao longo do tempo (ASLAM; CORRADO, 2012). As variáveis provenientes do ESS foram agregadas ao nível dos NUTS pela média<sup>12</sup> utilizando a ponderação pelo *analysis weight*, recomendado para todos os tipos de análise (KAMINSKA, 2020). Este procedimento foi realizado para assegurar que as médias dos NUTS se aproximem o máximo possível de uma média regional proveniente de uma amostra aleatória para a região<sup>13</sup>.

Os dados coletados pelo ESS são desenhados para serem representativos de diferentes níveis de regiões NUTS. Para compor nossa amostra, selecionamos regiões presentes nos três períodos para os níveis NUTS 1 e NUTS 2<sup>14</sup>. O NUTS 1 representa o nível mais alto do sistema, em que são consideradas grandes áreas geográficas, como estados e países. O NUTS 2 é o nível intermediário, representando áreas geográficas menores como províncias. Ao todo foram considerados 19 países compostos por 160 regiões (32 regiões NUTS 1 e 128 regiões NUTS 2). Para compatibilizar essas regiões, foram necessários alguns ajustes<sup>15</sup>: i) na Hungria foi utilizada a região Kozep-Magyarország no lugar das regiões de Budapeste e Pest; ii) na Irlanda foi utilizado NUTS 1 pois houve mudanças nas bordas e na configuração espacial das regiões; iii) para as demais regiões se priorizou a utilização do nível NUTS 2 quando presente nas três rondas, do contrário se utilizou NUTS 1; e iv) foram excluídas da análise as regiões com 30 observações ou menos, além de regiões que não possuíam nenhum vizinho. A lista de regiões consideradas neste trabalho encontra-se no Apêndice C. Além disso, complementamos a amostra com dados de características econômicas e sociodemográficas dos NUTS, provenientes da base do Eurostat.

#### **4.1 Satisfação com a vida no espaço e no tempo**

A utilização de modelos espaciais, como objetiva este estudo, depende que a configuração espacial da variável de interesse demonstre algum padrão. A satisfação com a vida

---

<sup>12</sup> Trabalhamos com a hipótese de que a média possa não ser o método de agregação adequado para a satisfação regional. Utilizamos a mediana e os resultados apresentados no Apêndice A não apresentaram significância no coeficiente autorregressivo espacial dos erros. Entretanto foi possível verificar que valores de foco social tendem a ter uma relação positiva com a satisfação média regional, enquanto os valores de foco individual tendem a apresentar uma relação negativa.

<sup>13</sup> Um problema pode decorrer da heterogeneidade do tamanho das regiões, que podem induzir o erro ao estimar as médias. Testamos modelos incluindo considerando apenas as regiões NUTS 2. Os resultados estão apresentados no Apêndice B e são similares aos modelos com todas as regiões.

<sup>14</sup> Entretanto, para a Itália foram utilizados os dados da ronda 6 (ano de 2012), pois a *survey* não foi aplicada nesse país durante a ronda 7.

<sup>15</sup> Foram observadas as alterações feitas nos NUTS em relação à reconfiguração, recodificação e redimensionamento das regiões, conforme indicado pelo Eurostat: <https://ec.europa.eu/eurostat/web/nuts/history>.

individual foi mensurada em um item do ESS disponível em todas as rodadas, que questionou os respondentes sobre “*All things considered, how satisfied are you with your life as a whole nowadays?*”, em que deviam marcar em uma escala *likert* um valor entre 0 e 10 (entre “*Extremely dissatisfied*” e “*Extremely satisfied*”, respectivamente). A variável dependente a ser analisada neste estudo é a satisfação com a vida média das regiões NUTS, para isso utilizamos as médias ponderadas pelas regiões, como descrito na seção anterior.

Como visto na Figura 4, é possível perceber que para os três anos estudados algumas regiões possuem maior satisfação com a vida do que outras. De maneira geral, os países escandinavos, o Reino Unido, a Alemanha, a Áustria e a Espanha têm níveis maiores de satisfação com a vida, enquanto os países do leste europeu, a Itália, a França e Portugal apresentam níveis menores.

Por outro lado, não foram observadas grandes variações na média de satisfação com a vida das regiões nos três anos estudados. Apesar disso, cabe destacar que a satisfação média apresentou uma tendência crescente na Europa, com um aumento maior entre o primeiro (7.07) e segundo (7.27) períodos, com uma mudança marginal no último ano (7.31) em relação ao período anterior.

#### **4.2 Valores no espaço e no tempo**

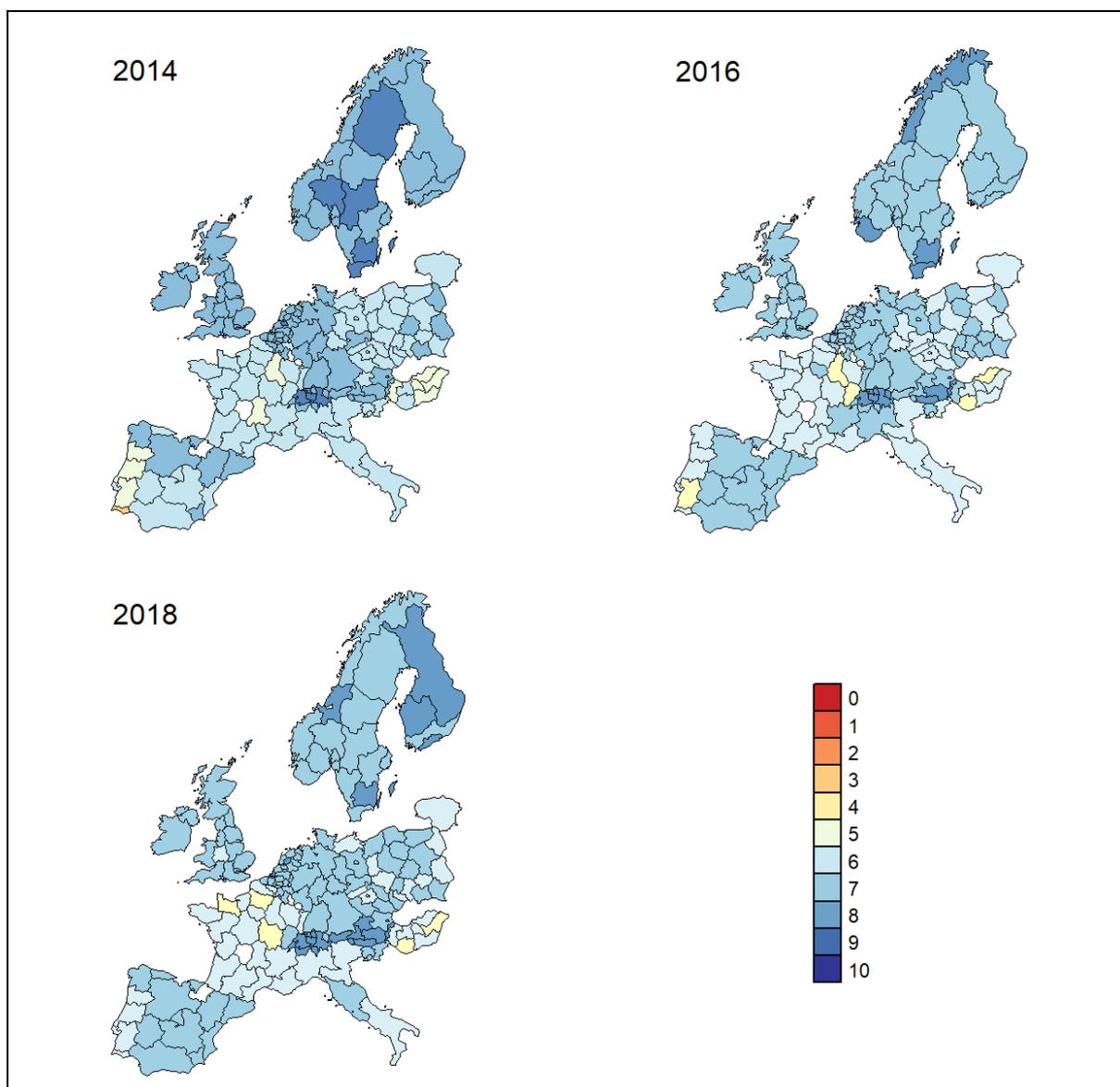
Um conjunto particular de variáveis explicativas a serem analisadas são referentes aos valores regionalizados. Os valores regionais provêm do agrupamento das respostas referentes aos valores que as pessoas se identificavam, podendo escolher em uma escala que variava de “*Very much like me*” (1) a “*Not all like me*” (6). A pontuação da escala foi invertida para que os maiores números representassem a maior priorização de cada valor, então foram computadas as médias centradas<sup>16</sup> das 10 orientações de valor de Schwartz, conforme apresentado no Apêndice D. Também foi calculada a média das 4 dimensões de valores com base nas 10 orientações.

Os valores utilizados são as médias regionais de cada uma destas dimensões, também utilizando a ponderação para garantir que os valores sejam representativos dos NUTS. O entendimento sobre valores médios de regiões ou países é que são representações das influências dos valores aos quais os indivíduos são expostos a partir da socialização, das normas, da mídia e da cultura (SCHWARTZ, 1992).

---

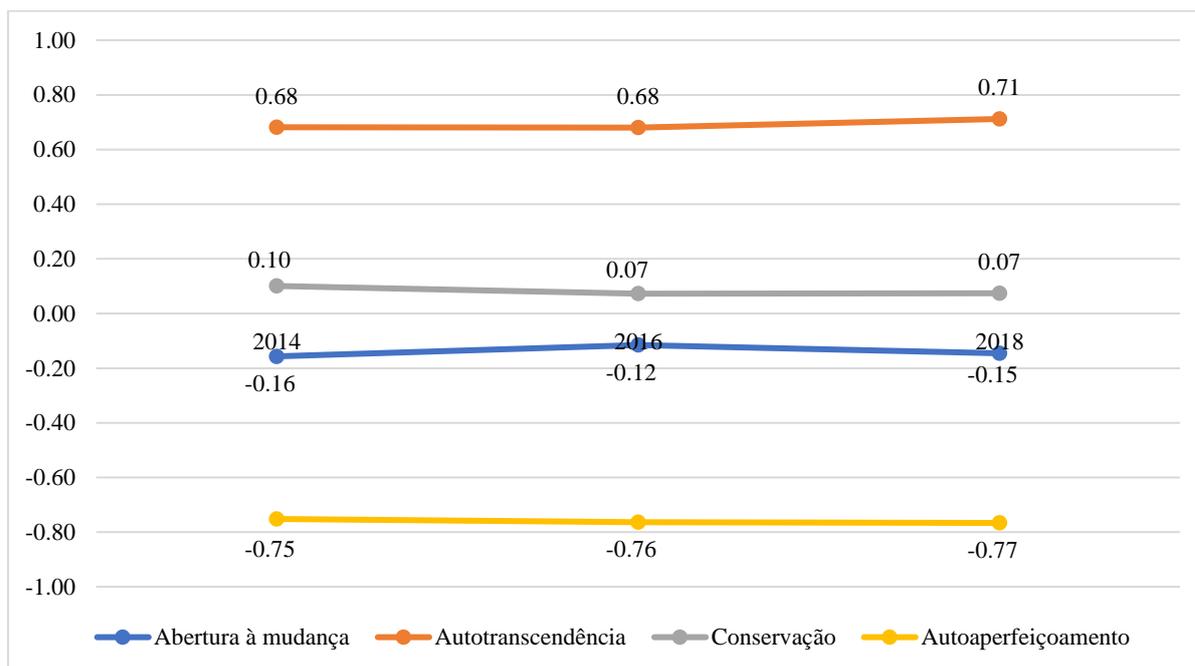
<sup>16</sup> A média centrada é a diferença entre o escore individual de um valor e a média do escore de todos os valores.

**Figura 4** – Mapa da satisfação com a vida das regiões NUTS da Europa para os anos de 2014, 2016 e 2018



Fonte: Elaborado pelos autores a partir de dados do ESS.

Os valores mais priorizados pelas regiões europeias eram os de autotranscendência, enquanto o autoaperfeiçoamento é o menos importante para as regiões. Na Figura 5 é possível verificar que o ordenamento médio dos valores não mudou em nenhum dos anos. Além disso, os valores mudaram muito pouco durante o período apresentado. Na configuração regional dos mapas dos Apêndices E, F, G e H verifica-se que as dimensões dos valores apresentaram poucas alterações nos três períodos.

**Figura 5** – Média centradas das 4 dimensões de valor dos NUTS para 2014, 2016 e 2018

Fonte: Elaborado pelos autores a partir de dados do ESS.

### **4.3 Estatísticas descritivas**

Para verificar quais poderiam ser os determinantes da satisfação regional com a vida, partimos das variáveis já discutidas em Puntsher *et al.* (2015), único estudo a fazer este tipo de análise para as regiões europeias<sup>17</sup>. Também selecionamos variáveis que comumente são utilizadas em modelos que avaliam a satisfação com a vida para a Europa, descritos nas seções 2 e 3.

Na Tabela 4, estão apresentadas as variáveis escolhidas com suas estatísticas descritivas e a suas definições. Além dos valores básicos, optamos por incluir as variáveis mais recorrentes nos estudos citados, agregadas pela média aos níveis de NUTS. Primeiro, incluímos dados que refletissem o perfil das populações. Como tratamos de variáveis agregadas a nível regional, é importante controlar as características demográficas, que podem ter efeitos diretos e carregar importantes relações com a satisfação com a vida regional. Utilizamos a parcela de pessoas do NUTS que identificou morar em cidade grande e no interior<sup>18</sup>, como forma de controlar o grau de urbanização. Também foram incluídas variáveis para verificar a contribuição da

<sup>17</sup> Os autores argumentam que este é o primeiro estudo que analisa determinantes da satisfação regional para regiões europeias. Verificamos, sem sucesso, a existência mais trabalhos envolvendo o tema nas bases do *Science Direct*, *Emerald*, *Scopus*, *Web of Science* e *Google Acadêmico*.

<sup>18</sup> Essas variáveis foram calculadas como as proporções de pessoas que responderam “A big city” e “A farm or home in the countryside” no item “Which phrase best describes the area where you live?” na região NUTS.

religiosidade ((média regional da escala de religiosidade do ESS) na satisfação regional que no nível individual tende a aumentar os níveis de bem-estar subjetivo.

**Tabela 4** – Estatística descritivas e descrição das variáveis regionais

	Média	Desvio	Mínimo	Máximo	Descrição	Fonte
Satisfação	7.22	0.64	4.78	8.38	Satisfação regional com a vida	ESS
Abertura	-0.14	0.20	-0.83	0.26	Valores de abertura à mudança - média regional das médias centradas	ESS
Autotranscendência	0.69	0.20	0.15	1.13	Valores de autotranscendência - média regional das médias centradas	ESS
Conservação	0.08	0.19	-0.44	0.70	Valores de conservação - média regional das médias centradas	ESS
Autocrescimento	-0.76	0.28	-1.39	-0.01	Valores de autocrescimento - média regional das médias centradas	ESS
Segurança	0.39	0.26	-0.36	1.23	Valores de segurança - média regional das médias centradas	ESS
Conformidade	-0.20	0.27	-1.01	0.45	Valores de conformidade - média regional das médias centradas	ESS
Tradição	0.06	0.20	-0.53	0.67	Valores de tradição - média regional das médias centradas	ESS
Benevolência	0.78	0.22	0.12	1.23	Valores de benevolência - média regional das médias centradas	ESS
Universalismo	0.60	0.19	0.05	1.08	Valores de universalismo - média regional das médias centradas	ESS
Autodireção	0.40	0.17	-0.07	0.78	Valores de autodireção - média regional das médias centradas	ESS
Estimulação	-0.69	0.20	-1.44	-0.26	Valores de estimulação - média regional das médias centradas	ESS
Hedonismo	-0.13	0.39	-1.54	0.63	Valores de hedonismo - média regional das médias centradas	ESS
Realização	-0.53	0.28	-1.25	0.16	Valores de realização - média regional das médias centradas	ESS
Poder	-0.99	0.34	-1.70	-0.04	Valores de poder - média regional das médias centradas	ESS
Renda doméstica	5.42	0.68	3.23	7.71	Decil médio da renda doméstica regional	ESS
Taxa de desemprego	7.36	4.52	1.30	31.60	Taxa de desemprego regional	Eurostat
Cidade grande	0.25	0.20	0.00	1.00	Parte da população que mora em cidade grande	ESS
Interior	0.05	0.07	0.00	0.43	Parte da população que mora no interior	ESS
Religiosidade	4.35	1.13	1.16	7.68	Média regional na escala de religiosidade	ESS
Não prejudicados	0.74	0.08	0.50	0.97	Média regional das pessoas que relataram não terem sido prejudicadas de alguma forma nas suas atividades diárias por deficiência ou problemas de saúde.	ESS
Educação terciária	32.50	8.74	13.90	58.40	Parte da população com educação terciária	Eurostat

Fonte: Elaborado pelos autores a partir de dados do ESS e Eurostat.

Diferentemente dos trabalhos citados na seção 3 que utilizam o IDH do país, controlamos o nível de desenvolvimento por três variáveis regionais. Em primeiro lugar, porque

os valores de IDH por regiões em períodos diferentes limitaria muito o tamanho da amostra. Em segundo lugar, utilizar *proxys* para as dimensões de desenvolvimento humano desagregadas nos possibilita identificar quais aspectos são mais importantes para fomentar a satisfação com a vida das regiões. Ainda, por ser um índice agregado e relativo com todos os países entre zero e 1, e sendo todos os países da amostra de alto ou muito alto desenvolvimento humano, há pouca variação entre as observações. Para isso, escolhemos a média dos decis de renda das regiões NUTS calculadas a partir do ESS, pois as variáveis de renda doméstica de outras fontes não abrangiam todas as regiões, a média regional das pessoas que relataram não terem sido prejudicadas de alguma forma nas suas atividades diárias por deficiência ou problemas de saúde, e a parcela da população com educação terciária, para verificar o desenvolvimento da educação regional. A taxa de desemprego é utilizada para controlar os efeitos conjunturais das instabilidades econômicas, que afetam negativamente a satisfação.

Outras variáveis macro que deixamos de fora foram o Produto Interno Bruto (PIB) e o índice de desigualdade de renda (GINI), que poderiam ser usadas para identificar efeitos de crescimento econômico e desigualdade, pela indisponibilidade a nível regional para todos os anos da amostra<sup>19</sup>. Apesar disso, estas variáveis parecem importar para regiões mais pobres que a grande maioria das regiões europeias (FREY; STUTZER, 2002).

#### **4.4 Modelos de estimação da satisfação regional**

Neste estudo, a análise de determinantes, e valores básicos, da satisfação regional leva em consideração os aspectos geográficos e temporais. Primeiramente analisamos se os dados longitudinais se adequavam mais a um modelo *pooled*, efeitos fixos ou efeitos aleatórios. No modelo *pooled*, não há controle sobre as variações no tempo, no modelo de efeitos fixos se controlam as diferenças entre as unidades de análise que permanecem constantes ao longo do tempo, enquanto no painel de efeitos aleatórios são controladas as diferenças aleatórias.

Para todas as variáveis apresentadas testamos os *Variance Inflation Factor* (VIF), como forma de verificar a existência de algum grau multicolinearidade que invalidasse os resultados. Os valores do VIF apresentados no Apêndice J não superaram o valor de 2,02 para configurações de modelos testadas com cada um dos valores das 4 e das 10 dimensões, o que indica que não há problemas de correlação entre as variáveis. Os modelos de efeitos fixos e aleatórios, para os modelos testados foram significativos em relação ao modelo *pooled* nos

---

<sup>19</sup> No Apêndice I incluímos o Gini dos países nos modelos de painel espacial, disponibilizado para todos os anos pelo *World Inequality Database*, para verificar alterações nos resultados, no entanto não encontramos diferenças significativas.

testes de Chow e Breuch-Pagan. O modelo de efeitos fixos se mostrou superior ao modelo de efeitos aleatórios no teste de Hausman (ver testes no Apêndice K)<sup>20</sup>.

Testamos a correlação espacial (I de Moran) da variável dependente para diferentes matrizes de vizinhança (ver Apêndice M). A melhor configuração de matriz, baseada no I de Moran médio para os três anos, foi a de dois vizinhos (0,711). Esse alto resultado e os padrões espaciais apresentados na Figura 4, mostram a adequação dos dados ao um modelo espacial, confirmando que “a localização e a distância são importantes e resultam em uma variedade de interdependências no espaço-tempo” (ANSELIN, 1988, p. 12, tradução nossa). O diagnóstico de dependência espacial, na Tabela 5, apresentou valores significantes a 10% na versão robusta do multiplicador de Lagrange apenas para o erro espacial (*LM-lag*) para 12 de 15 modelos testados. Apenas os valores de abertura à mudança, autodireção e conformidade não mostraram boa adequação à modelos de erros espaciais<sup>21</sup>.

**Tabela 5** – Diagnóstico de dependência espacial do modelo de painel de efeitos aleatórios

	LM lag		LM erro		LM lag robusto		LM erro robusto	
	LM	p-value	LM	p-value	LM	p-value	LM	p-value
Sem valores	10.221	0.001	12.785	0.000	1.039	0.308	3.604	0.058
Abertura	9.289	0.002	10.646	0.001	0.180	0.671	1.537	0.215
Autotranscendência	11.330	0.001	15.149	0.000	2.301	0.129	6.120	0.013
Conservação	10.327	0.001	13.066	0.000	1.210	0.271	3.949	0.047
Autoaperfeiçoamento	11.099	0.001	14.699	0.000	1.851	0.174	5.450	0.020
Autodireção	6.176	0.013	5.917	0.015	0.300	0.584	0.041	0.840
Estimulação	11.016	0.001	14.709	0.000	2.113	0.146	5.806	0.016
Hedonismo	10.279	0.001	12.934	0.000	1.117	0.291	3.772	0.052
Benevolência	10.905	0.001	14.116	0.000	1.424	0.233	4.636	0.031
Universalismo	10.219	0.001	12.783	0.000	1.038	0.308	3.601	0.058
Segurança	10.374	0.001	13.260	0.000	1.291	0.256	4.177	0.041
Conformidade	9.444	0.002	10.988	0.001	0.276	0.599	1.820	0.177
Tradição	10.520	0.001	13.874	0.000	1.935	0.164	5.289	0.021
Realização	10.680	0.001	13.504	0.000	1.227	0.268	4.051	0.044
Poder	10.406	0.001	14.079	0.000	2.054	0.152	5.727	0.017

Fonte: Elaborado pelos autores.

Sendo assim, optamos por controlar a heterogeneidade espacial para todos os valores, utilizando um painel de erro autorregressivo espacial com efeitos fixos (SEM-FE, *Spatial Error*

<sup>20</sup> Também avaliamos o teste de Hausman espacial, que indicou a possibilidade de efeitos aleatórios para os modelos com os valores autoaperfeiçoamento e poder. Os resultados apresentados no Apêndice L são similares para esses valores humanos regionalizados em modelos SEM com efeitos aleatórios (SEM-RE).

<sup>21</sup> Os resultados dos modelos de painel não espacial com efeitos fixos para esses valores estão apresentados no Apêndice N e são similares aos encontrados nos modelos SEM-FE.

*Model with Fixed Effects*)<sup>22</sup>. Este modelo faz mais sentido pela natureza dos dados, uma vez que a satisfação regional de um NUTS pode estar sendo influenciada por outros fatores regionais não controlados pelo modelo, como a cultura nacional. O modelo SEM-FE foi estimado por máxima verossimilhança com a seguinte especificação:

$$\begin{aligned} Y_{it} &= \beta' X_{it} + u_{it} \\ u_{it} &= \lambda W u_{it} + \varepsilon_{it} \end{aligned} \quad (1)$$

em que,  $i$  é a unidade espacial (NUTS),  $t$  é o período do tempo,  $Y_{it}$  é satisfação do NUTS  $i$  no tempo  $t$ ,  $X_{it}$  é o vetor de variáveis explicativas para cada região e período,  $\lambda$  é o parâmetro do erro autorregressivo espacial,  $\beta'$  é o vetor de regressores das variáveis explicativas,  $u_{it}$  são os erros estimados nas regiões vizinhas e  $\varepsilon_{it}$  é o parâmetro de erro aleatório.

Além de verificar o efeito espaço-tempo, nos interessamos em entender se os parâmetros  $\beta'$  são constantes no tempo. Apesar dos dados não apresentarem grandes variações na satisfação com a vida das regiões NUTS, é importante destacar que a Europa passou por alguns períodos de turbulência que podem ter influenciado a maneira como algumas variáveis se relacionam com a satisfação regional nos diferentes períodos. Em 2012, apesar da maioria dos países já ter encontrado estabilidade na sua trajetória de crescimento econômico, alguns países ainda enfrentavam dificuldades devido à crise da dívida pública. Em 2015 a Europa recebe um enorme fluxo migratório de refugiados de diversas partes do mundo, devido a guerras e conflitos, o que ficou conhecido como a crise dos refugiados. Em 2016 foi realizado o referendo em favor do *Brexit*, que iniciou o processo de saída do Reino Unido da União Europeia. Estes eventos geraram incertezas políticas e econômicas, que podem ter interferido, por exemplo, na maneira como a confiança no sistema legal proporciona satisfação com a vida.

Testamos modelos de regressão aparentemente não relacionadas com erro espacial (SUR-SEM, *Spatial Error Seemingly Unrelated Regression*) (ANSELIN, 2016) para os valores das 4 dimensões<sup>23</sup>. Cada modelo possui 3 equações, uma para cada ano do ESS. O modelo SUR permite que levemos em conta a correlação entre os termos de erro dos diferentes rounds, permitindo a estimação de regressores mais robustos do que em modelos separados. A análise da diferença estatística dos parâmetros  $\beta'$  entre os diferentes rounds nos permite verificar se estes possuem efeitos que são significativamente diferentes entre os períodos. A especificação

<sup>22</sup> Os modelos foram estimados utilizando a função *spml* do pacote *spml*, no *software R* (MILLO; PIRAS; BIVAND, 2022).

<sup>23</sup> Os modelos foram estimados utilizando a função *spsurml* do pacote *spsur*, no *software R* (MINGUEZ, 2022).

dos modelos SUR-SEM é similar ao apresentado na Equação (1), e, também, foram estimados por máxima verossimilhança.

## 5. Resultados

Analizamos os efeitos dos valores na satisfação regional com a vida por 14 modelos SEM-FE, um modelo para cada valor humano regionalizado como variável dependente. Os resultados dos valores de 4 dimensões estão apresentados na Tabela 6 abaixo. O coeficiente de erro autorregressivo espacial foi significativo em todos os modelos testados, indicando que controlar a heterogeneidade espacial é um aspecto importante para explicar os efeitos na satisfação regional. Dentre as variáveis controle escolhidas, apenas a renda (média dos decis de renda doméstica), a taxa de desemprego por NUTS e a *proxy* para a saúde (pessoas não prejudicadas nas suas atividades diárias por deficiência ou problemas de saúde.) foram significativas para a satisfação média das regiões. Quanto aos valores humanos específicos pode-se dizer que a priorização do autoaperfeiçoamento resultou em redução da satisfação dos NUTS, diferentemente dos valores de autotranscendência, que ampliam a satisfação.

**Tabela 6** – Resultado dos modelos de painel de erro autorregressivo espacial com efeitos fixos (SEM-FE) para os valores de 4 dimensões

	Abertura	Autotranscendência	Conservação	Autoaperfeiçoamento
Renda doméstica	0.124*** (0.030)	0.124*** (0.030)	0.124*** (0.030)	0.127*** (0.030)
Taxa de desemprego	-0.068*** (0.011)	-0.068*** (0.011)	-0.068*** (0.011)	-0.068*** (0.011)
Cidade grande	-0.247 (0.202)	-0.255 (0.201)	-0.245 (0.202)	-0.248 (0.200)
Interior	-0.319 (0.422)	-0.318 (0.419)	-0.351 (0.422)	-0.312 (0.418)
Religiosidade	0.048 (0.031)	0.052 (0.031)	0.041 (0.032)	0.040 (0.031)
Não prejudicados	0.638** (0.240)	0.730** (0.242)	0.664** (0.241)	0.788** (0.242)
Educação terciária	0.009 (0.009)	0.007 (0.009)	0.010 (0.009)	0.008 (0.009)
Valor	0.035 (0.144)	0.329* (0.152)	0.124 (0.156)	-0.319** (0.107)
Coefficiente de erro autorregressivo espacial ( $\lambda$ )	0.159*** (0.048)	0.180*** (0.048)	0.168*** (0.048)	0.171*** (0.048)

Nota: Erros-padrão estão entre parênteses. Significância: 0 ‘\*\*\*\*’ 0.001 ‘\*\*\*’ 0.01 ‘\*\*’ 0.05 ‘.’ 0.1 ‘ ’ 1.

Fonte: Elaborado pelos autores.

Encontramos resultados similares para os modelos com os valores de 10 dimensões no que tange ao efeito e a significância do coeficiente de erro autorregressivo espacial e das

variáveis controle, como pode ser visto na Tabela 7. Os valores regionais de autodireção, benevolência e tradição se mostraram positivos à satisfação média com a vida, enquanto a priorização da estimulação e do poder minaram a satisfação regional. Os demais valores não apresentaram efeitos significativos.

**Tabela 7** – Resultado dos modelos de painel de erro autorregressivo espacial com efeitos fixos (SEM-FE) para os valores de 10 dimensões

	Autodireção	Estimulação	Hedonismo	Benevolência	Universalismo
Renda doméstica	0.123*** (0.030)	0.118*** (0.030)	0.124*** (0.030)	0.123*** (0.030)	0.124*** (0.030)
Taxa de desemprego	-0.071*** (0.010)	-0.067*** (0.011)	-0.068*** (0.011)	-0.067*** (0.011)	-0.068*** (0.011)
Cidade grande	-0.239 (0.200)	-0.217 (0.201)	-0.260 (0.203)	-0.202 (0.201)	-0.271 (0.203)
Interior	-0.272 (0.417)	-0.337 (0.420)	-0.345 (0.422)	-0.306 (0.419)	-0.327 (0.421)
Religiosidade	0.065* (0.031)	0.039 (0.031)	0.047 (0.031)	0.058 (0.031)	0.047 (0.031)
Não prejudicados	0.750** (0.237)	0.715** (0.241)	0.648** (0.240)	0.744** (0.241)	0.674** (0.242)
Educação terciária	0.008 (0.008)	0.010 (0.009)	0.009 (0.009)	0.007 (0.009)	0.008 (0.009)
Valor	0.506*** (0.123)	-0.194* (0.099)	-0.051 (0.088)	0.348** (0.129)	0.132 (0.132)
Coefficiente de erro autorregressivo espacial	0.117* (0.049)	0.175*** (0.048)	0.165*** (0.048)	0.168*** (0.048)	0.174*** (0.048)
	Segurança	Conformidade	Tradição	Realização	Poder
Renda doméstica	0.124*** (0.030)	0.122*** (0.030)	0.122*** (0.030)	0.127*** (0.030)	0.124*** (0.030)
Taxa de desemprego	-0.069*** (0.011)	-0.068*** (0.011)	-0.066*** (0.011)	-0.068*** (0.011)	-0.068*** (0.011)
Cidade grande	-0.253 (0.202)	-0.248 (0.202)	-0.228 (0.202)	-0.261 (0.202)	-0.217 (0.200)
Interior	-0.329 (0.421)	-0.302 (0.422)	-0.393 (0.422)	-0.317 (0.421)	-0.325 (0.416)
Religiosidade	0.045 (0.031)	0.052 (0.032)	0.030 (0.033)	0.046 (0.031)	0.038 (0.031)
Não prejudicados	0.675** (0.241)	0.632** (0.239)	0.677** (0.240)	0.675** (0.241)	0.825*** (0.242)
Educação terciária	0.009 (0.009)	0.008 (0.009)	0.009 (0.009)	0.009 (0.009)	0.008 (0.009)
Valor	0.127 (0.105)	-0.092 (0.094)	0.201 (0.122)	-0.126 (0.105)	-0.280*** (0.080)
Coefficiente de erro autorregressivo espacial ( $\lambda$ )	0.164*** (0.048)	0.154** (0.048)	0.170*** (0.048)	0.167*** (0.048)	0.168*** (0.048)

Nota: Erros-padrão estão entre parênteses. Significância: 0 ‘\*\*\*’ 0.001 ‘\*\*’ 0.01 ‘\*’ 0.05 ‘.’ 0.1 ‘,’ 1.

Fonte: Elaborado pelos autores.

Testamos a variação destes efeitos no tempo, através de modelos SUR-SEM para os modelos com os valores de 4 dimensões, apresentados na Tabela 7 abaixo. Os testes de *Breusch-Pagan* mostram que os modelos SUR-SEM foram preferíveis a modelos *pooled*, e o coeficiente de erro autorregressivo espacial foi significativo em todos os modelos, indicando que incorporar a dependência espacial é algo relevante nos casos apresentados.

Os coeficientes das variáveis selecionadas apresentaram diferenças dentro dos modelos para os diferentes anos selecionados. Entretanto, poucos foram as variáveis que apresentaram diferenças que fossem estatisticamente verificadas, como pode ser visto nos testes de diferenças dos coeficientes dos estimadores do modelo SUR-SEM, apresentado no Apêndice O. A religiosidade apresentou diferenças significativas em seus coeficientes em 2018 em relação aos outros anos, mas só apresentou significância estatística a 5% em 2016 para o modelo com o valor de autotranscendência. A proporção de pessoas com educação terciária apresentou diferenças significativas entre os resultados de 2018 em relação aos outros dois anos. Já os coeficientes da *proxy* para a saúde tiveram diferenças significativas entre 2014 e os demais anos. Quanto aos valores, apenas os coeficientes da autotranscendência apresentaram significância estatística na sua diferença entre 2016 e 2018.

## 6. Discussão

Este trabalho, conforme descrito na introdução, procura analisar dois pontos principais: i) a inclusão de valores regionais à luz dos resultados já constatados para os efeitos individuais na satisfação; e ii) verificar se os efeitos das variáveis selecionadas se alteram conforme a conjuntura ou são constantes. A metodologia utilizada não permite que se verifique causalidade sobre os resultados encontrados, mas permite a comparação dos efeitos em relação a outros estudos e o levantamento de hipóteses sobre possíveis explicações.

O primeiro ponto trata da relação dos valores regionais com a satisfação regional. Nas hipóteses levantadas para o nível individual de satisfação e valores por Sortheix e Schwartz (2017). Para os resultados regionais dos valores de quatro dimensões, encontramos resultados diferentes das hipóteses. O autoaperfeiçoamento e a autotranscendência regionais apresentaram significância estatística, enquanto os valores de conservação e abertura a mudança regionalizados não apresentaram efeitos na satisfação média das regiões. Nesse sentido, é útil analisar esses resultados à luz das bases motivacionais e seus efeitos esperados no bem-estar subjetivo.

**Tabela 8** – Resultado modelos de regressão aparentemente não relacionadas com erro espacial (SUR-SEM)

	Abertura			Autotranscendência		
	2014	2016	2018	2014	2016	2018
Intercepto	5.709*** (0.409)	5.109*** (0.346)	5.811*** (0.361)	5.426*** (0.395)	4.741*** (0.362)	5.180*** (0.358)
Renda doméstica	0.135** (0.044)	0.083* (0.042)	0.105* (0.048)	0.131** (0.042)	0.091* (0.042)	0.107* (0.045)
Taxa de desemprego	-0.030*** (0.008)	-0.030*** (0.008)	-0.034*** (0.009)	-0.034*** (0.008)	-0.034*** (0.008)	-0.043*** (0.009)
Cidade grande	-0.586** (0.179)	-0.460** (0.162)	-0.478** (0.164)	-0.560** (0.172)	-0.384* (0.165)	-0.357* (0.156)
Interior	0.515 (0.449)	0.872* (0.425)	0.184 (0.452)	0.374 (0.433)	0.921* (0.423)	0.103 (0.432)
Religiosidade	0.018 (0.031)	0.048. (0.027)	-0.047 (0.029)	0.034 (0.028)	0.054* (0.025)	-0.029 (0.025)
Não prejudicados	-0.089 (0.386)	1.296*** (0.305)	1.044** (0.339)	-0.087 (0.372)	1.481*** (0.318)	1.309*** (0.331)
Educação terciária	0.031*** (0.005)	0.025*** (0.004)	0.019*** (0.004)	0.024*** (0.005)	0.020*** (0.005)	0.012** (0.004)
Valor	-0.232 (0.191)	-0.042 (0.154)	-0.054 (0.161)	0.748*** (0.178)	0.522** (0.162)	0.890*** (0.156)
Coefficiente de erro autorregressivo espacial ( $\lambda$ )	0.302*** (0.066)	0.357*** (0.058)	0.435*** (0.052)	0.337*** (0.063)	0.371*** (0.058)	0.489*** (0.048)
R <sup>2</sup>	0.579	0.589	0.639	0.623	0.612	0.690
R <sup>2</sup> pooled	0.609			0.648		
Breusch-Pagan	207.9***			189.9***		
	Conservação			Autoaprimoramento		
	2014	2016	2018	2014	2016	2018
Intercepto	5.763*** (0.413)	5.106*** (0.348)	5.804*** (0.364)	5.513*** (0.402)	4.844*** (0.365)	5.244*** (0.366)
Renda doméstica	0.126** (0.044)	0.087* (0.042)	0.107* (0.048)	0.134** (0.042)	0.095* (0.041)	0.109* (0.045)
Taxa de desemprego	-0.029*** (0.008)	-0.030*** (0.008)	-0.034*** (0.009)	-0.034*** (0.008)	-0.033*** (0.008)	-0.046*** (0.010)
Cidade grande	-0.590** (0.183)	-0.458** (0.163)	-0.481** (0.164)	-0.523** (0.177)	-0.394* (0.167)	-0.356* (0.160)
Interior	0.477 (0.447)	0.892* (0.423)	0.206 (0.450)	0.373 (0.445)	0.874* (0.425)	0.072 (0.442)
Religiosidade	0.029 (0.030)	0.044. (0.027)	-0.047 (0.028)	0.032 (0.028)	0.044. (0.026)	-0.029 (0.026)
Não prejudicados	-0.118 (0.388)	1.275*** (0.301)	1.043** (0.337)	-0.034 (0.374)	1.457*** (0.323)	1.431*** (0.343)
Educação terciária	0.031*** (0.005)	0.025*** (0.004)	0.019*** (0.004)	0.027*** (0.005)	0.022*** (0.005)	0.014*** (0.004)
Valor	0.055 (0.205)	0.075 (0.168)	0.041 (0.175)	-0.370* (0.145)	-0.277* (0.109)	-0.518*** (0.116)
Coefficiente de erro autorregressivo espacial ( $\lambda$ )	0.301*** (0.066)	0.356*** (0.058)	0.436*** (0.052)	0.316*** (0.064)	0.367*** (0.056)	0.474*** (0.048)
R <sup>2</sup>	0.577	0.588	0.640	0.593	0.596	0.665
R <sup>2</sup> pooled	0.608			0.624		
Breusch-Pagan	207.1***			204.0***		

Nota: Erros-padrão estão entre parênteses. Signif. codes: 0 ‘\*\*\*’ 0.001 ‘\*\*’ 0.01 ‘\*’ 0.05 ‘.’ 0.1 ‘ ’ 1.

Fonte: Elaborado pelos autores.

Comparando estes resultados com o *continuum* da Figura 2 e considerando as relações sugeridas pelas bases motivacionais da Figura 3, seria esperado que os valores com foco pessoal e orientação ao crescimento (valores de abertura à mudança) tenham relação positiva com a satisfação com a vida dos indivíduos, enquanto o foco social e a orientação à proteção (valores de conservação) devem ter impacto negativo na satisfação individual. Os demais valores (valores de autotranscendência e de autoaprimoramento) dependeriam da força relativa que o foco ou a orientação que possuem exerce na satisfação individual.

Os nossos resultados sugerem que a lógica do foco muda para as médias regionais de valores em relação a satisfação regional. O foco social dos valores passaria a exercer uma influência positiva na satisfação das regiões, enquanto o foco pessoal a prejudicaria. Sendo assim, os valores que buscam objetivos extrínsecos ao indivíduo e são orientados ao crescimento (valores autotranscendentes) tendem a beneficiar a satisfação média das regiões, enquanto os valores que têm metas pessoais e visam a autoproteção (valores de autoaprimoramento) tendem a prejudicar a satisfação regional. Apesar dos resultados encontrados sugerirem questionamentos sobre a compreensão teórica dos valores tomados como médias regionais, é importante levar em consideração que foi utilizada uma amostra de dados europeus. Em Sortheix e Lönnqvist (2014) a interação dos valores humanos com o desenvolvimento do país e a satisfação individual mostrou que os valores com foco social têm efeitos positivos na satisfação em países mais desenvolvidos, enquanto os valores de foco individual reduzem a satisfação nestes locais. Essa relação, mesmo que para a satisfação individual, gera dúvidas se os resultados encontrados no presente trabalho seriam generalizáveis amostras de regiões menos desenvolvidas.

De qualquer maneira, para o período e para os NUTS considerados neste trabalho, a análise teórica das quatro dimensões de valores, ancorada em Sortheix e Schwartz (2017), mostra que os valores regionais que procuram superar a ansiedade<sup>24</sup> continuam a ser perniciosos ao bem-estar subjetivo da coletividade, como são para o nível individual. Por outro lado, os valores regionais que levam a liberdade de sentimentos perversos ao bem-estar, como a incerteza, insegurança e ansiedade, e que promovam a autonomia e a expansão dos indivíduos ou da coletividade são importantes a satisfação média das regiões. Os valores orientados a sociedade estabelecem a colaboração dos indivíduos das regiões por motivações que beneficiam a coletividade, fomentando a satisfação média, enquanto os valores de orientados ao indivíduo

---

<sup>24</sup> A ansiedade é um estado psicológico relacionada a sentimentos perversos ao bem-estar subjetivo, como a frustração e o arrependimento.

possuem motivações que a nível regional reduzem o bem-estar subjetivo por divergirem do interesse coletivo e levarem a comportamentos egoístas, como o prestígio e o prazer próprio.

Essas relações teóricas entre valores e satisfação dos NUTS são úteis para a análise dos modelos de valores em 10 dimensões. Nos modelos da Tabela 7 apenas 5 valores humanos apresentaram significância estatística, a pelo menos 10%, para determinar a satisfação regional. Dentre os valores centrados na sociedade, tradição e benevolência foram importantes para a satisfação regional. Apesar de ser um valor de conservação e as hipóteses de Sortheix e Schwartz (2017) para o nível individual sugerirem que tenha valor negativo em relação ao bem-estar, a tradição possui motivações pró-sociais como os valores autotranscendentes (benevolência e universalismo)<sup>25</sup> (SORTHEIX; LÖNNQVIST, 2014), levando as regiões onde são compartilhados o respeito, comprometimento e aceitação da cultura local a ter maior bem-estar subjetivo regional. Apesar disso, esse valor humano foi significativo apenas a 10%, o que significa que essas motivações sociais podem não ser o suficiente para superar a necessidade de controle à ansiedade que orienta esse valor. A segurança e a conformidade regionais não apresentaram efeitos na satisfação dos NUTS. São valores que dividem o benefício do foco social com objetivos que levam a perda de bem-estar subjetivo, como a proteção e estabilidade de si e dos outros, e a preocupação em limitar ações e impulsos que sejam socialmente perturbadoras (SCHWARTZ, 1992).

Os valores autotranscendentes, como a benevolência, também se concentram nas coisas fora do eu, beneficiando a satisfação individual tanto do indivíduo quanto para os que o cercam, elevando também o nível de satisfação regional. Entretanto, o universalismo como valor regional mostrou potencial para mitigar a satisfação, possivelmente por suas motivações estarem direcionadas a objetivos mais amplos e mais complexos, como a sociedade em geral e a natureza. Estes objetivos são de difícil resolução e, conseqüentemente, podem levar a maior frustração e ansiedade. Além disso, é importante considerar que mesmo que possuam objetivos extrínsecos ao indivíduo e tenham orientação ao crescimento, a benevolência tem um caráter mais local, enquanto o universalismo mais global. Sendo assim, em níveis de agregação maiores, como países, pode ser que existam efeitos do universalismo no bem-estar subjetivo nacional.

O poder é um valor que busca aumentar o prestígio pessoal, além de controle e dominância sobre os meios e as outras pessoas (SCHWARTZ, 1992). Além de ser um valor

---

<sup>25</sup> A conformidade também compartilha destas motivações, mas não encontramos efeitos no nível regional.

com objetivos individualistas, gera ansiedade pelas ameaças ao *status* do indivíduo. Esses fatores podem ter contribuído para esse valor regionalizado levar a uma redução da satisfação das regiões, pois as localidades que priorizam o poder tem menor satisfação individual e, possivelmente, são prejudicadas pelas ações das pessoas com objetivos de poder, como o domínio do meio social e a acumulação de riqueza, podem prejudicar outras. Por outro lado, a realização busca demonstrar a competência individual, de maneira que adeque aos padrões sociais. Apesar de ser um valor de autoaprimoramento, esse valor apresenta características de autoproteção e crescimento, o que pode justificar a sua não significância estatística em nosso modelo espacial. Ainda, mesmo que este crescimento seja orientado ao foco pessoal, ele também visa uma adequação ao que é esperado pela sociedade.

Os 3 valores de abertura à mudança apresentaram resultados distintos. A autodireção média das regiões se mostrou extremamente importante para a satisfação dos NUTS. Esse é um valor que contribui para que as pessoas planejem melhor as suas vidas, aumentando a capacidade de agência se pode ter sobre a sua própria vida. Diferentemente do poder, esse não é um valor que tende a prejudicar os demais indivíduos, possivelmente é por isso que é tão importante para aumenta o bem-estar subjetivo das regiões. A estimulação, no entanto, reduz os níveis de satisfação regional. Se por um lado esse valor pode estar relacionado às imposições implícitas da autodireção, por outro a busca por coisas novas e pelas mudanças, características desse valor, podem entrar em conflito com os costumes e tradição locais (SCHWARTZ, 1992). Dessa maneira, a priorização dos valores de estimulação entram em conflito com a cultura da região, mitigando o bem-estar subjetivo.

Os valores hedônicos médios não foram importantes para a satisfação regional, mesmo que para os indivíduos esses valores representem uma fuga a estados depressivos, e a satisfação e a felicidade (como perspectiva hedônica do bem-estar subjetivo) estejam intimamente relacionados com eles. O que pode diferenciar o resultado individual do regional é que, apesar de apresentarem alta correlação, conceitualmente são coisas distintas. Se a satisfação com a vida é um “resumo global” da vida como um todo e o nível hedônico consiste em reações contínuas aos eventos, eles podem divergir (DIENER, 2009). Os valores hedônicos possuem motivações de prazer individual, motivando uma busca pelo bem-estar próprio que pode entrar em conflito com os objetivos de sociedades de culturas mais igualitárias (SORTHEIX; SCHWARTZ, 2017) e tendem a levar a sociedades mais desiguais, onde a insatisfação é maior (LENZI; PERUCCA, 2021). Sendo assim, podem aumentar ou reduzir os níveis de bem-estar subjetivo coletivo. Ademais, também é relevante destacar que a sociedade europeia alcançou

níveis médios de qualidade de vida superiores à de outras regiões. A partir de determinado nível, tendemos a não ter mais ganhos de bem-estar subjetivo (EASTERLIN, 1995; DIENER; LUCAS; SCOLLON, 2009), o que pode contribuir para o hedonismo regional não impactar a satisfação das regiões.

Quanto as demais variáveis, cabe primeiro destacar que utilizamos três *proxies* para explicar os diferentes efeitos do desenvolvimento das regiões na satisfação regional. A média dos decis de renda, que reflete o padrão de vida da maior parte das pessoas da região, foi positiva à satisfação em todos os modelos, diferente do que Puntscher *et al.* (2015) encontrou para a renda doméstica utilizando dados do *European Value Study* de 2011. A diferença deste resultado para os nosso pode estar na metodologia, pois foi um modelo de erros espaciais (SEM) para apenas um ano, atribuindo o não efeito da renda um significado conjuntural. Ou então na utilização de *dummies* regionais para as regiões escandinavas e de transição (pós-comunistas), que podem carregar diferenças relevantes na renda que impactam a satisfação regional. Diferentemente da maior parte dos trabalhos que utiliza o nível de saúde subjetivo (autorreportado) como explicativa da saúde, optamos pela utilização da média regional das pessoas não prejudicadas nas suas atividades diárias por deficiência ou problemas de saúde. Assim como em Puntscher *et al.* (2015), o melhor estado de saúde regional tem repercussões positivas na satisfação, pois é um forte indicativo de qualidade de vida. O percentual de pessoas com educação terciária, por outro lado, não influenciou na satisfação com a vida. Esses resultados mostram que existem aspectos que são mais relevantes para a satisfação regional que outros, ao menos para os países europeus. Se a renda e a saúde são importantes indicadores da qualidade de vida e impactam na satisfação média, o nível mais alto de educação já não o faz.

As taxas de desemprego das regiões explicam as dificuldades econômicas que essas encontram, o que leva a um menor contentamento com a vida por conta da conjuntura. Isso explica o efeito negativo que esta variável tem na satisfação com a vida, pois as pessoas dessas regiões encontram mais dificuldades e se estressam mais com a condição que se encontram. As variáveis demográficas, como em Puntscher *et al.* (2015), não apresentaram efeitos no modelo de painel espacial, possivelmente pelo controle da heterogeneidade espacial. Já a religiosidade, apesar de manter uma relação positiva com a satisfação individual, foi significativa apenas nos modelos espaciais com os valores regionais de autodireção e de benevolência. A religiosidade também pode ser entendida como um valor, e o trabalho de Schwartz (1992) a excluiu da análise dos valores humanos por se posicionar em diferentes locais *continuum* em culturas diferentes. A presença dos valores de benevolência e autodireção podem ter contribuído por captarem

características culturais que convergem ou divergem de maneira direta com a doutrina de muitas religiões europeias, como ajudar o próximo e ter um pensamento autônomo.

Sobre o segundo ponto de análise, os resultados apresentados no modelo SUR espacial para os valores de 4 dimensões apresentaram mudanças nos diferentes períodos, mas poucas foram significativas. A religiosidade teve impacto positivo no ano de 2016 para os quatro modelos, com diferença estatística para o ano de 2018 em relação aos outros. Esses resultados evidenciam que os efeitos da religião na satisfação regional podem ser conjunturais, o que justificaria o resultado positivo na satisfação dos NUTS encontrada Puntscher *et al.* (2015), mas que não foi encontrado no modelo de painel de efeitos fixos. Além disso, a variável que mensura a parcela de indivíduos que vive no interior apresentou padrões parecidos. Esses resultados são um indício de que as dinâmicas populacionais exercem efeitos no bem-estar subjetivo conforme o contexto em que as regiões se encontram, como por exemplo, as mudanças nos fluxos migratórios que aconteceram nestes períodos<sup>26</sup>, com aumento considerável em 2015, um ano antes dessas variáveis tornaram-se relevantes à satisfação regional.

A *proxy* para saúde foi significativa para 2016 e 2018, e as diferenças dos coeficientes desses anos para o coeficiente de 2014 foram significativas. Esse último ano ainda sofria com os efeitos da crise de 2012, o que pode ter levado a mais pessoas que responderem que estavam incapacitadas de realizar suas atividades diárias não o fazerem por ter problemas psicológicos que prejudicam seu bem-estar. Já a educação foi positiva em todos os anos e teve diferença significativa, principalmente, no último ano. Este é o ano com menor taxa de desemprego entre os países, fazendo que os benefícios do maior nível de educação sejam maiores. Além disso, o modelo de painel de efeitos fixos provavelmente controlou efeitos não observáveis que se correlacionam com o nível educacional e são constantes ao longo do tempo, por isso não encontramos efeito para essa variável nas Tabelas 6 e 7.

Os valores de autotranscendência apresentaram um aumento no efeito que foi estatisticamente significativo entre os anos de 2016 e 2018. Esses são valores que tem sua relação com o bem-estar subjetivo regional favorecida pelo foco social. Como o ano de 2018 tem indicadores sociais e econômicos das regiões melhores que os anos que o antecederam, os objetos das metas dos valores autotranscendentes, que são as outras pessoas, a sociedade e a

---

<sup>26</sup> Testamos a inclusão da taxa de migração no Apêndice P, disponibilizado para todos os anos pelo *Eurostat*, para verificar alterações nos resultados, no entanto não encontramos diferenças significativas.

natureza, foram atingido pela melhora dessas regiões. Sendo assim, esse anos pode ter sido favorável para que a satisfação regional seja maior em regiões que priorizam esse valor.

Os resultados apresentados neste trabalho lançam dúvidas sobre a avaliação do bem-estar por variáveis subjetivas como a satisfação e a felicidade. Apesar de não ser conceitualmente o mesmo que utilidade, o bem-estar subjetivo é considerado uma aproximação aceitável (FREY; STUTZER, 2002). Se considerarmos o conceito de bem-estar geral equivalente ao de bem-estar subjetivo, podemos entender que valores como estimulação e poder devem ser desencorajados em detrimento de valores como autodireção, benevolência e tradição. Essa pode ser uma associação equivocada, pois uma vida que vale a pena viver necessita que as pessoas sejam capazes de buscar coisas novas e interessantes, ambicionar melhores trabalhos e obter coisas que lhe interessam. Assim como não podemos ignorar a necessidade de valorizar outros seres e se sentir seguro onde vive (NUSSBAUM; 2000). Além disso, a relação entre os valores regionais de tradição com a satisfação local pode sugerir que as mudanças sociais que impactam diretamente a vida das pessoas, como uma reforma educacional ou um novo método científico para curar uma doença, podem não ser bem-vindos pois confrontam a tradição local, que gera maior satisfação em toda região. Os resultados positivos dos valores de benevolência também podem passar a falsa sensação de que a caridade e de apoio da comunidade é suficiente para suprir as necessidades de nível de satisfação geral em localidades mais pobres, que precisam de apoio público para melhorar seu desenvolvimento.

## **7. Conclusão**

Este trabalho se propôs a ampliar o escopo da análise da satisfação com a vida média para as regiões europeias, utilizando dados de três rondas do ESS a nível dos NUTS. Nosso estudo focou nos efeitos dos valores regionais e nas diferenças que o tempo pode causar nos efeitos das variáveis.

Os resultados para as quatro dimensões de valores a nível regional apresentaram implicações diferentes do esperado para a satisfação individual. Isso provavelmente se deve a mudança do efeito entre o foco pessoal e social quando tratamos as variáveis como médias regionais. Entendemos que foco social passa a exercer uma influência positiva na satisfação regional, enquanto o foco pessoal mitiga os níveis de satisfação. Sendo assim, os valores autotranscendentes tendem a beneficiar o bem-estar subjetivo dos NUTS, enquanto o autoaperfeiçoamento é nocivo as regiões

Os modelos que utilizaram as dez dimensões de valores regionalizadas apresentaram efeitos significativos estatisticamente para 5 valores. Os valores regionais de tradição parecem conter um aspecto importante para satisfação regional com a vida, possivelmente por carregar motivações de aceitação e respeito pela cultura local, fazendo com que as sociedades mais tradicionais sejam mais felizes pela conformidade de sua população com os valores locais compartilhados. A benevolência, que tem motivações de ajudar as pessoas que são próximas, e a autodireção, que tem motivações que valorizam o pensamento independente e o planejamento da própria vida, foram positivos a satisfação das regiões europeias. Por outro lado, o poder tem motivações individualistas, que podem prejudicar a satisfação tanto do indivíduo, pela ameaça ao seu status, quanto das outras pessoas que podem sofrer com seus objetivos de dominação. A estimulação também apresentou efeito negativo a satisfação regional, provavelmente porque a busca por novidades entra em conflito com as tradições locais.

As variáveis utilizadas para verificar o efeito de diferentes aspectos do desenvolvimento mostraram que renda e a saúde foram importantes para o bem-estar subjetivo regional, por representarem uma melhor qualidade de vida. Já a educação não foi estatisticamente significativa, provavelmente por ter elementos não observáveis ao longo do tempo que foram controlados pelo painel de efeitos fixos. Entretanto, a taxa de desemprego mostrou que as dificuldades econômicas prejudicam a satisfação regional.

Foram encontrados efeitos conjunturais para algumas variáveis, como percentual de pessoas que consideram que vivem no interior, média da religiosidade, percentual de pessoas não prejudicadas nas suas atividades e percentual de pessoas com educação terciária. Essas variáveis podem ter sido influenciadas por eventos como a crise de 2012 ou o aumento do fluxo migratório no período. Além disso, o valor de autotranscedência aumentou seu efeito em 2018 significativamente ao valor de 2016, o que sugere que a estabilidade econômica e a melhora social beneficia a relação entre esse valor e a satisfação regional.

Sobre estes resultados cabe destacar dois pontos. O primeiro é que se o bem-estar social é entendido como a satisfação média ou utilidade média, a repercussão dos determinantes individuais na satisfação individual deveria ser o mesmo para o nível médio das regiões. Nossos resultados apontam para a direção oposta em alguns casos. Os valores que fundamentam ou mitigam a satisfação (SORTHEIX; SCHWARTZ, 2017) podem ser diferentes para os indivíduos e para as regiões. Sendo assim, as políticas que buscam o bem-estar social olhando para os efeitos na satisfação individual podem resultar em efeitos contrários na satisfação coletiva. O segundo ponto é que os valores têm aspectos que podem ser importantes e

motivadores do desenvolvimento pessoal e social. Por exemplo, a tradição pode representar algo importante como o senso de pertencimento ao lugar em que se vive, mas por outro lado pode ser um empecilho ao desenvolvimento local por motivar a manutenção do *status quo*. Em suma, esses resultados devem dizer mais sobre como os tomadores de decisão das políticas públicas devem olhar na hora de fazer políticas considerando a relação dos valores com a satisfação, do que se preocupar em fomentar valores que promovem o bem-estar subjetivo. Essa segunda linha pode levar a que deixemos de fora importantes questões objetivas para o desenvolvimento.

Apesar da utilização de dados longitudinais ser mais robusta que dados de cortes transversais, foram necessárias algumas adequações para incluir algumas regiões de diferentes rondas. Também utilizamos agregações de níveis diferentes (NUTS 1 e NUTS 2). Mesmo os testes excluindo as regiões adaptadas não apresentando diferenças significativas, os resultados poderiam ser diferentes se a inclusão destas regiões não necessitasse das adequações efetuadas. Outra limitação é que o período utilizado, apesar de incluir algumas turbulências, não contempla nenhuma grande crise como a de 2008 ou a de Covid-19. Além disso, este estudo foca apenas em regiões europeias. Apesar da diversidade dessas regiões, países e regiões de culturas diferentes e com outros níveis de desenvolvimento podem apresentar resultados diferentes. Trabalhos posteriores podem cobrir períodos de grandes crises, incluir países ou continentes de culturas e estágios de desenvolvimento diferentes e verificar os efeitos em unidades menores de agregação, como municípios.

## Referências

ANSELIN, L. **Estimation and Testing in the Spatial Seemingly Unrelated Regression (SUR) Model**, n. 2016–01. Tempe, AZ: 2016. DOI 10.13140/RG.2.2.15925.40163. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/349774113>. Acessado em: 7 mar. 2023.

ANSELIN, L. **Spatial Econometrics: Methods and Models**. Dordrecht: Springer Netherlands, 1988. vol. 4, (Studies in Operational Regional Science). DOI 10.1007/978-94-015-7799-1. Disponível em: <http://link.springer.com/10.1007/978-94-015-7799-1>.

ASLAM, A.; CORRADO, L. The geography of well-being. **Journal of Economic Geography**, vol. 12, nº 3, p. 627–649, 1 maio 2012. DOI 10.1093/jeg/lbr041. Disponível em: <https://academic.oup.com/joeg/article-lookup/doi/10.1093/jeg/lbr041>. Acessado em: 26 jan. 2023.

AUSTIN, A. Practical reason in hard times: The effects of economic crisis on the kinds of lives people in the UK have reason to value. **Journal of Human Development and Capabilities**, vol. 17, n° 2, p. 225–244, 2 abr. 2016. DOI 10.1080/19452829.2015.1076776. Disponível em: <http://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/19452829.2015.1076776>.

BLANCHFLOWER, D. G.; GRAHAM, C. L. The U Shape of Happiness: A Response. **Perspectives on Psychological Science**, vol. 16, n° 6, p. 1435–1446, 26 nov. 2021. DOI 10.1177/1745691620984393. Disponível em: <http://journals.sagepub.com/doi/10.1177/1745691620984393>. Acessado em: 11 mar. 2023.

BRUNA, F. Happy Cultures? A Multilevel Model of Well-Being with Individual and Contextual Human Values. **Social Indicators Research**, vol. 164, p. 55–77, 2022. DOI 10.1007/s11205-021-02858-6. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s11205-021-02858-6>. Acessado em: 26 jan. 2023.

CLENCH-AAS, J.; HOLTE, A. The financial crisis in Europe: Impact on satisfaction with life. **Scandinavian Journal of Public Health**, vol. 45, n° 18\_suppl, p. 30–40, 29 ago. 2017. DOI 10.1177/1403494817718692. Disponível em: <http://journals.sagepub.com/doi/10.1177/1403494817718692>. Acessado em: 26 jan. 2023.

CROWLEY, F.; WALSH, E. Tolerance, social capital, and life satisfaction: a multilevel model from transition countries in the European Union. **Review of Social Economy**, , p. 1–28, 17 ago. 2021. <https://doi.org/10.1080/00346764.2021.1957994>.

DAVIDOV, E. A Cross-Country and Cross-Time Comparison of the Human Values Measurements with the Second Round of the European Social Survey. **Survey Research Methods**, vol. 2, n° 1, p. 33–46, 2008. <https://doi.org/10.5167/uzh-95236>.

DIENER, E. Assessing Subjective Well-Being: Progress and Opportunities. *In*: DIENER, E. (org.). **Assessing Well-Being**. Social Indicators Research Series. Dordrecht: Springer, 2009. vol. 39, p. 274. DOI 10.1007/978-90-481-2354-4. Disponível em: <http://link.springer.com/10.1007/978-90-481-2354-4>.

DIENER, E.; LUCAS, R. E.; SCOLLON, C. N. Beyond the hedonic treadmill: Revising the adaptation theory of well-being. **The Science of Well-Being. Social Indicators Research Series**. 2009. vol. 37, p. 103–118. DOI 10.1007/978-90-481-2350-6\_5. Disponível em: [http://link.springer.com/10.1007/978-90-481-2350-6\\_5](http://link.springer.com/10.1007/978-90-481-2350-6_5).

EASTERLIN, R. A. Does Economic Growth Improve the Human Lot? Some Empirical Evidence. **Nations and Households in Economic Growth**. New York: Academic Press, 1974. p. 89–125. DOI 10.1016/B978-0-12-205050-3.50008-7. Disponível em: <https://linkinghub.elsevier.com/retrieve/pii/B9780122050503500087>.

EASTERLIN, R. A. Will raising the incomes of all increase the happiness of all? **Journal of Economic Behavior & Organization**, vol. 27, n° 1, p. 35–47, jun. 1995. DOI 10.1016/0167-2681(95)00003-B. Disponível em: <https://linkinghub.elsevier.com/retrieve/pii/016726819500003B>.

FREY, B. S.; STUTZER, A. What Can Economists Learn from Happiness Research? **Journal of Economic Literature**, vol. 40, n° 2, p. 402–435, jun. 2002. DOI 10.1257/002205102320161320. Disponível em: <http://pubs.aeaweb.org/doi/abs/10.1257/002205102320161320>.

GUNDELACH, P.; KREINER, S. Happiness and Life Satisfaction in Advanced European Countries. **Cross-Cultural Research**, vol. 38, n° 4, p. 359–386, 25 nov. 2004. DOI 10.1177/1069397104267483. Disponível em: <http://journals.sagepub.com/doi/10.1177/1069397104267483>. Acessado em: 24 fev. 2023.

HAGERTY, M. R. Social comparisons of income in one's community: Evidence from national surveys of income and happiness. **Journal of Personality and Social Psychology**, vol. 78, n° 4, p. 764–771, 2000. DOI 10.1037/0022-3514.78.4.764. Disponível em: <http://doi.apa.org/getdoi.cfm?doi=10.1037/0022-3514.78.4.764>. Acessado em: 27 fev. 2023.

HUGGINS, R.; THOMPSON, P. The behavioural foundations of urban and regional development: culture, psychology and agency. **Journal of Economic Geography**, vol. 19, n° 1, p. 121–146, 1 jan. 2019. DOI 10.1093/jeg/lbx040. Disponível em: <https://academic.oup.com/joeg/article/19/1/121/4653056>. Acessado em: 3 mar. 2023.

JAGODZINSKI, W. Economic, Social, and Cultural Determinants of Life Satisfaction: Are there Differences Between Asia and Europe? **Social Indicators Research**, vol. 97, n° 1, p. 85–104, 31 maio 2010. DOI 10.1007/s11205-009-9555-1. Disponível em: <http://link.springer.com/10.1007/s11205-009-9555-1>.

KACAPYR, E. Cross-country determinants of satisfaction with life. **International Journal of Social Economics**, vol. 35, n° 6, p. 400–416, 9 maio 2008. DOI 10.1108/03068290810873384. Disponível em: <https://www.emerald.com/insight/content/doi/10.1108/03068290810873384/full/html>.

KAMINSKA, O. **Guide to using weights and sample design indicators with ESS data contents.** 2020. Disponível em:

[https://www.europeansocialsurvey.org/docs/methodology/ESS\\_weighting\\_data\\_1\\_1.pdf](https://www.europeansocialsurvey.org/docs/methodology/ESS_weighting_data_1_1.pdf).

Acessado em: 11 out. 2022.

LENZI, C.; PERUCCA, G. People or Places that Don't Matter? Individual and Contextual Determinants of the Geography of Discontent. **Economic Geography**, vol. 97, nº 5, p. 415–445, 20 out. 2021. <https://doi.org/10.1080/00130095.2021.1973419>.

LIN, C.-H. A.; LAHIRI, S.; HSU, C.-P. Happiness and Regional Segmentation: Does Space Matter? **Journal of Happiness Studies**, vol. 15, nº 1, p. 57–83, 19 fev. 2014. DOI 10.1007/s10902-013-9416-0. Disponível em: <http://link.springer.com/10.1007/s10902-013-9416-0>. Acessado em: 24 fev. 2023.

MIKUCKA, M.; SARRACINO, F.; DUBROW, J. K. When Does Economic Growth Improve Life Satisfaction? Multilevel Analysis of the Roles of Social Trust and Income Inequality in 46 Countries, 1981–2012. **World Development**, vol. 93, p. 447–459, 1 maio 2017. DOI 10.1016/j.worlddev.2017.01.002. Disponível em:

<https://linkinghub.elsevier.com/retrieve/pii/S0305750X17300049>.

MILLO, G.; PIRAS, G.; BIVAND, R. Econometric Models for Spatial Panel Data. 2022. Disponível em: <https://cran.r-project.org/web/packages/splm/splm.pdf>. Acessado em: 7 mar. 2023.

MINGUEZ, R. Spatial Seemingly Unrelated Regression Models. 2022. DOI 10.18637/jss.v104.i11. Disponível em: <https://CRAN.R-project.org/package=spsur>. Acessado em: 7 mar. 2023.

MORRISON, P. S.; WECKROTH, M. Human values, subjective well-being and the metropolitan region. **Regional Studies**, vol. 52, nº 3, p. 325–337, 4 mar. 2018. DOI 10.1080/00343404.2017.1331036. Disponível em:

<https://www.tandfonline.com/action/journalInformation?journalCode=cres20>. Acessado em: 26 jan. 2023.

NUSSBAUM, M. C. **Women and human development: The capabilities approach.** New York: Cambridge University Press, 2000.

OSWALD, A. J. Happiness and Economic Performance. **The Economic Journal**, vol. 107, n° 445, p. 1815–1831, 1 nov. 1997. DOI 10.1111/j.1468-0297.1997.tb00085.x. Disponível em: <https://academic.oup.com/ej/article/107/445/1815/5063980>.

OSWALD, A. J.; WU, S. Objective Confirmation of Subjective Measures of Human Well-Being: Evidence from the U.S.A. **Science**, vol. 327, n° 5965, p. 576–579, 29 jan. 2010. DOI 10.1126/science.1180606. Disponível em: <https://www.science.org/doi/10.1126/science.1180606>.

PITTAU, M. G.; ZELLI, R.; GELMAN, A. Economic Disparities and Life Satisfaction in European Regions. **Social Indicators Research**, vol. 96, n° 2, p. 339–361, 28 abr. 2010. DOI 10.1007/s11205-009-9481-2. Disponível em: <http://link.springer.com/10.1007/s11205-009-9481-2>.

PUNTSCHER, S.; HAUSER, C.; WALDE, J.; TAPPEINER, G. The impact of social capital on subjective well-being: A regional perspective. **Journal of Happiness Studies**, vol. 16, n° 5, p. 1231–1246, 30 out. 2015. DOI 10.1007/s10902-014-9555-y. Disponível em: <http://link.springer.com/10.1007/s10902-014-9555-y>.

SCHWARTZ, S. H. Are There Universal Aspects in the Structure and Contents of Human Values? **Journal of Social Issues**, vol. 50, n° 4, p. 19–45, jan. 1994. DOI 10.1111/j.1540-4560.1994.tb01196.x. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1540-4560.1994.tb01196.x>.

SCHWARTZ, S. H. Universals in the content and structure of values: Theoretical advances and empirical tests in 20 countries. **Advances in Experimental Social Psychology**. 1992. p. 1–65. DOI 10.1016/S0065-2601(08)60281-6. Disponível em: <https://linkinghub.elsevier.com/retrieve/pii/S0065260108602816>.

SORTHEIX, F. M.; LÖNNQVIST, J. E. Personal Value Priorities and Life Satisfaction in Europe: The Moderating Role of Socioeconomic Development. **Journal of Cross-Cultural Psychology**, vol. 45, n° 2, p. 282–299, fev. 2014. <https://doi.org/10.1177/0022022113504621/FORMAT/EPUB>. Acessado em: 26 jan. 2023.

SORTHEIX, F. M.; SCHWARTZ, S. H. Values that Underlie and Undermine Well-Being: Variability Across Countries. **European Journal of Personality**, vol. 31, n° 2, p. 187–201, 1 mar. 2017. DOI 10.1002/PER.2096. Disponível em: <http://journals.sagepub.com/doi/10.1002/per.2096>. Acessado em: 26 jan. 2023.

STANCA, L. The Geography of Economics and Happiness: Spatial Patterns in the Effects of Economic Conditions on Well-Being. **Social Indicators Research**, vol. 99, nº 1, p. 115–133, 9 out. 2010. DOI 10.1007/s11205-009-9571-1. Disponível em: <http://link.springer.com/10.1007/s11205-009-9571-1>. Acessado em: 24 fev. 2023.

STECKERMEIER, L. C. The Value of Autonomy for the Good Life. An Empirical Investigation of Autonomy and Life Satisfaction in Europe. **Social Indicators Research**, vol. 154, nº 2, p. 693–723, 29 abr. 2021. DOI 10.1007/s11205-020-02565-8. Disponível em: <http://link.springer.com/10.1007/s11205-020-02565-8>.

VEENHOVEN, R. National wealth and individual happiness. *In*: GRUNERT, K.; OELANDER, F. (orgs.). **Understanding economic behaviour**. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 1989. p. 440.

VEENHOVEN, R.; HAGERTY, M. Rising Happiness in Nations 1946–2004: A Reply to Easterlin. **Social Indicators Research**, vol. 79, nº 3, p. 421–436, 1 nov. 2006. DOI 10.1007/s11205-005-5074-x. Disponível em: <http://link.springer.com/10.1007/s11205-005-5074-x>.

WULFGRAMM, M. Life satisfaction effects of unemployment in Europe: The moderating influence of labour market policy. **Journal of European Social Policy**, vol. 24, nº 3, p. 258–272, 25 jul. 2014. <https://doi.org/10.1177/0958928714525817>.

**APÊNDICE A – Resultado dos modelos de painel de erro autorregressivo espacial com efeitos fixos (SEM-FE) para a mediana da satisfação regional**

	Abertura	Autotranscendência	Conservação	Autoaperfeiçoamento	Autodireção	Estimulação	Hedonismo
Renda doméstica	0.041 (0.045)	0.043 (0.045)	0.043 (0.044)	0.046 (0.045)	0.045 (0.044)	0.032 (0.045)	0.044 (0.045)
Taxa de desemprego	-0.077*** (0.015)	-0.077*** (0.015)	-0.076*** (0.015)	-0.077*** (0.015)	-0.079*** (0.014)	-0.076*** (0.015)	-0.078*** (0.015)
Cidade grande	-0.699* (0.305)	-0.696* (0.306)	-0.674* (0.303)	-0.697* (0.304)	-0.684* (0.304)	-0.632* (0.305)	-0.736* (0.307)
Interior	-1.954** (0.634)	-1.931** (0.634)	-2.010** (0.630)	-1.926** (0.632)	-1.949** (0.629)	-1.921** (0.630)	-1.993** (0.634)
Religiosidade	0.049 (0.047)	0.055 (0.047)	0.023 (0.048)	0.045 (0.047)	0.072 (0.047)	0.039 (0.047)	0.054 (0.047)
Não prejudicados	0.985** (0.356)	0.996** (0.362)	1.075** (0.355)	1.117** (0.363)	1.071** (0.353)	1.117** (0.359)	0.982** (0.355)
Educação terciária	0.000 (0.012)	-0.001 (0.012)	0.003 (0.012)	-0.001 (0.012)	-0.002 (0.012)	0.001 (0.012)	0.000 (0.012)
Valor	-0.194 (0.215)	0.111 (0.225)	0.616** (0.233)	-0.317* (0.162)	0.532** (0.182)	-0.359* (0.148)	-0.184 (0.133)
Coeficiente de erro autorregressivo espacial	0.055 (0.050)	0.053 (0.050)	0.055 (0.050)	0.058 (0.050)	0.022 (0.050)	0.052 (0.050)	0.055 (0.050)

Nota: Erros-padrão estão entre parênteses. Significância: 0 ‘\*\*\*’ 0.001 ‘\*\*’ 0.01 ‘\*’ 0.05 ‘.’ 0.1 ‘ ’ 1.

Fonte: Elaborado pelos autores.

	Benevolência	Universalismo	Segurança	Conformidade	Tradição	Realização	Poder
Renda doméstica	0.042 (0.045)	0.044 (0.045)	0.041 (0.044)	0.048 (0.045)	0.042 (0.045)	0.042 (0.045)	0.044 (0.044)
Taxa de desemprego	-0.076*** (0.015)	-0.076*** (0.015)	-0.079*** (0.015)	-0.076*** (0.015)	-0.076*** (0.015)	-0.076*** (0.015)	-0.077*** (0.015)
Cidade grande	-0.656* (0.306)	-0.663* (0.308)	-0.708* (0.304)	-0.688* (0.304)	-0.677* (0.306)	-0.685* (0.306)	-0.659* (0.302)
Interior	-1.922** (0.633)	-1.937** (0.634)	-1.944** (0.631)	-1.966** (0.631)	-1.973** (0.635)	-1.940** (0.634)	-1.949** (0.627)
Religiosidade	0.062 (0.047)	0.054 (0.047)	0.047 (0.047)	0.039 (0.047)	0.042 (0.049)	0.055 (0.047)	0.039 (0.047)
Não prejudicados	1.060** (0.360)	0.922* (0.358)	1.056** (0.356)	0.984** (0.354)	0.992** (0.356)	0.943** (0.358)	1.217*** (0.361)
Educação terciária	-0.002 (0.012)	0.001 (0.012)	0.000 (0.012)	0.005 (0.013)	0.000 (0.012)	0.000 (0.012)	-0.001 (0.012)
Valor	0.294 (0.193)	-0.144 (0.194)	0.331* (0.157)	0.299* (0.140)	0.149 (0.182)	0.064 (0.159)	-0.380** (0.119)
Coefficiente de erro autorregressivo espacial	0.054 (0.050)	0.038 (0.050)	0.050 (0.050)	0.058 (0.050)	0.047 (0.050)	0.046 (0.050)	0.064 (0.050)

Nota: Erros-padrão estão entre parênteses. Significância: 0 '\*\*\*' 0.001 '\*\*' 0.01 '\*' 0.05 '.' 0.1 ' ' 1.

Fonte: Elaborado pelos autores.

**APÊNDICE B – Resultado dos modelos de painel de erro autorregressivo espacial com efeitos fixos (SEM-FE) para regiões NUTS 2**

	Abertura	Autotranscendência	Conservação	Autoaperfeiçoamento	Autodireção	Estimulação	Hedonismo
Renda doméstica	0.125*** (0.034)	0.127*** (0.034)	0.127*** (0.034)	0.130*** (0.034)	0.123*** (0.033)	0.119*** (0.034)	0.127*** (0.034)
Taxa de desemprego	-0.068*** (0.012)	-0.069*** (0.012)	-0.068*** (0.012)	-0.069*** (0.012)	-0.071*** (0.011)	-0.068*** (0.012)	-0.069*** (0.012)
Cidade grande	-0.214 (0.229)	-0.226 (0.227)	-0.210 (0.228)	-0.233 (0.227)	-0.214 (0.228)	-0.168 (0.227)	-0.238 (0.229)
Interior	-0.440 (0.459)	-0.371 (0.455)	-0.465 (0.458)	-0.340 (0.455)	-0.278 (0.456)	-0.442 (0.454)	-0.452 (0.459)
Religiosidade	0.024 (0.034)	0.032 (0.034)	0.015 (0.035)	0.017 (0.034)	0.044 (0.034)	0.015 (0.034)	0.029 (0.034)
Não prejudicados	0.641* (0.275)	0.731** (0.276)	0.675* (0.276)	0.778** (0.276)	0.747** (0.272)	0.769** (0.277)	0.648* (0.274)
Educação terciária	0.007 (0.010)	0.004 (0.010)	0.008 (0.010)	0.004 (0.010)	0.005 (0.009)	0.008 (0.010)	0.007 (0.010)
Valor	-0.141 (0.162)	0.421* (0.174)	0.253 (0.175)	-0.354** (0.125)	0.458** (0.141)	-0.291** (0.111)	-0.125 (0.096)
Coefficiente de erro autorregressivo espacial	0.193*** (0.053)	0.195*** (0.053)	0.194*** (0.053)	0.178*** (0.053)	0.128* (0.054)	0.203*** (0.052)	0.189*** (0.053)

Nota: Erros-padrão estão entre parênteses. Significância: 0 '\*\*\*\*' 0.001 '\*\*\*' 0.01 '\*\*' 0.05 '.' 0.1 ' ' 1.

Fonte: Elaborado pelos autores.

	Benevolência	Universalismo	Segurança	Conformidade	Tradição	Realização	Poder
Renda doméstica	0.126*** (0.034)	0.126*** (0.034)	0.124*** (0.034)	0.124*** (0.034)	0.124*** (0.034)	0.130*** (0.034)	0.123*** (0.033)
Taxa de desemprego	-0.068*** (0.012)	-0.069*** (0.012)	-0.070*** (0.012)	-0.068*** (0.012)	-0.067*** (0.012)	-0.069*** (0.012)	-0.069*** (0.011)
Cidade grande	-0.162 (0.228)	-0.258 (0.230)	-0.228 (0.229)	-0.210 (0.229)	-0.188 (0.229)	-0.229 (0.229)	-0.210 (0.226)
Interior	-0.351 (0.456)	-0.396 (0.457)	-0.397 (0.458)	-0.386 (0.460)	-0.470 (0.459)	-0.376 (0.458)	-0.338 (0.454)
Religiosidade	0.038 (0.034)	0.026 (0.034)	0.026 (0.034)	0.028 (0.035)	0.008 (0.036)	0.025 (0.034)	0.015 (0.034)
Não prejudicados	0.717** (0.274)	0.684* (0.276)	0.687* (0.276)	0.616* (0.273)	0.665* (0.274)	0.660* (0.274)	0.814** (0.276)
Educação terciária	0.004 (0.010)	0.005 (0.010)	0.007 (0.010)	0.007 (0.010)	0.007 (0.010)	0.005 (0.010)	0.005 (0.010)
Valor	0.371* (0.146)	0.239 (0.152)	0.185 (0.117)	-0.018 (0.107)	0.224 (0.138)	-0.161 (0.119)	-0.310** (0.095)
Coefficiente de erro autorregressivo espacial	0.182*** (0.053)	0.195*** (0.053)	0.179*** (0.053)	0.177*** (0.053)	0.187*** (0.053)	0.184*** (0.053)	0.167** (0.053)

Nota: Erros-padrão estão entre parênteses. Significância: 0 '\*\*\*' 0.001 '\*\*' 0.01 '\*' 0.05 '.' 0.1 ' ' 1.

Fonte: Elaborado pelos autores.

**APÊNDICE C – Lista de regiões NUTS**

<b>País</b>	<b>Código NUTS</b>	<b>Nome da Região</b>	<b>Nível NUTS</b>
Áustria	AT11	Burgenland (A)	2
	AT12	Niederösterreich	2
	AT13	Wien	2
	AT21	Kärnten	2
	AT22	Steiermark	2
	AT31	Oberösterreich	2
	AT32	Salzburg	2
	AT33	Tirol	2
	AT34	Vorarlberg	2
Bélgica	BE10	Région de Bruxelles-Capitale / Brussels Hoofdstedelijk Gewes	2
	BE21	Prov. Antwerpen	2
	BE22	Prov. Limburg (BE)	2
	BE23	Prov. Oost-Vlaanderen	2
	BE24	Prov. Vlaams-Brabant	2
	BE25	Prov. West-Vlaanderen	2
	BE31	Prov. Brabant Wallon	2
	BE32	Prov. Hainaut	2
	BE33	Prov. Liège	2
	BE34	Prov. Luxembourg (BE)	2
	BE35	Prov. Namur	2
Suíça	CH01	Région lémanique	2
	CH02	Espace Mittelland	2
	CH03	Nordwestschweiz	2
	CH04	Zürich	2
	CH05	Ostschweiz	2
	CH06	Zentralschweiz	2
	CH07	Ticino	2
Tchéquia	CZ01	Praha	2
	CZ02	Střední Čechy	2
	CZ03	Jihozápad	2
	CZ04	Severozápad	2
	CZ05	Severovýchod	2
	CZ06	Jihovýchod	2
	CZ07	Střední Morava	2
	CZ08	Moravskoslezsko	2
Alemanha	DE1	Baden-Württemberg	1
	DE2	Bayern	1
	DE3	Berlin	1
	DE4	Brandenburg	1
	DE6	Hamburg	1

<b>País</b>	<b>Código NUTS</b>	<b>Nome da Região</b>	<b>Nível NUTS</b>
	DE7	Hessen	1
	DE8	Mecklenburg-Vorpommern	1
	DE9	Niedersachsen	1
	DEA	Nordrhein-Westfalen	1
	DEB	Rheinland-Pfalz	1
	DED	Sachsen	1
	DEE	Sachsen-Anhalt	1
	DEF	Schleswig-Holstein	1
	DEG	Thüringen	1
Espanha	ES11	Galicia	2
	ES12	Principado de Asturias	2
	ES21	País Vasco	2
	ES24	Aragón	2
	ES30	Comunidad de Madrid	2
	ES41	Castilla y León	2
	ES42	Castilla-La Mancha	2
	ES43	Extremadura	2
	ES51	Cataluña	2
	ES52	Comunidad Valenciana	2
	ES61	Andalucía	2
	ES62	Región de Murcia	2
Finlândia	FI19	Länsi-Suomi	2
	FI1B	Helsinki-Uusimaa	2
	FI1C	Etelä-Suomi	2
	FI1D	Pohjois- ja Itä-Suomi	2
França	FR10	Île de France	2
	FRB0	Centre — Val de Loire	2
	FRC1	Bourgogne	2
	FRC2	Franche-Comté	2
	FRD1	Basse-Normandie	2
	FRD2	Haute-Normandie	2
	FRE1	Nord-Pas de Calais	2
	FRE2	Picardie	2
	FRF1	Alsace	2
	FRF2	Champagne-Ardenne	2
	FRF3	Lorraine	2
	FRG0	Pays de la Loire	2
	FRH0	Bretagne	2
	FRI1	Aquitaine	2
	FRI3	Poitou-Charentes	2
	FRJ1	Languedoc-Roussillon	2
	FRJ2	Midi-Pyrénées	2

<b>País</b>	<b>Código NUTS</b>	<b>Nome da Região</b>	<b>Nível NUTS</b>
	FRK1	Auvergne	2
	FRK2	Rhône-Alpes	2
	FRL0	Provence-Alpes-Côte d'Azur	2
Hungria	HU10	Közép-Magyarország	2
	HU21	Közép-Dunántúl	2
	HU22	Nyugat-Dunántúl	2
	HU23	Dél-Dunántúl	2
	HU31	Észak-Magyarország	2
	HU32	Észak-Alföld	2
	HU33	Dél-Alföld	2
Irlanda	IE0	Ireland	1
Itália	ITC	Nord-Ovest	1
	ITF	Sud	1
	ITH	Nord-Est	1
	ITI	Centro (I)	1
Lituânia	LT00	Lietuva	2
Holanda	NL11	Groningen	2
	NL12	Friesland (NL)	2
	NL13	Drenthe	2
	NL21	Overijssel	2
	NL22	Gelderland	2
	NL23	Flevoland	2
	NL31	Utrecht	2
	NL32	Noord-Holland	2
	NL33	Zuid-Holland	2
	NL34	Zeeland	2
	NL41	Noord-Brabant	2
	NL42	Limburg (NL)	2
Noruega	NO01	Oslo og Akershus	2
	NO02	Hedmark og Oppland	2
	NO03	Sør-Østlandet	2
	NO04	Agder og Rogaland	2
	NO05	Vestlandet	2
	NO06	Trøndelag	2
	NO07	Nord-Norge	2
Polônia	PL11	Lodzkie	2
	PL12	Mazowieckie	2
	PL21	Malopolskie	2
	PL22	Slaskie	2
	PL31	Lubelskie	2
	PL32	Podkarpackie	2
	PL33	Swietokrzyskie	2

<b>País</b>	<b>Código NUTS</b>	<b>Nome da Região</b>	<b>Nível NUTS</b>
	PL34	Podlaskie	2
	PL41	Wielkopolskie	2
	PL42	Zachodniopomorskie	2
	PL43	Lubuskie	2
	PL51	Dolnoslaskie	2
	PL52	Opolskie	2
	PL61	Kujawsko-Pomorskie	2
	PL62	Warminsko-Mazurskie	2
	PL63	Pomorskie	2
Portugal	PT11	Norte	2
	PT15	Algarve	2
	PT16	Centro (P)	2
	PT17	Lisboa	2
	PT18	Alentejo	2
Suécia	SE11	Stockholm	2
	SE12	Östra Mellansverige	2
	SE21	Småland med öarna	2
	SE22	Sydsverige	2
	SE23	Västsverige	2
	SE31	Norra Mellansverige	2
	SE32	Mellersta Norrland	2
	SE33	Övre Norrland	2
Eslovênia	SI01	Vzhodna Slovenija	2
	SI02	Zahodna Slovenija	2
Reino Unido	UKC	North East (England)	1
	UKD	North West (England)	1
	UKE	Yorkshire And The Humber	1
	UKF	East Midlands (England)	1
	UKG	West Midlands (England)	1
	UKH	East Of England	1
	UKI	London	1
	UKJ	South East (England)	1
	UKK	South West (England)	1
	UKL	Wales	1
	UKM	Scotland	1
	UKN	Northern Ireland	1

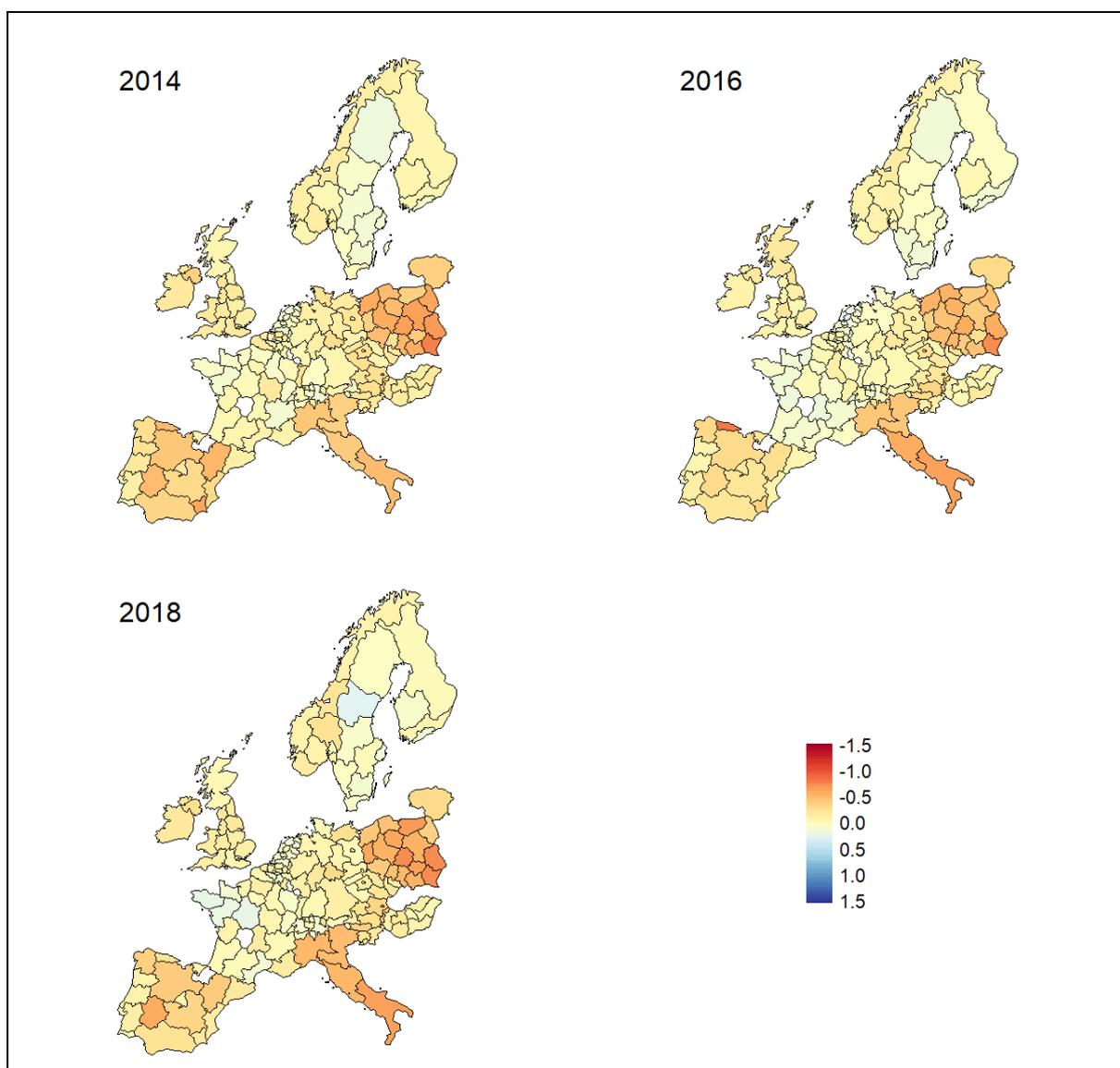
## APÊNDICE D – Dez orientações de valor e os respectivos itens do ESS que os compõem

<p><b>Self-Direction:</b></p> <p>→ <i>Thinking up new ideas and being creative is important to him/her. He/She likes to do things in his/her own original way.</i></p> <p>→ <i>It is important to him/her to make his/her own decisions about what he/she does. He/She likes to be free and not depend on others.</i></p>
<p><b>Stimulation:</b></p> <p>→ <i>He/She likes surprises and is always looking for new things to do. He/She thinks it is important to do lots of different things in life.</i></p> <p>→ <i>He/She looks for adventures and likes to take risks. He/She wants to have an exciting life.</i></p>
<p><b>Hedonism:</b></p> <p>→ <i>Having a good time is important to him/her. He/She likes to “spoil” himself/herself.</i></p> <p>→ <i>He/She seeks every chance he/she can to have fun. It is important to him/her to do things that give him/her pleasure.</i></p>
<p><b>Achievement:</b></p> <p>→ <i>It's important to him/her to show his/her abilities. He/She wants people to admire what he/she does.</i></p> <p>→ <i>Being very successful is important to him/her. He/She hopes people will recognise his/her achievements.</i></p>
<p><b>Power:</b></p> <p>→ <i>It is important to him/her to be rich. He/She wants to have a lot of money and expensive things.</i></p> <p>→ <i>It is important to him/her to get respect from others. He/She wants people to do what he/she says.</i></p>
<p><b>Security:</b></p> <p>→ <i>It is important to him/her to live in secure surroundings. He/She avoids anything that might endanger his/her safety.</i></p> <p>→ <i>It is important to him/her that the government ensures his/her safety against all threats. He/She wants the state to be strong so it can defend its citizens.</i></p>
<p><b>Conformity:</b></p> <p>→ <i>He/She believes that people should do what they're told. He/She thinks people should follow rules at all times, even when no-one is watching.</i></p> <p>→ <i>It is important to him/she always to behave properly. He/She wants to avoid doing anything people would say is wrong.</i></p>
<p><b>Tradition:</b></p> <p>→ <i>It is important to him/her to be humble and modest. He/She tries not to draw attention to himself/herself.</i></p> <p>→ <i>Tradition is important to him/her. He/She tries to follow the customs handed down by his/her religion or his/her family.</i></p>
<p><b>Benevolence:</b></p> <p>→ <i>It's very important to him/her to help the people around him/her. He/She wants to care for their well-being.</i></p> <p>→ <i>It is important to him/her to be loyal to his/her friends. He/She wants to devote himself/herself to people close to him/her.</i></p>

**Universalism:**

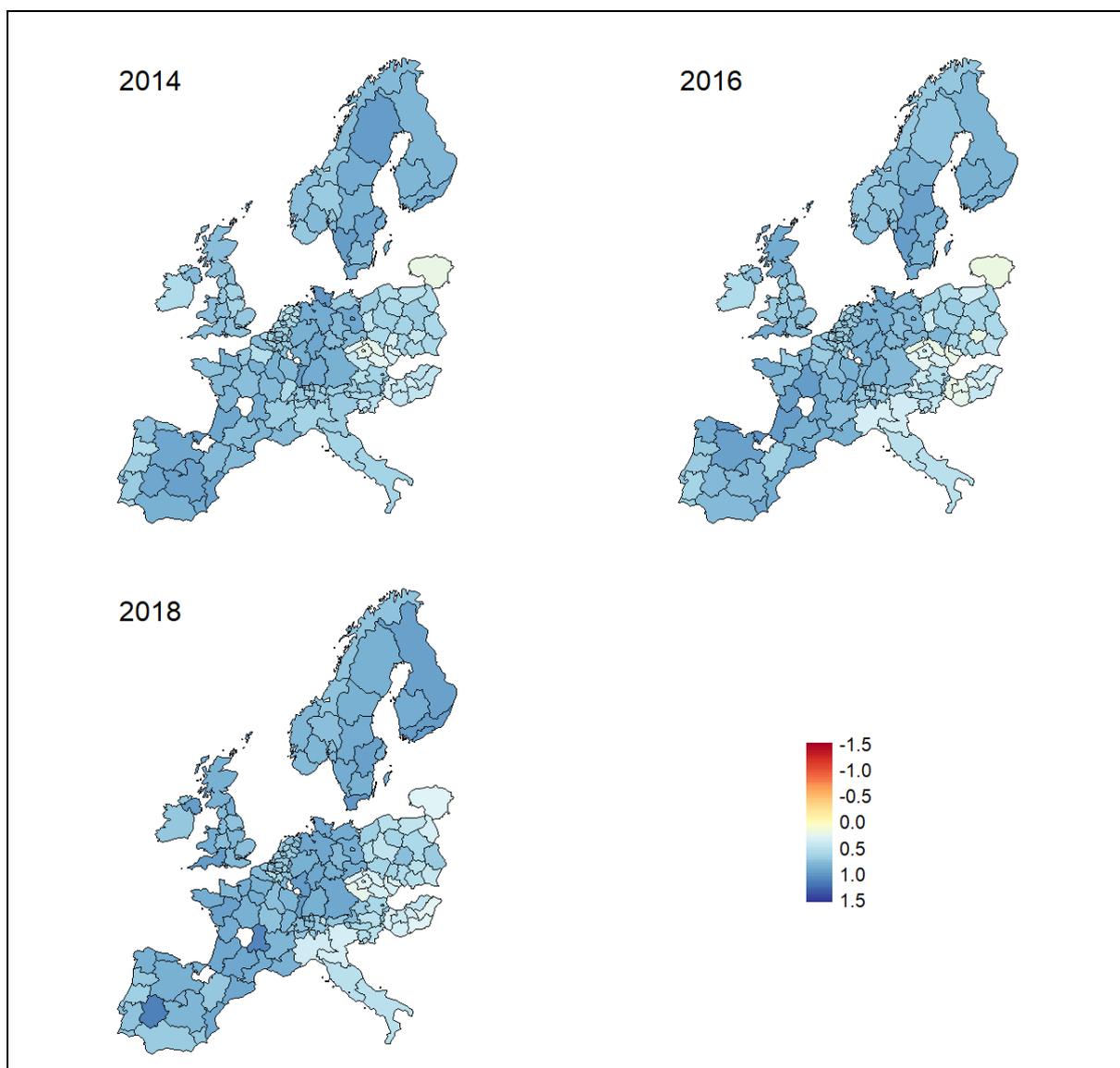
- *He/She thinks it is important that every person in the world should be treated equally. He/She believes everyone should have equal opportunities in life.*
- *It is important to him/her to listen to people who are different from him/her. Even when he/she disagrees with them, he/she still wants to understand them.*
- *He/She strongly believes that people should care for nature. Looking after the environment is important to him/her.*

**APÊNDICE E – Mapa da abertura à mudança nas regiões NUTS da Europa para os anos de 2014, 2016 e 2018**



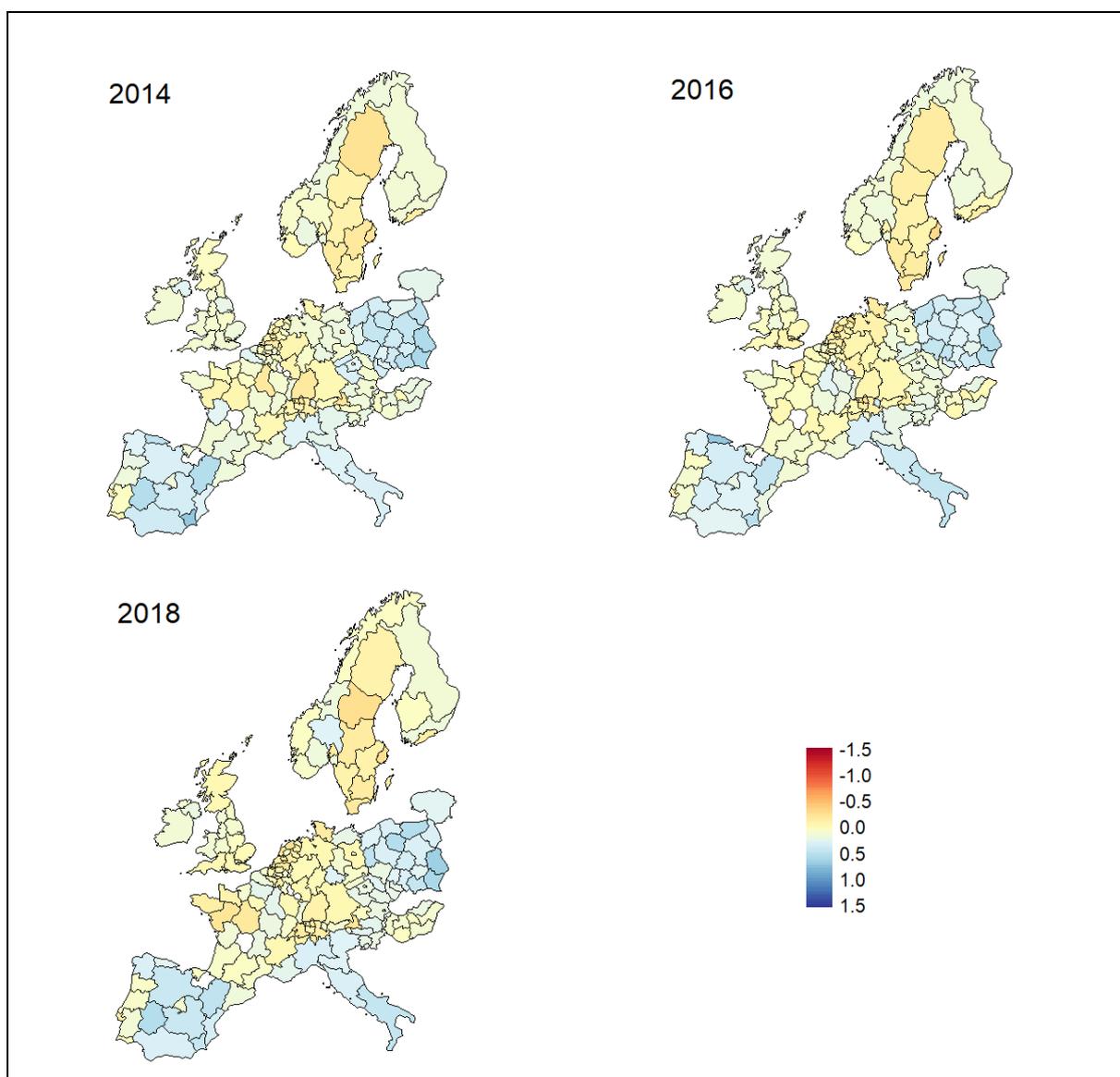
Fonte: Elaborado pelos autores a partir de dados do ESS.

**APÊNDICE F – Mapa da autotranscendência nas regiões NUTS da Europa para os anos de 2014, 2016 e 2018**



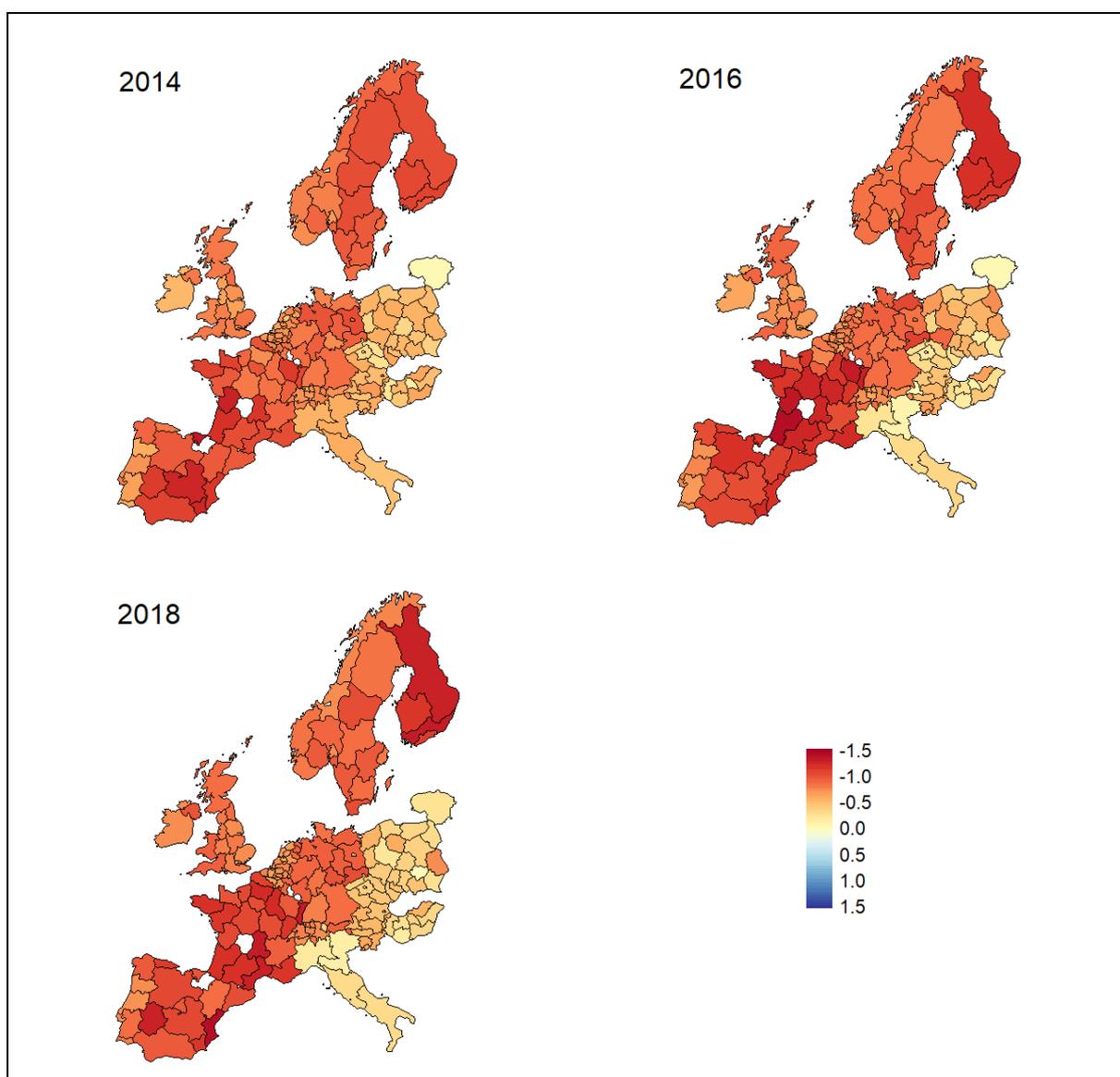
Fonte: Elaborado pelos autores a partir de dados do ESS.

**APÊNDICE G – Mapa da conservação nas regiões NUTS da Europa para os anos de 2014, 2016 e 2018**



Fonte: Elaborado pelos autores a partir de dados do ESS.

**APÊNDICE H – Mapa do autoaperfeiçoamento nas regiões NUTS da Europa para os anos de 2014, 2016 e 2018**



Fonte: Elaborado pelos autores a partir de dados do ESS.

**APÊNDICE I – Resultado dos modelos de painel de erro autorregressivo espacial com efeitos fixos (SEM-FE) com a inclusão do GINI dos países**

	Abertura	Autotranscendência	Conservação	Autoaperfeiçoamento	Autodireção	Estimulação	Hedonismo
Renda doméstica	0.121*** (0.030)	0.121*** (0.030)	0.121*** (0.030)	0.124*** (0.030)	0.120*** (0.029)	0.115*** (0.030)	0.121*** (0.030)
Taxa de desemprego	-0.066*** (0.010)	-0.066*** (0.011)	-0.066*** (0.010)	-0.067*** (0.010)	-0.069*** (0.010)	-0.066*** (0.011)	-0.067*** (0.010)
Cidade grande	-0.255 (0.200)	-0.259 (0.199)	-0.250 (0.199)	-0.253 (0.198)	-0.249 (0.198)	-0.220 (0.199)	-0.274 (0.201)
Interior	-0.400 (0.418)	-0.387 (0.416)	-0.429 (0.418)	-0.378 (0.415)	-0.339 (0.413)	-0.410 (0.415)	-0.431 (0.418)
Religiosidade	0.044 (0.031)	0.048 (0.031)	0.036 (0.032)	0.039 (0.031)	0.061* (0.031)	0.035 (0.031)	0.044 (0.031)
Não prejudicados	0.810*** (0.242)	0.865*** (0.243)	0.837*** (0.242)	0.907*** (0.243)	0.901*** (0.238)	0.887*** (0.243)	0.823*** (0.241)
Educação terciária	0.005 (0.009)	0.003 (0.009)	0.005 (0.009)	0.004 (0.009)	0.003 (0.008)	0.005 (0.009)	0.004 (0.009)
Índice de GINI	-8.302*** (2.331)	-7.792*** (2.344)	-8.436*** (2.325)	-7.325** (2.344)	-7.360*** (2.223)	-8.495*** (2.323)	-8.561*** (2.333)
Valor	-0.022 (0.143)	0.259 (0.151)	0.158 (0.154)	-0.261* (0.108)	0.473*** (0.122)	-0.207* (0.098)	-0.089 (0.088)
Coefficiente de erro autorregressivo espacial	0.149** (0.048)	0.163*** (0.048)	0.155** (0.048)	0.158** (0.048)	0.105* (0.049)	0.162*** (0.048)	0.152** (0.048)

Nota: Erros-padrão estão entre parênteses. Significância: 0 ‘\*\*\*’ 0.001 ‘\*\*’ 0.01 ‘\*’ 0.05 ‘.’ 0.1 ‘ ’ 1.

Fonte: Elaborado pelos autores.

	Benevolência	Universalismo	Segurança	Conformidade	Tradição	Realização	Poder
Renda doméstica	0.120*** (0.030)	0.121*** (0.030)	0.120*** (0.030)	0.120*** (0.030)	0.119*** (0.030)	0.123*** (0.030)	0.122*** (0.030)
Taxa de desemprego	-0.066*** (0.010)	-0.066*** (0.011)	-0.067*** (0.010)	-0.066*** (0.010)	-0.065*** (0.011)	-0.066*** (0.010)	-0.067*** (0.010)
Cidade grande	-0.216 (0.199)	-0.269 (0.201)	-0.261 (0.199)	-0.255 (0.200)	-0.236 (0.200)	-0.263 (0.200)	-0.227 (0.198)
Interior	-0.374 (0.416)	-0.396 (0.418)	-0.402 (0.417)	-0.379 (0.418)	-0.453 (0.418)	-0.389 (0.418)	-0.386 (0.414)
Religiosidade	0.054 (0.031)	0.045 (0.031)	0.041 (0.031)	0.047 (0.031)	0.030 (0.033)	0.043 (0.031)	0.037 (0.031)
Não prejudicados	0.877*** (0.242)	0.825*** (0.242)	0.852*** (0.242)	0.799*** (0.241)	0.832*** (0.241)	0.825*** (0.242)	0.939*** (0.243)
Educação terciária	0.003 (0.009)	0.004 (0.009)	0.004 (0.009)	0.004 (0.009)	0.004 (0.009)	0.004 (0.009)	0.004 (0.009)
Índice de GINI	-7.543** (2.330)	-8.159*** (2.327)	-8.503*** (2.314)	-8.088*** (2.315)	-8.081*** (2.321)	-8.067*** (2.326)	-7.103** (2.332)
Valor	0.288* (0.129)	0.088 (0.130)	0.153 (0.104)	-0.060 (0.093)	0.174 (0.120)	-0.087 (0.105)	-0.239** (0.080)
Coefficiente de erro autorregressivo espacial	0.154** (0.048)	0.156** (0.048)	0.150** (0.048)	0.143** (0.049)	0.156** (0.048)	0.152** (0.048)	0.155** (0.048)

Nota: Erros-padrão estão entre parênteses. Significância: 0 '\*\*\*\*' 0.001 '\*\*' 0.01 '\*' 0.05 '.' 0.1 ' ' 1.

Fonte: Elaborado pelos autores.

**APÊNDICE J – Variance Inflation Factor (VIF) das variáveis selecionadas para os modelos de valores humanos de 4 e 10 dimensões**

Modelo	Renda doméstica	Taxa de desemprego	Cidade grande	Interior	Religiosidade	Não prejudicados	Educação terciária	Valor
Sem valores	1.52	1.35	1.35	1.27	1.13	1.16	1.54	
Abertura	1.61	1.36	1.35	1.32	1.35	1.18	1.57	1.57
Autotranscendência	1.52	1.54	1.39	1.30	1.13	1.22	1.89	1.52
Conservação	1.64	1.39	1.37	1.29	1.25	1.17	1.60	1.69
Autoaperfeiçoamento	1.52	1.78	1.44	1.33	1.17	1.26	1.78	1.74
Autodireção	1.55	1.36	1.35	1.28	1.23	1.19	1.63	1.34
Estimulação	1.56	1.37	1.37	1.32	1.18	1.16	1.57	1.34
Hedonismo	1.58	1.36	1.35	1.29	1.29	1.17	1.54	1.30
Benevolência	1.52	1.46	1.42	1.31	1.15	1.21	1.88	1.50
Universalismo	1.52	1.59	1.36	1.28	1.13	1.23	1.80	1.45
Segurança	1.70	1.36	1.35	1.38	1.15	1.17	1.62	1.62
Conformidade	1.54	1.35	1.35	1.31	1.18	1.16	1.55	1.16
Tradição	1.54	1.59	1.51	1.32	1.31	1.16	1.56	2.01
Realização	1.52	1.63	1.42	1.32	1.21	1.21	1.70	1.56
Poder	1.52	1.70	1.41	1.30	1.14	1.25	1.73	1.55

Fonte: Elaborado pelos autores.

**APÊNDICE K – Testes dos efeitos do painel**

	<i>Pooled x Efeitos fixos (Teste de Chow)</i>		<i>Pooled x Efeitos aleatórios (Teste Breusch-Pagan)</i>		<i>Efeitos fixos x aleatórios (Teste de Hausman)</i>		<i>Efeitos fixos x aleatórios (Hausman espacial)</i>	
	Teste F	p-valor	$\chi^2$	p-valor	$\chi^2$	p-valor	$\chi^2$	p-valor
Sem valores	9.51	0.000	249.12	0.000	17.77	0.013	71.35	0.000
Abertura	9.43	0.000	242.28	0.000	22.80	0.004	32.91	0.000
Autotranscendência	9.14	0.000	245.61	0.000	15.56	0.049	34.00	0.000
Conservação	9.47	0.000	248.90	0.000	17.78	0.023	54.90	0.000
Autoaperfeiçoamento	9.64	0.000	251.40	0.000	15.22	0.055	1.47	0.993
Autodireção	9.11	0.000	239.16	0.000	21.08	0.007	55.39	0.000
Estimulação	9.23	0.000	236.21	0.000	26.17	0.001	65.64	0.000
Hedonismo	9.23	0.000	238.09	0.000	23.92	0.002	1360.80	0.000
Benevolência	8.94	0.000	241.85	0.000	15.63	0.048	84.32	0.000
Universalismo	9.39	0.000	248.36	0.000	17.30	0.027	51.50	0.000
Segurança	9.38	0.000	245.72	0.000	20.13	0.010	73.75	0.000
Conformidade	9.39	0.000	242.54	0.000	23.20	0.003	71.85	0.000
Tradição	9.27	0.000	231.35	0.000	31.29	0.000	75.23	0.000
Realização	9.48	0.000	250.76	0.000	15.21	0.055	13.73	0.089
Poder	9.75	0.000	250.47	0.000	17.60	0.024	2.46	0.963

Fonte: Elaborado pelos autores.

**APÊNDICE L – Resultado dos modelos de painel de erro autorregressivo espacial com efeitos aleatórios (SEM-RE) para os valores de autoaperfeiçoamento e poder**

	Autoaperfeiçoamento	Poder
Intercepto	4.996*** (0.328)	5.006*** (0.328)
Renda doméstica	0.142*** (0.034)	0.139*** (0.034)
Taxa de desemprego	-0.044*** (0.007)	-0.044*** (0.007)
Cidade grande	-0.458** (0.161)	-0.459** (0.161)
Interior	0.451 (0.394)	0.465 (0.394)
Religiosidade	0.025 (0.026)	0.020 (0.026)
Não prejudicados	0.838** (0.270)	0.845** (0.270)
Educação terciária	0.028*** (0.004)	0.028*** (0.004)
Valor	-0.306** (0.104)	-0.236** (0.080)
Parâmetro de variância de erro ( $\varphi$ )	2.765*** (0.479)	2.829*** (0.487)
Coefficiente de erro autorregressivo espacial ( $\lambda$ )	0.216*** (0.062)	0.208*** (0.061)

Nota: Erros-padrão estão entre parênteses. Significância: 0 ‘\*\*\*’ 0.001 ‘\*\*’ 0.01 ‘\*’ 0.05 ‘.’ 0.1 ‘ ’ 1.

Fonte: Elaborado pelos autores.

**APÊNDICE M – Correlação espacial (I de Moran)**

k	2014		2016		2018		I de Moran médio
	I de Moran	p-valor	I de Moran	p-valor	I de Moran	p-valor	
1	0.653	0.000	0.645	0.000	0.682	0.000	0.660
2	0.744	0.000	0.656	0.000	0.732	0.000	0.711
3	0.702	0.000	0.646	0.000	0.704	0.000	0.684
4	0.650	0.000	0.601	0.000	0.656	0.000	0.636
5	0.630	0.000	0.582	0.000	0.637	0.000	0.616
7	0.593	0.000	0.540	0.000	0.580	0.000	0.571
10	0.505	0.000	0.449	0.000	0.479	0.000	0.478
Queen	0.658	0.000	0.616	0.000	0.675	0.000	0.650
Rook	0.644	0.000	0.612	0.000	0.680	0.000	0.645

Fonte: Elaborado pelos autores

**APÊNDICE N – Resultado dos modelos de painel não espacial com efeitos fixos para os valores de abertura, autodireção e conformidade**

	Abertura	Autodireção	Conformidade
Renda doméstica	0.114** (0.037)	0.116** (0.036)	0.110** (0.037)
Taxa de desemprego	-0.068*** (0.012)	-0.070*** (0.012)	-0.068*** (0.012)
Cidade grande	-0.245 (0.257)	-0.248 (0.252)	-0.255 (0.257)
Interior	-0.097 (0.532)	-0.155 (0.521)	-0.100 (0.532)
Religiosidade	0.059 (0.040)	0.072. (0.039)	0.062 (0.040)
Não prejudicados	0.629* (0.297)	0.762** (0.291)	0.641* (0.296)
Educação terciária	0.011 (0.010)	0.009 (0.010)	0.009 (0.010)
Valor	0.161 (0.180)	0.569*** (0.150)	-0.145 (0.118)
R <sup>2</sup>	0.232	0.264	0.234
R <sup>2</sup> ajustado	-0.179	-0.130	-0.176
Estatística F	11.79***	13.99***	11.90***

Nota: Erros-padrão estão entre parênteses. Significância: 0 ‘\*\*\*\*’ 0.001 ‘\*\*\*’ 0.01 ‘\*’ 0.05 ‘.’ 0.1 ‘ ’ 1.

Fonte: Elaborado pelos autores.

## APÊNDICE O – Testes de diferenças dos coeficientes dos modelos SUR-SEM

### Abertura à mudança

	2014 x 2016		2016 x 2018		2014 x 2018	
	Wald	Sig.	Wald	Sig.	Wald	Sig.
Intercepto	2.079		2.992	.	0.049	
Renda doméstica	0.995		0.153		0.263	
Taxa de desemprego	0.004		0.271		0.314	
Cidade grande	0.695		0.012		0.387	
Interior	0.685		2.116		0.449	
Religiosidade	1.247		10.911	***	4.128	*
Não prejudicados	10.948	***	0.391		6.100	*
Educação terciária	2.002		2.283		6.656	**
Abertura	1.118		0.005		0.775	

Nota: Signif. codes: 0 '\*\*\*' 0.001 '\*\*' 0.01 '\*' 0.05 '.' 0.1 ' ' 1.

Fonte: Elaborado pelos autores.

### Autotranscendência

	2014 x 2016		2016 x 2018		2014 x 2018	
	Wald	Sig.	Wald	Sig.	Wald	Sig.
Intercepto	2.672		1.062		0.299	
Renda doméstica	0.650		0.085		0.196	
Taxa de desemprego	0.011		1.018		1.256	
Cidade grande	1.430		0.025		1.334	
Interior	1.689		3.001	.	0.325	
Religiosidade	0.709		9.913	**	5.147	*
Não prejudicados	13.889	***	0.175		9.818	**
Educação terciária	1.128		3.156	.	7.330	**
Autotranscendência	1.778		4.217	*	0.566	

Nota: Signif. codes: 0 '\*\*\*' 0.001 '\*\*' 0.01 '\*' 0.05 '.' 0.1 ' ' 1.

Fonte: Elaborado pelos autores.

## Conservação

	2014 x 2016		2016 x 2018		2014 x 2018	
	Wald	Sig.	Wald	Sig.	Wald	Sig.
Intercepto	2.454		2.910	.	0.008	
Renda doméstica	0.533		0.119		0.101	
Taxa de desemprego	0.019		0.257		0.357	
Cidade grande	0.759		0.020		0.382	
Interior	0.962		2.147		0.301	
Religiosidade	0.342		10.935	***	6.345	*
Não prejudicados	11.171	***	0.344		6.376	*
Educação terciária	1.763		2.388		6.344	*
Conservação	0.011		0.030		0.004	

Nota: Signif. codes: 0 '\*\*\*' 0.001 '\*\*' 0.01 '\*' 0.05 '.' 0.1 ' ' 1.

Fonte: Elaborado pelos autores.

## Autoaprimoramento

	2014 x 2016		2016 x 2018		2014 x 2018	
	Wald	Sig.	Wald	Sig.	Wald	Sig.
Intercepto	2.555		0.863		0.349	
Renda doméstica	0.603		0.062		0.203	
Taxa de desemprego	0.001		1.797		1.797	
Cidade grande	0.697		0.051		0.928	
Interior	1.389		2.831	.	0.389	
Religiosidade	0.264		7.516	**	4.701	*
Não prejudicados	12.544	***	0.004		10.538	**
Educação terciária	1.564		3.078	.	7.745	**
Autoaprimoramento	0.498		3.472		0.965	

Nota: Signif. codes: 0 '\*\*\*' 0.001 '\*\*' 0.01 '\*' 0.05 '.' 0.1 ' ' 1.

Fonte: Elaborado pelos autores.

**APÊNDICE P – Resultado dos modelos de painel de erro autorregressivo espacial com efeitos fixos (SEM-FE) com a inclusão da taxa de migração dos países**

	Abertura	Autotranscendência	Conservação	Autoaperfeiçoamento	Autodireção	Estimulação	Hedonismo
Renda doméstica	0.122*** (0.030)	0.122*** (0.030)	0.122*** (0.030)	0.125*** (0.030)	0.120*** (0.030)	0.117*** (0.030)	0.122*** (0.030)
Taxa de desemprego	-0.076*** (0.013)	-0.075*** (0.013)	-0.075*** (0.013)	-0.077*** (0.013)	-0.084*** (0.013)	-0.074*** (0.013)	-0.076*** (0.013)
Cidade grande	-0.242 (0.202)	-0.250 (0.200)	-0.240 (0.202)	-0.242 (0.200)	-0.228 (0.200)	-0.213 (0.201)	-0.255 (0.203)
Interior	-0.313 (0.422)	-0.317 (0.419)	-0.349 (0.421)	-0.309 (0.417)	-0.258 (0.416)	-0.336 (0.419)	-0.342 (0.422)
Religiosidade	0.050 (0.031)	0.053 (0.031)	0.042 (0.032)	0.041 (0.031)	0.068* (0.031)	0.040 (0.031)	0.048 (0.031)
Não prejudicados	0.653** (0.240)	0.744** (0.242)	0.680** (0.241)	0.810*** (0.243)	0.785*** (0.237)	0.728** (0.242)	0.665** (0.240)
Educação terciária	0.006 (0.009)	0.005 (0.009)	0.007 (0.009)	0.004 (0.009)	0.002 (0.009)	0.007 (0.009)	0.006 (0.009)
Migração	-0.010 (0.010)	-0.009 (0.010)	-0.010 (0.010)	-0.012 (0.010)	-0.016 (0.009)	-0.009 (0.010)	-0.010 (0.010)
Valor	0.049 (0.144)	0.324* (0.152)	0.123 (0.155)	-0.325** (0.107)	0.541*** (0.125)	-0.190 (0.099)	-0.051 (0.088)
Coefficiente de erro autorregressivo espacial	0.160*** (0.048)	0.182*** (0.048)	0.170*** (0.048)	0.174*** (0.048)	0.115* (0.049)	0.177*** (0.048)	0.167*** (0.048)

Nota: Erros-padrão estão entre parênteses. Significância: 0 '\*\*\*' 0.001 '\*\*' 0.01 '\*' 0.05 '.' 0.1 ' ' 1.

Fonte: Elaborado pelos autores.

	Benevolência	Universalismo	Segurança	Conformidade	Tradição	Realização	Poder
Renda doméstica	0.121*** (0.030)	0.122*** (0.030)	0.121*** (0.030)	0.120*** (0.030)	0.120*** (0.030)	0.124*** (0.030)	0.122*** (0.030)
Taxa de desemprego	-0.073*** (0.013)	-0.076*** (0.013)	-0.076*** (0.013)	-0.076*** (0.013)	-0.074*** (0.013)	-0.076*** (0.013)	-0.077*** (0.013)
Cidade grande	-0.200 (0.201)	-0.266 (0.202)	-0.248 (0.201)	-0.243 (0.202)	-0.224 (0.201)	-0.256 (0.202)	-0.210 (0.199)
Interior	-0.306 (0.418)	-0.325 (0.421)	-0.327 (0.421)	-0.300 (0.422)	-0.389 (0.421)	-0.314 (0.421)	-0.322 (0.416)
Religiosidade	0.058. (0.031)	0.048 (0.031)	0.046 (0.031)	0.053. (0.032)	0.031 (0.033)	0.047 (0.031)	0.039 (0.031)
Não prejudicados	0.754** (0.241)	0.692** (0.242)	0.691** (0.241)	0.648** (0.240)	0.691** (0.240)	0.692** (0.241)	0.849*** (0.242)
Educação terciária	0.005 (0.009)	0.005 (0.009)	0.006 (0.009)	0.005 (0.009)	0.006 (0.009)	0.005 (0.009)	0.005 (0.009)
Migração	-0.008 (0.010)	-0.010 (0.010)	-0.010 (0.010)	-0.010 (0.010)	-0.009 (0.010)	-0.010 (0.010)	-0.012 (0.010)
Valor	0.339** (0.130)	0.135 (0.132)	0.125 (0.105)	-0.089 (0.094)	0.196 (0.122)	-0.128 (0.105)	-0.285*** (0.079)
Coefficiente de erro autorregressivo espacial	0.170*** (0.048)	0.176*** (0.048)	0.166*** (0.048)	0.157** (0.048)	0.172*** (0.048)	0.169*** (0.048)	0.170*** (0.048)

Nota: Erros-padrão estão entre parênteses. Significância: 0 '\*\*\*' 0.001 '\*\*' 0.01 '\*' 0.05 '.' 0.1 ' ' 1.

Fonte: Elaborado pelos autores.

## Considerações Finais

Os valores humanos, pelas orientações que fornece e as crenças que nutre, têm um papel fundamental no desenvolvimento humano. A priorização de alguns valores em detrimento de outros pode beneficiar ou entrar em conflito com o modo de vida das pessoas, podendo aumentar ou mitigar o bem-estar subjetivo. Essa tese teve como objetivo investigar como essa dinâmica pode ser perniciosa quando as pessoas estão em privação, além de procurar entender como essa relação acontece quando tratamos dos valores e da satisfação de maneira coletiva.

No primeiro ensaio, foi discutido o fenômeno das preferências adaptativas, que envolve uma mudança endógena dos desejos devido à distorção dos nossos valores. O esquema lógico proposto mostrou como as situações de privação podem sustentar valores que perpetuam situações de injustiça. Outros fenômenos discutidos na psicologia e economia comportamental, como a dissonância cognitiva, viés de *status quo* e efeito dotação, estão envolvidos na “lógica” que as pessoas têm quando priorizam valores que as prejudicam. É necessária uma visão normativa, que conceba valores mínimos que contribuam para que as pessoas não entrem em conformidade com a sua situação precária e tenham autonomia para desejar coisas que todos deveriam ter.

O Ensaio 2 investiga os efeitos da privação na relação entre valores humanos e satisfação com a vida. Para as três categorias de privação sugeridas (renda, educação e saúde) mostraram que a priorização de determinados valores pode modificar os efeitos no bem-estar subjetivo. De maneira geral, as pessoas em privação tendem a ficar mais satisfeitas quando priorizam valores hedônicos e de conformidade, enquanto ficam mais insatisfeitas quando priorizam a segurança. Esses achados reforçam que as pessoas em privação estão mais suscetíveis a mecanismos de redução de dissonância cognitiva, pois tem maiores benefícios ao seu bem-estar subjetivo quando valorizam o prazer imediato e a aceitação com o modo de vida que lhes é imposto. Além disso, há mais preocupações na vida em privação decorrentes dos constantes riscos que as pessoas estão sujeitas. Valorizar a segurança é mais prejudicial ao bem-estar subjetivo para quem vive nessa condição.

O último ensaio mostrou que os pressupostos sobre a relação dos valores humanos para a satisfação com a vida individual não correspondem integralmente quando tratamos essas variáveis subjetivas de maneira regionalizada. Diferentemente do esperado, valores de autotranscendência foram benéficos a satisfação regional, enquanto os valores de

autoaperfeiçoamento reduziram os níveis de bem-estar subjetivo. Esses resultados sugerem que para os valores como médias regionais, a lógica sobre o foco dos valores se inverte. O foco social parece beneficiar a satisfação das regiões, enquanto o foco pessoal reduz os níveis de bem-estar subjetivo regional. Foram encontrados resultados conjunturais através de modelos SUR espaciais para o percentual de pessoas que consideram que vivem no interior, média da religiosidade, percentual de pessoas não prejudicadas nas suas atividades, percentual de pessoas com educação terciária e valor regional de autotranscendência. Para esses últimos resultados, sugere-se que eventos como a crise econômica de 2012 e o aumento de fluxo migratório possam ter interferido no valor dos estimadores.

Em conjunto, esses três ensaios contribuem para uma compreensão mais abrangente e aprofundada de como a relação entre bem-estar subjetivo e valores humanos podem interferir na vida das pessoas e como podem gerar problemas e soluções para as políticas. Apesar dos dois últimos ensaios usarem dados europeus, é possível retirar desta tese *insights* sobre como as pessoas perpetuam desejos perniciosos contra si, como as privações podem distorcer a satisfação com os valores e como esses valores se relacionam com a satisfação em uma perspectiva macro.



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul  
Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação  
Av. Ipiranga, 6681 – Prédio 1 – Térreo  
Porto Alegre – RS – Brasil  
Fone: (51) 3320-3513  
E-mail: [propesq@pucrs.br](mailto:propesq@pucrs.br)  
Site: [www.pucrs.br](http://www.pucrs.br)